

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em História

Marlon Marcelo

**A liberdade se torna festa em um Mundo Velho: Associativismo negro, carnavais,
família e trabalho no pós-abolição em Sabará, Minas Gerais (1896-1945)**

Belo Horizonte
2022
Marlon Marcelo

Marlon Marcelo

A liberdade se torna festa em um Mundo Velho: Associativismo negro, carnavais, família e trabalho no pós-abolição em Sabará, Minas Gerais (1896-1945)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, na linha de pesquisa História Social da Cultura, como requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Almeida Marcussi

Belo Horizonte
2022

981.51 Marcelo, Marlon.
M3141 A liberdade se torna festa em um mundo velho [manuscrito] :
2022 associativismo negro, carnavais, família e trabalho no pós-abolição
em Sabará, Minas Gerais (1896-1945) / Marlon Marcelo . - 2022.
236 f.
Orientador: Alexandre Almeida Marcussi .

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais,
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
Inclui bibliografia.

1.História – Teses. 2. Negros - Teses. 3.Sabará (MG) – História
- Teses. I. Marcussi , Alexandre Almeida . II. Universidade Federal
de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS



FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA



FOLHA DE APROVAÇÃO

"A liberdade se torna festa em um Mundo Velho: Associativismo negro, carnavais, família e trabalho no pós-abolição em Sabará, Minas Gerais (1896-1945)"

Marlon Marcelo

Dissertação aprovada pela banca examinadora constituída pelos Professores:

Prof. Dr. Alexandre Almeida Marcussi - Orientador
UFMG

Profa. Dra. Martha Campos Abreu
UFF

Profa. Dra. Regina Helena Alves da Silva
UFMG

Belo Horizonte, 22 de fevereiro de 2022.



Documento assinado eletronicamente por **MARTHA CAMPOS ABREU, Usuário Externo**, em 24/02/2022, às 18:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alexandre Almeida Marcussi, Professor do Magistério Superior**, em 24/02/2022, às 19:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Regina Helena Alves da Silva, Professora do Magistério Superior**, em 03/03/2022, às 17:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1229091** e o código CRC **8D9543D9**.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a todos os mortos (*eledás*), nomeados e não nomeados, por ter me permitido perseguir seus rastros para construir esse trabalho, sem isso ele nunca teria existido. Aos orixás e entidades, que ensinaram a resistir a todas as intempéries, *Olorum modupé*. À minha mãe Maria, a primeira mulher preta que tenho referência, agradeço por me ensinar a lutar pelos meus sonhos e nunca perder a vontade de encontrar a poesia da vida. À minha irmã Geisiane, deixo minha gratidão por estar perto e ser a mulher forte que me inspira.

Sou grato aos professores e funcionários do programa de pós-graduação em História da UFMG por me proporcionar caminho e inquietações, que me levaram a esse trabalho. Um agradecimento especial às professoras Martha Abreu e Regina Helena pelas contribuições na qualificação, sem elas este trabalho não seria o mesmo.

Amanda, Ana Maria, Mayara, João, Fernanda, Lorena, Leonardo, Simone, Marina, Lara e Flávia, amigos que a Antropologia me deu, agradeço por continuarem comigo para trilhar a vida. A meu orientador Alexandre Marcussi agradeço a escuta, pelas leituras atentas e por acreditar que seria possível escrever essas páginas. A Estebán que se tornou um grande companheiro e ter escutado todas as reflexões que geraram esse trabalho.

Aos encantados maranhenses que me acolheram nessa terra e me deram um novo significado de família, meus sinceros agradecimentos. A Letícia que me acompanhou desde cedo nessa aventura de cruzar o país e começar uma vida nova e Thalyta Mitsue por ser amiga, sendo atenta e sensível a cada palavra que compôs essa dissertação, agradeço por ser o que são.

Minha imensa gratidão aos integrantes do Mundo Velho e todos sabarenses que me acompanharam nas conversas, entrevistas e epifanias. Um agradecimento especial a Sandra Talabar que abriu as portas para conhecer a grande história desse Mundo Velho, sem você este trabalho não existiria. À Lurdes, uma companheira de luta pelas causas do Mundo Velho e dos clubes sociais negros de Minas Gerais. Agradeço a disponibilidade, amabilidade, carinho e confiança em me deixar acompanhar de perto as experiências de pessoas que fazem do cotidiano uma luta. Por fim, agradeço a todos aqui não nomeados que de alguma maneira contribuíram para a escrita dessa dissertação.

MARCELO, Marlon. *A liberdade se torna festa em um Mundo Velho: associativismo negro, carnavais, família e trabalho no pós-abolição em Sabará, Minas Gerais (1896-1945)*. Belo Horizonte: 2022. 227 p. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo central investigar a trajetória do espaço associativo negro Clube Mundo Velho, situado no município de Sabará, na região central de Minas Gerais, durante a primeira metade do século XX. Essa instituição é um clube social e bloco carnavalesco que foi fundado em 1896, a partir da articulação política e social da população negra, que buscava manter seus encontros no espaço urbano no pós-abolição. O clube se organizou a partir da aliança entre famílias brancas e negras, sendo que esse espaço serviu como local privilegiado para a manutenção da lógica paternalista e para a articulação das estratégias negras com a finalidade de alcançar melhores condições de vida no meio republicano. O processo de industrialização, a partir da implantação da Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira em 1917, ressignificou o papel do associativismo negro local e reorientou os significados do clube. Os belgas e luxemburgueses, dirigentes da companhia, se apropriaram das antigas relações paternalistas e patronais, constituindo relações assimétricas entre os brancos e reforçando as dependências da comunidade negra em relação às elites locais e estrangeiras. Através da manutenção do Mundo Velho, a população afrodescendente constituiu redes de solidariedade, formulou estratégias de negociação das práticas culturais e uma representação positiva de si. Os desfiles carnavalescos foram o grande palco para a construção de novos discursos e performances no espaço público. Eles se configuram a partir de múltiplas dimensões que materializavam um complexo sistema de relações e significações do qual os sócios dos clubes eram produtores e produtos. O trabalho segue uma tendência da produção historiográfica que se dedica a compreender as formas de participação política e cultural da população negra na Primeira República e suas rearticulações a partir do governo de Getúlio Vargas. A pesquisa investe na análise de um conjunto de experiências, articulações e ações realizadas por diferentes atores e grupos sociais, que propunham uma série de iniciativas através de distintas formas de associativismo. Nessa perspectiva, as análises se atentam para as experiências de racialização vivenciadas por diferentes atores sociais no pós-abolição e como elas orientaram práticas que visavam estabelecer novas territorialidades no espaço público urbano.

Palavras-chave: Associativismo negro; Pós-abolição; Sabará; Clube Mundo Velho; Carnaval; Minas Gerais.

ABSTRACT

This thesis aims to investigate the trajectory of the black associative space "Clube Mundo Velho," located in the municipality of Sabará, in the central region of Minas Gerais, during the first half of the twentieth century. This institution is a social club and carnival parade founded in 1896, based on the political and social articulation of the black population, which sought to maintain their meetings in the urban space in the post-abolition period. The club was built upon alliances between white and black families, and this space served as a privileged place for the maintenance of a paternalistic logic and for the articulation of black strategies to achieve better living conditions in the republican environment. The industrialization process with the implementation of the Belgo-Mineira Steel Company, in 1917, gave new meaning to the role of local black associativism and redefined the meanings of the club. The Belgians and Luxembourgers, the leaders of the company, made use of old paternalistic and patronal relations, constituting asymmetrical relations among whites and reinforcing the dependencies of the black community on the local and foreign elites. Through the maintenance of Mundo Velho, the Afro-descendant population constituted networks of solidarity, formulated strategies of negotiation of cultural practices, and forged a positive representation of themselves. The carnival parades were the great stage for the construction of new discourses and performances in the public space. They were configured from multiple dimensions that materialized a complex system of relations and meanings, of which the members of the clubs were both producers and products. This research follows a trend in historiographical production that is dedicated to understanding the forms of political and cultural participation of the black population during the Brazilian "First Republic" and its rearticulations after the government of Getúlio Vargas. The research invests in the analysis of a set of experiences, articulations, and actions carried out by different social actors and groups, which proposed a series of initiatives through distinct forms of associativism. From this perspective, the analyses focus on the experiences of racialization experienced by different social actors in the post-abolition period and how they guided practices that aimed to establish new territorialities in the urban public space.

Keywords: Black Associativism; Post-abolition; Sabará; Club Mundo Velho; Carnival; Minas Gerais.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APM	Arquivo Público Mineiro
BN/ RJ	Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro
CBG	Casa Borba Gato
ACUFJF	Arquivo Central da Universidade Federal de Juiz de Fora
AFAM	Acervo Fundação Cultural Arcelor Mittal
ACMV	Acervo Clube Mundo Velho
AST	Acervo Particular Sandra Talabar
AAC	Acervo Almanaque O Acadêmico
AFF	Acervo Particular Família Fantini
AFV	Acervo Particular Família Viterbo
AFPV	Acervo Particular Família Pereira Vieira
CRC	Cartório de registro Civil da Sede da Comarca de Sabará
CTR	Cartório de títulos e documentos registro civil das pessoas jurídicas
APS	Acervo da Prefeitura de Sabará
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: diretorias do Clube Mundo Velho (1896-1934)	22
Tabela 2: estrutura da diretoria do Clube Mundo Velho	24
Tabela 3: Rainhas da primavera do clube Mundo Velho	209

LISTA DE ILUSTRAÇÕES E FOTOGRAFIAS

Figura 1: Vista de Sabará no início do século XX	19
Figura 2: Representação artística do Brasão do estandarte.	21
Figura 3: Genealogia Família Pertence	43
Figura 4: Genealogia Família Viterbo	44
Figura 5: Genealogia Família Pereira	45
Figura 6: Genealogia Família Pereira Vieira	53
Figura 7: Antônio Basílio Pereira	63
Figura 8: João Crisóstomo Pereira.	66
Figura 9: Ataliba de Viterbo	66
Figura 10: Olinto Mateus	68
Figura 11: Joaquim Siqueira	68
Figura 12: José Sotero	68
Figura 13: Lundus de Zé de Candú	73
Figura 14: Sócios do Clube José do Patrocínio.	85
Figura 15: Vista da Companhia Siderúrgica Mineira	92
Figura 16: Trabalhadores da expansão da Belgo-Mineira.	96
Figura 17: Construção de expansão da Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira, 1921	96
Figura 18: Vista da Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira. Cerca de 1925	97
Figura 19: Coreto do Clube Mundo Velho. Década de 1920.	100
Figura 20: Coreto do Largo do Rosário.	101
Figura 21: Trabalhadores da aciaria da Belgo-Mineira.	107
Figura 22: Pedro Lúcio com funcionários da Belgo	114
Figura 23: Hino do Clube Mundo Velho.	120
Figura 24: Espetáculo de teatro do Clube Mundo Velho	137
Figura 25: Jazz-band do clube Cravo Vermelho	149
Figura 26: Diretoria do Clube Mundo Velho, 1940	153
Figura 27: Diretoria do Clube Mundo Velho, 1940	157
Figura 28: Carnaval do Club Mundo Velho, 1898	164
Figura 29: Cavalaria	165
Figura 30: Carro da diretoria	166
Figura 31: Carro de crítica da eleição municipal e o carro "A convenção"	166
Figura 32: "Apoteose a Moreira César"; "O conselheiro infernal" e "Canhão Canet"	169
Figura 33: Carnaval do clube Mundo Velho, 1898	177
Figura 34: Baile na sede do Clube Mundo Velho na década de 1930	192
Figura 35: Bloco Crisântemo no carnaval de 1935	197
Figura 36: Bloco Crisântemo, década de 1930	197
Figura 37: Bloco Cravo Vermelho no carnaval de 1936.	198
Figura 38: Foliões do Clube Cravo Vermelho no carnaval de 1937	200
Figura 39: Foliões do clube Mundo Velho, 1937	202
Figura 40: Foliões da secção infantil do Clube Mundo Velho em 1938	203
Figura 41: Desfile da rainha da primavera do clube Mundo Velho	210
Figura 42: Coroação da rainha da primavera, sem data	210
Figura 43: Coroação da segunda Rainha da Primavera, 1938	211
Figura 44: Porta estandarte do carnaval de 1941	212

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1.....	35
Tecendo redes e tramas: família e poder em um Mundo Velho.....	35
1.1. Retalhos de um mundo quase perdido: Poder, tramas familiares e sociabilidades no pós-abolição.....	41
1.2. As tramas e redes em ação.....	54
1.3. Um negócio de e entre famílias.....	64
1.4. Entre os nossos: redes afetivas e parentesco negro no pós-abolição.....	70
CAPÍTULO 2.....	77
“Mundo Velho de Cravos vermelhos nas noites acesas, a grande fábrica refaz a máquina dos séculos”: industrialização, espaço, poder e trabalho em Sabará.....	77
2.1. A presença na ausência: experiência operária e cidadania negra em Sabará nas primeiras décadas do século XX.....	82
2.2. Braços fortes em uma cidade de aço: experiência operária na siderurgia.....	88
2.3. Uma nova flor na lapela: espaço operário e dinâmicas de racialização.....	98
CAPÍTULO 3.....	117
Salve, salve, glorioso Mundo Velho: Associativismos, experiências de racialização e práticas culturais.....	117
3.1. “Temos certeza da vitória, que nos dá nossa união”: experiências de racialização no pós-abolição.....	120
3.2. Um lugar para os nossos.....	126
3.3. O Mundo Velho é uma escola: a questão educacional.....	131
3.4. Negociar a modernidade e a tradição: a construção da respeitabilidade negra no pós-abolição.....	138
CAPÍTULO 4.....	159
Carnavais de flores e primaveras: performances culturais e o universo feminino.....	159
4.1. Os endiabrados e disciplinados foliões do Club Mundo Velho: a ambiguidade da festa e espaço negro em Sabará.....	162
4.2. Baianas, ciganos, pierrôs e colombinas: alianças e desavenças carnavalescas...	183
4.3. As rainhas da primavera do Mundo Velho: a festa como produtora do espaço feminino.....	203
Referências bibliográficas.....	220
Referências primárias	220
Secundárias.....	222
ANEXOS.....	235

*A dois passos da cidade importante
a cidadezinha está calada, entrevada.
(Atrás daquele morro, com vergonha do trem.)
Só as igrejas
só as torres pontudas das igrejas
não brincam de esconder.
O Rio das Velhas lambe as casas velhas,
casas encardidas onde há velhas nas janelas.
Ruas em pé
pé-de-moleque
Pensão de Juaquina Agulha
Quem não subir direito toma vaia...
Bem-feito!
Eu fico cá embaixo
imaginando na ponte moderna — moderna por quê?
A água que corre já viu o Borba.
Não a que corre,
mas a que não para nunca de correr*

(Poema Sabará - Carlos Drummond de Andrade)

INTRODUÇÃO

CAMINHANDO POR UM MUNDO VELHO

Depois de ter realizado uma entrevista pela manhã decidi visitar a casa de umas antigas sócias que me foram indicadas na conversa. Já se aproximava o meio-dia e o sol raiava com todo seu esplendor no céu, minha carona me deixou em frente à casa que eu queria. Bati na porta de madeira maciça, típica das casas coloniais de Sabará, e esperava na janela para fugir dos raios que queimavam minha pele. Ao abrir a janela uma mulher marcada por longos anos de experiência me atendeu e perguntou o que eu desejava. Prontamente disse:

-Gostaria de conversar sobre o Clube Mundo Velho e suas histórias.

Ela me olhou, chamou a irmã e comentou:

- Ele quer saber sobre o Mundo Velho.

A irmã respondeu:

- É meu filho cê sabe que o Mundo Velho é um clube de gente...

Neste momento deslizou o dedo pela sua tez negra, sorriu e disse:

- Era um clube de preto...

Dentre todos os caminhos que percorri para realizar essa pesquisa esta cena foi umas das mais marcantes. Ali percebi que minhas perguntas de estrangeiro curioso na minha própria cidade mobilizavam memórias e sentimentos que pouco a pouco (re)edificavam as fronteiras raciais de outrora e que ainda persistem na cidade. Naquele momento o Clube Mundo Velho se materializava não apenas como um espaço identitário, mas quase um refúgio para aqueles que cotidianamente eram inseridos em uma lógica de exclusão e inclusão instintiva. Era necessário falar para que não houvesse dúvidas, em meio a uma contra narrativa que os expulsava de seu lugar comum era preciso novamente demarcá-lo.

Os relatos das experiências de pesquisa que abrem cada capítulo deste trabalho têm como ponto de partida os diálogos enriquecedores que mantive ao longo dos anos com os membros do Clube Mundo Velho durante meu período de mestrado. Essas memórias foram cuidadosamente selecionadas com o propósito de ressaltar a importância das conexões entre o passado e o presente, destacando a relevância no contexto desta obra. Nesse sentido, os principais objetivos da pesquisa foram a análise e o estudo da trajetória do espaço associativo Clube Mundo Velho em Sabará, Minas Gerais, com foco especial na participação política e cultural da população negra na região central do estado no pós-abolição.

O Clube Mundo Velho é um espaço localizado na cidade de Sabará, minha terra natal, situada no centro-sul de Minas Gerais, e atualmente integrante da região metropolitana de Belo Horizonte. Minhas memórias afetivas da região, tecidas ao crescer na periferia da cidade, somam-se ao profundo interesse que tenho por essa escolha de análise, remetendo ao intenso passado escravista da região.

É importante ressaltar o histórico de apagamentos e silenciamentos das práticas políticas e culturais da população negra que emergiu da escravidão. Ao eleger o Clube Mundo Velho como foco desta pesquisa, meu objetivo é lançar luz sobre o papel fundamental que desempenhou na vida das pessoas negras após a abolição da escravatura, resgatando narrativas que destacam as contribuições políticas e culturais de homens e mulheres negras na consolidação da república.

A narrativa sobre a fundação do Clube Mundo Velho, amplamente difundida por moradores e oficialmente respaldada pelo poder público, relata que o clube foi fundado por ex-escravizados e seus descendentes após a abolição da escravatura. Segundo essa versão, a criação desse espaço destinado à população negra surgiu como uma resposta às restrições presentes em outros locais de lazer, os quais eram exclusivos para pessoas brancas. Dessa maneira, o clube emergiu como uma alternativa vital para a comunidade negra desfrutar de momentos de lazer e convivência.¹

A longevidade e a significativa relevância cultural do Clube Mundo Velho conferiram-lhe o reconhecimento como um espaço cultural de destaque na cidade. Esse reconhecimento motivou a diretoria do clube a solicitar à prefeitura o registro patrimonial da

¹ Essa narrativa pode ser encontrada em diversos meios de divulgação da cidade, dentre eles destaco o site Sou Sabará disponível em: <https://sousabara.com.br/cultura/clube-mundo-velho/> acesso 14 de abril de 2021

sede e do bloco carnavalesco Mundo Velho, buscando assim preservar e proteger a importância histórica dessa instituição. A prefeitura, por sua vez, expressou interesse no processo e iniciou o procedimento de registro patrimonial do bloco carnavalesco e da sede entre os meses de agosto e dezembro de 2015.

Uma empresa foi contratada para a elaboração do inventário e dossiê do registro patrimonial. O trabalho de campo coletou entrevistas e uma significativa documentação histórica. No entanto, o relatório final revelou uma série de complicações e conflitos em relação à história e à identidade do Clube Mundo Velho. O dossiê não foi aprovado pelos clubistas, pois apresentou falhas graves no processo de pesquisa e elaboração, incluindo informações desconhecidas pelos sócios e o uso de fotografias de outras associações como se fossem do clube.

Além disso, o processo de registro acabou acentuando tensões políticas entre os sócios e ex-sócios. A contestação da narrativa de fundação do clube por uma entrevistada ex-sócia, que argumenta que o Clube Mundo Velho teria sido fundado por descendentes de europeus e era, na verdade, um espaço aberto para a participação de todos, especialmente dos negros, adicionou mais complexidade à situação. A disputa de narrativas sobre a fundação do Mundo Velho exacerbou as divisões existentes dentro da comunidade do clube, criando um ambiente de conflito e tensão.

Essa disputa foi judicializada através de um processo em que uma das partes acusava a outra de má gestão e mudança da história da instituição. A minha chegada ao Clube Mundo Velho como pesquisador em 2017 ocorreu em um momento crucial, quando a disputa judicial e as divergências de narrativas sobre a fundação da instituição estavam em pleno curso. Nesse contexto, a presença de um pesquisador foi vista como uma oportunidade de encontrar uma solução para as controvérsias em torno da fundação do clube. A credibilidade da pesquisa e a imparcialidade na condução dos estudos eram esperadas como uma forma de lançar luz sobre a verdadeira história da instituição e, talvez, oferecer elementos que pudessem contribuir para a resolução do impasse judicial e reconciliação entre os envolvidos.²

² Meu primeiro contato com os sócios do clube Mundo Velho ocorreu em março de 2017, quando iniciei minha iniciação científica (PROBIC-Fapemig) sobre a relação do Clube com a antiga Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos.

De fato, desde meus primeiros encontros com os sócios, tornou-se inquestionável que o Mundo Velho desempenhou um papel especial na formalização de relações internas da população negra ao longo do século XX. No entanto, a fundação e consolidação do clube foram envoltas em mistério, devido à escassez de registros disponíveis, o que dificultou a obtenção de respostas imediatas. Essa lacuna histórica se transformou em um desafio que eu decidi enfrentar e me incentivou a rastrear os fragmentos de um Mundo Velho que quase se perderam no tempo.

Meu trabalho consistiu em coletar os retalhos dispersos de informações presentes em documentos preservados, e com isso, tecer as complexas teias de relações construídas por homens e mulheres há mais de um século. Para realizar uma análise satisfatória, dediquei-me à pesquisa de diferentes tipos de fontes, encontradas nos arquivos públicos e particulares, que poderiam elucidar esse período significativo da história do clube. Com o objetivo de delimitar e aprofundar o estudo, estabeleci como marco temporal para a pesquisa o ano de 1896, quando o clube teve sua formalização institucional, até a primeira paralisação ocorrida em 1945. Esse momento crucial foi desencadeado pela crise enfrentada pelos sócios, em decorrência dos impactos da Segunda Guerra Mundial.

A escrita desta dissertação foi possível graças aos valiosos depoimentos orais coletados junto aos familiares de antigos integrantes do Mundo Velho, bem como dos membros ainda atuantes no clube. A escolha dos entrevistados baseou-se em indicações fornecidas pelos próprios sócios e ex-sócios, com os quais estabeleci contato ao longo do processo de pesquisa. No âmbito deste trabalho, utilizei dois tipos de entrevistas orais: aquelas que conduzi pessoalmente durante o período da pesquisa de mestrado, entre 2019 e 2020, e aquelas gentilmente cedidas por outros pesquisadores, produzidas no contexto do registro patrimonial do clube em 2015.³ A seleção cuidadosa dessas fontes teve como objetivo estabelecer um diálogo entre os diferentes lados que disputavam a narrativa da fundação do clube, buscando compreender as complexas e entrelaçadas redes de relações que contribuíram para moldar essa instituição ao longo do tempo.

As fontes orais desempenharam um papel fundamental na conferência de densidade à narrativa histórica, possibilitando novas percepções sobre a atuação dos sócios em diferentes momentos do período estudado. Inspirado pelo exercício metodológico conduzido por Ana

³ Essas entrevistas foram agregadas ao trabalho, pois muitos dos entrevistados já haviam falecido ou estavam com a saúde debilitada, o que não permitia uma nova entrevista. No mais, agradeço a gentileza de José de Ribamar por ter cedido as entrevistas.

Maria Lugão Rios e Hebe Mattos na pesquisa "Memórias do cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição", os objetivos centrais das entrevistas foram duplos: aprofundar as memórias familiares dos antigos sócios do clube e, ao mesmo tempo, fornecer um suporte valioso para a análise e levantamento das fontes, especialmente considerando que muitos dos entrevistados não viveram o período abrangido pela pesquisa.⁴

Ao explorar as memórias familiares dos antigos membros do clube, foi possível obter um panorama mais vívido e humano dos acontecimentos históricos, permitindo uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais, culturais e políticas que envolveram a instituição ao longo do tempo. Além disso, as entrevistas possibilitaram uma conexão com as experiências passadas, agregando significado e contexto aos eventos documentados.

A colaboração de entrevistados que não vivenciaram diretamente o período de estudo também foi inestimável, pois suas lembranças transmitidas por gerações anteriores ofereceram perspectivas intergeracionais que enriqueceram a pesquisa. Essa abordagem metodológica contribuiu para uma abrangência mais ampla do entendimento do passado do Mundo Velho, fornecendo um panorama holístico que vai além das fontes escritas e complementa a análise histórica de forma profunda e abrangente.

Compreendo que as narrativas registradas nas entrevistas foram elaboradas no tempo presente, logo estão influenciadas pelas interpretações históricas dos sujeitos que as narram. No entanto, o objetivo central posto em questão não foi analisar como os entrevistados interpretam atualmente os processos históricos narrados, ainda que esteja ciente de que essa é uma dimensão constitutiva de seus relatos e deve ser levada em consideração para análise. O foco principal foi promover um diálogo entre as narrativas orais e as experiências verificadas na documentação histórica e na historiografia. Esse exercício metodológico permitiu identificar correlações, incongruências e lacunas significativas, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada e abrangente do passado do Mundo Velho.

Ao promover esse diálogo entre fontes orais e fontes documentais, é possível obter uma visão mais completa e multifacetada dos eventos históricos, bem como enriquecer a narrativa com perspectivas diversas. Essa abordagem analítica permite revelar aspectos importantes da história do clube que, de outra forma, poderiam permanecer ocultos ou

⁴ Elaborei dois roteiros de entrevistas baseados nos modelos produzidos pelo Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI) da Universidade Federal Fluminense (UFF). Agradeço a historiadora Livia Monteiro (UNIFAL/LABHOI) por disponibilizar seus roteiros de entrevistas para eu conhecer a estrutura para construir os meus. Sobre a obra, ver: RIOS, Ana Maria & MATTOS, Hebe Maria. *Memórias do cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

subestimados. Portanto, ao considerar tanto as narrativas orais quanto as fontes documentais e a historiografia, a pesquisa potencializa a compreensão dos processos históricos e a construção de uma narrativa mais abrangente e fundamentada sobre o Mundo Velho e sua relevância histórica no pós-abolição.

As imagens e fotografias, disponibilizadas ao longo da dissertação, foram compulsadas em diferentes acervos, públicos e particulares, e disponibilizadas com consentimento dos proprietários. A abordagem metodológica adotada no trabalho, baseada na proposta histórico-semiótica de Ana Maria Mauad, permitiu uma análise profunda das imagens e fotografias apresentadas ao longo do trabalho. Essa abordagem se desdobrou em três passos distintos, cada um contribuindo para a compreensão e interpretação significativa do universo cultural retratado pelas fotografias.

O primeiro passo consistiu em identificar a coexistência de múltiplos códigos e níveis de codificação presentes nas fotografias, os quais conferem significado ao contexto cultural da sociedade que as produziu. Nesse sentido, as imagens foram estudadas em sua complexidade, considerando que elementos visuais, contextuais, simbólicos e culturais podem ser percebidos e interpretados. Essa abordagem multidimensional possibilitou uma análise mais abrangente, revelando as diferentes camadas de significado presentes nas fotografias.

O segundo passo da análise concebeu a fotografia como resultado de um processo de construção de sentido. Dessa forma, foi essencial realizar um estudo detalhado sobre a produção da imagem, compreendendo aspectos técnicos e artísticos que influenciaram a sua composição. Esse aprofundamento permitiu revelar como escolhas conscientes e sutis, como ângulos, enquadramentos, iluminação e edição, podem influenciar a interpretação da fotografia e a mensagem transmitida ao observador.

Por fim, o terceiro passo da abordagem consistiu em identificar as relações entre os diferentes signos e imagens presentes nas fotografias, compreendendo-as como escolhas feitas em um conjunto de opções possíveis. Esse exercício interpretativo permitiu enxergar a fotografia não apenas como um registro objetivo da realidade, mas como uma construção subjetiva, influenciada pelas escolhas do fotógrafo, do contexto histórico e cultural em que foi produzida e do propósito pretendido.⁵

⁵ MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história: Interfaces. 1996, *Revista Tempo*, vol.1 n. 2, p. 73-98 Disponível in: http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg2-4.pdf Acessado em 12/mar./2020.

Além das fontes citadas, também analiso as atas do clube, produzidas entre 1934 e 1956, e documentos cartoriais alocados no arquivo público municipal e nos cartórios da cidade. Os jornais usados no trabalho estão disponíveis para consulta no acervo virtual do Arquivo Público Mineiro e na hemeroteca da Biblioteca Nacional. Além disso, contei com alguns exemplares impressos disponíveis no acervo da Casa Borba Gato, em Sabará, e os jornais disponibilizados pelo Arquivo Central da Universidade Federal de Juiz de Fora. A partir dos caminhos percorridos nesses documentos, percebi que as ações conjuntas desses homens e mulheres negras não haviam se iniciado na formalização do clube, em 1896. Elas estavam conectadas a uma extensa trajetória que remontava ao período da escravidão na cidade, a qual retomaremos para compreender as redes e tramas de relações no pós-abolição.

A celebração da lei Áurea, promulgada em 13 de maio de 1888, ocorreu três dias depois e provocou um imenso alvoroço na cidade, sendo "freneticamente celebrada pelos sabarenses, com girandolas de foguetes, iluminação à noite e passeata musical".⁶ Entretanto, a abolição da escravatura não trouxe mudanças concretas imediatas na antiga sociedade escravocrata: ela remodelou algumas relações e conservou antigas estratégias de dominação das extintas classes senhoriais.

Para a comunidade negra sabarense, a liberdade se materializava através de projetos formulados e executados nas práticas cotidianas. Seguindo o exemplo de seus antepassados, homens e mulheres negras passaram a agenciar as relações econômicas, políticas e sociais a seu favor, buscando enfrentar as intempéries impostas pelo novo regime republicano, que se instalou em 1889. As pessoas negras sabarenses já acumulavam diferentes experiências associativas, que remetiam à fundação da cidade. Zoroastro Vianna Passos comenta que, já nos primeiros anos de Sabará, a cidade contava com duas irmandades negras: a de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e a de Nossa Senhora das Mercês. O historiador ainda salienta que os pardos e mulatos congregavam-se principalmente nas irmandades de Nossa Senhora do Amparo e na de São Francisco.⁷

Desde a primeira metade do século XIX, Sabará se destaca como um dos municípios mineiros com a maior proporção de afrodescendentes em sua população. Aproximadamente oitenta e três por cento (83%) dos habitantes eram classificados como negros ou mestiços,

⁶ APM, A folha Sabarense, 22 de maio de 1888, p.1

⁷ PASSOS, Zoroastro Vianna. *Em torno da História do Sabará*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1942. v.2

dos quais sessenta e seis por cento (66%) viviam em liberdade.⁸ Dessa forma, para as pessoas negras de Sabará, as experiências de liberdade não eram algo completamente desconhecido no final do século XIX. Ao longo de duzentos anos, as comunidades negras da cidade desenvolveram diversas estratégias visando a ascensão social e a melhoria das condições de vida, mesmo diante de um cenário que nem sempre lhes era favorável. Nesse contexto, a abolição da escravidão não representou um ponto de ruptura entre duas realidades distintas, mas sim um elo entre as diferentes experiências e relações vivenciadas durante o período da escravidão e as vivenciadas após o treze de maio.



Figura 1: Vista de Sabará no início do século XX, Arquivo Público Mineiro

A fotografia acima nos proporciona uma vista panorâmica do centro urbano de Sabará nos primeiros anos do século XX. No centro da imagem, destacam-se o rio das Velhas e uma ponte que conectava a região da Paciência, localizada no lado inferior esquerdo da imagem, ao casario que se estende desde o largo de São Pedro até o largo do Rosário. Essa imagem nos permite construir uma imaginação histórica e nos aproxima dos espaços e localidades que homens e mulheres negras percorriam no período logo após a abolição da escravatura.

Ao analisar os registros da imprensa sobre os primeiros anos de funcionamento do Mundo Velho, constatei que o clube foi formalmente fundado em 15 de novembro de 1896.

⁸ KLEIN, Herbert S.; PAIVA, Clotilde Andrade. *Libertos em uma economia escravista: Minas Gerais em 1831. Estudos Econômicos*, São Paulo, USP/IPE, v.27, n.2, p.177-335, 1997;

No entanto, é interessante notar que seus sócios celebram o dia 2 de março como sua data natalícia.⁹ A primeira diretoria do clube era composta por algumas figuras notáveis da época: José de Paula Pertence como presidente, Eduardo Henrique Dias como secretário, Francisco Rosa Viterbo como tesoureiro, José Eloy de Souza como procurador e Francisco Martins Pereira como diretor-gerente.

A análise das relações que envolvem a fundação do clube revela um panorama social complexo e diversificado em Sabará. Tanto famílias brancas quanto negras da cidade estavam interligadas em uma intrincada rede de conexões que desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento do clube como instituição. As relações familiares entre os primeiros sócios foram elementos essenciais para a criação de laços afetivos e de solidariedade entre grupos sociais distintos. Essas conexões permitiram a estruturação e a consolidação do clube ao longo do tempo, reunindo pessoas de diferentes origens em torno de um espaço comum.

A presença de grupos familiares brancos no clube reflete como as antigas classes senhoriais ainda mantinham certas lógicas paternalistas mesmo após o fim da escravidão. Essa continuidade pode ter influenciado nas estratégias adotadas pelos membros negros do clube, que buscavam encontrar oportunidades para conquistar maior inclusão social. Nesse sentido, o Mundo Velho se tornou um espaço significativo para as pessoas negras de Sabará, permitindo que elas agissem em busca de melhores condições de vida. Ao mesmo tempo, essas famílias e grupos também podem ter utilizado o clube como uma forma de manter certas relações sociais estabelecidas no período anterior à abolição. Essa dinâmica revela a complexidade das relações sociais e raciais na cidade, bem como a maneira como a associação se posicionou nesse contexto. Podemos entender o clube como um ponto de encontro que reuniu diferentes atores e forças sociais, com diversas motivações, mas com um objetivo comum de buscar melhores condições de vida e solidariedade para a população negra de Sabará.

A associação definiu como símbolo de seu estandarte uma esfera armilar, com folhas de fumo nas extremidades laterais e folhas de café na parte central, em diagonal. Na parte superior do brasão, há também a representação de uma coroa. No processo de reconstituição

⁹ Não há um consenso em relação a data de fundação do clube. Nos diversos documentos analisados aparecem distintos anos, que variam de acordo com as diretorias que gerenciaram o espaço. Não sabemos ao certo o porquê da escolha do dia 2 de março, mas uma das hipóteses é que o dia se refere à primeira saída do Mundo Velho no carnaval, uma vez que, em 1897, o dia 2 de março referia-se à terça-feira de carnaval.

artística do brasão, encomendado por Sandra Talabar, filha de um dos antigos presidentes do clube, foram utilizados fotos e relatos de antigos sócios como fonte de informação. No entanto, a esfera armilar foi excluída da reconstituição artística, uma vez que só é identificada nas fotografias, mas não mencionada nos relatos ou informações disponíveis. Os fundadores ainda definiram como cores oficiais o verde e o amarelo.

Em relação ao nome da agremiação, há algumas controvérsias entre os sócios. A primeira versão explica que o nome faz uma alusão à monarquia brasileira, que teria vindo do velho continente ou Mundo Velho e tinha relações com as origens familiares do primeiro presidente, José de Paula Pertence. Outra versão afirma que a nomenclatura é proveniente de uma expressão corriqueira nas cidades do interior: “Êta mundo velho de guerra!”.¹⁰



Figura 2: Representação artística do Brasão do estandarte. Acervo de Sandra Talabar

Nos primeiros anos de existência da associação, suas principais atividades eram os desfiles no carnaval, seguindo os padrões das sociedades carnavalescas da época. Além disso, é plausível acreditar que outras atividades eram realizadas pela associação, porém, a falta de registros documentais impede a confirmação dessas atividades adicionais. Durante o período que abrange a fundação formal em 1896 e as duas primeiras décadas subsequentes, a presidência do clube foi ocupada por cinco sócios distintos. O primeiro deles foi José de Paula Pertence, que permaneceu no cargo por vários anos, desempenhando um papel significativo na condução das atividades iniciais da associação. Em seguida, Antônio Basílio Pereira assumiu a presidência, seguido por Ataliba de Viterbo e João Crisóstomo Pereira.

¹⁰ A narrativa sobre o nome do clube é uma disputa ainda presente entre os sócios, especialmente aqueles que buscam remontar a origem afrodescendente da instituição.

Contudo, não foi possível determinar exatamente o período de mandato de cada um deles devido à ausência de informações detalhadas nos registros disponíveis.¹¹

Esses presidentes foram fundamentais para a organização e o desenvolvimento do clube durante seus primeiros anos, contribuindo para o crescimento da associação e a manutenção das atividades carnavalescas. Apesar da escassez de informações sobre outras atividades do clube, é razoável supor que a associação desempenhou um papel relevante na vida social e cultural da comunidade local ao longo desse período.

Ano de gestão	Presidente	Secretário	Tesoureiro	Diretor de Festas	Procuradores
1896	José de Paula Pertence	Eduardo Henrique Dias	Francisco Rosa de Viterbo	Francisco Martins Pereira	José Eloy Souza
Déc. 1900	Francisco de Paula Ramos	Antônio Basílio Pereira	Não identificado	Não identificado	Não identificado
Déc. 1910	Antônio Basílio Pereira	Francisco de Paula Ramos	Não identificado	Não identificado	Carlos Basques
Déc. 1910	Antônio Loureiro	Não identificado	Não identificado	Não identificado	Não identificado
Déc. 1920	João Crisóstomo	Não identificado	Não identificado	Francisco de Paula Ramos	Não identificado
Déc. 1920	Ataliba de Viterbo	Não identificado	Não identificado	Não identificado	Não identificado

Tabela 1: diretorias do Clube Mundo Velho (1896-1934)

O clube passou por uma importante reestruturação durante o ano de 1922, embora poucos registros tenham sido deixados para esclarecer as motivações exatas por trás dessas mudanças. No entanto, há indícios que sugerem que essa reorganização tenha sido influenciada pelas alterações nos espaços associativos de Sabará, provocadas pela chegada dos belgas e luxemburgueses para administrar a companhia siderúrgica Belgo-Mineira no final de 1921. Um marco significativo dessa reestruturação foi a construção de um coreto no Largo da Matriz, que se tornou um espaço de encontro importante para os associados do clube. Nesse período, os sócios do Mundo Velho realizavam bailes e encontros tanto no coreto recém-construído como também nas casas dos próprios sócios. Durante as celebrações carnavalescas, os festejos eram marcados pela presença dos reinados ou

¹¹ Entrevista de Sandra Talabar, concedida a José Ribamar em 15 de maio de 2015.

catopés, que acompanhavam os membros do clube e desfilavam durante todo o período festivo.¹²

A reorganização de 1934 marcou um momento significativo na história do clube Mundo Velho. Com a construção da sua primeira sede própria, doada pelo ex-presidente Ataliba de Viterbo, a associação se consolidou como um clube social e carnavalesco. O terreno, contendo uma pequena casa na rua Marquês de Sapucaí, foi ampliado para abrigar a sede oficial, onde o clube permanece até os dias atuais.¹³ Essa reestruturação trouxe diversas mudanças nas atividades do clube. O Mundo Velho passou a seguir os moldes de outras associações existentes na cidade e organizou-se de forma mais estruturada. Foram estabelecidos um calendário de bailes e festas próprias, além de desfiles com cordões durante o carnaval. A criação de uma jazz-band acrescentou um toque musical especial aos bailes da associação.

Outro aspecto importante desta reorganização foi a revitalização do grêmio teatral, com novas peças e cenários. Além disso, foram criados departamentos feminino e infantil, demonstrando uma preocupação em envolver diferentes segmentos da comunidade nas atividades do clube. A inovação também se manifestou nos concursos de coroação de mulheres para se tornarem as porta-estandartes nos cortejos carnavalescos. Esses concursos proporcionavam um papel de destaque para as mulheres no carnaval, contribuindo para a valorização e inclusão feminina nas festividades do clube.

A associação tinha diferentes tipos de sócios, incluindo os fundadores, que estavam presentes desde a fundação, e os beneméritos, que recebiam um título de honra por prestarem serviços ao clube. Havia também os conservadores, que contribuíam financeiramente e auxiliavam na conservação do clube, e os sócios honorários, que participavam esporadicamente das atividades. Após a reorganização em 1934, os cargos da diretoria passaram a ser votados separadamente pelos sócios, e as diretorias eram compostas pelos eleitos em cada função, possibilitando uma maior representatividade e participação dos associados na administração do clube.¹⁴

Cargo	Função
-------	--------

¹² Não sabemos como eram as eleições para os cargos de diretoria antes de 1934, pois não encontramos nenhum documento do clube para esse período. Todas as informações referentes a época anterior à segunda reestruturação foram coletas na imprensa, nos relatos de antigos sócios e fotografias remissentes.

¹³ CBG, Inventário Ataliba de Viterbo - CPON (73) 1451 (73) - 1937

¹⁴ As diretorias referentes aos anos de 1934 a 1961 também foram identificadas em tabelas e se encontram em anexo no fim do trabalho.

Presidente	Responsável por gerir as finanças e organizar eventos, reformas e controlar a conduta dos membros.
Vice-presidente	Auxiliar nas funções do presidente, executava as funções quando o primeiro não estava presente.
1º Secretário	Responsável pela produção de documentos e arquivos do clube.
2º secretário	Auxiliar e substituto do secretário em exercício.
1º Tesoureiro	Responsável pelas finanças do clube.
2º tesoureiro	Auxiliar e substituto do tesoureiro em exercício.
Diretor de festas	Responsável pela organização das festas do clube, desde bailes, carnaval e eventos solenes.
Procurador	Responsável por levantar os pagamentos dos sócios e agregar novos contribuintes.
Orador oficial (a partir de 1937)	Responsável pelas aparições públicas do clube.
Comissão de Sindicância (a partir de 1922)	3 a 5 pessoas – Presidente, secretário e outros membros. Eram responsáveis pelo controle financeiro do clube e da produção de balancetes financeiros.

Tabela 2: estrutura da diretoria do Clube Mundo Velho

Essa tabela apresenta os principais cargos existentes no clube Mundo Velho durante o período de 1896 a 1945 e suas respectivas funções. Os sócios do clube precisavam pagar a mensalidade e a joia, espécie de quota que permitiam o acesso às atividades e instalações da associação. Além disso, a aquisição de ações possibilitava que seus familiares também participassem das atividades do clube.

As duas reestruturações representaram marcos significativos na evolução histórico-social do Clube Mundo Velho e desempenharam um papel fundamental na escrita deste trabalho. Com o objetivo de destacar as continuidades e rupturas ao longo do período estudado, dividi os capítulos em eixos temáticos que abrangem a atuação do clube e de seus sócios, estruturando-os em torno desses dois momentos de reorganização. Essa abordagem visa não apenas facilitar a compreensão das informações para o leitor, mas também evidenciar as transformações pelas quais a instituição passou ao longo do recorte de pesquisa. Ao observar as mudanças ocorridas durante essas reestruturações, é possível compreender a evolução e o impacto que tiveram na trajetória do Clube Mundo Velho.

Esta pesquisa se alinha com a corrente acadêmica que se dedica a compreender as formas de participação política e cultural da população negra no período pós-abolição. O objetivo geral deste trabalho é investigar as estratégias sociais adotadas pela comunidade negra na região de Sabará, com enfoque na atuação do clube social Mundo Velho ao longo dos anos imediatamente após a abolição da escravatura e durante a primeira metade do século XX. O trabalho se fundamenta nas abordagens desenvolvidas pela historiografia brasileira a partir da década de 1980, que buscaram expandir as análises para além dos eventos históricos tradicionais, explorando também aspectos do cotidiano, costumes,

resistências, acomodações, solidariedades e experiências de vida das populações negras após o 13 de maio.

Segundo Flávio Gomes e Olívia Gomes da Cunha, é importante “direcionar as atenções tanto para o cotidiano de marginalização quanto para as estratégias de sobrevivência enfrentada pela ‘população de cor’ nos anos que seguiram a 1888”, e concomitantemente considerar as formações culturais que lhe concedem inteligibilidade e densidade histórica.¹⁵ Em vista disso, a pesquisa se insere nos estudos que analisam os significados de cidadania, trabalho e família, entre outros temas caros às comunidades negras nos anos que sucederam à abolição da escravidão.

Os clubes e agremiações desempenharam um papel fundamental para os trabalhadores negros no pós-abolição, pois eram espaços legítimos de expressão de costumes e práticas compartilhadas entre os sócios de modo a estabelecer laços comunitários e sociais. Além disso, serviram como palcos para debates e ações relacionadas a questões importantes para os não-brancos, como o direito à cidadania, ao lazer e outros aspectos cruciais para o desenvolvimento de sociabilidades próprias.¹⁶ Dentro dessas agremiações, bailes, desfiles carnavalescos e espetáculos teatrais desempenhavam um papel central, ativando uma vasta rede de relacionamentos, amizades, compadrios e oportunidades de emprego e casamento. Além do aspecto recreativo e cultural, essas agremiações também buscavam promover atividades de instrução para a população negra, visando à sua capacitação e integração na sociedade.¹⁷

Em suma, essas associações forneceram um espaço crucial para a população negra no pós-abolição, permitindo que ela se expressasse culturalmente, se organizasse politicamente e desenvolvesse relações sociais significativas, ao mesmo tempo em que buscava integrar-se e conquistar seu espaço na sociedade em que vivia. O pós-abolição, como um objeto de reflexão da História, levanta questões importantes para compreendermos o papel das ações coletivas de pessoas não-brancas na formação do regime republicano no Brasil.¹⁸ De forma mais analítica, esse contexto não pode ser lido apenas como mero reflexo da escravidão.

¹⁵ GOMES, Flávio dos Santos & CUNHA, Olívia Maria Gomes da. Que cidadão? Retóricas da igualdade, cotidiano da diferença. In: GOMES, Flávio dos Santos & CUNHA, Olívia Maria Gomes da. *Quase-cidadão: histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil*. Rio de Janeiro, FGV, 2007, p.9.

¹⁶ SILVA, Lucia Helena Oliveira; XAVIER, Regina Célia Lima. Historicizando o associativismo negro: contribuições e caminhos da historiografia. *Revista Mundos do Trabalho*, Florianópolis, vol. 11, 2019.

¹⁷ LONER, Beatriz Ana & GILL, Lorena Almeida. Clubes Carnavalescos negros na cidade de Pelotas. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 145-162, jan./jun. 2009

¹⁸ O termo pessoas não-brancas refere-se a todos aqueles indivíduos não classificados como brancos na sociedade republicana, envolvendo diferentes categorias raciais existentes no período.

Ana Lugão Rios e Hebe Mattos afirmam que este foi um período marcado por novas configurações das relações sociais, raciais, identitárias e de poder, que se (re)desenharam no país depois de séculos de escravidão.¹⁹

O termo "pós-abolição" é utilizado nesta pesquisa como uma categoria que estabelece e delimita um determinado "espaço de tempo" e um campo de estudo dentro da historiografia. Ao adotar como recorte temporal, me refiro, como propõe Fernanda Oliveira da Silva, aos processos que se desenvolveram após a proclamação de leis de abolição, cuja temporalidade pode alcançar até os dias atuais. No que tange a sua inserção na historiografia, o pós-abolição se define

como campo de estudos que oferece um repertório de análises, cujo problema histórico está centrado nas experiências de liberdade, e especialmente de cidadania, de pessoas escravizadas e seus descendentes após a abolição da escravidão, identificados e hierarquizados nas relações sociais por termos que evocam uma ideia de raça.²⁰

Do ponto de vista mais amplo, os estudos centrados no pós-abolição revelam que a construção e consolidação da república foi complexa e multifacetada. Um período repleto de adversidades e projetos nos quais homens e mulheres negras experimentaram o regime de maneira muito diferente daqueles pensados pelas classes dominantes e intelectuais. As mudanças políticas ocorridas com a implantação do governo republicano trouxeram consigo novos mecanismos de controle social, com o objetivo de reprimir manifestações públicas e estabelecer uma ordem social controlada pelas elites. Um desses mecanismos foi o controle sobre as atividades de lazer e sociabilidade da população. A concessão de licenças para reuniões, festas e outras formas de entretenimento passou a ser uma responsabilidade policial por meio da assinatura pelo chefe de polícia, o que permitia às autoridades exercerem controle sobre tais eventos e, potencialmente, cercear a liberdade de organização e expressão da população negra.

Além disso, a promulgação do Código Penal de 1890 trouxe consigo medidas para combater o que era considerado "vadiagem" e "vícios", termos que frequentemente eram utilizados de forma arbitrária e discriminatória para perseguir e punir a população negra. Esse tipo de legislação contribuiu para aumentar a marginalização e a criminalização da

¹⁹ RIOS, Ana Maria; MATTOS, Hebe Maria. O pós-abolição como problema histórico: balanços e perspectivas. *Topoi*, vol. 5, n. 8, p. 170-198, 2004.

²⁰ SILVA, Fernanda Oliveira. *As lutas políticas nos clubes negros: culturas negras, racialização e cidadania na fronteira Brasil- Uruguai no pós-abolição (1870-1960)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017, p. 26

população negra, limitando suas possibilidades de participação social e política.²¹ Segundo Sidney Chalhoub, esse combate aos “vícios” estava atrelado à construção de uma nova ética do trabalho no universo das classes dominantes no momento da mudança do trabalho escravo para o trabalho livre, em que o trabalho se tornava o elemento ordenador da sociedade, no qual os ociosos comprometiam a ordem social.²² Nesse sentido, esses mecanismos legais se tornaram um meio de constranger e exterminar do meio público as manifestações afro-brasileiras e impor, de modo violento, padrões assimilacionistas, que buscavam civilizar os costumes da população e implantar o modelo de vida burguês.²³

A partir da década de 1930, intelectuais vinculados ao projeto político do Estado Novo buscaram caracterizar as experiências das décadas iniciais da República como autoritárias, oligárquicas e excludentes. Essa visão foi fortemente difundida por ideólogos alinhados ao governo de Getúlio Vargas, que procuraram estabelecer um novo imaginário político, enfatizando o caráter revolucionário e transformador da nova elite dirigente do país.

A denominação "República Velha" foi utilizada para marcar uma ruptura com o passado e promover uma narrativa que reforçasse a ideia de que o Estado Novo representava uma superação das supostas falhas e limitações do período anterior. Essa perspectiva tendia a enfatizar a alegada falta de espaço para a participação política das classes populares durante a Primeira República, ressaltando procedimentos coercitivos empregados nos espaços de representação, especialmente no contexto das eleições.²⁴ Essa concepção, construída com fins políticos específicos, foi amplamente difundida entre a intelectualidade nacional e teve reflexos no pensamento social e na historiografia brasileira.

O imediato pós-abolição e a primeira fase da experiência republicana foram objetos de reflexão das ciências sociais entre as décadas de 1940 e 1960, influenciadas pelas

²¹ GRINBERG, Keila. Código Civil e cidadania. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

²² CHALHOUB, Sidney. *Trabalho lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2005

²³ Maria Cristina Cortez Wissenbach assinala que código civil possibilitou um aparato instrumental que viabilizou a ação repressora das práticas religiosas de origem africana a partir dos conceitos de *alto espiritismo* e *baixo espiritismo*, sendo essa uma clivagem central para perseguição às manifestações afro-brasileiras como a macumba, o candomblé e todas terminologias deles decorrentes. Ver: WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. *Ritos de magia e sobrevivência: sociabilidades e práticas mágico-religiosas no Brasil (1890/1940)*. São Paulo, 1997. 202 p. Tese – Doutorado em História Social, Universidade de São Paulo. Eric Brasil comenta que a ação repressora no Rio de Janeiro se concentrou para os blocos e cordões carnavalescos que apresentavam uma percepção mais racializada da festa. Ver: Brasil, Eric *Carnavais atlânticos: cidadania e cultura negra no pós-abolição*. Rio de Janeiro e Port-of-Spain, Trinidad (1838-1920). Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Departamento de História, 2016. 338 f.

²⁴ ABREU, Martha & GOMES, Ângela de Castro. (2009), “A nova ‘Velha’ República: um pouco de história e historiografia”. *Revista Tempo-UFF*, 19 (35): 1-14.

interpretações descritas acima. As investigações colocaram em xeque o mito da democracia racial e possibilitaram a visibilidade da discriminação e do preconceito racial no país. Contudo, essas produções difundiram interpretações e conceitos que apontavam para uma incapacidade de ação coletiva de massa e uma ausência de participação política da população negra. O uso de categorias como subordinação, paralisia e anomia social, assim como a atribuição de passividade às populações negras como modelos explicativos, desconsiderou outros modos de ação política, e induziu cientistas sociais e historiadores das gerações seguintes a adotar uma série de interpretações e conceitos de maneira abstrata e imprecisa.²⁵

Leonardo Affonso de Miranda Pereira destaca que a tendência na historiografia de desconsiderar a atuação da população negra na Primeira República se deve ao modo como os historiadores liam a política a partir de um viés institucionalizado, especialmente aqueles influenciados pelos imigrantes de origem europeia nas lutas trabalhistas. De acordo com o autor, para uma parcela do movimento operário, "a busca do lazer e a atuação política pareciam articuladas em uma mesma experiência", o que demonstra sua agência política. Os trabalhadores negros na Primeira República "faziam das práticas dançantes um recurso para lutar por liberdade e direitos, em favor da república que desejavam".²⁶ Essas ações eram uma forma própria de ocupar o espaço público em meio a um contexto que os restringia a uma condição de quase-cidadãos.²⁷

De acordo com Jonatas Roque Ribeiro, esses novos olhares sobre o período só foram possíveis devido a dois movimentos na historiografia: o primeiro decorrente da influência da atualização do campo marxista, inspirada na produção inglesa, nos estudos sobre as classes populares; e o segundo, das transformações no estudo da escravidão no Brasil a partir da

²⁵ RIBEIRO, Jonatas Roque. História social dos clubes negros no pós-abolição. *Anais do 9º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, Florianópolis (UFSC)*, 14 a 18 de maio de 2019. Dentre os estudos clássicos realizados pelos cientistas sociais entre a década de 1950 e 1960 destaco as proposições de Florestan Fernandes sobre a população negra em São Paulo no pós-abolição. Segundo o autor, as condições psicossociais e econômicas dos negros e pardos, deformadas pela organização servil, limitavam a capacidade de ajustamento à vida urbana. A rapidez da expansão da ordem social competitiva não permitiu que os libertos adquirissem experiências, mentalidade e comportamentos adequados ao novo estilo de vida. A partir do conceito de integração social, Florestan Fernandes definia que os grupos negros não estavam compatíveis ao sistema de classes, pois se encontravam em um estado de anomia social, sem uma organização política. Ver: FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Dominus; EDUSP, 1965. 2v.

²⁶ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Os Anjos da Meia-Noite: trabalhadores, lazer e direitos no Rio de Janeiro da Primeira República. *Tempo*, v. 19, n. 35, p. 97–116, 2013, p.155

²⁷ CUNHA, Olívia Maria Gomes da; GOMES, Flávio dos Santos. Quase-cidadão – histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil. In: CUNHA, Olívia Maria Gomes da; GOMES, Flávio dos Santos. Quase-cidadão – histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil. Rio de Janeiro, FGV, 2007.

década de 1970. Essas produções se voltaram para o cotidiano, costumes, resistências, solidariedade e experiências de vida dos escravizados, incorporando novas perspectivas da escravidão e os significados de liberdade, trabalho, família, sociedade, dentre outros temas importantes para homens e mulheres escravizados. Segundo o autor, essas abordagens reanimaram o interesse dos historiadores pelas experiências negras após a promulgação de leis de emancipação, em especial a Lei Áurea de 13 de maio de 1888.²⁸

Com base no que foi exposto, este trabalho segue uma tendência da produção historiográfica que se concentra na compreensão das formas de participação política e cultural da população negra durante a primeira república e suas rearticulações no governo de Getúlio Vargas. A pesquisa analisa um conjunto de experiências, articulações e ações proativas realizadas por diversos atores e grupos sociais, que propunham uma série de iniciativas por meio de distintas formas de associativismo.²⁹

O associativismo, enquanto categoria histórica, tem sido explorado por diversos historiadores em diferentes contextos. De acordo com Jonatas Roque Ribeiro, esse conceito é elástico e apresenta variações ao longo do tempo.³⁰ O que denominamos como "associativismo negro" é, na verdade, o resultado de uma complexa teia de relações e da construção de redes de apoio que resultaram, em alguns casos, na formação de entidades baseadas no auxílio mútuo por libertos ou escravizados durante o período escravista, e pela população negra na primeira república. Quanto ao período pós-abolição, Maria Cristina Wissenbach destaca que a população negra se associava por meio de arranjos informais com o objetivo de auxílio mútuo, criando uma espécie de "territorialidade negra" marcada por laços sociais e expressões culturais próprias, que se estruturavam a partir de padrões de experiências anteriores à abolição.³¹

Petrônio Domingues, ao pesquisar a trajetória de várias agremiações fundadas por negros no Rio de Janeiro durante a primeira república, define o associativismo como uma noção dinâmica que envolve um processo contraditório e conflitivo, combinando resistência, assimilação e (re)apropriação de ações coletivas e formas organizativas que defendem

²⁸ RIBEIRO, J. Op. Cit. p.16

²⁹ DOMINGUES, Petrônio. *Cidadania por um fio: o associativismo negro no Rio de Janeiro (1888-1930)*. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 34, nº 67, p. 251-281 - 2014

³⁰ RIBEIRO, Jonatas Roque. *Escritos da liberdade: trajetórias, sociabilidade e instrução no pós-abolição sul-mineiro (1888-1930)*. 142 f. Dissertação (Mestrado em História) -Universidade estadual de Campinas, Programa de Pós-Graduação em História, Campinas, 2016

³¹ WISSENBACH, Maria C. *Da escravidão à liberdade: dimensões de uma privacidade possível*. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da vida privada no Brasil: Vol. 3*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998

interesses específicos de um grupo.³² Nesse sentido, conforme afirmam Lucia Helena Oliveira Silva e Regina Célia Lima Xavier, o associativismo compreende as diversas formas de agenciamento da comunidade negra no exercício de organização e apoio para buscar melhores condições de vida.³³

Essas formas de agenciamento ocorreram em diferentes aspectos da vida dos afrodescendentes, abrangendo desde a ampliação das redes familiares e de sociabilidade até a criação de organizações civis, como os clubes sociais e as sociedades carnavalescas. As várias atividades promovidas por essas associações recreativas e clubes sociais representavam uma maneira de obter certos direitos, especialmente aqueles relacionados à cultura, os quais foram proibidos ou reprimidos pelas autoridades policiais durante a primeira república.

Nos últimos anos, houve um aumento significativo de pesquisas que se dedicaram a estudar a experiências associativas das pessoas negras no pós-abolição. No entanto, esses estudos se centraram, sobretudo, em algumas regiões do sudeste, como o estado de São Paulo e Rio de Janeiro, e na região sul do país.³⁴ Jonatas Roque Ribeiro destaca que, apesar de haver um crescimento no número de produções que investigam o associativismo negro no nordeste e no sudeste, ainda é escasso o conhecimento sobre essas modalidades de agenciamento e sociabilidade entre os negros de Minas Gerais.³⁵

No que se refere à presença negra em Minas, a região compreendia o maior contingente de escravizados registrados em 1888 e contou com uma população negra expressiva no período republicano. Entretanto, as pesquisas sobre a atuação política e cultural desses grupos no estado, especialmente após a abolição da escravatura, ainda são

³² DOMINGUES, P. 2014, op. cit. p.254

³³ SILVA, Lucia Helena Oliveira; XAVIER, Regina Célia Lima. Historicizando o associativismo negro: contribuições e caminhos da historiografia. *Revista Mundos do Trabalho*, Florianópolis, vol. 11, 2019.

³⁴ Esses trabalhos abordam diferentes dimensões das experiências associativas negras no pós-abolição, destacando as singularidades nas trajetórias de cada associação e sua atuação em distintas regiões do país, no entanto, grande parte da bibliografia debate os contextos de parte do sudeste brasileiro e dos estados do sul. Existem uma enorme quantidade de trabalhos sobre a temática e não pretendo esgotá-los aqui; para melhor organização, saliento algumas produções célebres. Em relação ao sudeste destaco as pesquisas de Petrônio Domingues sobre a formação da Frente Negra Brasileira nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro: DOMINGUES, Petrônio. *A insurgência de ébano*. A história da Frente Negra Brasileira (1931-1937), São Paulo, Tese de Doutorado, FFLCH-USP, 2005; DOMINGUES, Petrônio. "Tudo pelo Brasil; tudo pela raça": a Frente Negra Carioca. *Revista Estudos históricos*, FGV, Rio de Janeiro, Vol. 31, nº65, 2018. E para o contexto sulista as produções de Fernanda Oliveira da Silva: SILVA, Fernanda Oliveira. *As lutas políticas nos clubes negros: culturas negras, racialização e cidadania na fronteira Brasil-Uruguai no pós-abolição (1870-1960)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

³⁵ RIBEIRO, Jonatas Roque. Associativismo, sociabilidade e liberdade: sociedades recreativas de negros e negras no pós-emancipação em Minas Gerais. *Anais do 7º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional* Curitiba, 13 a 16 de maio de 2015.

escassas. Quando nos deparamos com os estudos sobre as experiências negras em Minas Gerais nesse período, grande parte das produções acadêmicas se concentra principalmente na região sul e zona da mata, localidades caracterizadas por grandes latifúndios cafeeiros e uso extensivo da mão-de-obra escrava no final do século dezenove. Ainda que poucas, essas pesquisas abordam diversos âmbitos das experiências negras na transição do século dezenove para o século vinte. Dentre as temáticas, podemos destacar as rearticulações familiares, a transição do trabalho escravo para o trabalho livre, a formação de espaços associativos e lutas operárias.³⁶ Ao compararmos com os números de produções sobre as mesmas temáticas para a região central do estado, caracterizada pela produção agrícola em menor escala e mineração, as cifras são ainda menores.³⁷

Neste trabalho, analiso as fontes a partir da noção de *racialização*, que propõe a destituição do caráter substantivo subjacente à noção de “raça” e seu entendimento como resultado de uma construção histórica processual. O termo *racialização* refere-se ao debate historiográfico inaugurado a partir da década de 1970, no qual se enfatiza a necessidade de conferir historicidade à ideia de raça.³⁸ No Brasil, alguns historiadores defendem que esse

³⁶ Dentre os trabalhos que tratam sobre as experiências negras no pós-abolição nas regiões sul e zona da mata de Minas Gerais, para a transição do trabalho escravo destaco as produções de Ana Lúcia Duarte Lanna, *A transformação do trabalho: a passagem para o trabalho livre na Zona da Mata mineira, 1879-1920*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, Brasília: CNPq, 1988 e Sônia Maria de Souza, *Terra, família, solidariedade: estratégias de sobrevivência camponesa no período de transição – Juiz de Fora (1870-1920)*. Bauru: EDUSC, 2007. Sobre as experiências associativas o estudo de Rita de Cássia Souza Felix Batista, *Clubes sociais negros na espacialidade urbana de Juiz de Fora/MG*. 213 f. (Tese de Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015 e *O negro: trabalho, sobrevivências e conquistas, Juiz de Fora (1888-1930)*. Juiz de Fora: Funalfa Edições, 2006. Margareth Cordeiro Framklím, *Cutubas: clube de negros, territórios de bambas: memória e patrimônio afrodescendente de Leopoldina-MG*, Belo Horizonte: Utopika Editorial, 2014. De Jonatas Roque Ribeiro, *O Clube 28 de Setembro: sociabilidade e resistência da cultura afrodescendente em Pouso Alegre- MG*. 82 f. (Monografia de Licenciatura em História) - Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2013 e *Escritos da liberdade: trajetórias, sociabilidade e instrução no pós-abolição sul-mineiro (1888-1930)*. 142 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade estadual de Campinas, Programa de Pós-Graduação em História, Campinas, 2016, Gabriela Camargo Scassioti, *Chico Rei Clube: contribuição para a história da educação dos negros em Poços de Caldas*. 75 f. (Monografia de Licenciatura em Pedagogia) – Pontifícia Universidade Católica de Poços de Caldas, Poços de Caldas, 2011. Para as rearticulações familiares, João Lucas Rodrigues, *Serra dos Pretos: trajetórias de famílias entre o cativeiro e a liberdade no Sul de Minas (1811-1960)*. 231 f. (Dissertação de Mestrado em História) – Universidade Federal de São João Del Rei, São João Del Rei, 2013.

³⁷ Em relação aos trabalhos sobre que abordam a temática na região centro mineira cito os trabalhos de Marileide Lazara Cassoli, *A construção da liberdade vivências da escravidão e do pós-abolição*. Jundiaí, SP. 2017. 356 p para as rearticulações familiares e questões fundiárias. Manuela Areias Costa, *A primeira República na “cidade dos bispos”*. (Mariana-MG, 1889-1930). Maranhão: UEMA. *Outros Tempos*, volume 9, nº 13, julho de 2012. p. 213-227. Luciano Mendes de Faria Filho, *República, trabalho e educação: a experiência do Instituto João Pinheiro (1909-1934)*. Bragança Paulista: Edusp, 2001 sobre as experiências associativas negras.

³⁸ Hebe Mattos recupera essa discussão para analisar as memórias do cativeiro na história do Brasil. MATTOS, Hebe Maria. *Marcas da escravidão*. Biografia, racialização e memória do cativeiro na história do Brasil. Tese de Professor Titular em História, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2004. Ver também o trabalho de Wlamyra Albuquerque que realiza uma análise apurada sobre as relações entre o processo de racialização e a constituição da noção de cidadania na primeira república em São Paulo e na Bahia: ALBUQUERQUE,

processo se iniciou quando o termo raça se constituiu como uma categoria social, a partir das formulações de teorias raciais durante o enfraquecimento e fim da escravidão. Essas teorias buscavam estabelecer critérios diferenciados de cidadania, baseados na formalização de hierarquias sociais definidas por argumentos biológicos, os quais determinavam critérios físicos e sociais como sinônimos de inferioridade e degeneração.³⁹ Esse debate tomou a cena pública do país nos anos finais do século XIX e transformou a questão racial em um tema central nos projetos políticos e culturais da nação.

Nessa perspectiva, para uma compreensão mais aprofundada das diversas formas associativas que a população negra articulou, a partir da experiência do Clube Mundo Velho em Sabará, na primeira metade do século XX, é crucial considerar as experiências de racialização vivenciadas por diferentes atores e grupos sociais no pós-abolição. Essas experiências orientaram práticas, projetos e ações proativas, com o objetivo de defender seus direitos políticos, melhorar suas condições de vida e estabelecer novas territorialidades no espaço público urbano.

Ao analisarmos as atas da instituição, percebemos um certo silenciamento em relação às questões raciais e suas respectivas classificações. Embora a associação seja reconhecida atualmente como um clube de negros, nos documentos compulsados não há nenhuma menção a rótulos raciais para se referir aos seus membros ou à própria instituição. Esse fato nos motivou a consultar a historiografia que aborda as experiências de racialização vividas pela população negra no período estudado. No final do século XIX e início do XX, as categorias raciais passaram por diversas ressignificações sociais. Hebe Mattos, em sua tese "Marcas da escravidão: Biografia, racialização e memória do cativo na história do Brasil", comenta que até o final do século XIX, o termo "negro" remetia à condição de cativo.⁴⁰

De acordo com Lilia Moritz Schwarcz, ao tratar das representações do negro na grande imprensa paulistana no século XIX, o termo "preto" era comumente utilizado para designar os escravos que praticasse atos de violência e o termo "negro" estava relacionado a

Wlamyra R. *O jogo da dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

³⁹ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. Ver também o estudo de Mariza Corrêa sobre a escola Nina Rodrigues: CORRÊA, Mariza. *As ilusões da liberdade. A Escola Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil*. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001 (2a edição)

⁴⁰ MATTOS, H. op. cit. p.22

imagem do escravo fugido e não confiável.⁴¹ No entanto, Flávio Gomes, no livro “Negros e política (1888-1937)”, aponta que alguns movimentos sociais entre abolição e o Estado Novo se autodeclaravam “negros” como forma de mobilização política, a exemplo a Guarda Negra, no imediato Pós-abolição e a Frente Negra Brasileira na década de 1930.⁴² Não obstante, Rodrigo de Azevedo Weimer sinaliza que, apesar da precoce politização o termo “negro”, ainda se conservou entre grande parte da população significados pejorativos associados a condição negra.⁴³ No caso do Mundo Velho, as ideias de “harmonia” e “união” foram cruciais para a ausência de autodeclaração racial do clube, já que a instituição congregava pessoas brancas e negras em seu quadro social.

Por outro lado, como aponta Livia Maria Tiede, o termo “Homens de Cor” ou “Pessoas de Cor” foi amplamente utilizado por indivíduos que atuavam em jornais negros a partir da primeira década do século XX. Essa categoria tentava se desvencilhar dos estigmas enraizados em outras definições e constituir um orgulho, que os diferenciava daqueles considerados negros “ruins”. Segundo a autora, a definição de “homens de cor” buscava um ideal moral que eles acreditavam ser forte o bastante para impor respeito contra as ofensas que lhe eram dirigidos por uma sociedade racista.⁴⁴ Mesmo que não tenhamos a autoclassificação dos sócios expressos nas fontes, podemos vislumbrar que eles provavelmente se identificavam com essa última categoria, pois foi possível perceber que havia todo um empenho de se distanciar das noções pejorativas, construindo uma noção de moral e respeitabilidade para seus sócios.⁴⁵

Durante as entrevistas, os entrevistados utilizaram diferentes termos para definir os integrantes do clube. Ao pedir que me identificassem os sócios, notei que havia uma sobreposição dos termos “branco”, “preto”, “negro” e “moreno ou mulato”. Esses termos não se limitavam apenas a tonalidades na pele, mas denotavam certas experiências de

⁴¹ SCHWARCZ, Lilia Moritz, *Retrato em Branco e Negro*. Jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX, São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

⁴² GOMES, Flávio dos Santos. *Negros e Política (1888-1937)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

⁴³ WEIMER, Rodrigo de Azevedo. Ser “moreno”, ser “negro”: memórias de experiências de racialização no litoral norte do Rio Grande do Sul no século XX. *Estudos históricos*. (Rio J.) [online]. 2013, vol.26, n.52, pp.409-428.

⁴⁴ TIEDE, Livia Maria. *Sob suspeita: negros, pretos e homens de cor em São Paulo no início do século XX*. 2006. 188p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.

⁴⁵ Ao analisar os clubes recreativos operários negros em São Paulo entre 1890 a 1920, Uassyr de Siqueira salienta que esses espaços procuravam instituir e afirmar algumas normas sociais para seus membros, baseados na “boa conduta” e na “moral”. Ver: SIQUEIRA, Uassyr de. *Entre Sindicatos, Clubes e Botequins: Identidades, associações e Lazer dos trabalhadores paulistanos. (1890-1920)* 2008. 192p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.

racialização. Os critérios de identificação e de pertencimento dos sócios a cada uma dessas categorias raciais eram influenciados pelas experiências sociais que eles vivenciaram e estavam associados às famílias e coletividades às quais pertenciam.

Os vínculos familiares, ao invés de identificar apenas uma determinada linhagem sanguínea de um membro, denotavam certas experiências de racialização. As classificações raciais eram definidas com base nos laços familiares e afetivos dos sócios, os quais também demarcavam certas posições sociais dentro do clube. Devido à frequência de "brancos" e "negros" na agremiação, essas relações familiares e afetivas desempenhavam um papel fundamental na definição dessas posições sociais e se tornavam um mecanismo importante para a fundação e consolidação do clube como instituição.

Além do processo de racialização, a relação entre a agência negra e o paternalismo também se destacou como um dos principais temas analisados nos capítulos. Em determinados momentos, dei maior ênfase às ações das comunidades negras, ressaltando as diversas estratégias adotadas pelos sócios do clube. Em outros momentos, destaquei como os artifícios empregados pelas classes dominantes desempenharam um papel significativo na organização e vivência dos membros do clube. A dissertação está estruturada em quatro capítulos, todos eles interligados por temas em comum. Cada capítulo será introduzido com um breve relato de campo, que servirá como ponto de partida para a reflexão sobre o assunto abordado.

O primeiro capítulo, intitulado "Tecendo redes e tramas: família e poder em um Mundo Velho", discuto como o clube se tornou um espaço impulsionador de diversas redes afetivas, familiares e sociais entre pessoas negras e brancas em Sabará. Através da reconstrução genealógica e da análise de experiências vividas por alguns membros do clube, o objetivo é compreender como o Mundo Velho promoveu ou facilitou a formação de solidariedades familiares e possibilitou o desenvolvimento de uma concepção ampliada de laços de parentesco negros em Sabará.

No segundo capítulo, investigo o impacto da chegada de estrangeiros, especialmente belgas e luxemburgueses, que assumiram a administração da companhia siderúrgica Belgo-Mineira, e como essa mudança reconfigurou as relações trabalhistas, estabelecendo novos vínculos profissionais e afetivos entre os sócios do Clube Mundo Velho. O investimento de capital estrangeiro trouxe consigo antigas estratégias paternalistas da elite local, acarretando em novas formas de associação na cidade e modificações significativas no

próprio clube. Através das trajetórias profissionais dos sócios, examino como o Clube Mundo Velho se transformou em um espaço identificado com um grupo específico de profissionais da siderurgia, e como as relações de trabalho se desenvolveram em Sabará durante a construção e consolidação da Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira a partir de 1921. Além disso, abordo como essas mudanças influenciaram o associativismo negro e a reorganização urbana decorrentes da industrialização da região.

No terceiro capítulo, examino como a chegada dos estrangeiros em Sabará não apenas reorientou as relações trabalhistas, mas também teve um impacto direto ou indireto nas práticas culturais dos antigos espaços associativos da cidade. Com base nas práticas documentadas pelos sócios do clube, tanto dentro quanto fora da instituição, analiso como os processos de racialização predominantes naquele período não se limitavam a demarcar lugares sociais, mas eram elementos estruturantes das ações, projetos e relações entre indivíduos e coletividades. Enfatizo como os membros do clube agiam e se identificavam a partir desses processos, contribuindo para a constituição de um repertório cultural próprio. Para isso, retomo o debate sobre as relações entre a negociação de práticas sociais e o processo de racialização vivenciado pelas pessoas negras a partir da segunda metade do século XIX. Os carnavais e bailes dos clubes sociais são o cenário central do debate, pois se tornaram palcos de disputas simbólicas e reorganização social, fortemente influenciados pelos critérios raciais e sociais que prevaleciam naquela sociedade da época.

Por fim, no último capítulo, exploro como os carnavais se tornaram o epicentro para evidenciar as diversas experiências de racialização, revelando como o clube se apresentou publicamente em momentos distintos. Além disso, enfatizo como essa festividade desempenhou um papel central na construção da identidade cultural, política e social da entidade, permitindo uma participação ativa das mulheres nas ações e decisões da agremiação. Apresento também como a criação de novos eventos no clube serviu como meio para preservar antigas práticas afro-brasileiras dentro de um contexto privado. Assim como um baile no Mundo Velho, convido os leitores a dançarem por estas próximas páginas, esperando que as palavras contidas aqui inspirem um ritmo para os olhos que irão acompanhar a grandiosa festa contida nesta história.

CAPÍTULO 1

Tecendo redes e tramas: família e poder em um Mundo Velho.

O MUNDO VELHO É COMO UMA FAMÍLIA

Ainda respirava ofegante, toquei a campainha e esperei a sócia me receber. Quando ela atendeu meu chamado na porta de casa, sorriu e me pediu para entrar. Naquele sábado, havíamos marcado duas entrevistas com antigos sócios do Mundo Velho. Ao entrar avistei os dois sócios mais idosos sentados na pequena sala conversando sobre a cidade. Me apresentei para um deles, que ainda não conhecia, e cumprimentei o outro, pois já havíamos nos encontrado em outras ocasiões. Depois de alguns minutos de conversa, me direcionei à varanda, onde me sentei. Eu e a anfitriã começamos a tratar sobre as situações que afligiam o clube naquele momento, que haviam ficado pendentes do nosso último encontro. Nesse momento, percebi uma movimentação na sala onde estavam os sócios e o marido da anfitriã saiu rapidamente para ajudá-los. Um deles estava com um pouco de mal estar, logo foi levado para o posto de saúde, não sendo possível fazer a entrevista que pretendia naquele dia. De imediato a sócia me tranquilizou:

— *Não se preocupe, não vamos poder fazer a entrevista hoje, mas depois marcamos com calma. Esses problemas de saúde dele sempre se agravam... ele está vivendo sozinho, mas sempre tem alguém lá na casa dele, você sabe, né, os mais velhos do clube sempre vão fazer uma visita para saber se ele está precisando de algo.*

Preocupado, perguntei:

— *Mas ele vai ficar bem?*

Ela, sorrindo, percebendo que eu ainda não havia entendido e me respondeu:

— *Vai sim, você entende, né... o Mundo Velho para eles é uma família, os sócios não deixam os outros sozinhos, sempre estão quando precisam.*

Nesse momento me deparei com a dimensão familiar que o clube tinha. Para além das relações sanguíneas e genealógicas que atravessavam a existência da instituição, ser parte do clube não significava apenas compartilhar um mesmo espaço, mas era tecer família, sendo a consanguinidade apenas um fator para formação desses vínculos.

Os caminhos que me conduziram ao Mundo Velho foram resultado de inúmeros encontros e reencontros com a cidade. Em várias ocasiões, me vi diante de encruzilhadas, onde cada escolha abria portas para novos caminhos. Essa condição de convergência enriqueceu minha pesquisa, proporcionando-me diferentes perspectivas e itinerários através dos documentos estudados. As relações estabelecidas com os habitantes atuais aguçaram meus sentidos para observar o passado, como se fosse um conselho que me indicava o que observar e por onde começar minha jornada.

Durante minhas visitas periódicas à sede de Sabará, ficou evidente que as relações sociais na cidade são amplamente influenciadas pela filiação a alguma família ou grupo local. Ao iniciar minha pesquisa, percebi que as pessoas sempre começavam os diálogos com duas perguntas-chave. A primeira era: "Você é de Sabará?" e, ao receber uma resposta afirmativa, logo emendavam com a segunda pergunta: "De qual família você é?" Essas questões não se limitavam a curiosidades triviais, mas sim representavam uma maneira de as pessoas identificarem minha posição dentro das intrincadas redes sociais que moldavam aquele espaço. Essas redes, como veremos ao examinar o passado, eram entrelaçadas principalmente pelas relações familiares. As pessoas se identificavam através das suas conexões familiares - filho, neto, sobrinho de alguém - e, com base nesse reconhecimento, estabeleciam seus laços pessoais.

Ao analisar as fontes sobre a fundação e consolidação do clube Mundo Velho, fica evidente a centralidade da família nas configurações sócio-históricas dessa associação. Tanto nas entrevistas como na documentação, os sócios eram identificados a partir dos grupos familiares a que pertenciam. Durante essas entrevistas, alguns grupos familiares eram prontamente reconhecidos como tradicionais dentro do clube. As relações entre essas famílias desempenharam um papel crucial no desenvolvimento de redes de relações afetivas que viabilizaram a ascensão e sobrevivência das pessoas negras em Sabará no período pós-abolição, além de serem mecanismos fundamentais na estruturação do clube enquanto instituição.

Para começar a tecer essa história, neste capítulo, analiso como as relações entre as famílias que faziam parte do Mundo Velho formaram diversas redes de sociabilidade e solidariedade entre seus membros. Meu objetivo é compreender como o clube mobilizou e articulou essas solidariedades familiares, permitindo a construção de uma noção expandida de parentesco negro em Sabará. O clube revelou-se como um

espaço ambíguo ao longo de todo o período estudado. Desde a sua fundação, a agremiação acolheu famílias notadamente brancas e mais abastadas da cidade, assim como famílias negras e pessoas em situação de vulnerabilidade social. Por um lado, protagonizou a articulação de diferentes estratégias adotadas pelos sócios negros para alcançar uma ascensão social e melhores condições de vida. Por outro lado, entre os sócios brancos, propiciou a manutenção da hierarquia social por meio de relações paternalistas.

As famílias negras que faziam parte do Mundo Velho estabeleceram laços muito estreitos com membros da elite local, seja através de relações afetivas ou de trabalho. Essa proximidade permitiu trocas e negociações que visavam alcançar melhores condições de vida na cidade. Dessa forma, meu objetivo é reconstruir uma parte dessa rede de relações criadas pelos sócios ao longo da primeira metade do século XX, a fim de compreender qual foi o papel delas na formação, organização e manutenção do clube como instituição.

Durante esse período, as interações entre as famílias negras e a elite local foram fundamentais para a consolidação do Mundo Velho. Essas conexões proporcionaram oportunidades para os sócios negros buscarem maior influência social e melhores oportunidades, ao mesmo tempo em que possibilitaram à agremiação manter-se como um espaço de união e resistência da comunidade negra em Sabará. Ao analisar essas relações, espero revelar como a colaboração entre diferentes segmentos sociais foi vital para a sustentação e sucesso do clube ao longo de sua trajetória histórica.

As entrevistas, os relatos de memorialistas, os registros eclesiásticos, cartoriais e as atas do clube foram fundamentais para que eu pudesse reconstruir, ainda que de forma parcial, algumas tramas sociais e familiares de significativa importância para a fundação, formalização e consolidação do Mundo Velho. Devido à disponibilidade dessas fontes, concentrei-me nas famílias que tiveram uma relação íntima com os primeiros anos do clube. Seguindo a abordagem do paradigma indiciário de Carlo Ginzburg, tracei os indícios e sinais contidos em alguns episódios singulares vivenciados por determinados sócios. Esses indícios me permitiram investigar uma realidade cultural, política e social mais profunda, que não deixou rastros documentais explícitos.⁴⁶

⁴⁶ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

As trajetórias familiares dentro e fora do clube foram essenciais para reconstruir as situações e momentos que moldaram o cenário cultural e social em que os sócios estavam inseridos no período pós-abolição.⁴⁷ Ao analisar minuciosamente a documentação disponível, pude reconstituir essas complexas teias de relações sociais e as trajetórias individuais e coletivas dos sócios. Esse processo possibilitou uma compreensão mais profunda das distintas estratégias e projetos adotados pelos membros do clube em diferentes momentos do recorte temporal abrangido pela pesquisa.⁴⁸

Através dessa análise, fui capaz de visualizar como as famílias e os indivíduos se entrelaçavam no contexto histórico do pós-abolição, revelando a influência do clube Mundo Velho na vida cotidiana dos seus membros. As narrativas e experiências desses sócios permitiram-me traçar um panorama mais abrangente dos desafios e oportunidades enfrentados pela comunidade negra na época, assim como dos esforços empregados para alcançar maior ascensão social e estabilidade em Sabará.

Nas primeiras entrevistas, é notável que os grupos familiares que constituíam o Mundo Velho eram identificados principalmente pelos patronímicos e sobrenomes, estando ligados à localidade onde seus primeiros membros residiam. Num segundo momento, esses grupos familiares começaram a ser associados a uma determinada classe social, que era definida pelas profissões que exerciam. Por fim, é possível identificar que eles emergiram vinculados a um grupo racial específico, cuja definição foi moldada por distintas experiências de racialização ao longo do século XX.⁴⁹

Portanto, as significações atribuídas às famílias no contexto do Mundo Velho estavam intimamente ligadas à localidade, às classes profissionais e aos grupos raciais

⁴⁷ GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais, morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

⁴⁸ GRENDI, Edoardo. *Microanálise e história social*. In: OLIVEIRA, M. R. & ALMEIDA, C. M. (orgs). *Exercícios de Microhistória*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2009.

⁴⁹ Na documentação escrita há um certo silenciamento em relação a identificação racial dos membros do Mundo Velho, entretanto, nas entrevistas com antigos membros do clube ou com seus familiares os sócios eram identificados como “Branços”, “pretos”, “negros”, “morenos” ou “mulatos” demonstrando diferentes memórias dos processos de racialização existentes em Sabará. Essas definições demonstram como a dimensão racial foi recordada por diferentes gerações e grupos sociais, por exemplo, entre as pessoas brancas e negras o termo geralmente utilizado para referir-se aos sócios era “pretos”, no qual enfatizavam o tom mais acentuado da pele. Entre famílias negras que detinham maior instrução, o termo utilizado era “negro”, o que denota certa ascensão o que os distanciava dos grupos menos instruídos. Já os termos “morenos” e “mulatos” eram acionados para aqueles membros que tinham um tom de pele mais claro e com uma certa instrução educacional. Nesse sentido, percebemos que as identificações raciais perpassam a critérios fenotípicos e de certa erudição, baseada na instrução educacional.

aos quais elas se identificavam ou eram identificadas. Esses aspectos desempenharam um papel de grande relevância nas configurações da associação. A família se destacava como uma dimensão poderosa de sociabilidade nos discursos e nas práticas dos membros da associação, desempenhando um papel central na "produção do clube". No entanto, é importante destacar que o entendimento de família nesse contexto não pode ser reduzido a um estudo meramente genealógico de parentesco, embora a genealogia seja um princípio metodológico valioso para compreender algumas dimensões das sociabilidades existentes no período.

A noção de família transcende as conexões sanguíneas, abrangendo também vínculos afetivos e relações sociais estabelecidas entre os sócios. Essas relações familiares ampliadas desempenharam um papel significativo na formação de laços de solidariedade e apoio dentro do clube. A partir dessas análises, torna-se possível compreender melhor como a família atuou como um alicerce fundamental na coesão e no desenvolvimento dessa associação ao longo do tempo. Nesse contexto, entende-se família como um conjunto de indivíduos de uma mesma linhagem sanguínea ou não, no entanto

mais do que pressupor a família como unidade de análise, as famílias são vistas como se fazendo e refazendo permanentemente umas diante das outras, em público – um público formado por famílias. [...] [o que nos permite falar] em familiarização e desfamiliarização [...] [sobre o pressuposto de que] os padrões de ação são também, sem descontinuidade, padrões de representação coletiva.⁵⁰

Abordo a família como um princípio relacional organizado em termos da produção de parentesco, com a capacidade de assumir diversas formas e definições nas dinâmicas de sociabilidade. Sua influência e conexões foram fundamentais para a organização do clube. O parentesco, por sua vez, é uma dimensão socialmente produzida, onde as pessoas são incorporadas à família através de uma linguagem moral e ritual. Essa linguagem moral e ritual se desenvolve a partir das relações entre os associados do clube, seguindo um determinado padrão de comportamento e compartilhamento de práticas culturais, o que possibilita o reconhecimento mútuo como parte de um grupo específico.

⁵⁰ COMERFORD, John Cunha. *Como uma família: Sociabilidade, territórios de parentesco e sindicato rural*. Editora RELUME DUMARÀ, Núcleo de antropologia da Política/UFRJ, Rio de Janeiro, 2003, p.10.

As famílias e sua identificação, a partir da localização, profissão e categoria racial, conformam verdadeiros mapeamentos sociais. Esses mapeamentos, como observado por John Comerford em seu estudo sobre família e sindicato, operam como “uma prática permanente de produção de referências mais ou menos contestáveis, que produzem um tipo de autoconhecimento dessa sociedade”.⁵¹

A análise e mapeamento de algumas tramas familiares revelaram que as relações entre as famílias que faziam parte do clube permitiram o desenvolvimento de redes de afeto, solidariedade e ações de proteção entre os associados. Desde a sua fundação, a instituição sempre foi um espaço ambíguo, onde coexistiam práticas de controle das antigas classes senhoriais e, ao mesmo tempo, oportunidades estratégicas para as pessoas negras ascenderem após a abolição da escravidão. As primeiras páginas dessa história quase se perderam completamente com o passar do tempo. No entanto, foi possível encontrar indícios e sinais dela através dos fragmentos da memória e escassos registros deixados pelos sócios. A partir desses elementos, podemos reconstruir as redes e conexões vividas pelos membros do Mundo Velho há mais de um século.

1.1. Retalhos de um mundo quase perdido: Poder, tramas familiares e sociabilidades no pós-abolição

No dia 18 de novembro de 1896, o jornal *O contemporâneo* anunciou, em uma nota na primeira página, a fundação da associação carnavalesca Club Mundo Velho. Nas palavras dos redatores, "a agremiação constituiu-se definitivamente" no dia 15 do mês corrente, quando seus membros, em reunião geral, discutiram e aprovaram o estatuto e elegeram sua primeira diretoria, composta por José de Paula Pertence como presidente, Eduardo Henrique Dias como secretário, Francisco Rosa Viterbo como tesoureiro, José Eloy de Souza como procurador e Francisco Maria Pereira como diretor-gerente. A curta publicação terminava com votos de prosperidade ao novo clube e parabenizava seus fundadores, que "sendo muito dedicados, muito poderiam fazer pelo seu benefício".⁵²

A diretoria eleita naquele 15 de novembro era composta por homens notórios da cena política e social local, formando uma pequena rede de influência. O presidente, José de Paula Pertence, era o quinto filho do casal Antônio de Paula Pertence e Anna

⁵¹ Aqui considero família todos os vínculos de suma importância para relações da época como, por exemplo, os laços de compadrio e afiliação religiosa. COMERFORD, J. op.cit. p. 34

⁵² BN, O Contemporâneo, 18 novembro de 1896, p.1.

Candida Sirqueira. Ele vivia com sua esposa Ana Cândida Magalhães e seus filhos em uma casa doada por seu pai, localizada no morro da intendência, logo atrás da igreja das Mercês.⁵³ De ascendência portuguesa, José de Paula Pertence recebeu uma sólida educação e instrução desde a juventude. Seguindo os passos de seu progenitor, tornou-se um ourives e estabeleceu sua própria oficina de joias na rua do Carmo.⁵⁴ Além de suas atividades profissionais, ele também desfrutava de uma participação ativa na vida pública da cidade. Era membro do corpo de jurados da câmara municipal e ocupava o posto de tenente na 4^o companhia do batalhão de infantaria da milícia cívica da região.

A história da família Pertence revela uma linhagem de influência na comunidade local. Seu pai, o alferes Antônio de Paula Pertence, desfrutava de uma longa atuação na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e na Santa Casa de Misericórdia. Seu irmão mais velho, Antônio de Paula Pertence Júnior, seguia os passos do pai na esfera pública, sendo proprietário do jornal *A Folha Sabarense* e já havia sido vereador do município em ocasiões anteriores. Além disso, seu irmão mais novo, Tobias de Paula Pertence, conquistou uma nomeação como juiz de paz da cidade naquele mesmo ano. A tradição de envolvimento na vida política e social da região também ocorria com outros membros da família. Adicionalmente, o padrinho de José, Antônio Firmino de Souza Roussin, havia sido vigário da paróquia com destaque para atuação como tesoureiro da Santa Casa de Misericórdia e presidente da intendência municipal em 1891. Em entrevista, Maria Spegar Pertence, neta de José de Paula Pertence, ao falar sobre as origens familiares, forneceu alguns indícios das relações políticas que sua família possuía

María Spegar: O meu avô era descendente de português de um lado e alemão do outro, porque o primeiro português o filho do Dom João VI, ele casou com uma Tahn que era da dona senhorinha mulher daquele que foi governador de Minas que até esqueci o nome.

Marlon – Casou com uma...

⁵³ CBG, Arrolamento do inventário de Antônio de Paula Pertence e Anna de Paula Pertence – CPON- I (69) 1249, 1921.

⁵⁴ CBG, Arrolamento do inventário de Antônio de Paula Pertence e Anna de Paula Pertence – CPON- I (69) 1249, 1921.

Spegar- Uma Tahn, é alemã. O sobrenome dela é Tahn. Então era Pertence com uma Tahn, então parece que é TAHN. A dona senhorinha eu lembro que ela ia muito lá em casa, porque o marido dela era governador de Minas.⁵⁵

No relato de Maria Spegar, há uma sobreposição de gerações. Na verdade, Dona Senhorinha, mencionada na entrevista, refere-se a Francisca Cândida Tamm, esposa do ex-governador de Minas Gerais, José Francisco Bias Fortes. Francisca era filha do engenheiro carioca Simão Gustavo Tamm e neta de Leonídia de Andrade Pertence. A união das famílias portuguesa e alemã ocorreu na segunda metade do século XIX, a partir do casamento de Leonidia de Andrade Pertence e Simon Tamm V, no Rio de Janeiro.⁵⁶ Maria Spegar comenta que a família se originou em Portugal e chegou ao Rio de Janeiro no início do século XIX. Ao analisar os registros da paróquia de Sacramento, no Rio de Janeiro, encontrei o tronco da família Pertence, à qual Francisca Tamm está vinculada, mas não foi possível relacionar qual era o grau de parentesco dela com os membros da família Pertence de Sabará.⁵⁷

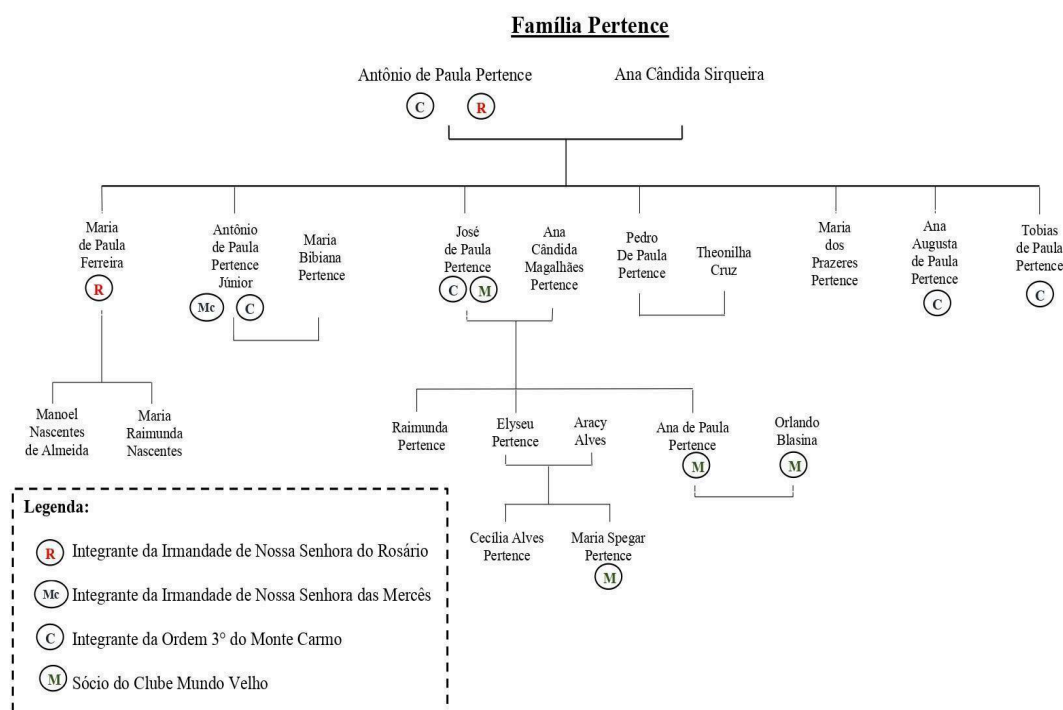


Figura 3: Genealogia Família Pertence:

⁵⁵ Maria Spegar Pertence na época da entrevista tinha 94 anos, é neta de José de Paula Pertence, morava em Belo Horizonte e se autodeclarava branca e participou do clube Mundo Velho quando criança, junto com os parentes. Entrevista de Maria Spegar Pertence, concedida em 9 de abril de 2019.

⁵⁶ Informações se encontram no site GeneaMinas disponível em: <https://www.geneaminas.com.br/genealogiamineira/descendentes.asp?codpessoa=27559&codenlace=1303175&somenteenlace=1> acesso em 18 de julho de 2021.

⁵⁷ Os arquivos paroquiais da cidade do Rio de Janeiro estão disponíveis no site Family Search, disponível em: <https://www.familysearch.org/search/image/index?owc=M6ZG-Y38%3A131775101%3Fcc%3D1719212> acessado em 21 de julho de 2021.

José de Paula Pertence destacou-se não apenas pela carreira política da família, que lhe conferiu notoriedade, mas também por sua ampla atuação em organizações culturais e religiosas de Sabará. Ele era um membro ativo da Ordem 3º do Monte Carmo, uma confraria de nobres que reunia indivíduos de alta linhagem ou com grande prestígio político e social, composta majoritariamente por pessoas de ascendência branca.⁵⁸ Ademais, alguns anos antes da fundação do clube, ele ocupou a presidência da Sociedade Musical Santa Cecília, uma associação tradicional de músicos na cidade. Além disso, teve um papel importante como tesoureiro fundador da Sociedade Musical Club Carlos Gomes.⁵⁹

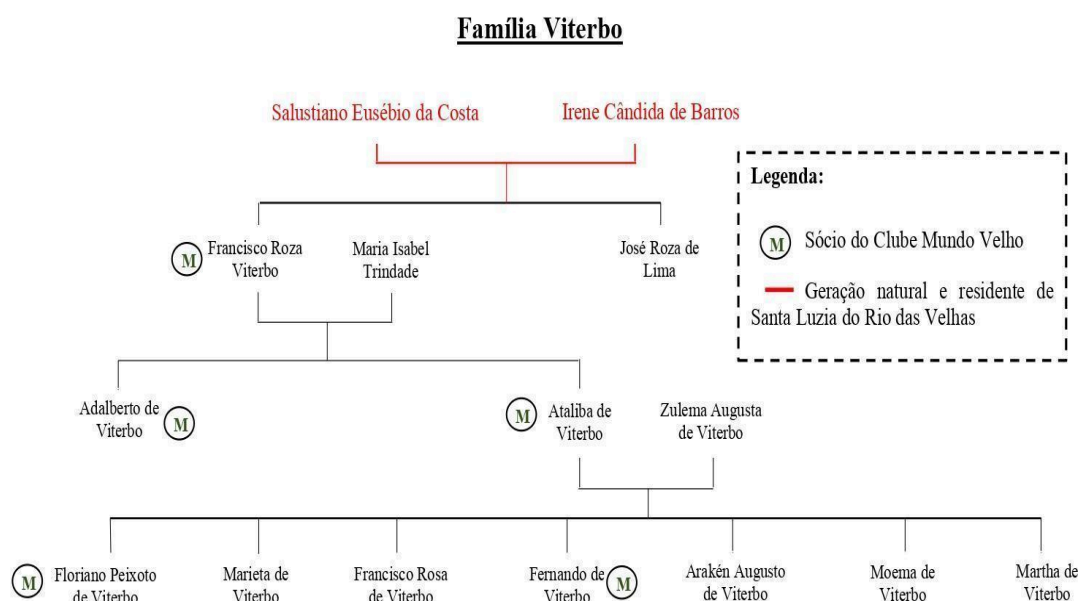


Figura 4: Genealogia Família Viterbo

Francisco Roza de Viterbo, o tesoureiro eleito, nasceu em Santa Luzia do Rio das Velhas e era denominado como pardo na documentação e nos relatos. Filho mais velho de Salustiano Euzébio da Costa e Irene Cândida de Barros, mudou-se para Sabará na década de 1880, onde casou-se com Maria Isabel da Trindade.⁶⁰ Ele era marceneiro e trabalhava em sua própria residência localizada na rua do Carmo, uma casa que ainda é habitada por seus descendentes até os dias de hoje.

⁵⁸ PASSOS, Zoroastro Vianna. Em torno da história do Sabará. Rio de Janeiro: Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1940. v.1.

⁵⁹ Sobre a presidência da Sociedade Musical Santa Cecília: BN, O Contemporâneo, Sabará, 23 de abr.1893, p.1. Fundação da Sociedade Musical Club Carlos Gomes: BN, O Contemporâneo, Sabará, 16 de abr.1893, p.1

⁶⁰ CRCS, Cartório de Registro Civil da Sede da Comarca de Sabará. Certidão de casamento de Francisco Roza Viterbo.

Em 1894, Francisco recebeu o título de alferes e passou a integrar a 4ª companhia de Cavalaria da milícia cívica da cidade. Além de suas obrigações militares, ele era assíduo nas reuniões da câmara municipal e, no ano seguinte, em 1895, tornou-se membro do partido União Sabarense. Seu irmão, José Roza de Lima, também tinha uma carreira pública, sendo o 1º suplente do delegado em Sabará. Em 1895, José foi transferido para exercer suas funções no Distrito de Villa Nova de Lima.

Com relação aos demais membros da diretoria, as informações são mais escassas. O diretor-gerente, Francisco Maria Pereira, desempenhava o papel de fiscal e jurado na câmara municipal, além de ocupar a posição de alferes no regimento da 4ª companhia de Cavalaria da milícia cívica da cidade. Sua família pertencia a uma classe de ourives e comerciantes que residiam na região, e eles também tiveram uma participação ativa na fundação e formalização do clube em 1896.

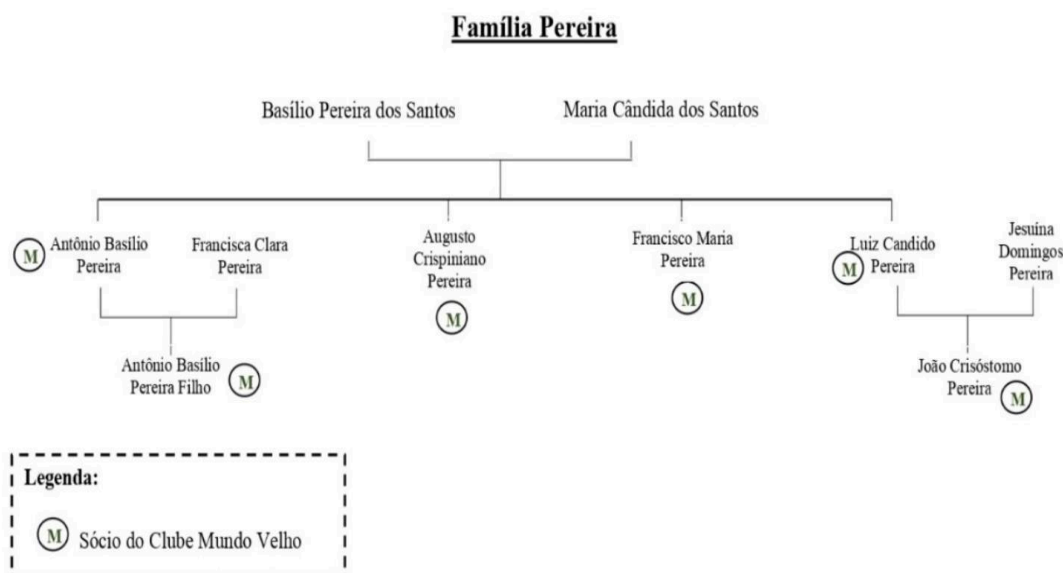


Figura 5: Genealogia Família Pereira

Eduardo Henrique Dias, além de ser secretário da câmara municipal, fazia parte da junta apuradora da comarca e também do júri. Além disso, era tenente no batalhão de infantaria da milícia cívica da região. Sua atuação não se limitava à esfera política, pois também tinha envolvimento com a Irmandade do Passo, onde atuava como consultor e secretário.

Por sua vez, José Eloy de Souza era um eleitor ativo e frequentava regularmente as reuniões da câmara municipal. Além disso, desempenhava o papel de zelador da capela de Nossa Senhora do Ó. Além de suas atividades religiosas, mantinha uma pequena criação de gado em uma fazenda próxima ao largo do Ó em frente à igreja.

Esses homens desempenhavam um papel de destaque na sociedade local, pois além de serem letrados, ocupavam cargos importantes na câmara municipal e participavam ativamente de diversas organizações culturais e religiosas. Além disso, ostentavam patentes militares na milícia cívica da comarca. Essa milícia cívica da comarca era uma extensão da guarda nacional, que se caracterizava como um corpo armado de cidadãos encarregado de manter a ordem no município. A guarda nacional, criada em 1831 durante o período regencial, tinha como principal objetivo defender o poder central, conter ameaças consideradas provenientes das "classes perigosas" e dispersar rebeliões ou revoltas.⁶¹

A análise de Maria Auxiliadora Faria sobre a nomeação de patentes da Guarda Nacional em Minas Gerais durante o século XIX oferece uma perspectiva interessante sobre o papel dessa instituição na consolidação do poder e prestígio das elites políticas locais. De acordo com a autora, a nomeação de patentes na Guarda Nacional não se limitava a uma função militar organizada. Ao contrário, essas patentes eram utilizadas como um meio para fortalecer as autoridades locais e reafirmar seu status na comunidade política. Os notáveis locais, que compunham a elite política da região, utilizavam a guarda como um instrumento para ampliar seu poder e influência.⁶²

A forma como a notícia da fundação foi divulgada deixa espaço para diferentes interpretações. Ao mencionar que a instituição "constituiu-se definitivamente" em novembro de 1896, o jornal sugere que a associação possivelmente já existia de forma informal na cidade antes de ser oficialmente estabelecida e/ou os redatores já tinham conhecimento das intenções dos sócios, mas enfatizaram os trâmites legais como o principal meio de reconhecimento. Essa abordagem ambígua do jornal permite considerar a possibilidade de que a associação tenha tido uma existência prévia, ainda que de forma não oficial, antes de sua formalização. Essa maneira de divulgar a notícia permite enxergar um contexto mais amplo da fundação da associação, considerando não apenas o momento da formalização, mas também o possível histórico prévio de atividades informais e o apoio existente dentro da comunidade para a criação dessa instituição.

⁶¹ FAUSTO, Boris. História do Brasil, 2ª edição. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1995.

⁶² FARIA, Maria Auxiliadora. A Guarda Nacional na Província de Minas Gerais (1831-1873). In: Revista Brasileira de Estudos Políticos. Belo Horizonte, n.º 49, jul. 1979, pp. 145-99.

A falta de informações detalhadas sobre a atuação do Clube Mundo Velho nos anos que se seguiram à sua fundação e a ausência de registros formais, como o primeiro estatuto, nos cartórios da cidade ou mesmo cópias anexadas para autorização de funcionamento nos arquivos policiais, tornam a compreensão de seus objetivos e propostas além dos desfiles carnavalescos um desafio. A falta de informações sobre o perfil dos sócios da primeira geração também é uma limitação, mas as duas fotografias dos desfiles realizados nos primeiros anos da agremiação podem oferecer algumas pistas sobre as características dos participantes.

É certo que o Clube Mundo Velho se tornou um clube predominantemente negro desde seus primeiros anos de existência, sendo composto por membros das classes populares. Nas entrevistas analisadas, a fundação da agremiação estava intimamente relacionada à luta da população negra para constituir espaços para os seus.⁶³ Sandra Talabar, filha de um ex-presidente do clube, comenta que a ideia de criar a agremiação surgiu a partir dos encontros dos grupos negros da cidade.

Sandra Talabar: Como surgiu o Clube Mundo Velho? José de Paula Pertence! Ele era cenógrafo do teatro de Sabará conhecedor de cultura e coragem, ouvia com a família os cantos dos negros que se reuniam ali no morro da intendência e avaliou aquela importância de riqueza dos cantos dos negros, né?! Eram bailes conhecidos como baile das violetas ou alguns falavam o batuque, era só os negros, e ele idealizou foi uma fonte de riqueza que ele quis aprimorar dando um certo apoio a esses encontros dos negros cantando e dançando e ele achou que deveria, né, fazer uma sede para que essas pessoas, os negros, tivessem um ponto de encontro com mais certeza, né?! Que eles alugavam casas, então tudo era muito difícil e eles não participavam de outras atividades na cidade não, então ele com uns amigos construiu uma sede, que está até hoje com o nome de clube Mundo Velho.⁶⁴

O trecho apresenta informações relevantes para a compreensão de como as hierarquias sociais, baseadas em critérios raciais, influenciaram as dinâmicas sociais e espaciais da cidade no final do século XIX. O 'baile das Violetas' ou 'batuque', mencionado por Sandra Talabar, era um dos principais locais de encontro da população negra e de baixa renda na virada do século. No entanto, é importante notar que ambos

⁶³ Fernanda de Oliveira da Silva ao estudar a formação de associações negras em Pelotas no Rio Grande do Sul no pós-Abolição defende que a criação desses espaços pela população negra era um meio de constituir locais que poderiam manter seus laços de identidade e estabelecer novas redes de sociabilidade para enfrentar a segregação racial. Para mais, ver: SILVA, Fernanda Oliveira da. Os Negros, a constituição de espaços para os seus e o entrelaçamento desses espaços – associações e identidades negras em Pelotas/Rs (1820/1943). PUC-RS. Dissertação de mestrado em História. 2011

⁶⁴ Sandra Talabar é residente do bairro siderúrgica próximo ao clube, se autodeclara "negra" e sua família atuou ativamente na gestão e organização do clube. Seu pai e irmão foram presidentes do clube nas décadas de 1970 e 1980, além de tios foram participantes do clube desde a década de 1930. Entrevista concedida por Sandra Talabar para José Ribamar, 14 de maio de 2015.

os termos usados para descrever esses encontros são originários de fontes externas e, por si só, refletem essas hierarquias. O termo "violeta", por exemplo, fazia alusão à flor de mesmo nome, que naquela época, em Sabará, era considerada um símbolo de humildade e frequentemente associada às pessoas mais pobres.⁶⁵

Martha Abreu faz uma advertência importante sobre como os folcloristas tratavam o termo "batusques" como uma denominação genérica para se referir às danças negras no Brasil, com variações de acordo com a região. No contexto específico do Rio de Janeiro, a autora define os batusques como uma dança de roda afro-brasileira, onde dançarinos solistas ou em pares, músicos e o público se reuniam em círculos. Durante as celebrações de batusques, ocorriam movimentos no centro das rodas que frequentemente envolviam "umbigadas", que eram realizadas quando o dançarino escolhia seu substituto, bem como "meneios violentos das ancas" e saracoteios "sensuais" do corpo, acompanhados por palmas e percussão dos tambores.⁶⁶

Para Minas Gerais, o viajante alemão Georg Wilhelm Freyreiss descreve o batuque como uma dança de roda, ritmada pelo compasso de uma viola em que “o dançador no centro, avança e bate com a barriga na barriga de outro na roda, de ordinário pessoa de outro sexo”.⁶⁷ Além da roda, a dança podia incluir outros elementos, como tambores e reco-recos.⁶⁸ Martha Abreu destaca que essas características do batuque em Minas Gerais são semelhantes aos relatos de viajantes sobre as regiões do Congo e Angola, sugerindo uma certa unanimidade em relação às suas origens.

De acordo com Paulo Henrique Alves, no século XIX, o batuque foi frequentemente confundido com o Lundu pelos viajantes, que tendiam a considerar ambas as manifestações como "batusques". Embora ambas as expressões estivessem relacionadas às danças afro-brasileiras, elas apresentavam algumas características

⁶⁵ O termo é explorado por Lurdes Guerra, que comenta que na virada do século o violeta era associado às pessoas mais humildes da cidade. GUERRA, Maria de Lurdes Machado. Nas ruas de Sabará. Ed: Sociedade Educacional e Cultural de Sabará, Sabará, 2014, pg.166

⁶⁶ ABREU, Martha. O império do divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900. Rio de Janeiro/ São Paulo: Nova Fronteira/FAPESP,1999, pg.276.

⁶⁷ FREYREISS, Georg Wilhelm. Viagem ao interior do Brasil. São Paulo: Editora Itatiaia, 1982, p. 138.

⁶⁸ Esses instrumentos são descritos nos batusques pelo viajante francês Auguste de Saint-Hilaire, que passou por Minas Gerais em 1816. Ver: SAINT-HILAIRE, Auguste. Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1938. Tomo I. p. 50.

distintas.⁶⁹ Segundo José Ramos Tinhorão, os lundus eram danças originárias das regiões do Congo e Angola, caracterizadas pela marcação das palmas, estalos de dedos, canto no estilo estrofe-refrão e a umbigada. O pesquisador afirma que o termo "lundu" teria sua origem em "Calundu", uma espécie de dança ritual religiosa africana que induzia um estado de possessão nos participantes, e que foi muito recorrente em Minas Gerais no século XVIII.⁷⁰

A pesquisa de Paulo Henrique Alves sobre o cenário musical em Ouro Preto no século XIX conclui que tanto o batuque quanto o lundu foram amplamente difundidos nos centros urbanos de Minas Gerais e também praticados pelas "classes superiores". Essas danças, apesar de suas origens afro-brasileiras, serviram como mecanismos de aproximação entre pessoas de diferentes condições sociais. Por meio da prática do batuque e do lundu, a comunidade urbana e suburbana de Ouro Preto construiu formas de convivência e coexistência, criando espaços de sociabilidade onde pessoas de diversas classes sociais podiam interagir.⁷¹

É interessante observar que pouco se sabe sobre os detalhes específicos dos batuques em Sabará, como sua periodicidade ou se tinham algum caráter religioso. O que se tem de informação é que esses eventos eram geralmente realizados nas partes altas da cidade, em casas alugadas ou nos terrenos de algum dos participantes, e eram compostos principalmente por pessoas negras. Esses bailes de batuque enfrentavam uma forte vigilância e repressão por parte das autoridades imperiais da época. No entanto, conforme Martha Abreu afirma, esses eventos também contavam com "caminhos de tolerância em meio a perspectivas de controle".⁷²

Apesar dos batuques poderem provocar aglomerações e tumultos, eles eram vistos pelas autoridades mineiras como menos propensos a causar danos físicos em comparação a outros folguedos da época. Por essa razão, era permitido que esses eventos acontecessem durante o dia em locais públicos, desde que houvesse

⁶⁹ ALVES, Paulo Henrique Pinto Coelho Rodrigues. *Bandas de música e o cenário musical de Vila Rica/Ouro Preto no século XIX*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. 284 p.

⁷⁰ TINHORÃO, José Ramos. *Música Popular de Índios, Negros e Mestiços*. Belo Horizonte: Editora Vozes, 1972. 176 p.

⁷¹ ALVES, P. op. cit. p.25

⁷² ABREU, M. op. cit. p.339

autorização da câmara municipal.⁷³ Segundo Regina Horta, os batuques também atraíam a presença de "gente de bem", o que significa que pessoas de diferentes classes sociais frequentavam essas festividades. O termo "gente de bem" se referia a membros da elite local, autoridades públicas e indivíduos pertencentes às famílias tradicionais brancas.⁷⁴ Embora oficialmente permitidos, os batuques geralmente eram organizados em terrenos particulares com o consentimento do proprietário do terreno. Além disso, contavam com a complacência dos vizinhos e das autoridades locais.

A escolha do Morro da Intendência como local para a realização dos batuques estava de acordo com as complacências mencionadas anteriormente. Essa região era uma ladeira que começava atrás da igreja de Nossa Senhora do Rosário e se estendia até a Igreja da Matriz. No final do século XIX, essa área era mais remota e densamente povoada, especialmente por homens e mulheres libertos, que após a Abolição da escravatura passaram a construir pequenas palhoças nesse local, a fim de não se distanciar da sede do município.⁷⁵

É correto afirmar que nem todos os moradores condenavam os batuques e que alguns até os protegiam. Para garantir a sobrevivência desses encontros culturais, os negros se uniam às pessoas da vizinhança, especialmente famílias de prestígio na cidade, buscando apoio e respaldo frente às autoridades. José de Paula Pertence pode ter sido um exemplo desse tipo de aliado. Ele era morador do Morro da Intendência, com sua casa localizada atrás da igreja das Mercês. Embora ele fosse atuante na Ordem 3º do Carmo, sua família tinha uma extensa trajetória em espaços associativos negros da cidade. Seu pai foi procurador da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário por mais de vinte anos, e seu irmão mais velho ocupou o cargo de ministro na Irmandade de Nossa Senhora das Mercês, outra confraria importante formada por homens pretos e pardos em Sabará. Esses laços institucionais estabelecidos por seus familiares criavam oportunidades para a formalização de relacionamentos pessoais

⁷³ARAÚJO, Patrícia Vargas Lopes de. *Folganças Populares: festejos de entrudo e carnaval em Minas Gerais no século XIX*. São Paulo: Annablume, 2008.

⁷⁴DUARTE, Regina Horta. *Noites Circenses: espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX*. Belo Horizonte: Fino Trato, 2018, p.94

⁷⁵ Esta parte alta da cidade é a região que compreende toda a zona acidentada atrás da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos até a antiga chácara do Lessa, hoje conhecida como Vila Esperança. Até o final do século XIX era uma região remota com poucas moradias, sendo ocupada por alguns libertos no pós-abolição e intensamente povoada a partir da década de 1950, quando a prefeitura iniciou o loteamento e urbanização do local. GUERRA, L. op. cit, p.122.

com pessoas negras, que também se replicavam e se reforçavam em vínculos profissionais, comerciais, jurídicos e até mesmo de compadrio na sociedade.⁷⁶

Essa rede de relacionamentos e apoios sociais possibilitava que a população negra encontrasse alguma proteção e suporte diante das restrições e proibições impostas às práticas culturais como os batuques. A colaboração entre diferentes grupos sociais, incluindo pessoas negras e famílias de prestígio, criava uma teia de conexões que ajudava a sustentar essas tradições culturais e a garantir sua continuidade em meio a um contexto de discriminação e repressão.

No entanto, no início da República, houve uma mudança significativa no cenário de tolerância aos batuques nas cidades mineiras. Em 9 de março de 1893, foi promulgado o decreto estadual 613, que estabelecia que nenhum grupo ou clube carnavalesco poderia percorrer as ruas das cidades e povoados sem uma licença prévia requerida ao chefe de polícia local, sob a responsabilidade dos diretores e/ou responsáveis.⁷⁷ Esse decreto já indicava um maior controle estatal sobre as festividades e manifestações culturais. Três anos depois, em janeiro de 1896, Alfredo Pinto Vieira de Melo, chefe de polícia do estado, vetou a renovação das autorizações para a execução dos batuques e proibiu as danças "sob qualquer teto, ainda mesmo em lugar ou sítio desabitado". Esse novo decreto intensificou o controle sobre os batuques e impôs restrições ainda mais rigorosas.⁷⁸ As penalidades para os infratores incluíam multas estipuladas pelas câmaras municipais e, em casos mais graves, a prisão dos participantes. Com essa legislação, os batuques ficaram sujeitos a perseguições legais e foram alvo de medidas repressivas por parte das autoridades.

A proibição dos batuques representou uma ameaça à continuidade dos espaços de encontro da comunidade negra e pobre em Sabará. No entanto, os frequentadores dessas festividades encontraram maneiras de contornar a situação e driblar as autoridades através do acionamento de redes de relações com pessoas influentes na política local. Além disso, eles passaram a aderir a outras formas de expressão e encontro no espaço público.

⁷⁶ O mesmo padrão de relação Mariza de Carvalho Soares verificou para as irmandades religiosas no Rio de Janeiro no século XVIII. Ver: SOARES, Mariza de Carvalho. *Devotos da cor: identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro, século XVIII*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2000.

⁷⁷ BN, Minas Gerais: Órgão oficial dos poderes do Estado, Ouro Preto, 10 de março 1893, p.4

⁷⁸ BN, Minas Gerais: Órgão oficial dos poderes do Estado, Ouro Preto, 18 de janeiro 1896, p.6

Conforme destacado por Eric Brasil, no final do século XIX, os grupos que conseguiam se aproximar de padrões tolerados, permitidos e valorizados pela polícia e pelas elites intelectuais obtinham maior autonomia e espaço de sobrevivência.⁷⁹ Uma dessas formas de sociabilidade aceitas no espaço público eram os festejos carnavalescos. Os clubes carnavalescos foram um dos principais meios de associação da população negra no pós-abolição, como mencionado por Lorena Gill e Ana Beatriz Loner. Esses clubes adotavam diferentes práticas festivas e instituíam espaços de auxílio mútuo entre seus participantes, por meio de associações legitimadas pelas autoridades legais.⁸⁰

De acordo com Peter Fry, o carnaval se tornou uma forma pela qual negros e pardos constituíram uma cidadania alternativa diante das repressões vivenciadas no cenário caótico da sociedade republicana. A formação de blocos carnavalescos, clubes teatrais e/ou esportivos serviu como espaços de articulação, sociabilidade e solidariedade para as comunidades negras. Além de promover eventos recreativos para a população, esses grupos também ofereciam serviços de assistência a crianças e adultos, criando uma extensa rede de relacionamentos, amizades, relações de compadrio e oportunidades de emprego e casamento.⁸¹ A relação com pessoas influentes e a formalização de um clube carnavalesco poderiam, assim, amenizar a repressão policial aos batuques e, ao mesmo tempo, justificar a presença das pessoas negras e pobres no espaço público cidadão.

A família Pereira Vieira era uma antiga família negra que organizava os batuques, lundus e festas católicas na cidade. Os batuques realizados no Morro da Intendência eram coordenados pelas irmãs Laura da Assunção Pereira e Madalena Pereira, bem como por outros membros de sua família, que residiam na rua do Carmo, próxima à igreja.⁸² Com a iminência da proibição e perseguição desses encontros, as

⁷⁹ BRASIL, Eric. Carnavais atlânticos: cidadania e cultura negra no pós-abolição. Rio de Janeiro e Port-of-Spain, Trinidad (1838-1920). Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Departamento de História, 2016. 338 f.

⁸⁰ As autoras citam que essas formas de organização eram comuns na cidade de Pelotas, no Estado do Rio Grande do Sul, e a filiação a esses grupos também eram comuns em outras localidades do país, como foi o caso de Minas Gerais e Bahia. LONER, Beatriz Ana & GILL, Lorena Almeida. Clubes Carnavalescos negros na cidade de Pelotas. Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 145-162, jan./jun. 2009.

⁸¹ FRY, P. et alli. “Negros e brancos no carnaval da Velha República”. In: REIS, João José (Orgs.). Escravidão e a invenção da liberdade. São Paulo: Brasiliense, 1988.

⁸² GUERRA, L. Op. Cit. p.71

irmãs provavelmente recorreram às suas redes familiares e de compadrio para contornar a situação.

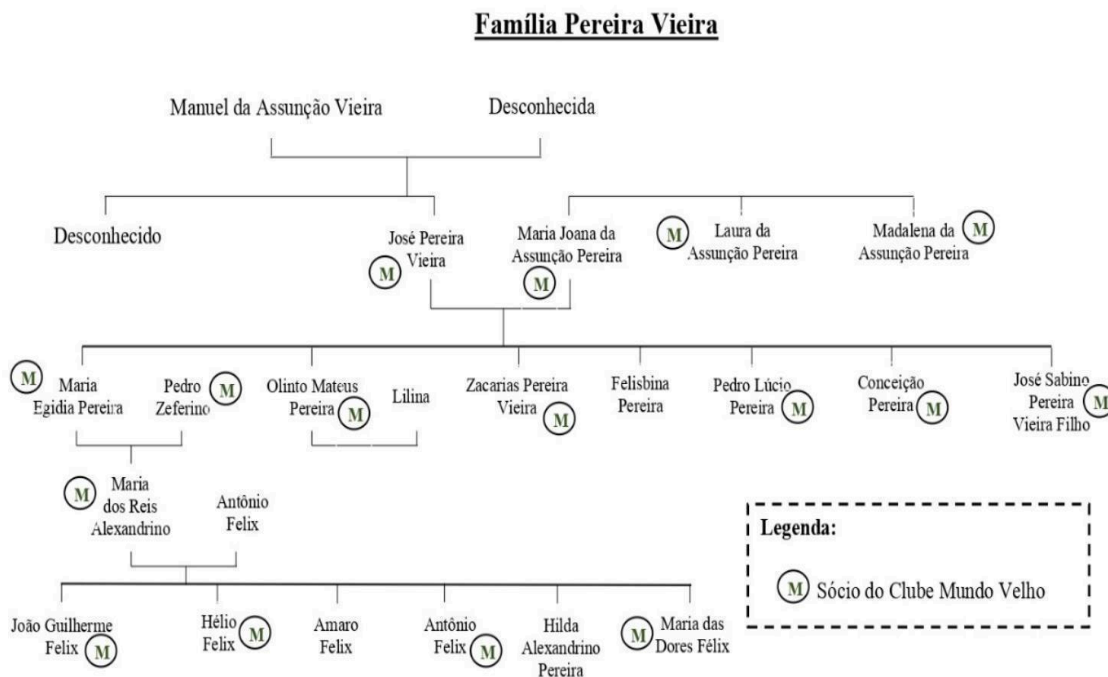


Figura 6: Genealogia Família Pereira Vieira

Seu cunhado, José Pereira Vieira, também era um frequentador dos batuques e exercia a profissão de alfaiate. Além disso, ele era eleitor da comarca de Sabará, o que lhe concedia uma extensa rede de relações pessoais com membros da elite política local. José era filho de Manuel da Assunção Vieira, capitão da embarcação "Brigue Elisa", que realizava viagens pelo Rio das Velhas na segunda metade do século XIX. Na juventude, ele acompanhava o pai nas navegações e recebia como pagamento a comida e cinco mil contos de réis. Durante uma passagem por Sabará em 1867, o viajante inglês Richard Burton descreveu os costumes do capitão Vieira e de seus filhos como semelhantes "aos seus antepassados indígenas". Eles tinham um "apetite de abissínios", chupavam cana-de-açúcar e "demonstravam energia ao tocar a buzina de chifre, herdada de seus selvagens antepassados".

Em relação à conexão dos tripulantes com as expressões musicais de matriz africana da época, o viajante relata que durante as noites, Vieira e seus filhos se dedicavam à música, utilizando a "bandurra", uma espécie de viola, e o "marimbau", descrito como uma "harpa rudimentar". Acredita-se que a bandurra fosse empregada para marcar o compasso nas apresentações de batuques e/ou lundus. Já o marimbau,

possivelmente relacionado ao berimbau, é um instrumento ainda presente nas rodas de capoeira na atualidade.⁸³

Após a redução das atividades de navegação no Rio das Velhas, José Pereira Vieira abriu uma alfaiataria no largo São Pedro, localizado no centro de Sabará. Casou-se com Maria Joana da Assunção Pereira, conhecida como Jajana, e juntos se mudaram para uma chácara próxima à cidade.⁸⁴ A profissão de alfaiate assumia uma posição estratégica na sociedade republicana da época. A alfaiataria se tornou um ponto de encontro para homens notáveis, que valorizavam vestimentas elegantes para participar de reuniões e eventos solenes na cidade.⁸⁵ Por meio dessa atividade, José teve a oportunidade de estabelecer contatos pessoais com membros da elite política local, o que lhe proporcionou o aprendizado de habilidades de leitura e escrita e, conseqüentemente, o acesso ao alistamento eleitoral da comarca. Essas conexões pessoais formalizaram uma rede de proteção e compromissos, fundamentais para a sobrevivência e a continuidade dos espaços de convivência da comunidade negra local.

1.2. As tramas e redes em ação

Um dos indícios da aproximação de José Pereira Vieira com a elite local foi a formalização de relações de compadrio. Em 1885, José convidou o procurador da câmara municipal, Antônio Augusto Araújo Vianna, e sua esposa, Rita Maria Figueiredo, para serem padrinhos de seu filho José Sabino Pereira Vieira.⁸⁶ Dois anos depois, o filho Zacarias foi batizado por José de Paula Pertence e sua esposa.⁸⁷ Esses atos de compadrio eram muito significativos na época, como ressaltado por Maria Isaura Pereira de Queiroz, pois estabeleciam laços de parentesco espiritual tão fortes quanto os de sangue.⁸⁸ Em uma sociedade católica como a de Sabará, o batismo

⁸³ Trechos retirados do relato de viagem de Richard Burton, págs. 13-15. *Viagem de canoa de Sabará ao oceano atlântico* [por] Richard Burton: apresentação e notas de Mário Guimarães Ferri: tradução de David Jardim Júnior. Belho Horizonte, Ed. Itatiaia: São Paulo. Ed. Da Universidade de São Paulo, 1977.

⁸⁴ GUERRA, L. Op. Cit. p.245

⁸⁵ Ibidem.

⁸⁶ "Brasil, Minas Gerais, Registros da Igreja Católica, 1706-1999," database with images, FamilySearch (<https://familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-D3CC-Y?cc=2177275&wc=M5FDW38%3A370847301%2C369593702%2C370961201> : 22 May 2014), Sabará > Nossa Senhora da Conceição > Batismos 1866-1890 > image 174 of 218; Paróquias Católicas (Catholic Church parishes), Minas Gerais.

⁸⁷ "Brasil, Minas Gerais, Registros da Igreja Católica, 1706-1999," database with images, FamilySearch (<https://familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-D3C4-6?cc=2177275&wc=M5FDW38%3A370847301%2C369593702%2C370961201> : 22 May 2014), Sabará > Nossa Senhora da Conceição > Batismos 1866-1890 > image 190 of 218; Paróquias Católicas (Catholic Church parishes), Minas Gerais.

⁸⁸ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. O Mandonismo local na vida política brasileira e outros ensaios. São Paulo: Alfa-Omega, 1976. p.76

sacramental criava uma proximidade entre afilhados e padrinhos similar à de pais e padrinhos, ampliando a noção de família para além dos limites de uma única residência.⁸⁹

Edinélia Maria Oliveira Souza comenta que, especialmente no contexto pós-abolição, as relações de compadrio assumiam um papel crucial, pois uniam grupos hierarquicamente desiguais, proporcionando compromissos mútuos e evitando constrangimentos. Além disso, essas conexões aumentavam a rede de proteção, prestígio e poder dentro da hierarquia social. Dessa forma, o compadrio era uma ferramenta importante para as famílias negras buscarem maior reconhecimento e oportunidades na sociedade, superando desigualdades e fortalecendo suas posições em meio às adversidades enfrentadas após a abolição da escravatura.⁹⁰

Ana Lugão Rios também enfatiza que essas estratégias de aproximação adotadas pelas famílias negras e interação com a elite permitiam que a família negra superasse alguns dos desafios impostos pela discriminação racial. Além disso, essas estratégias permitiam que pessoas negras construíssem uma rede de proteção e apoio que contribuía para sua sobrevivência e sucesso em um contexto pós-abolição, onde ainda prevaleciam profundas desigualdades sociais.⁹¹

As redes de compadrio estabelecidas por José Pereira Vieira podem ter desempenhado um papel fundamental na superação das dificuldades enfrentadas pelos batuques naquela época. Seu compadre, José de Paula Pertence, era bem familiarizado com esses encontros e contava com uma extensa rede de amigos, o que possibilitava a criação de alternativas viáveis para contornar a proibição. Uma dessas alternativas poderia ser a formalização do clube carnavalesco. Ao narrar a fundação do clube Mundo Velho, Maria Spegar Pertence traz à tona informações valiosas sobre as relações que seu avô, José Pertence, mantinha com pessoas negras e libertas no final do século XIX.

⁸⁹ GUEDEMAN, Stephen; SCHWARTZ, Stuart. “Purgando o pecado original: compadrio e batismo de escravos na Bahia no século XVIII”, In: REIS, João José (Org.) *Escravidão e Invenção da Liberdade. Estudos sobre o negro no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

⁹⁰ SOUZA, Edinélia Maria Oliveira. *Compadrio e sociabilidades na Bahia pós-abolição. Anais do XVI. Encontro regional de História da Anpuh-Rio: Saberes e práticas científicas*. Disponível em: http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1400287410_ARQUIVO_COMPADRIOESO_CIABILIDADESNABAHIAPOS-ABOLICAO.pdf Acesso em 29 de julho de 2021.

⁹¹ RIOS, Ana Maria Lugão. *Família e transição: famílias negras em Paraíba do Sul, 1870-1920*. Niterói: 1990. 280p. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de História da Universidade Federal Fluminense.

Meu avô, ele gostava muito dos pretos, ele era ourives também. O sogro dele que era o pai da minha avó tinha uma oficina de ourives muito grande fábrica mesmo de joia artesanal e tinha muitos escravos...com o termino da escravidão... com a abolição da escravidão o meu bisavô ele falava “como que eu vou fazer com esse povo todo aqui eu não tenho dinheiro para pagar salário deles todos.” Aí juntou os filhos que era uma família muito grande e ele distribuiu para cada filho um casal ou dois escravos e distribuiu...eles trabalhavam em casa pros filhos dele e trabalhava na oficina também e meu avô então gostava muito desses pretos que trabalhavam com ele, e ele tinha também oficina de ourives que ele também era artesão, então e ele revoltou com esse negócio do Padre Marques e falou – Padre Marques que negócio é esse que você fez clube pra branco e ocê esqueceu dos pretos porque que os pretos não merecem um clube como os brancos merecem?⁹²

O relato de Maria Spegar apresenta dois pontos importantes que merecem reflexão. O primeiro diz respeito à elaboração filantrópica que ela faz das figuras de seu avô e bisavô. Essa narrativa constrói a imagem de um "senhor bondoso" que se compadece de seus escravos e ex-escravos, uma retórica comum nos relatos de famílias da elite e com histórico de descendência senhorial. Ao mencionar o apreço que José de Paula Pertence tinha pelos negros, Maria Spegar destaca que esses laços estavam enraizados nas antigas relações estabelecidas por seus familiares durante o período de escravidão. Essas relações não se encerraram com a abolição, mas persistiram no período pós-abolição, mantendo uma continuidade na forma como as famílias de elites se relacionavam com seus ex-escravizados.

O sogro de José, citado por Maria Spegar, era o alferes Antônio Cândido de Magalhães, um importante ourives da cidade no fim do século XIX. Sua oficina de joias se localizava na rua do Carmo e, ao que tudo indica, manteve sua escravaria até o período próximo à abolição.⁹³ Ao receber os ex-escravos de seu sogro, José realizava, na narrativa de Maria Spegar, uma espécie de favor as pessoas recém-egressas da escravidão. A oferta de emprego permitia-lhes manter-se na cidade e dava possibilidades de alcançar bens materiais. No entanto, é importante notar que essa oferta de emprego também perpetuava relações de subserviência, pois essas pessoas provavelmente eram submetidas a funções similares àquelas que realizavam durante o período da escravidão.

Segundo Roberto Schwarz, a elite utilizou o favor como um meio para manter a dependência dos homens livres sob seus interesses. O autor argumenta que a colonização resultou na existência do latifundiário, do escravo e do homem livre,

⁹² Entrevista de Maria Spegar Pertence, concedida em 09 de abril de 2019.

⁹³ GUERRA, L. Op. cit p.44

sendo este último ainda dependente. Para o homem livre, sua participação na vida social e o acesso a bens materiais dependiam, de forma direta ou indireta, do favor concedido por alguém de uma classe mais abastada que a sua.⁹⁴ Hebe Mattos destaca que o momento da abolição foi marcado pela tensão entre a preservação de certas lógicas de submissão e subserviência e o estabelecimento de novas formas de relação entre os antigos senhores e os ex-escravos. A autora afirma que a dependência pessoal era o elo básico que inseria os "homens livres pobres" na ordem escravista. Mesmo após a liberação da escravidão, o liberto ainda mantinha relações com a família de seu ex-senhor, apesar de ter maior mobilidade social e espacial. Isso ocorria em parte devido a um pensamento moral que atribuía ao liberto um sentimento de gratidão em relação ao seu antigo dono, pois este lhe concedera a liberdade e a oportunidade de se inserir na sociedade.⁹⁵

De acordo com Marileide Lázara Cassoli, a abolição não foi apenas um marco, mas um conector de relações pré-estabelecidas ainda no cativeiro. As relações delineadas no pós-abolição se configuraram como elementos conectores entre as experiências vivenciadas na escravidão.⁹⁶ O modelo patriarcal de família, herdado da escravidão, desempenhou um papel significativo, pois os ex-escravos e seus familiares permaneciam ligados à família de seu antigo senhor por meio de laços afetivos e favores. Ângela de Castro Gomes ressalta que essas relações sociais, fundamentadas na dependência, persistiram nos períodos subsequentes à abolição, moldando a formação de uma sociedade na qual predominavam as relações pessoais, profundamente marcadas por traços de pessoalização, afetividade, particularismo e clientelismo.⁹⁷

Na entrevista de Maria Spegar, o segundo ponto abordado diz respeito ao motivo e ao contexto que levaram à formação do clube. De acordo com a narrativa de Spegar, o profundo apreço que José Pertence tinha pelos negros resultou em um desentendimento com o padre em relação à criação de um clube exclusivo para brancos. O padre português José Antônio Marques chegou a Sabará em 1911 e

⁹⁴ SCHWARZ, Roberto. As ideias fora do lugar. In: SCHWARZ, Roberto. Ao vencedor as batatas: Forma literária e processo social nos inícios dos romances brasileiros. São Paulo: Duas cidades, 2000.

⁹⁵ MATTOS, Hebe Maria. Das cores do silêncio: os significados da liberdade no sudeste escravista, Brasil século XIX. 2 ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998.

⁹⁶ CASSOLI, Marileide Lázara. *A construção da liberdade: vivências da escravidão e do pós-abolição*. Jundiaí, SP. 2017. 356 p.

⁹⁷ GOMES, Ângela de Castro. A dialética da tradição. Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo, n. 12, vol. 5, fev. 1990.

permaneceu na cidade por quinze anos.⁹⁸ Como será detalhado no próximo capítulo, o clube mencionado na entrevista refere-se ao Clube Carnavalesco Sabará, fundado pelo padre Marques duas décadas após a criação do Mundo Velho.

Maria Spegar, tendo nascido em 1924, não vivenciou pessoalmente o momento da fundação dos clubes Mundo Velho e Sabará, tampouco teve a oportunidade de conviver com seu avô, José Pertence. A narrativa que ela compartilha baseia-se em memórias de familiares e nas experiências vividas em sua juventude durante as décadas de 1920 e 1930. Nessa época, as características raciais desempenhavam um papel determinante na formação e participação dos sócios nos clubes sociais e carnavalescos da cidade. Lucília Delgado argumenta que a memória “é inseparável da vivência da temporalidade, do fluir do tempo e do entrecruzamento de tempos múltiplos.” Ela “atualiza o tempo passado, tornando-o tempo vivo e pleno de significados do presente.”⁹⁹

Para Marieta Ferreira, a memória “é construção do passado pautada por emoções e vivências. É flexível e os eventos são lembrados à luz da experiência subsequente e das necessidades do presente”.¹⁰⁰ A narrativa de Maria Spegar é o resultado da interseção de várias lembranças e experiências da entrevistada, influenciadas também pelas intencionalidades presentes nas perguntas da pesquisa, que tinha como objetivo reconstituir a fundação e vivência dos sócios do Mundo Velho na primeira década do século XX. Margarida Neves destaca que “na memória se entrelaçam registros e invenção; fidelidade e mobilidade; dado e construção; história e ficção; revelação e ocultação”. Durante o momento da entrevista, a memória busca uma coerência narrativa, o que leva a um entrelaçamento das lembranças do que foi vivido com elementos da imaginação pautados nas experiências e perspectivas do próprio entrevistado.¹⁰¹

Embora não tenha sido confirmada a situação de revolta de José Pertence com padre Marques, é possível inferir suas intenções ao formalizar um clube carnavalesco

⁹⁸ GUERRA, L. op. cit p.99

⁹⁹ DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p.38

¹⁰⁰ FERREIRA, Marieta Morais. História do Tempo Presente: desafios. *Cultura Vozes* v. 94, n. 3. Petrópolis: Vozes, 2000.p.111

¹⁰¹ NEVES, Margarida de Souza. História e Memória: os jogos da memória. In: MATTOS, Ilmar Rohloff (org.). *Ler e escrever para contar: documentação, historiografia e formação do historiador*. Rio de Janeiro: Access, 1998. p.67

destinado às pessoas negras daquele período. Fazer parte da diretoria do clube poderia ter servido como uma forma de reafirmar seus compromissos com seu compadre e a comunidade negra local, que enfrentava a ameaça de perder os batuques. Além disso, assumir uma posição de liderança no clube poderia ter implicações em seu prestígio e poder na hierarquia social de Sabará. A presidência do clube poderia estender suas relações de autoridade do âmbito doméstico-familiar para a esfera civil e política da sociedade. Ao reconhecer o direito dos grupos segregados a participarem da vida social urbana através da criação do clube, José Pertence poderia manter relações baseadas no clientelismo. Nesse contexto, as pessoas eram induzidas a adotarem "comportamentos automáticos" de submissão por meio de lealdade, respeito e favores concedidos por José.

José Pertence era artista. Foi cenógrafo do teatro de Sabará e presidente da Sociedade Musical Santa Cecília. Durante os meses que antecederam a promulgação da lei Áurea ajudou ativamente Luiz Cassiano Pereira Junior, membro do movimento abolicionista da cidade, a organizar diversos espetáculos teatrais a favor da abolição. A ideia de formalizar o clube também poderia partir dessas filiações ideológicas, bem como a necessidade de manter as relações paternalistas e de favor com as pessoas negras, sem ser, necessariamente, uma contradição.

Há uma situação semelhante entre os demais membros da diretoria. Nos relatos de Sandra Talabar e Maria Spegar, é mencionado que o clube foi concebido por José de Paula Pertence, mas foi Francisco Roza Viterbo, o tesoureiro, quem incentivou sua formalização em 1896.¹⁰² Francisco, também conhecido como Chico Roza, era filiado ao partido União Sabarense e ambicionava uma carreira na política local. Já no ano seguinte à fundação do clube, ele se candidatou ao cargo de vereador do distrito da Lapa. Sua atuação pública na sociedade carnavalesca e sua proximidade com os grupos populares possibilitariam maior reconhecimento no cenário político local, oferecendo-lhe a oportunidade de alcançar o cargo pretendido.

Por outro lado, Chico Roza era pardo e havia se instalado na cidade há pouco mais de uma década. Segundo Hebe Mattos, o termo pardo na sociedade escravista imperial era usado como uma forma de registrar uma diferenciação social variável conforme o

¹⁰² Nas entrevistas e conversas com Sandra Talabar e Maria Spegar Pertence, as duas afirmam que Chico Roza foi o maior entusiasta para a construção do clube. Sandra rememora as palavras de Francisco, através de seu filho Ataliba, em que dizia: "Vamos fazer, vamos fazer!".

caso, na condição mais geral de não-branco. O termo referia-se a descendentes de homens livres (brancos), homens nascidos livres ou que trouxessem a marca da ascendência africana. Esses atributos conferiam aos pardos uma inserção intermediária na estrutura social racializada da época, em que tal qualitativo sintetizava a conjunção entre classificação racial e social no mundo escravista e também nos primeiros anos após a Abolição.¹⁰³ Mesmo que Chico Roza tivesse alcançado determinado status social, possivelmente sofreu as mazelas do preconceito racial e social ainda presentes na sociedade sabarense.

É importante ressaltar que Chico Roza, além de ser um líder atuante na sociedade carnavalesca e aspirante a uma carreira política, também enfrentava desafios ligados à sua identidade racial. Ele era classificado como "pardo" na sociedade escravista imperial, uma categoria que abrangia pessoas não-brancas, como descendentes de homens livres brancos, homens nascidos livres ou aqueles com ascendência africana. Essa classificação implicava em uma posição intermediária na estrutura social racializada da época, onde a cor da pele e a origem étnica desempenhavam um papel significativo na percepção e tratamento das pessoas.¹⁰⁴ Mesmo que Chico Roza tivesse alcançado certo status social, é provável que tenha enfrentado os impactos do preconceito racial e social que ainda persistiam na sociedade sabarense.

Na câmara, Chico Roza se aproximou de outros homens na mesma condição racial que ele, destacando-se entre eles Luiz Cassiano Martins Pereira.¹⁰⁵ Luiz era advogado e redator do jornal *O Contemporâneo*. Filho do português Major Cassiano Pereira e de uma ex-escrava, era mulato e de origem humilde, assim como Chico Roza. Ambos eram letrados e frequentavam a intelectualidade local, mas ao longo de suas vidas, enfrentaram o estigma de serem homens de cor em uma sociedade marcada pelo preconceito racial, que advinha do período da escravidão.¹⁰⁶ Nesse contexto, o interesse de Chico em formalizar o clube O Mundo Velho também se relacionava à

¹⁰³ MATTOS, H. Op. Cit.

¹⁰⁴ MATTOS, H. Op. Cit.

¹⁰⁵ Luiz Cassiano foi um dos principais articuladores da candidatura de Francisco Roza Viterbo em 1897. Era redator chefe do "O Contemporâneo" e nas páginas do jornal advogou a favor da figura de Francisco para o cargo de vereador do distrito da Lapa. Ver o artigo "Eleição municipal" disponível em: *O Contemporâneo*, Sabará, 24 out. 1897, p.1. Há palavras destinadas ao candidato no artigo "A victoria" disponível em: *APM, O Contemporâneo*, Sabará, 08 nov.1897, p.1.

¹⁰⁶ DUARTE, Regina Horta. *A imagem rebelde: a trajetória libertária de Avelino Fóscolo*. 1988. 230 f. Dissertação (mestrado)-Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, MG. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/279053> Acesso em: 13 jul. 2021.

identificação e proximidade com as condições e situações vivenciadas pelas pessoas negras da época.

A formalização do Clube naquele 15 de novembro de 1896 parece ter sido a convergência de interesses em comum de diferentes grupos sociais. Por um lado, os homens notórios viam na criação da sociedade carnavalesca uma oportunidade de manter ou aumentar seu status social na cidade. Por outro lado, os integrantes dos batuques aspiravam, por meio da formalização do clube, a expandir seus horizontes de tolerância em meio às perspectivas de controle da sociedade republicana.

A inserção de pessoas reconhecidas no meio público em associações majoritariamente negras não era exclusiva do Mundo Velho. De acordo com Leonardo Affonso Pereira, as associações desse tipo no período buscavam atrair comerciantes e autoridades locais para a sua diretoria, visando proteger-se do arbítrio policial ou de outras autoridades e garantir sua sobrevivência dentro das malhas do paternalismo. As pessoas que se associavam a essas agremiações estavam cientes das possibilidades de liberdade e autonomia que poderiam ser alcançadas dentro da ordem republicana.¹⁰⁷

A escolha cuidadosa dos sócios para a diretoria não foi por acaso. Por exemplo, José Pertence, além de ser respeitado pelas autoridades locais, tinha experiência em outras diretorias de clubes e associações da cidade. O mesmo acontecia com os outros cargos, como Eduardo Henrique Dias e Francisco Maria Pereira, que ocupavam as funções de secretário e fiscal da câmara municipal, respectivamente. O conhecimento administrativo dessas pessoas permitia que o clube tivesse uma melhor organização e fosse aceito pelas autoridades policiais.

A estratégia de agregar autoridades e comerciantes na diretoria se manteve nos anos subsequentes à fundação do clube. Em 1899, foi eleito presidente Francisco de Paula Ramos, amigo de José Paula Pertence.¹⁰⁸ Conhecido como Chico de Rita, devido ao nome de sua mãe, Francisco era pedreiro e morava em uma pequena casa na rua do Carmo com sua esposa Maria do Carmo Ramos. Prestava serviços à Ordem Terceira do Monte Carmo como zelador e integrava a Sociedade Musical Santa Cecília.¹⁰⁹

¹⁰⁷ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Os Anjos da Meia-Noite: trabalhadores, lazer e direitos no Rio de Janeiro da Primeira República. *Tempo*, v. 19, n. 35, p. 97–116, 2013

¹⁰⁸ AST, Lista de Presidentes do Clube Mundo Velho.

¹⁰⁹ GUERRA, Maria de Lurdes Machado. *Nas ruas de Sabará*. Ed: Sociedade Educacional e Cultural de Sabará, Sabará, 2014

Também era assíduo nas reuniões da câmara municipal, se candidatou para o cargo de deputado no ano de 1890 e foi procurador do partido republicano União Sabarense em 1903.¹¹⁰ Devido a impossibilidade de acesso às fontes, não temos muitas informações sobre a atuação do Mundo Velho e da sua diretoria nas primeiras décadas do século XX. Maria Spegar Pertence ao ser questionada sobre a atuação do clube nessa época, comenta.

A estratégia de agregar autoridades e comerciantes na diretoria do Mundo Velho continuou nos anos seguintes à fundação do clube. Em 1899, Francisco de Paula Ramos, conhecido como Chico de Rita por causa do nome de sua mãe, foi eleito presidente do clube.¹¹¹ Francisco era pedreiro e vivia com sua esposa, Maria do Carmo Ramos, em uma pequena casa na rua do Carmo. Além de sua atuação no Mundo Velho, Francisco prestava serviços como zelador à Ordem Terceira do Monte Carmo e era membro da Sociedade Musical Santa Cecília.¹¹² Ele também participava regularmente das reuniões da câmara municipal e se candidatou para o cargo de deputado no ano de 1890. Em 1903, assumiu o papel de procurador do partido republicano União Sabarense.¹¹³ Infelizmente, devido à falta de acesso a fontes, há poucas informações disponíveis sobre a atuação do Mundo Velho e de sua diretoria nas primeiras décadas do século XX. Maria Spegar Pertence, ao ser questionada sobre a atuação do clube nessa época, comenta

[...] eles saiam no carnaval, mas eles faziam era o reinado sabe?! Os primeiros. isso eu era criança ainda lembro do reinado... Isso durante as festas do carnaval é, agora durante o ano todo eles faziam os bailes, os bailes eram feitos nas casas dos pretos cada dia numa casa, porque não tinha sede. Então isso ficou muito tempo assim, aí foi morrendo presidente, diretoria essa coisa e Mundo Velho teve fechado durante uns tempos [...]¹¹⁴

De acordo com a entrevistada, na época, o papel da diretoria do Mundo Velho era organizar os desfiles carnavalescos quando ocorriam e cuidar dos trâmites burocráticos relacionados ao clube. Além disso, os bailes e encontros sociais aconteciam nas casas dos associados “pretos”, o que indica que a criação do clube desempenhou um papel importante na manutenção dos espaços recreativos e de encontro da comunidade negra na cidade. Embora não se tenha informações detalhadas sobre a natureza desses bailes,

¹¹⁰ BN, O Contemporâneo, Sabará, 01 maio de 1903, p.3

¹¹¹ AST, Lista de Presidentes do Clube Mundo Velho.

¹¹² GUERRA, Maria de Lurdes Machado. Nas ruas de Sabará. Ed: Sociedade Educacional e Cultural de Sabará, Sabará, 2014

¹¹³ BN, O Contemporâneo, Sabará, 01 maio de 1903, p.3

¹¹⁴ Entrevista de Maria Spegar Pertence, concedida em 09 de abril de 2019.

sua frequência ou como eram realizados, é certo que sua continuidade dependia, principalmente, da manutenção da legalidade do clube. Manter o clube formalizado e em conformidade com as leis da época era fundamental para garantir a realização desses eventos e a existência contínua dos espaços de sociabilidade para a comunidade negra.

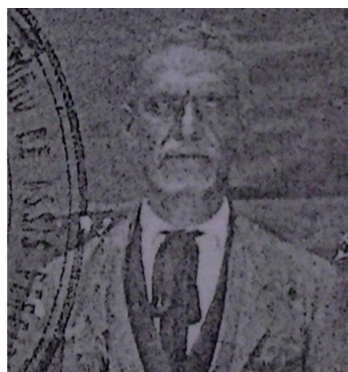


Figura 7: Antônio Basílio Pereira. Acervo de Sandra Talabar, sem data.

A escolha de Antônio Basílio Pereira como sucessor de Francisco Ramos foi um reflexo da forte presença de grupos familiares no Mundo Velho.¹¹⁵ Antônio era um comerciante e proprietário de um botequim localizado na Rua Marquês de Sapucaí (antigo prolongamento da Rua do Carmo). Em seu estabelecimento, ele vendia uma variedade de bebidas, aguardentes, salgados, doces e balas.

Sidney Chalhoub menciona que os quiosques e botequins eram importantes espaços de lazer para as pessoas negras e de baixa renda durante a primeira república. Além de serem locais de encontro e sociabilidade, esses estabelecimentos também desempenhavam um papel crucial na distribuição de alimentos para a população de menor poder aquisitivo. Nos botequins, os frequentadores não apenas encontravam alimentos e bebidas, mas também estabeleciam laços afetivos e de respeito com os proprietários. Antônio Basílio Pereira, como dono de um desses botequins, provavelmente desenvolveu relações de proximidade e confiança com os frequentadores do seu estabelecimento.

Os bares ou botequins desempenhavam um papel fundamental na criação de redes sociais e afetivas, especialmente entre os trabalhadores e indivíduos que, na visão das autoridades da época, eram considerados "vadios" e "perniciosos". Esses

¹¹⁵ Antônio Basílio Pereira era irmão de Francisco Maria Pereira, o primeiro diretor-gerente do clube.

estabelecimentos eram locais de lazer para os pobres urbanos, onde podiam se reunir, socializar e compartilhar conversas informais ao redor de mesas ou encostados no balcão, enquanto tomavam café, cachaça, cerveja ou doses de vinho barato. Nos bares, os frequentadores estabeleciam relações de solidariedade, amizades e companheirismo, mas também poderiam surgir animosidades e hostilidades. Esses locais eram espaços de convivência onde os indivíduos podiam encontrar conforto e pertencimento, especialmente em meio a um contexto social e econômico desafiador. Em situações de conflito, o proprietário do estabelecimento assumia um papel de mediador, buscando instaurar a moralidade e a ordem no espaço. Essa mediação poderia ser necessária para evitar confrontos ou resolver disputas entre os frequentadores. O proprietário, muitas vezes, conhecia bem seus clientes e suas personalidades, o que o capacitava a intervir quando necessário.¹¹⁶

1.3. Um negócio de e entre famílias

Antônio Basílio era uma figura conhecida e respeitada na comunidade negra local, no entanto, sua eleição para a presidência do clube não se deu apenas por esse motivo. Sua ligação familiar com Francisco Maria Pereira, o primeiro diretor-gerente, conferia-lhe confiança junto aos membros da diretoria. Embora a votação dos sócios fosse parte do processo de escolha para a gestão, a confiança mútua e a conexão familiar com os diretores eram requisitos essenciais para os candidatos.

Ao examinar os nomes eleitos para presidir o clube nas primeiras décadas do século XX, fica evidente que esse cargo era frequentemente ocupado por membros das famílias fundadoras, pelo menos até a década de 1930.¹¹⁷ Além disso, notamos que os cargos de diretoria eram reservados a pessoas instruídas e com prestígio na cidade. Até esse período mencionado, a comunidade negra do clube não era representada em posições de gestão, concentrando-se principalmente na organização de festas e participação no bloco carnavalesco.

Durante as primeiras duas décadas do clube, identifiquei os seguintes presidentes: Francisco de Paula Ramos, Antônio Basílio Pereira, Antônio da Silva Loureiro e

¹¹⁶ CHALHOUB, Sidney. Trabalho, lar e Botequim: o Cotidiano dos Trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle époque. Campinas: Editora da Unicamp. 2012, 368 p.

¹¹⁷ Não foi possível analisar os outros cargos da diretoria, pois não foram preservados na documentação e na memória dos entrevistados, mas, de acordo com as conversas com os sócios, havia uma alternância nos cargos da diretoria com as mesmas pessoas.

Augusto Crispiniano Pereira. Embora o tempo de permanência de cada um na presidência não tenha sido determinado, é possível inferir como chegaram a assumir esse cargo. Francisco Ramos, como mencionado, era um amigo próximo de José de Paula Pertence, o que pode ter contribuído para sua eleição. Antônio Basílio e Augusto Crispiniano eram parentes de Francisco Maria Pereira, o primeiro diretor-gerente, o que possivelmente lhes conferiu uma certa confiabilidade junto à diretoria. Quanto a Antônio da Silva Loureiro, não foi possível identificar algum parentesco ou amizade com os membros da primeira diretoria, mas não descarto essa possibilidade.

Nesse período, é interessante notar que os "batuques" ainda era uma prática da comunidade negra local. As memórias registradas por Lurdes Guerra relatam que essas celebrações continuavam ocorrendo no Morro da Intendência, lideradas por Dona Miluca. Após as vigílias católicas, ela generosamente oferecia bolo de fubá e café aos homens e mulheres que dançavam ao som dos tambores.¹¹⁸

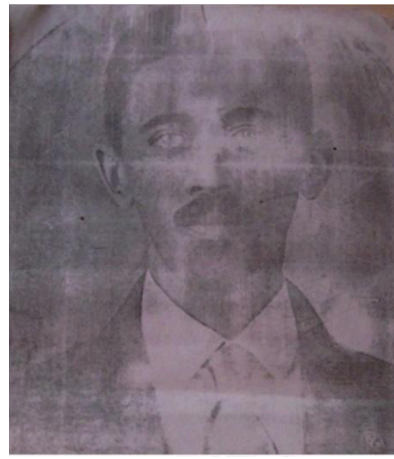
Ao longo dos anos, o Clube Mundo Velho se estabeleceu como um espaço de encontro permeado por relações familiares e de familiaridade. Certas famílias mantinham-se na diretoria, enquanto outras eram ativas nos bailes do clube. Embora não tenha sido possível identificar todas as famílias que participavam dos batuques, é provável que aquelas que frequentavam os bailes também estivessem envolvidas nessas danças. Esse fenômeno de alternância de grupos familiares na presidência também poderia ter ocorrido em outros cargos da diretoria. Conforme será abordado posteriormente, essa forma de sociabilidade interna do clube também perdurou nas décadas de 1930 e 1940.

O clube se tornou um espaço organizado e administrado pelas famílias ao longo do tempo. À medida que a instituição se estruturava, a socialização dos filhos dos sócios acontecia nos bailes e durante o carnaval. A memorialista Lurdes Guerra menciona o caso dos filhos de Antônio Basílio Pereira, que desde a infância eram levados para os bailes do Clube Mundo Velho.¹¹⁹ Nas entrevistas, observa-se a mesma situação sendo mencionada por outros entrevistados, a maioria dos quais cresceu frequentando o clube, inicialmente acompanhados pelos pais e, posteriormente, frequentando por conta própria.

¹¹⁸ GUERRA, L. op. cit. p.97

¹¹⁹ GUERRA, L. op. cit. p.46

O clube assumiu um papel de extensão do espaço doméstico-familiar, tornando-se um local privilegiado para fortalecer as relações de familiaridade e reafirmar as alianças entre as famílias. Essa conexão familiar era evidente na maneira como os novos membros da família eram inseridos nas atividades da associação, garantindo a continuidade e a perpetuação do Clube Mundo Velho como uma instituição. A espacialidade familiar presente no clube desencadeou um vínculo afetivo com as próximas gerações, o que por sua vez impulsionou a manutenção tanto administrativa quanto social desse espaço ao longo do tempo. As memórias e tradições compartilhadas pelas famílias dentro do clube criaram um senso de pertencimento e identidade compartilhada, contribuindo para a coesão e a sustentabilidade da associação.



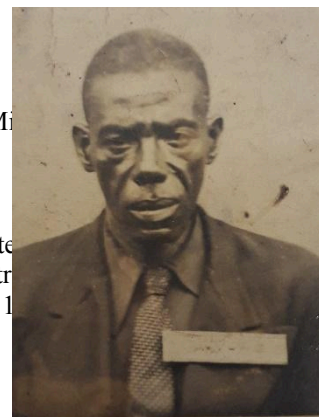
Nas fotografias, há dois presidentes do clube durante a década de 1920. Conforme será abordado no segundo capítulo, nesse período o Clube Mundo Velho passou a atrair uma determinada classe de trabalhadores da siderurgia. Essa expansão levou ao aumento do número de sócios, mas ao mesmo tempo, a instituição manteve suas raízes nas relações familiares e de familiaridade como base da sua construção. Os cargos de diretoria continuaram a ser ocupados por indivíduos que possuíam certo capital cultural e que estavam inseridos nas redes familiares dos sócios. No entanto, observa-se que houve uma mudança geracional, com uma nova geração formada por filhos e sobrinhos daqueles envolvidos na fundação assumindo posições de liderança.

Ataliba de Viterbo, filho mais velho de Francisco Roza de Viterbo, tesoureiro da

primeira diretoria do Clube Mundo Velho, e Maria Isabel da Trindade, teve sua educação primária na Escola Normal Delfim Moreira, onde adquiriu conhecimentos de francês e latim. Com a chegada dos estrangeiros em Sabará, para administrar a Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira, Ataliba foi incumbido de ensinar português aos belgas e luxemburgueses.¹²⁰ Na companhia, Ataliba também se envolveu em outras atividades, como a modelagem e carpintaria, habilidades que havia aprendido com seu pai. Além de sua participação ativa no Clube Mundo Velho, ele também esteve envolvido com outros espaços associativos na cidade, incluindo o Esporte Clube Siderúrgica, time de futebol formado pelos operários da companhia. Além disso, Ataliba foi o fundador do Tiro de Guerra 119, que se tornou o primeiro nessa categoria na cidade.¹²¹

João Crisóstomo Pereira, filho de Luiz Cândido Pereira e Jesuína Domingues Pereira, era também sobrinho do ex-presidente do clube, Antônio Basílio Pereira. Após o falecimento de seu pai, João assumiu a gestão de uma pequena fábrica de joias localizada na rua do Carmo. Na fábrica, ele oferecia oportunidades de aprendizado a jovens e pessoas menos favorecidas da cidade, contratando-os como aprendizes. É relevante notar que a maioria desses aprendizes e funcionários eram membros das famílias que frequentavam o Clube Mundo Velho.¹²²

As famílias dos sócios fundadores mantinham uma presença significativa e contínua nos diversos cargos da diretoria, alternando-se entre si em cada eleição.¹²³ No entanto, o contexto da siderurgia gerou novos laços profissionais, que se estendiam para além do ambiente de trabalho e se formalizavam por meio dos momentos compartilhados no clube. Esses momentos de convivência permitiram que as relações de familiaridade se expandissem para incluir também colegas de trabalho, especialmente aqueles forasteiros que se mudaram para a cidade para trabalhar na empresa.



15
12
12
12

com os
lo.

s anos f
filho de L
nio Basíl

Belgo-Mi

1934, te
eiro entr
o entre l

ais

que
nos

Nas fotografias acima, vê-se os rostos de Olinto Mateus Pereira, José Sotero e Joaquim Siqueira. Os três homens participaram ativamente da diretoria do clube nas décadas de 1930/40. O primeiro, Olinto Mateus Pereira, era filho de José Pereira Vieira e esteve à frente da presidência entre 1936 e 1940.¹²⁴ Olinto era o pedreiro chefe da Companhia Belgo-Mineira e foi responsável por reorganizar as finanças do clube, que estava passando por uma crise financeira desde os últimos anos da década de 1920, e retomou o quadro de sócios, que estava em baixa. Foi sucedido por Joaquim Siqueira, que na época era chefe do sindicato dos metalúrgicos de Sabará.

Nas fotografias acima, podemos identificar três homens que desempenharam papéis importantes na diretoria do Clube Mundo Velho durante as décadas de 1930 e 1940. O primeiro deles é Olinto Mateus Pereira, filho de José Pereira Vieira, que ocupou a presidência do clube de 1936 a 1940.¹²⁵ Olinto, além de ser um dos membros da diretoria, exercia o cargo de pedreiro chefe na Companhia Belgo-Mineira. Sua gestão como presidente foi marcada por uma significativa reorganização financeira do clube, que enfrentava uma crise econômica desde o final da década de 1920. Além disso, ele conseguiu revitalizar o quadro de sócios, que estava em declínio.

Olinto foi sucedido na presidência por Joaquim Siqueira, que na época era chefe do sindicato dos metalúrgicos de Sabará. A presença de Joaquim na diretoria reforçou a conexão entre o clube e os trabalhadores da siderurgia, consolidando ainda mais a relação entre o espaço associativo e o contexto industrial da cidade. Nesse período, os vínculos profissionais estabelecidos na companhia siderúrgica desempenharam um papel fundamental na manutenção e fortalecimento do Clube Mundo Velho como uma instituição e espaço social significativo. Os encontros no clube proporcionavam uma oportunidade importante para os operários recém-chegados se integrarem na vida social e familiar da cidade, como foi o caso de José Sotero, representado na terceira fotografia.

José Sotero, natural de Belo Horizonte, migrou para Sabará no final da década de 1930 em busca de emprego como mecânico na companhia siderúrgica. Ao se associar ao Clube Mundo Velho através dos vínculos profissionais estabelecidos na empresa,

¹²⁴ Olinto também era sobrinho de Laura e Madalena Pereira, responsáveis pela organização dos batuques no Morro da Intendência no final do século XIX.

¹²⁵ Olinto também era sobrinho de Laura e Madalena Pereira, responsáveis pela organização dos batuques no Morro da Intendência no final do século XIX.

ele teve a chance de se conectar com outros colegas de trabalho e membros da comunidade local. Essa interação proporcionou uma maior inserção de José Sotero na vida social da cidade, permitindo que ele construísse laços de amizade e familiaridade com outras pessoas. Com o passar do tempo, a integração de José Sotero à vida associativa do clube se aprofundou, e na década de 1940, ele passou a fazer parte da diretoria. Sua trajetória é um exemplo de como os laços profissionais criados na companhia siderúrgica se estendiam para além do ambiente de trabalho e se consolidavam por meio dos momentos compartilhados no clube.

A criação do departamento feminino por Olinto Mateus em 1936 foi uma medida significativa para integrar as mulheres no funcionamento do Clube Mundo Velho e envolvê-las na organização e gestão das festas e eventos promovidos pela instituição. Uma das iniciativas notáveis desse departamento foi a introdução da "coroação das rainhas da primavera". Esse evento consistia na seleção de jovens moças das famílias ligadas ao clube para serem coroadas como rainhas e portarem o estandarte do clube durante o carnaval do ano seguinte.

Além de conferir prestígio às moças escolhidas, a coroação das rainhas da primavera fortalecia as alianças entre as famílias associadas ao clube. A escolha de rainhas e princesas de diferentes grupos familiares reafirmava os laços de solidariedade e afetividade existentes entre eles. Essa prática contribuía para a coesão social da comunidade associada ao Clube Mundo Velho e promovia uma maior interação entre as famílias, estreitando os vínculos entre elas.

Tanto o evento da coroação quanto a saída das moças como porta-estandartes no carnaval representavam momentos singulares para as famílias, colocando seus membros em posição de destaque. As moças eram reconhecidas tanto dentro da instituição quanto externamente, já que se tornavam as figuras mais importantes nos desfiles públicos do clube. O sentimento de representar a entidade renovava o senso de pertencimento à comunidade do Mundo Velho. Essas cerimônias foram um dos principais recursos utilizados pelos membros do clube para criar e fortalecer as relações familiares entre 1936 e 1945. O caráter familiar dessas celebrações, juntamente com outras dimensões, foi mais detalhado na segunda parte do quarto

capítulo deste trabalho.¹²⁶

O clube formalizou-se como um local para reafirmar os laços entre as famílias de Sabará, ao mesmo tempo em que se tornou um espaço especial para a criação de novos vínculos sociais e afetivos. Por um lado, permitiu a ampliação das redes de proteção e suporte para as famílias negras, fortalecendo seus laços profissionais; por outro lado, conferiu prestígio às famílias mais abastadas, mantendo relações de cunho paternalista. Através dos bailes e encontros promovidos pelo clube, os sócios fortaleceram seus laços profissionais, integrando novos membros e, conseqüentemente, expandiram suas redes de solidariedade e familiaridade. Como espaço institucional e social, o clube desempenhou um papel central na formalização de novas relações sociais e afetivas, baseadas em modelos de familiarização e irmandade que transcendiam a noção tradicional de família nuclear.

1.4. Entre os nossos: redes afetivas e parentesco negro no pós-abolição

O Clube Mundo Velho, à medida que se estruturava, tornou-se um espaço privilegiado para fortalecer os laços familiares e integrar os operários e seus familiares à vida social da cidade. As relações estabelecidas no clube eram formadas por uma complexa rede de vínculos afetivos, familiares, institucionais e profissionais, que ultrapassavam os bailes e eventos e se estendiam por todo o tecido social. Os sócios não eram apenas membros do clube, mas convertidos em família, unidos por laços de fraternidade e solidariedade que se manifestavam tanto dentro quanto fora das instalações do clube.

As situações e problemas enfrentados pelos sócios eram frequentemente superados graças ao apoio e auxílio mútuo de amigos e familiares. Ao registrar as memórias de diversos moradores de Sabará, Lurdes Guerra compilou evidências que me ajudou a compreender como os sócios negros construíram uma extensa rede de apoio, fundamentada em vínculos institucionais, como os do clube. O seguinte relato exemplifica alguns pontos para reflexão sobre como essas relações foram fundamentais para a sobrevivência das pessoas negras na primeira metade do século XX:

¹²⁶ Não foi possível rastrear as outras sociabilidades familiares que compunham o clube na década de 1940 devido à dificuldade de acesso as fontes.

Em 1911, Candú fazia o serviço de correio, levando e trazendo correspondência de Caeté, quando aproveitava para vender jogo do bicho. Carregando sacolas pesadas, ia andando a pé, pelo caminho difícil, poeirento e, em certos trechos, com muito pedregulho e não por todo o lado, até chegar à cidade vizinha. De súbito e com rapidez de um raio, sai do mato um homem e ataca o caminheiro. Refazendo-se rapidamente do susto, Candú luta valentemente, tentando salvar o dinheiro e os documentos que levava, mas notando que sua resistência era falha, pega o revólver, atira e a bala entra pela boca do inimigo e sai pela nuca. O homem morre e Candú é processado. A justiça de Caeté decidiu que ele deveria aguardar o júri em liberdade. Muito abatido volta para a sua cidade e seus conterrâneos mostram-se compreensivos e solidários com ele.

Chega a época de se apresentar novamente à justiça. Candú deveria estar em Caeté, vinte dias antes daquele marcado pelo júri. Tudo foi cumprido, fielmente, de acordo com que lhe foi prescrito. Na cadeia, o carcereiro se recusa a prender candú, mas a ordem judicial deveria ser cumprida, vai ao promotor e entrega as chaves dizendo: “Não prendo um inocente!” Com esta desobediência, o carcereiro perdeu o emprego.

No dia do júri, muitos sabarenses foram a Caeté, também a Banda Santa Cecília. Certos estavam todos que haveriam de trazer, em liberdade, o amigo que matara para proteger a confiança que lhe fora depositada, fazendo dele o guarda responsável numa missão altamente útil e necessária.

Houve o júri e quando foi dada a sentença, declarando o réu absolvido, lá fora aconteceu uma barulhada festiva de fogos e banda de música. Vieram de volta para Sabará, com acompanhamento de várias pessoas de Caeté. Durante o trajeto, soltavam fogos e a banda tocava. A noite chegou com eles na estrada; pararam para descansar. Bem cedo, noutro dia, puseram-se a caminho. Quando chegaram na praça da Matriz, foram recebidos com grande foguetório. Em um dos bares estava um carioca que, há poucos dias, havia chegado para morar aqui, procurando bons ares para curar sua tuberculose. Vendo a banda tocando e os foguetes à beça, perguntou às pessoas que lhe estavam próximas o porquê de tamanha comemoração. Responderam-lhe: um homem, que matou alguém no caminho de Caeté, foi absolvido”. O carioca se espantou: O que? Fazendo festa para assassino? E o forasteiro com medo, deixou Sabará e nunca mais apareceu.¹²⁷

Zé de Candú, cujo nome verdadeiro era José Pedro dos Anjos, foi um homem negro, seresteiro e músico nascido em 19 de abril de 1892, na casa de seus pais, na subida do Morro da Cruz em Sabará. Naquela época, a região era uma área remota, com apenas algumas construções de pau-a-pique. Sua mãe, Maria de Candú, trabalhou como empregada doméstica em famílias tradicionais da cidade até uma idade avançada, somente parando de trabalhar quando ficou cega, sendo cuidada pelos familiares. A infância de Zé foi humilde, e ele começou a trabalhar cedo. Entre 1908 e 1911, foi empregado na mineração Córrego do Meio, propriedade de alemães e administrada por Eduard Hesenhofer.¹²⁸ Após essa experiência, ele ingressou nos

¹²⁷ GUERRA, L. op. cit. p.175

¹²⁸ GUERRA, L. op. cit. p.175

serviços postais, realizando entregas em Sabará e Caeté. Foi durante um desses caminhos que ocorreu o fatídico evento.

Embora não possamos confirmar a veracidade de todo o relato, é notável que ele aborda pontos cruciais sobre as redes de proteção e solidariedade entre as pessoas negras de Sabará no período pós-abolição. A mobilização significativa em prol da inocência de Candú ilustra como essas redes de relações afetivas desempenhavam um papel fundamental na proteção das pessoas negras, diante das possibilidades de controle e segregação enfrentadas na época. Essas redes de proteção eram construídas através de relações cotidianas, especialmente nos diversos espaços recreativos frequentados pelas classes populares da cidade.

No início do século XX, o termo *lundu* se referia a uma expressão afro-brasileira, que poderia se apresentar de duas formas. A primeira era um tipo de música instrumental acompanhada de danças e a segunda era na forma cantada, chamado de *Lundu-canção* ou *lundu-recreativo*, cujas as letras eram alegres, satíricas e maliciosas e eram geralmente acompanhadas por violas.¹²⁹ Era esse segundo que Candú tocava na frente das casas, Lurdes Guerra registrou algumas dessas canções:

Zé de Candú era uma figura ativa na vida social de Sabará, frequentando bares, barbearias e carteados. Junto com seus amigos, ele organizava sambas e chorinhos pela cidade. Lurdes Guerra registra que o seresteiro tinha o costume de fazer paradas nas portas e janelas dos moradores de Sabará, tocando *Lundus* e modinhas de sua própria autoria. Em agradecimento pelas canções, os moradores mais próximos costumavam deixar uma dose de cachaça na janela.¹³⁰

No início do século XX, o termo "*lundu*" referia-se a uma expressão afro-brasileira que poderia se manifestar de duas formas distintas. A primeira era um tipo de música instrumental acompanhada de danças, enquanto a segunda era na forma cantada, conhecida como *Lundu-canção* ou *lundu-recreativo*. As letras dessas canções eram alegres, satíricas e maliciosas, geralmente acompanhadas por violas.¹³¹ Era esse segundo tipo que Zé de Candú tocava em frente às casas. Lurdes Guerra registrou algumas dessas canções:

¹²⁹ ALVES, P. op. cit. p.98

¹³⁰ Ibidem. p.176

¹³¹ ALVES, P. op. cit. p.98

<p>O Burro Foi um homem que comprou Um burro, numa feira Quando para casa ele ia levar Botou na parte dianteira Faltava-lhe dois dentes no maxilar Voltou para fazer a sua reclamação Ao homem de quem acabou de comprar O homem respondeu, curto de convicção Depois de ter ouvido o comprador falar Disse com a força que a razão lhe dava: Oh, meu caro senhor! Vá me desculpar, Quando vendi o burro, não adivinhava Que o senhor o queria para assoviar.</p>	<p>O peixe Foi um peixe que pesquei Numa pescaria Botei no galinheiro Ele acostumou De tão habituado, milho comia Junto com o galo e não estanhou Levei para a praia Fui botar no mar Isto, me parece, ele não gostou: Por ter esquecido de saber nadar, O pobre peixe, na água se afogou.</p>	<p>Sinhá Recança Sinhá Recança Você como está? Num luxo que a gente estranha Toda cheia de picumã Poeira e teia de aranha Esse teu chapéu, sinhá Recança Parece ninho de guaxo Esse broche que você traz no peito É ouro de fundo de taxa</p>
---	--	--

Figura 13: Lundus de Zé de Candú

As modinhas eram músicas com letras que se dividiam em duas categorias distintas. A primeira era a modinha de salão ou modinha imperial, na qual versos de poetas renomados eram musicados. A segunda era a modinha seresteira, que consistia em cantigas populares urbanas tocadas por boêmios em instrumentos de fácil transporte e locomoção. Essas modinhas animavam os espaços de encontro de homens e mulheres na primeira república e, em Sabará, aproximavam boêmios que se reuniam em bares e casas para jogar carteadado e dançar.

A boemia era um espaço onde os homens compartilhavam confidências, enfrentavam conflitos, faziam brincadeiras e passavam tempo juntos, o que estabelecia laços fortes de amizade e irmandade. Nos carteadados, bares e serestas, homens como Zé de Candú aproximavam pessoas de distintas origens sociais, o que lhes permitia criar uma ampla rede de apoio e proteção, quando necessário.

Essa rede de relações estabelecida nas atividades boêmias proporcionava um sentimento de comunidade e solidariedade entre os frequentadores. Essas conexões não apenas fortaleciam os laços sociais, mas também serviam como uma forma de resistência às adversidades enfrentadas pelos indivíduos, especialmente aqueles provenientes de grupos marginalizados, como a comunidade negra da época.

As memórias de Lurdes Guerra destacam inúmeros encontros dos boêmios em Sabará, com destaque para o português Manoel Paes, mestre da linha de ferro central do Brasil, conhecido por sua alegria e apreciação por uma boa “pinga”. Manoel

gostava de reunir amigos em sua residência para jogos de truco animados. Entre os frequentadores desses encontros estavam Zé de Candú, portugueses que viviam na cidade e outros homens brancos e negros. Esses homens desfrutavam de jogos de cartas até tarde da noite, acompanhados por algumas doses de pinga, além de apreciar café com pastel ou bolo de feijão, preparados por Conceição e seus filhos. Além do carteado, Manoel também organizava bailes em sua casa, proporcionando comida e café à vontade para os dançarinos e músicos. Geralmente, esses encontros terminavam com os participantes dançando polcas.¹³²

A música desempenhava um papel crucial na criação de laços sociais e vínculos entre as pessoas. Dominar um instrumento e conhecer um repertório específico possibilitava animar e divertir os encontros e eventos sociais, garantindo reconhecimento e carinho pela presença desses homens negros nos espaços recreativos. A música instrumental também era valorizada institucionalmente em Sabará, onde existiam duas grandes sociedades musicais: Santa Cecília e São José. Essas agremiações realizavam concertos públicos, ensinavam música para jovens e adultos, divulgavam os trabalhos dos instrumentistas e fortaleciam os laços entre membros de diferentes classes sociais por meio da arte. Desde muito jovem, Zé de Candú participou ativamente da Sociedade Musical Santa Cecília e foi responsável por compor diversas obras para a instituição. Ele herdou de seus pais um repertório musical que se tornou reconhecido e apreciado pela comunidade sabarense.¹³³

O trânsito frequente de pessoas entre as Sociedades musicais, principalmente a Santa Cecília, e os clubes formados em Sabará era uma característica marcante da época. A Sociedade Musical Santa Cecília, embora composta por homens notórios da cidade, também acolhia pessoas mais simples que demonstrassem aptidão para a música. Muitos membros do clube, inclusive negros, eram talentosos músicos que integravam a orquestra. Esses espaços propiciavam o estabelecimento de laços de amizade que eram utilizados para o benefício do clube Mundo Velho. Um exemplo disso foi Odilon Alves, companheiro de Zé de Candú na Santa Cecília e nas serestas da cidade. Através dessa amizade, Odilon tornou-se membro do clube Mundo Velho no

¹³² GUERRA, L. Op. Cit. p.183

¹³³ Nas memórias registradas por Lurdes Guerra, Candú era um grande interprete. A memorialista destaca a apresentação realizada na TV Itacolomi na década de 1970, em que Candú canta uma canção sobre a passagem do cometa Biela em Sabará em 1872. A autora comenta que certamente a canção não era de sua autoria, mas que deve ter herdado de seus pais e familiares. GUERRA, L. Op. Cit. p.149

final da década de 1920. Devido aos seus conhecimentos sobre dramaturgia, ele assumiu a direção do grêmio teatral e, posteriormente, a presidência em 1934.

Associar-se a essas agremiações permitia às pessoas obter um conhecimento prestigiado pela sociedade e ampliar suas redes de relações sociais, o que poderia ser útil em possíveis conflitos com as autoridades. Ser membro do Mundo Velho e/ou de outras instituições da cidade possibilitava às pessoas negras expandir suas redes sociais e de proteção, assegurando sua sobrevivência, ascensão social e, em alguns casos, sua defesa perante a justiça. Esses espaços institucionais ratificavam a moral e a boa reputação de seus sócios perante a comunidade em geral, fornecendo respaldo em momentos necessários.

Contudo, conforme Uassyr de Siqueira observou para os clubes operários de São Paulo no mesmo período, as noções de "moralidade de costumes" e "boa conduta" para os membros do Mundo Velho e outras agremiações de Sabará não necessariamente possuíam os mesmos significados atribuídos pela justiça oficial.¹³⁴ O assassinato de Candú não resultou na sua exclusão ou até mesmo em punição moral dentro das agremiações. Isso indica que outros critérios eram considerados para o julgamento moral dos associados, os quais, como já vimos, estavam ligados às noções de família e amizade.

A integração no clube Mundo Velho exigia fazer parte das redes familiares dos sócios ou ser aprovado por elas. Esse fato por si só reconhecia imediatamente essas pessoas como confiáveis e íntegras. Mesmo que não houvesse um parentesco sanguíneo, no momento da filiação ao clube, o sócio se tornava parte da comunidade e protegido por ela. Essa inserção no clube representava um ritual de aproximação do sujeito ao grupo, formalizando uma relação baseada em familiaridade e irmandade, que se estendia para outros contextos e espaços da cidade.

Para as pessoas negras, as relações de irmandade e camaradagem eram fundamentais para estabelecer e ampliar a noção de família. As serestas, bailes, bares e carteados funcionavam como espaços onde amigos e irmãos eram formados, apoiando-se mutuamente e estabelecendo projetos em comum. Durante o processo de

¹³⁴ SIQUEIRA, Uassyr de. *Entre Sindicatos, Clubes e Botequins: Identidades, associações e Lazer dos trabalhadores paulistanos. (1890-1920)* 2008. 192p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.

industrialização, essa forma de se relacionar foi essencial para a formação de redes profissionais e profissionalizantes, além de fortalecer a luta operária em Sabará. A chegada da siderurgia à cidade trouxe mudanças na estrutura urbana e intensificou a vida social. Além disso, trouxe novos personagens a essa história. A condição familiar, baseada no companheirismo e camaradagem, estabeleceu novos parceiros e, com as mesmas estratégias dos primeiros sócios, os clubistas construíram projetos coletivos que viabilizavam a ascensão social e a sobrevivência das pessoas negras.

Essas relações de irmandade e camaradagem funcionaram como pilares para a comunidade negra de Sabará, proporcionando suporte emocional, social e econômico em meio às mudanças e desafios trazidos pelo processo de industrialização. A construção dessas redes de apoio e proteção contribuiu para a formação de uma identidade comunitária forte, permitindo que as pessoas negras enfrentassem adversidades e buscassem oportunidades de crescimento e realização pessoal em um ambiente de confiança e solidariedade mútua.

CAPÍTULO 2

“Mundo Velho de Cravos vermelhos nas noites acessas, a grande fábrica refaz a máquina dos séculos”: industrialização, espaço, poder e trabalho em Sabará

A USINA TAMBÉM ERA MUNDO VELHO

Sentado na mesa com uma xícara de café na mão, eu estava de prontidão para fazer algumas perguntas sobre os antigos sócios, mas, naquele dia, foi a conversa descontraída recheada de memórias e risadas que guiou o encontro. As três mulheres, que me acompanhavam na prosa, começaram a rememorar a vida de seus avôs, pais e maridos no clube Mundo Velho. Aos poucos, outros nomes surgiram na conversa através dos causos do cotidiano. Eles foram ganhando vida e percorriam a Sabará de outrora. Curioso para entender melhor os vínculos entre esses sócios, perguntei:

-E como eles se conheciam?

Uma delas olhou para mim, sorriu e respondeu:

-Ah menino... todos eles trabalhavam na siderúrgica. Papai mesmo entrou para Belgo-Mineira ainda novo por causa do amigo do meu avô e depois conseguiu emprego pra muita gente lá dentro.

A outra completou:

- Naquela época todo mundo era empregado da belgo ...não tinha muito emprego aqui em Sabará, não.... Todo mundo trabalhava na usina ou para alguém de lá.

A colega continuou:

- Era todo mundo da Belgo-Mineira, trabalhavam juntos lá e eram todos amigos aqui na cidade. Muita gente morava ali perto do bairro Siderúrgica né?! Ai tomavam a cervejinha juntos, tocavam nos clubes e jogavam o futebolzinho deles. Papai, mesmo, era apaixonado pelo Esporte Siderúrgica.

Após essas respostas, voltei à posição de escuta e me deixei embalar pelas memórias que preenchiavam a sala. Ali percebi que a companhia siderúrgica não se encerrava nela mesma. Era, em certa medida, uma expansão do clube. Além de sócios, os integrantes do Mundo Velho eram operários e compartilhavam um cotidiano em comum. A fábrica não produzia apenas aço, mas também fabricava amigos e irmãos.

As tardes dedicadas ao arquivo eram como um ritual para mim. Após o trabalho, eu fazia uma pausa para almoçar, listava os pontos importantes nas documentações e, em seguida, dirigia-me ao arquivo. Enquanto caminhava, relembrava cada elemento que já havia encontrado durante minhas pesquisas. Era uma jornada repleta de surpresas e infortúnios, uma mistura de emoções que se repetia constantemente. Porém, ao visitar a hemeroteca municipal de Belo Horizonte, fui informado que o acesso e consulta aos jornais não estavam disponíveis. Sem perder o ânimo, busquei uma alternativa e encaminhei-me para a seção de obras raras da biblioteca, esperando encontrar algo relevante sobre Sabará.

Em meio a uma vasta quantidade de livros e materiais sobre a cidade, um pequeno folheto chamou minha atenção. Tratava-se da exposição intitulada "Sabará dos Tempos, do Ouro ao Aço", realizada pelo artista Carlos Bracher no Espaço Cultural Fundação Belgo-Mineira em 1992. A proposta artística de Bracher buscava retratar as diversas transformações pelas quais a cidade havia passado ao longo do tempo, focando no uso das matérias-primas que estruturaram sua economia. Em suas obras, Bracher utilizava o pó do minério com retoques dourados, ressaltando a importância do ouro e do aço em diferentes momentos da história de Sabará, como forças impulsionadoras que contribuíram para a (re)invenção da cidade.¹³⁵

Durante uma leitura rápida, uma frase imediatamente capturou minha atenção, servindo de inspiração para o título deste capítulo. No texto de apresentação da exposição, elaborado por Ângelo Oswaldo, essa frase se destacava ao retratar de forma precisa as transformações que a companhia siderúrgica Belgo-Mineira desencadeou no tecido social de Sabará. A presença da fábrica introduziu novos atores nas tramas sociais da cidade, alterando significativamente a vida cidadina. Nesse cenário, os clubes sociais emergiram como proeminentes palcos de sociabilidade urbana, abrigando bailes e apresentações públicas que moldaram o cotidiano dos sabarenses e estabeleceram vínculos afetivos, identitários e profissionais distintos entre os seus membros.

Neste capítulo, meu foco está na análise do impacto da industrialização do município no clube Mundo Velho e como seus sócios (re)construíram seus vínculos profissionais, sociais e identitários. O período de maior interesse é compreendido entre 1917 e 1945, durante a construção e consolidação da Companhia Siderúrgica

¹³⁵ SANTOS, Ângelo Oswaldo de Araújo. FUNDAÇÃO BELGO-MINEIRA. Bracher: Sabará dos tempos, do ouro e o aço. Sabará, MG: Belgo, 1992. 1v.

Belgo-Mineira. Esse momento histórico foi marcado por um intenso adensamento populacional e uma transformação significativa na estrutura urbana de Sabará. Durante esse período, os sócios do clube expandiram suas redes de relações pessoais e profissionais, adaptando-se às mudanças impostas pela industrialização. Essa ampliação das conexões sociais e de trabalho desempenhou um papel importante na articulação de estratégias para a manutenção e reestruturação do clube como uma instituição relevante na vida dos sabarenses.

A análise cuidadosa dessas mudanças permite entender como a industrialização não apenas alterou o cenário econômico e social de Sabará, mas também influenciou diretamente a dinâmica dos clubes sociais da região. Ao examinar o Mundo Velho e seus sócios como estudo de caso, podemos compreender como as transformações socioeconômicas desse período moldaram novas identidades e relações dentro da comunidade local, proporcionando uma visão mais abrangente das implicações da industrialização em nível individual e coletivo.

A partir da década de 1920, o clube Mundo Velho vivenciou uma mudança significativa em seu quadro de associados, passando a congregar predominantemente uma determinada classe de operários. A maioria dos sócios desempenhava funções operacionais na siderurgia, abrangendo desde cargos administrativos até o manuseio direto dos fornos para fundição do aço. Essa aproximação profissional entre os operários, que também se estendeu para as relações pessoais, desempenhou um papel crucial na construção de laços mais fortes entre eles e, conseqüentemente, na expansão do quadro social do Mundo Velho.

Os registros das atas do clube Mundo Velho revelaram pistas valiosas sobre como os sócios enfrentaram as mudanças trazidas pela industrialização e como (re)formularam estratégias para a manutenção e organização da instituição. Por meio dos debates e discussões realizados nas inúmeras reuniões durante as décadas de 1930 e 1940, podemos reconstruir o plano de ação e as expectativas que esses homens tinham diante da nova ordem industrial que se estabelecia em Sabará. Contudo, vale destacar que as ações e expectativas dos membros do clube não se limitaram apenas ao contexto das atas. Sua participação ativa em organizações operárias e suas trajetórias na usina siderúrgica durante as três primeiras décadas do século XX também forneceram pistas substanciais para compreender como esses diferentes espaços e

relações se entrelaçavam e se tornavam oportunidades para a ascensão social e política dos sócios do Mundo Velho.

Ao analisar as ações e relações dos membros do clube Mundo Velho durante o período em questão, torna-se evidente que essas dinâmicas são apenas fragmentos de um processo cultural, político e social mais amplo, que os historiadores convencionaram chamar de “História da formação da classe operária”. Cláudio Henrique Batalha destaca que o operariado brasileiro apresenta características distintas em relação aos demais países da América Latina, pois sua formação ocorreu de maneira descentralizada, dispersa em diversas regiões do país, especialmente nas capitais. Contudo, vale mencionar que essa classe também se formou em algumas cidades interioranas, como foi o caso de Sabará.¹³⁶

A história do operariado brasileiro é uma jornada repleta de lutas sociais e organizações coletivas. De acordo com Batalha, algumas interpretações associaram o surgimento da indústria e a formação da classe operária à imposição do trabalho assalariado, após o fim institucional do trabalho escravo no final do século XIX. No entanto, essas interpretações negligenciaram o papel dos escravizados e ex-escravizados como atores dotados de autonomia nesse processo. Além disso, não consideraram as continuidades que permearam esse momento de transformação, criando uma divisão por períodos na história do trabalho com base principalmente em critérios econômicos e marcos políticos.¹³⁷

Ao considerar as ações e relações das pessoas negras nos espaços operários da república, é importante reconhecer que as produções historiográficas do passado frequentemente negligenciaram outros meios de "fazer política" além daqueles institucionalizados pelos sindicatos e organizações formais. Os espaços recreativos e sociais, como o clube Mundo Velho, foram importantes locais onde operários

¹³⁶ BATALHA, Cláudio H. M. Formação da classe operária e projetos de identidade coletiva. In.: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. O tempo do liberalismo oligárquico: da Proclamação da República à Revolução de 1930 – Primeira República (1889 – 1930). 10^o ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, p. 153 –182. p.177-178

¹³⁷ Os estudos a que Cláudio Batalha se refere são as discussões trabalhistas na historiografia, sobretudo as de origem marxista. O autor destaca a obra História econômica do Brasil, do intelectual marxista Caio Prado Júnior, em que difundiu a perspectiva originária da classe operária atrelada puramente aos aspectos econômicos nacionais e ao surgimento da indústria. Os trabalhos influenciados por essa obra associaram a origem da classe operária ao surto de industrialização de 1880, quando o número de estabelecimentos industriais triplicou no Brasil. Segundo Batalha, essas pesquisas sobre a formação da classe operária recorriam sempre a marcos políticos como a abolição, 1888, e o governo Vargas, em 1930, desconsiderando as continuidades das organizações e relações que surgiram ainda no período da escravidão. BATALHA, C. Op. Cit. p.153

afrodescendentes desenvolveram estratégias e ações significativas, ao mesmo tempo em que buscavam legitimar sua posição política dentro da sociedade. Durante o processo de industrialização de Sabará, os sócios do clube Mundo Velho ocupavam posições profissionais diversas, o que lhes conferia uma vantagem para adotar abordagens variadas na busca pela manutenção e continuidade do clube. Além disso, essas diferentes posições profissionais permitiram que estabelecessem novas redes de contato no âmbito profissional, fortalecendo suas conexões na comunidade e na indústria em crescimento

Em 1922, a chegada dos belgas e luxemburgueses para administrar a Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira trouxe consigo mudanças significativas para Sabará. Esses estrangeiros se associaram às elites locais, estabeleceram relações com a comunidade e contribuíram para uma remodelação da espacialidade do município. A presença da siderurgia acelerou o processo de industrialização da região, trazendo impactos profundos para a vida dos sabarenses. Além disso, as antigas dinâmicas personalistas, baseadas no favoritismo e no clientelismo entre os diferentes grupos sociais, foram reconfiguradas.

Para consolidar sua posição como uma classe dominante na cidade, os europeus se apropriaram das relações paternalistas. Eles introduziram práticas patronais e reestruturaram as dinâmicas sociais das antigas elites econômicas e senhoriais locais. Os dirigentes da companhia não apenas frequentavam as solenidades dos clubes, mas também patrocinavam eventos como desfiles carnavalescos e ofereciam serviços de manutenção das suas sedes. Essas ações criaram uma rede de influência nos espaços recreativos e políticos locais, impactando a administração municipal e as agremiações da cidade. O resultado foi um reordenamento desses espaços de sociabilidade e poder, com a influência dos europeus se tornando cada vez mais notável. Os integrantes do clube Mundo Velho, por sua vez, se valeram de suas experiências anteriores para agenciar essas sociabilidades em benefício da própria instituição. Através das malhas do paternalismo, os sócios do clube utilizaram as relações personalistas e patronais com os dirigentes da companhia como um meio de manter e reestruturar a instituição.

A construção do parque industrial da siderúrgica próxima ao antigo arraial de Tapanhoacanga teve um impacto significativo no centro urbano de Sabará. A demanda por infraestrutura para atender à nova indústria exigiu a alteração do traçado das vias de transporte de carga e de pessoas, o que criou um fluxo na cidade. Esse processo

resultou na multiplicação das vias e causou danos à estrutura urbana colonial, levando ao derrubamento de muitas moradias e à supressão de vegetação. Nesse cenário de transformação, os sócios do clube Mundo Velho souberam se infiltrar na nova espacialidade industrial emergente, adaptando-se à nova realidade da cidade. Eles construíram um coreto, que serviu como primeira sede do clube, e posteriormente ergueram uma nova sede na rua Marquês de Sapucaí.

Através das experiências cotidianas na indústria, os sócios do Mundo Velho expandiram suas relações afetivas, profissionais e sociais, formulando diferentes estratégias para a continuidade e expansão do clube. As vivências no ambiente operário desempenharam um papel fundamental na sociabilidade dos sócios, promovendo reorganizações nos espaços e nas manifestações dos membros do clube. Nas próximas páginas, aprofundo a dimensão do trabalho como fator crucial para o fortalecimento e expansão dos laços comunitários entre os sócios. A análise dessas experiências laborais será essencial para compreender como o clube se adaptou às mudanças sociais e econômicas do período de industrialização de Sabará, tornando-se um espaço vital para a vida dos trabalhadores e para a construção de uma identidade coletiva na cidade em rápida transformação.

2.1. A presença na ausência: experiência operária e cidadania negra em Sabará nas primeiras décadas do século XX

No início da noite de 1º de maio de 1907, os operários de Sabará, acompanhados pela banda de música da Sociedade Santa Cecília, reuniram-se em passeata e percorreram as principais ruas da cidade. Após a conclusão da passeata, todos se dirigiram para o salão da sede do Clube José do Patrocínio, onde pessoas de diversas classes sociais aguardavam pela continuação da cerimônia. Às 9 horas, foi aberta a sessão solene, presidida pelo senhor Luiz Galdino de Paula, presidente da comissão de festejos. Durante a solenidade, o capitão Francisco Antunes de Siqueira, convidado pelos presentes, fez um "belíssimo discurso" que foi recebido com entusiasmo e aplausos por todos os presentes. Além disso, alguns sócios do clube e outras pessoas também tiveram a oportunidade de tomar a palavra e expressar suas opiniões. No encerramento da sessão, a comissão serviu chá e sequilhos para todos os convidados.¹³⁸

¹³⁸ BN, O Pharol, 9 de maio de 1907. p.6

A cerimônia promovida pelos sócios do clube José do Patrocínio foi a primeira comemoração do Dia do Trabalhador realizada em Sabará. Essas celebrações tiveram origem no 1º Congresso da Segunda Internacional, ocorrido em Paris em 1889, com o objetivo inicial de pressionar os governos europeus para instituir uma jornada de trabalho de oito horas diárias. No Brasil, as primeiras cerimônias do Dia do Trabalhador ocorreram no Rio de Janeiro em 1891, mas com sentidos diferentes das celebrações europeias. Aqui, as cerimônias buscavam estabelecer uma data que expressasse as diversas reivindicações das sociedades e clubes operários da época.¹³⁹

Em Minas Gerais, as festas do Dia do Trabalhador tinham um propósito duplo. Além de congregar as reivindicações das sociedades operárias, elas também buscavam organizar e unificar as manifestações da classe trabalhadora, uma vez que havia uma falta de coesão entre as diversas associações espalhadas pelo Estado. Essa falta de coesão também se refletia no âmbito interno das associações, uma vez que elas abrigavam trabalhadores de diferentes setores da economia, cada qual com suas demandas e perspectivas específicas.¹⁴⁰

O clube José do Patrocínio, por exemplo, era composto por uma diversidade de membros, incluindo profissionais liberais, operários da indústria, funcionários públicos e trabalhadores não especializados. Sua fundação ocorreu em 13 de maio de 1906, data que rememorava a abolição da escravatura no Brasil, e seu nome era uma homenagem a um importante abolicionista brasileiro. A escolha desse nome revela que alguns dos sócios do clube haviam participado ativamente do movimento abolicionista local na última década da escravidão.

A cerimônia do 1º de maio em Sabará foi resultado de uma agenda definida pouco menos de um mês antes, durante o 1º Congresso Operário Mineiro. Esse congresso foi realizado na própria cidade de Sabará, entre os dias 02 e 06 de abril de 1907, e contou com a participação de cerca de trinta e seis agremiações operárias existentes no Estado de Minas Gerais. O objetivo geral do encontro era discutir e definir a organização das

¹³⁹Ana Beatriz Loner, ao estudar a formação da classe operária na cidade de Pelotas e Rio Grande, ressalta que o caráter descentralizado das expressões reivindicatórias operárias brasileiras no final dos oitocentos ocasionou o uso diferenciado e a reformulação da significação do 1º de maio e de seu conteúdo nos contextos regionais, o que também implicou em formas variadas de manifestação. A historiadora comenta que "a comemoração quanto o significado do 1º de maio foi evoluindo, ao longo do tempo, e assumindo várias formas e modos de comemoração, de acordo com o significado especial atribuído". Ver: LONER, Beatriz Ana. Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande, 1888-1930. Pelotas: EdUFPel, 2001. p. 285

¹⁴⁰ NOGUEIRA, Vera Lúcia. A escola primária noturna em Minas Gerais (1891-1924). Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p.263

classes proletárias no Estado e estudar os meios pelos quais o operariado poderia conquistar o lugar que lhe era devido no convívio social. Todas as associações operárias conhecidas no Estado foram convidadas a participar e contribuir para a formulação de estratégias e reivindicações comuns.¹⁴¹

Durante os cinco dias do congresso, foram debatidas seis teses que foram posteriormente publicadas exatamente um mês após o término do evento. Dentre essas teses, a questão da educação e da instrução dos trabalhadores foi considerada de maior relevância. Para os congressistas, a instrução era a condição primordial da cidadania e da atuação como força política, sendo essencial "fazer guerra ao analfabetismo". Como orientação do congresso, as associações operárias foram incentivadas a fundar escolas noturnas em suas sedes e, especialmente, nos grandes centros fabris. O clube José do Patrocínio seguiu essa orientação e inaugurou uma escola noturna em maio de 1907, como parte da celebração de seu aniversário.¹⁴² Além disso, o congresso formalizou a criação do Centro Confederativo dos Operários do Estado de Minas Gerais, com sede na capital do estado, e estabeleceu o jornal *O Confederado* como seu porta-voz.

No início do século XX, Sabará tinha uma economia diversificada, contando com uma fábrica de tecelagem, oficinas de ourivesaria, empresas de mineração e pequenos empreendimentos manufatureiros.¹⁴³ No entanto, a decadência da navegação no Rio das Velhas, no final do século XIX, teve um impacto significativo no comércio da cidade, resultando em uma redução drástica nos postos de trabalho disponíveis. Muitos trabalhadores migraram para Belo Horizonte, a capital recém-inaugurada do estado, ou para cidades vizinhas como Nova Lima e Raposos, em busca de emprego. Outros optaram por se dedicar à agricultura e à criação de animais para sustentar suas famílias.¹⁴⁴

Mesmo em meio a uma recessão econômica, Sabará viu surgir inúmeras associações com objetivos culturais, políticos, profissionais e recreativos. Essas

¹⁴¹ *O Confederado*, 2 de maio de 1907, p.2 apud NOGUEIRA, V. Op. Cit.

¹⁴² BN, *O Pharol*, 9 de maio de 1907. p.6

¹⁴³ A primeira indústria da cidade havia sido instalada ainda no império, decorrente do intenso fluxo comercial provocado pela navegação do Rio das Velhas. Em 1878, um grupo de empresários da cidade fundou a Companhia Industrial Sabarense, que teve como primeiro empreendimento a Fábrica de Tecidos Marzagão. A cidade ainda contava com a Mineração do Morro Velho, no distrito de Congonhas do Sabará, e a Mineração do Córrego do Meio, que na época era propriedade alemã e administrada por Eduard Hesenhofer. Os empreendimentos manufatureiros eram realizados por diversos profissionais, mas a partir de 1896 se destacou a Companhia Sabarense Manufactora de Calçados.

¹⁴⁴ MOYEN, François. *A história da Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira: uma trajetória de crescimento consistente (1921-2005)*. Belo Horizonte: Arcelor Brasil S.A., 2007. p.18

entidades proporcionavam oportunidades de inserção social para seus membros e exerciam proteção e suporte social dentro de seus grupos. Além de suas finalidades estatutárias, as associações também serviam como espaços de confraternização e interação entre pessoas com interesses e objetivos similares. Essas interações contribuíam para a manutenção ou construção de uma identidade coletiva para a associação, e também proporcionavam oportunidades para arranjar casamentos, consolidar amizades e parcerias, fazer negócios e obter empregos.¹⁴⁵ Havia ainda associações que reuniam pessoas de diferentes classes sociais e origens raciais, onde se fortaleciam outras relações, como alianças familiares, redes de amizades e interesses corporativos e de representação.



Figura 14: Sócios do Clube José do Patrocínio. Acervo O acadêmico. 1906

A fotografia mostra alguns sócios do clube José do Patrocínio ao lado da igreja de Nossa Senhora do Rosário. Vestidos de paletós e calças compridas, os associados se distribuíram em duas fileiras, duas de pé e outra de homens sentados. No centro da imagem, encontra-se de pé o ourives e primeiro presidente do clube Mundo Velho, José de Paula Pertence (1). No canto direito, sentado na terceira fileira, encontra-se o

¹⁴⁵ LONER, B. Op. Cit. p.282

alfaiate José Pereira Vieira (2), um dos membros fundadores do Mundo Velho e integrante dos batuques do morro da intendência. Ainda podemos destacar outros membros do Mundo Velho, como o alfaiate José Sabino Vieira (3), filho de José Pereira Vieira, de pé; o carregador Joaquim Tripui (4) e os comerciantes Justino da Silva (5) e Tudé (6).¹⁴⁶

Com base na identificação realizada por Maria Clara Dias no almanaque *O acadêmico*, posso inferir que os sócios negros do clube Mundo Velho desempenhavam um papel ativo em diversas entidades, como o clube José do Patrocínio e a Sociedade Musical Santa Cecília. Segundo Ana Beatriz Loner, durante o início da república, a participação em diversas entidades era uma forma de afirmar a cidadania.¹⁴⁷ Entretanto, para homens e mulheres negras, a afirmação da cidadania tinha outros sentidos para além daqueles imaginados pelas elites.

A historiadora Wlamyra Albuquerque argumenta que a abolição da escravatura no Brasil não foi uma conquista definitiva de liberdade, mas um momento de tensão e disputa pelos significados de cidadania para a população negra.¹⁴⁸ Flávio Gomes e Olívia Maria Gomes Cunha descrevem a recente república como um terreno ambíguo, no qual os ex-escravos e os "livres de cor" se tornaram cidadãos em estado contingente, sendo tratados como "quase-cidadãos."¹⁴⁹

Nos primeiros anos do século XX, novos dilemas surgiram para desafiar a afirmação plena da cidadania. Devido ao preconceito racial e à falta de políticas governamentais, as pessoas negras enfrentavam obstáculos para acessar a educação básica e melhorar sua qualidade de vida. Muitos ocupavam postos de trabalho urbanos mal remunerados ou compunham a parcela de desempregados da sociedade.¹⁵⁰

A abolição da escravatura formalizou a igualdade jurídica entre os brasileiros, mas a República estabeleceu prerrogativas constitucionais que, na prática, não

¹⁴⁶ Maria Clara Dias identificou para o Jornal *O Acadêmico* outros nomes presentes na fotografia, sendo muitos deles integrantes da Sociedade Musical Santa Cecília e clubes carnavalescos da cidade.

¹⁴⁷ LONER, B. Op. Cit. p. 236

¹⁴⁸ ALBUQUERQUE, Wlamyra R. O jogo da dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p.45

¹⁴⁹ GOMES, Flávio dos Santos & CUNHA, Olívia Maria Gomes da. Que cidadão? Retóricas da igualdade, cotidiano da diferença. In: GOMES, Flávio dos Santos & CUNHA, Olívia Maria Gomes da. Quase-cidadão: histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil. Rio de Janeiro, FGV, 2007. p.27

¹⁵⁰ LONER, Beatriz Ana. Experiências e convivências de ex-escravos nas lutas operárias. In: ABREU, Martha (Org.). *Histórias do pós-abolição no mundo atlântico: identidades e projetos políticos*. Vol. 2. Niterói: Editora da UFF, 2014.

garantiam uma verdadeira igualdade entre os cidadãos.¹⁵¹ Para as classes populares, especialmente as pessoas negras, tornou-se crucial exigir o cumprimento dos direitos civis e lutar por uma ampliação dos direitos políticos e sociais.¹⁵² Nessa conjuntura, o associativismo desempenhou um papel significativo para as pessoas negras, pois proporcionava um espaço importante para a construção de identidade, a busca por direitos, o empoderamento e a luta pela igualdade.

A participação de homens negros nos clubes Mundo Velho e José do Patrocínio refletiu uma busca consciente por atuação política e social no contexto desigual da primeira república brasileira. Essas associações ofereciam um espaço para que eles reivindicassem seus direitos, defendessem pautas comuns e buscassem igualdade e justiça social. Também expandiam as redes de sociabilidade e proteção, essenciais para a sobrevivência em tempos de crise e instabilidade econômica. As redes de apoio constituídas nessas associações proporcionavam meios viáveis para buscar uma melhor qualidade de vida.

Maria Cecília Velasco e Cruz afirma que, ao estudarem o movimento operário brasileiro, alguns historiadores e cientistas sociais minimizaram o papel dos trabalhadores brasileiros na organização da classe trabalhadora. Eles partiram da ideia de que a imigração europeia foi essencial para a formação da classe operária no Brasil, e direcionaram suas pesquisas para o Centro-Sul, especialmente São Paulo. Essa perspectiva levou a uma supervalorização do universo fabril e da imigração estrangeira, e a uma leitura dos operários nacionais, brancos, negros ou pardos, como suscetíveis às práticas clientelistas e paternalistas, mais passivos e moderados, e pouco inclinados à autoemancipação operária.¹⁵³

Influenciadas pela obra de Florestan Fernandes, as pesquisas sobre o movimento operário das décadas posteriores à abolição enfatizaram a anomia, a marginalidade e o despreparo dos ex-escravos e livres de cor para o trabalho autônomo na ordem

¹⁵¹ Vale destacar que a república ainda manteve alguns dispositivos constitucionais discriminatórios especialmente em relação as comunidades religiosas negras. Na constituição de 1891, os terreiros e espaços afro-religiosos deveriam solicitar autorização policial para executar seus cultos, o que permitiu a perseguição dessas expressões religiosas pelas autoridades. Ver: DOMINGUES, Petrônio. Cidadania por um fio: o associativismo negro no Rio de Janeiro (1888-1930). *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 34, nº 67, p. 251-281 - 2014

¹⁵² MATTOS, Hebe. A vida política. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.) *História do Brasil nação*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. (A abertura para o mundo 1889-1930, v.3). p.118

¹⁵³ CRUZ, Maria Cecília Velasco. Da tutela ao contrato: ‘homens de cor’ brasileiros e o movimento operário carioca no pós-abolição”, *Topoi*, vol. 11, n. 20, jan.-jun. 2010, p. 114-135.

capitalista competitiva.¹⁵⁴ Ana Beatriz Loner destaca que os estudos sobre a formação da classe operária no período republicano negligenciaram a cor dos trabalhadores, considerando-a um elemento complementar a fatores como a origem nacional ou estrangeira, o local de moradia e a escolaridade.¹⁵⁵ Essas análises atribuíram protagonismo às organizações operárias de origem europeia, constituindo, como aponta Álvaro Pereira Nascimento, um paradigma da ausência dos trabalhadores negros na formação da classe operária.¹⁵⁶

A análise da fotografia do clube José do Patrocínio revela que os sócios negros do Mundo Velho participavam ativamente dos espaços de sociabilidade e lazer da classe operária. Não encontrei mais informações sobre as atividades do clube em Sabará depois de 1907.¹⁵⁷ No entanto, os registros encontrados fornecem pistas valiosas sobre as ações e perspectivas de operários negros nas primeiras décadas do século vinte.

As diferentes vivências associativas dos sócios do Mundo Velho permitiram ampliar as redes de relações do clube e incorporar novas ações e projetos à sua gestão. Dessa forma, as propostas e relações gestadas pelos sócios em nome do clube nos anos subsequentes, especialmente após a instalação da Companhia Siderúrgica Mineira, foram resultado do acúmulo de múltiplas experiências em outros espaços associativos da cidade.

2.2. Braços fortes em uma cidade de aço: experiência operária na siderurgia

A Companhia Siderúrgica Mineira (CSM) foi criada em 21 de janeiro de 1917, em Belo Horizonte, pelos engenheiros Amaro Lanari e Christiano França Teixeira Guimarães com o objetivo de produzir ferro-gusa e seus derivados e explorar comercialmente as jazidas minerais das propriedades da empresa.¹⁵⁸ O empreendimento era uma resposta à escassez de produtos siderúrgicos causada pela

¹⁵⁴ FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Dominus; EDUSP, 1965. 2v.

¹⁵⁵ LONER, B. (2014). Op. Cit. p.171

¹⁵⁶ NASCIMENTO, Álvaro Pereira. Trabalhadores negros e o “paradigma da ausência”. *Estudos Históricos Rio de Janeiro*, vol. 29, no 59, p. 607-626, setembro-dezembro 2016

¹⁵⁷ Devido à impossibilidade de acesso às fontes, não foi possível analisar os jornais sabarenses publicados nas primeiras décadas do século XX.

¹⁵⁸ MOYEN, F. op. cit. p.28. Segundo o dicionário do Centro de Informação Metal e Mecânica (CIMM) o ferro gusa é “a forma impura de ferro produzida num alto forno, que é fundida em lingotes (blocos) para serem convertidos mais tarde em ferro fundido, aço, etc. A composição depende dos minérios usados, do processo de fusão e do fim que será dado aos lingotes.” Disponível em: <https://www.cimm.com.br/portal/verbetes/exibir/1403-ferro-gusa> acessado em 07 de out. de 2021.

Primeira Guerra Mundial (1914-1918). O conflito dificultou a importação de aço e ferro, aumentando a demanda por esses produtos no mercado brasileiro. Essa conjuntura favoreceu a utilização das reservas de minério de ferro de Minas Gerais e a substituição de produtos importados.¹⁵⁹

A cidade de Sabará foi escolhida pelos acionistas para ser a sede da empresa, pois estava próxima às fontes de abastecimento e da capital do estado. Tinha uma estação da ferrovia Central do Brasil, construída em 1891, e um centro urbano com infraestrutura e mão de obra abundante. Para a instalação do complexo industrial, os dirigentes adquiriram um terreno que abrigava uma antiga lavra de ouro de propriedade de José Machado Alves. O prefeito, José Alves Nogueira, concedeu à companhia a isenção de impostos e o acionista Adelino Ferrão Castello Branco cedeu o direito à exploração da fazenda Segredo, uma propriedade rica em jazidas de minério de ferro localizada a quatro quilômetros do centro do município.¹⁶⁰

Na coleção Galba Di Mambro, localizada no arquivo central da Universidade Federal de Juiz de Fora, encontrei alguns recortes do jornal *O Pioneiro*, um periódico impresso e distribuído pela Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira entre 1954 e 1965. O jornal tinha como objetivo ser o principal meio de comunicação da empresa. Na seção “Velha Guarda”, havia relatos dos primeiros operários e ex-operários que nos ajudam a compreender as condições de trabalho e o perfil dos trabalhadores durante a construção da usina em 1917.

O toque dos sinos marcava o início e o término da jornada de trabalho na construção da siderúrgica. Por vezes, os sinos das igrejas se “confundiam com as ansiosas badaladas do sino da usina.”¹⁶¹ Cerca de cinquenta homens trabalhavam mais de doze horas diárias, sem nenhuma assistência social, envolvidos na capina do terreno, na quebra de pedras para a produção de concreto e na edificação dos pilares dos edifícios.¹⁶²

¹⁵⁹ Nesse período, o setor siderúrgico era pouco expressivo na economia nacional. O país contava com algumas dezenas de indústrias concentradas no Rio de Janeiro e em São Paulo. Em Minas, se destacava a fábrica de Jean Monlevade, que entrou em declínio após a morte de seu fundador, a Usina Esperança, em Itabira do Campo - hoje Itabirito- e a Usina de Miguel Burnier, propriedade de Carlos G. Da Costa Wigg, em Ouro Preto. A produção de aço teve um crescimento na virada do século, porém se limitava a pequenas fábricas e fundições, que produziam peças de reparação e reposição para as máquinas, engenhos e ferrovias, além de ferramentas, pregos e arames.

¹⁶⁰ *Ibidem*, p.32

¹⁶¹ ACUFJF, *O Pioneiro*, v.1, n.º 24, p.2, 17 de dezembro de 1955.

¹⁶² ACUFJF, *O Pioneiro*, v.1, n.4, p.2, 10 de fevereiro de 1955.

José Balbino Gomes nasceu em Sabará e, aos sete anos, perdeu o pai. Após terminar o curso primário, a dificuldade financeira o obrigou a trabalhar para ajudar a mãe. Nunca havia trabalhado na indústria e aos quinze anos foi contratado pela Companhia Siderúrgica Mineira (CSM) para quebrar pedras para fazer concreto que seria usado nas bases dos edifícios que abrigariam os fornos e as oficinas. Também transportava equipamentos e minério, e depois da inauguração, passou a trabalhar como manobreiro de gás no alto-forno.¹⁶³

José Silva tinha dezessete anos quando foi contratado pela CSM para realizar o transporte dos equipamentos. Em seu relato, conta que o motor a gás, os primeiros compressores e o elevador de carga do alto-forno foram transportados em carroças pelo desvio que saía de Sabará.¹⁶⁴

José Elisário da Silva era natural de Sabará e começou a trabalhar nas obras da companhia ajudando a roçar o mato do terreno, onde seriam construídos os edifícios. Depois foi para a oficina mecânica junto com Antônio Nascimento.¹⁶⁵

Em 1917, a empresa procurou o cônsul da Bélgica para contratar técnicos belgas para operar o alto-forno e os conversores. A Bélgica negou o pedido, alegando que a perda de técnicos agravaria a falta de mão-de-obra qualificada e que a criação de indústrias no exterior poderia prejudicar as indústrias belgas.¹⁶⁶

Com a negativa, as obras ficaram a cargo do gerente da companhia. Devido a dificuldades, a empresa contratou o engenheiro Gil Guatemozin para instalar o alto-forno. O projeto técnico da usina foi elaborado pelo professor Augusto de Magalhães Gomes, da Escola de Minas de Ouro Preto. Os desenhos das plantas foram feitos pelo aluno sabarense da escola Luís Orsini de Castro. A Primeira Guerra dificultou o fornecimento de materiais, e a empresa recorreu às indústrias brasileiras e os engenheiros ensinaram os funcionários a operar a siderúrgica.¹⁶⁷ Foi o caso de Armando Fantini. Nascido na Itália em 1888, veio para o Brasil aos seis anos de

¹⁶³ ACUFJF, *O Pioneiro*, v.1, n.1, p.2, 25 de dezembro de 1954.

¹⁶⁴ ACUFJF, *O Pioneiro*, v.1, n.2, p.2. 1 de janeiro de 1955.

¹⁶⁵ Antonio Nascimento foi mecânico da companhia desde a inauguração em 1920. ACUFJF, *O Pioneiro*, V.2, n.33, p.2. 2 de abril de 1955.

¹⁶⁶ DI MAMBRO, G. R. Companhia Siderúrgica Mineira. *Lócus: Revista de História*, [S. l.], v. 5, n. 1, 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20475>. Acesso em: 08 set. 2021.

¹⁶⁷ *ibidem*.

idade. Foi contratado pela Companhia como cavouqueiro em 1918, mas três anos depois aprendeu o ofício de mecânico com Gil Guatemozin e foi transferido para oficina onde trabalhou até sua morte, em 1955.¹⁶⁸

No primeiro teste de produção de ferro gusa, uma explosão de gás no alto-forno atrasou a inauguração da usina e exigiu reparações nos equipamentos. Os problemas operacionais geraram gastos acima do previsto e a empresa enviou um requerimento ao Ministro da Agricultura solicitando um empréstimo para solucionar a situação financeira.¹⁶⁹ Os acionistas receberam a autorização para assinar o contrato do empréstimo, mas a burocracia atrasou o recebimento da quantia por quase dois anos. O alto-forno foi concluído em outubro de 1920, e a primeira corrida de gusa foi executada no dia 1 de novembro do mesmo ano. No entanto, a falta de capital e tecnologia impediu a ampliação da produção de ferro gusa e o início da produção de aço.

¹⁶⁸ ACUFJF, O Pioneiro, v.1, n.4, p.2. 10 fevereiro de 1955.

¹⁶⁹ O pedido de empréstimo foi baseado nas leis 12.943 e 12.944 de 1918, que foram promulgadas pelo presidente da república Venceslau Brás e instituiu favores em proveito da indústria siderúrgica em todo o território nacional. O texto previa empréstimos a todas as fábricas que produziam ferro no país com juros de 5% ao ano e condições de pagamento até doze anos. Texto original disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-12944-30-marco-1918-498345-publicacaoooriginal-1-pe.html> acessado em 09 de outubro de 2021.



Figura 15: Vista da Companhia Siderúrgica Mineira. Acervo Arcelor Mittal. 1920

A Companhia Siderúrgica Mineira foi inaugurada com um complexo industrial pequeno. Na fotografia, podemos visualizar o armazém de minério no centro da imagem e, ao lado, as instalações dos altos-fornos da siderurgia. Ao fundo, se encontrava uma casa, que servia de escritório da empresa, e a mata por onde era transportado o carvão que alimentava a fornalha. As caçambas de abastecimento não davam conta do transporte do minério de ferro, que também era feito em balaios. O guindaste era tocado a mão e puxado a corda, descarregava-se a carga de carvão em cestos de palha, que eram carregados por longas caminhadas em lombo de burro pelos caminhos íngremes da serra de Sabará.¹⁷⁰

Em seu relato, José Silva conta que ficou emocionado quando presenciou a primeira corrida de gusa no dia da inauguração da usina.¹⁷¹ Quase toda a mão-de-obra que trabalhou na construção da companhia não era especializada e não conheciam o funcionamento de uma usina siderúrgica. Ver o ferro correr era uma novidade para muitos operários.

¹⁷⁰ ACUFJF, *O Pioneiro*, v.1, n.4, p. 2. 18 de janeiro de 1955

¹⁷¹ ACUFJF, *O Pioneiro*, v.1, n.2, p. 2. 1 de janeiro de 1955.

Vários trabalhadores do início da usina eram sócios do Mundo Velho. José Balbino, por exemplo, frequentava o clube com a família desde a infância. José Silva e sua mãe também estavam sempre presentes nos bailes da entidade.¹⁷² Armando Fantini, ao se mudar para Sabará, começou a frequentar os encontros do clube por intermédio dos amigos que havia feito na usina.

As redes familiares e tramas sociais traçadas nos espaços sociais da cidade, como o Mundo Velho, foram fundamentais para formação das redes profissionais dentro da companhia siderúrgica. Ao conseguirem emprego na empresa, os operários indicavam os amigos e familiares para os serviços que apareciam no complexo industrial.

José Elisário da Silva ingressou na companhia através da indicação realizada por José Silva e José Balbino, que o conhecia dos bailes do clube. João do Nascimento, filho do mecânico Antônio Nascimento, com seis anos de idade, levava almoço para o pai todos os dias. Como se habituou com a vida na companhia, aos treze anos também foi admitido na empresa.¹⁷³ Esaú Magalhães Júnior, também sócio do Clube Mundo Velho, contou para o jornal que levava almoço para seu pai na mecânica da siderúrgica todos os dias. De tanto visitar a usina se afeiçoou pelo trabalho e iniciou seu primeiro emprego como aprendiz de operador de máquina.¹⁷⁴ Essas redes familiares e de amizade tornaram-se tão comuns na empresa que os redatores do *O Pioneiro* referiam-se às pessoas do Mundo Velho como membros de um “desses ‘clãs’ familiares, tão frequentes e simpáticos dentro da coletividade da Belgo-Mineira”.¹⁷⁵

Por outro lado, as relações profissionais estabelecidas no cotidiano da usina se convertiam em laços de amizade que extrapolavam o ambiente de trabalho. Ao fazerem novos amigos na firma, os sócios convidavam para conhecer e participar dos encontros do clube, como foi o caso de Armando Fantini.

Nesse período, os bailes do Mundo Velho eram realizados nas casas dos sócios ou em uma casa alugada. Os encontros eram frequentados, principalmente, pelos familiares dos associados e seus convidados. À medida que o tempo passava, esses

¹⁷² ACUFJF, *O Pioneiro*, v.1, n.2, p. 2. 1 de janeiro de 1955.

¹⁷³ ACUFJF, *O Pioneiro*, v.1, n.33, p.2. 2 de novembro de 1955.

¹⁷⁴ ACUFJF, *O Pioneiro*, v.1, n.38, p.2. 31 de dezembro de 1955.

¹⁷⁵ ACUFJF, *O Pioneiro*, v.1, n.38, p.2. 31 de dezembro de 1955.

amigos e conhecidos do trabalho tornavam-se pessoas de confiança das famílias do clube e eram agregadas ao quadro de sócios.

Os bailes dos clubes eram uma das poucas opções de entretenimento para os trabalhadores sabarenses. Muitos deles ainda frequentavam os batuques promovidos por Dona Miluca e Laura da Assunção Pereira, no Morro da Intendência.¹⁷⁶ No entanto, o controle sobre essas danças aumentavam os riscos de sofrerem alguma perseguição policial e perderem o emprego que lhes garantiam sustento.

Como observou Maria Auxiliadora Guzzo Decca no contexto paulista, os clubes sociais e recreativos proporcionavam aos trabalhadores uma vida mais coletiva.¹⁷⁷ O mesmo verifiquei em Sabará nas décadas de 1910 e 1920. A participação dos operários nos clubes ou associações da cidade fortaleciam os laços afetivos e de solidariedade entre seus membros e propiciava a construção de uma extensa rede de apoio e auxílio mútuo, suprimindo suas necessidades cotidianas.¹⁷⁸

O clube Mundo Velho, até então, era regido pelas alianças familiares locais que ocupavam os cargos da diretoria e organizavam os bailes. Após a construção da CSM, o clube também agregou grande parte dos operários não especializados da empresa que vieram trabalhar na cidade. Não obstante, a inserção de novos integrantes obedecia a determinados critérios de seleção social. Como já dito, os operários eram integrados ao quadro de sócios a partir das relações afetivas ou de amizade e da aprovação das famílias já estabelecidas no Mundo Velho. Os novos sócios eram convertidos "em família" e passavam a participar das redes de solidariedade e proteção do clube.

A Companhia Siderúrgica Mineira foi inaugurada em 1920 com capital e tecnologia insuficientes para expandir a produção de ferro gusa e começar a fabricação de aço. Em outubro daquele ano, o rei da Bélgica, Alberto I, veio ao Brasil para uma visita oficial ao Rio de Janeiro. Aproveitando-se da ocasião, Arthur Bernardes, então presidente de Minas Gerais, convidou o monarca para uma visita ao estado. O objetivo

¹⁷⁶ No primeiro capítulo da dissertação aprofundo sobre a constituição e organização dos batuques no Morro da Intendência e a relação com os sócios do clube Mundo Velho. Sobre os batuques ver; GUERRA, Maria de Lurdes Machado. *Nas ruas de Sabará*. Ed: Sociedade Educacional e Cultural de Sabará, Sabará, 2014. p. 267

¹⁷⁷ DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. *A vida fora das fábricas: cotidiano operário em São Paulo (1920-1934)*, São Paulo: Paz e Terra, 1987. p.42

¹⁷⁸ LONER, Beatriz Ana. *Construção de Classe: Operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930)*, Pelotas: Universidade Federal de Pelotas/ Editora Universitária: Unitrabalho, 2001, p. 132.

do convite era mostrar o potencial siderúrgico da região e despertar o interesse de investidores europeus, bem como fazer frente ao projeto da *Itabira Iron*.¹⁷⁹

Nessa época, a ARBED (*Aciéries de Burbach-Eich-Dudelange*), um conglomerado siderúrgico belga-luxemburguês, procurava novos mercados na América do Sul. A empresa havia perdido a grande "corrida" de aquisição de terras em Minas Gerais na década anterior.¹⁸⁰ Pouco depois da visita do monarca ao estado, dois dirigentes da ARBED, Émile Dudelange e Gaston Barbason, criaram o Sindicato do Brasil, um órgão responsável por estudar a possibilidade de implantar empresas siderúrgicas ou de negócios comerciais no país.

Uma missão técnica da ARBED foi enviada para Minas Gerais um mês após a criação do Sindicato do Brasil. Cristiano Guimarães, presidente da Companhia Siderúrgica Mineira e cônsul honorário da Bélgica, recebeu a delegação e convenceu os técnicos de que a melhor alternativa era se associar à empresa brasileira, evitando reações nacionalistas. Os europeus forneceriam capital e tecnologia, e os brasileiros, experiência e conhecimento para administrar a empresa no interior do país.

Em fevereiro de 1921, foi assinado um acordo de intenções entre a ARBED e a Companhia Siderúrgica Mineira. Em dezembro do mesmo ano, a assembleia de acionistas da Companhia Siderúrgica Mineira aprovou a incorporação do capital belga. O Sindicato do Brasil foi encerrado e o patrimônio da Companhia Siderúrgica Mineira foi integrado à Companhia Belgo-Mineira.¹⁸¹ A primeira equipe de técnicos europeus chegou em Sabará no início do ano de 1922 e se instalaram no hotel Mineiro, situado

¹⁷⁹ A *Itabira Iron* foi uma companhia inglesa de exploração de minério de ferro autorizada a funcionar no Brasil pelo Decreto nº 8.787, de 16 de junho de 1911. Foi dissolvida em consequência do Decreto-Lei nº 4.352, de 1º de junho de 1942, que aprovou os Acordos de Washington, transferindo ao governo brasileiro a posse das minas do município de Itabira do Mato Dentro, hoje Itabira (MG). Em maio de 1920, o governo brasileiro havia assinado um contrato com a companhia inglesa, autorizando a construção e exploração de altos-fornos de coque, fábricas de aço e trens de laminação, além de duas linhas férreas que ligariam as minas à estrada de ferro Vitória a Minas e de um cais em Santa Cruz, no Espírito Santo. O projeto consistia na fundação de fábricas de aço e laminação, sem ônus para os cofres públicos e pleitear a permissão de exportar minério de ferro em grande escala.

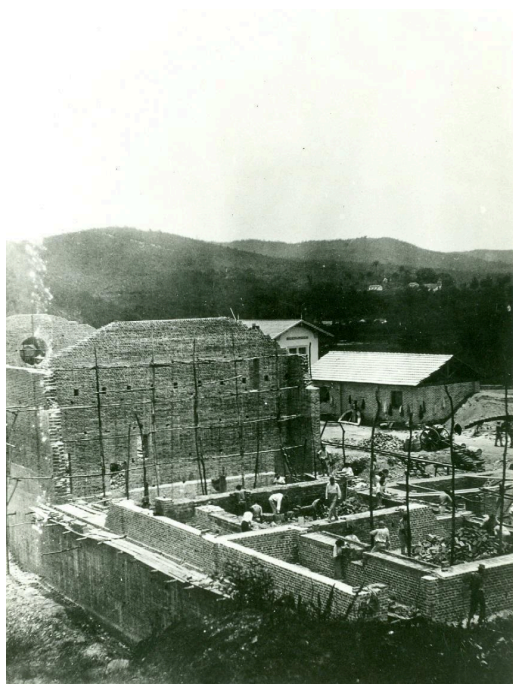
¹⁸⁰ A partir de 1909, quando grupos estrangeiros começaram a adquirir jazidas de minério de ferro no Brasil, a política do governo foi de criar obstáculos para a exportação. Leis e decretos relativos ao ferro foram promulgados, estabelecendo que só poderiam exportar aqueles que transformassem no país parte do minério extraído. Ao mesmo tempo, o governo passou a oferecer uma série de vantagens e favores aos empresários que se tornassem siderurgistas. O objetivo era propiciar, através da exportação do minério, a criação de uma indústria siderúrgica nacional.

¹⁸¹ MOYEN, F. Op. Cit.p.32

próximo à rua Direita, até encontrar casas em boas condições para morar. Para se adaptar contrataram intérpretes e professores de português.¹⁸²

Ataliba de Viterbo, então presidente do clube Mundo Velho, foi designado para ensinar português e apresentar a cidade aos estrangeiros. Seus estudos na Escola Normal Delfim Moreira lhe proporcionaram o aprendizado de francês e latim e conhecia Sabará como a palma da mão, pois havia nascido e crescido no município.¹⁸³

A missão dos técnicos estrangeiros era ampliar a capacidade produtiva da usina de Sabará. Para isso, reforçaram o alto-forno existente e instalaram um novo, além de construir uma fundição e uma oficina. Os acionistas elevaram o capital social da empresa e executaram um novo plano de expansão e desenvolvimento. A introdução do concreto armado no Brasil permitiu à companhia substituir as edificações térreas e assobradadas por construções com mais pavimentos, abrindo um novo mercado para os vergalhões, que eram produzidos pela companhia.



Nas



fotografias, vemos os trabalhadores nas construções de expansão da companhia. Na primeira imagem, é possível identificar os vergalhões utilizados nos edifícios. Na segunda imagem, vemos os operários do campo de obra. À medida que a companhia expandia seu complexo industrial, também aumentava seu quadro de funcionários. Os

¹⁸² A equipe era composta pelos luxemburgueses Jean Briemeyer (Engenheiro chefe das oficinas), Michel Michels (Engenheiro Químico), Eduardo Luja (Chefe de Cultura florestal), Etienne Rosa (Chefe electricista), Emile Simon (Assentador de máquinas) e Nicolas Munshausen (Operário mecânico) e os belgas Hadelin Questiaux (Chefe de contabilidade) e Noel Deville (Assessor de máquinas).

¹⁸³ GUERRA, L. Op. Cit. p.83

sócios do Mundo Velho se valeram de suas redes de solidariedade dentro e fora da empresa, inserindo novos sócios na companhia, e, conjuntamente, ampliaram sua rede de amigos e companheiros de trabalho.

Geraldo Passos relata que entrou para a companhia em 1922, quando no local em que estão hoje os fornos de aço só havia capinzal. Foi admitido como quebrador de minério, fazendo todo o trabalho à mão.¹⁸⁴ José Raimundo dos Santos nasceu em Matozinhos e se mudou para Sabará com um ano de idade. Antes de trabalhar na companhia, foi ourives em diversas oficinas da cidade.¹⁸⁵ Ambos eram sócios do clube Mundo Velho e chegaram à empresa através da indicação de amigos.

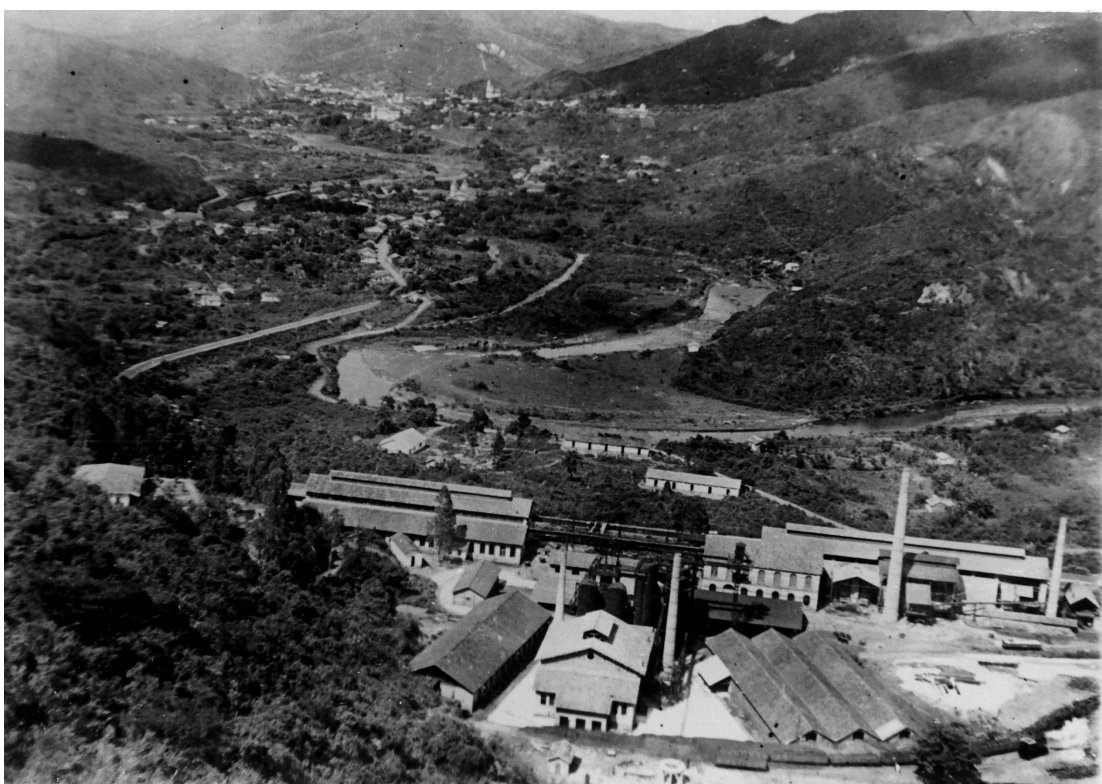


Figura 18: Vista da Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira. Acervo Arcelor Mittal, Cerca de 1925

A fotografia mostra as mudanças feitas pelos europeus no complexo industrial da Companhia Siderúrgica Mineira. O armazém de minério foi ampliado para dois andares e um novo forno foi construído- identificado através de duas torres ao lado do edifício no centro inferior da imagem. Dois prédios de dois andares foram erguidos na frente do armazém para abrigar oficinas e uma fundição. Em 1925, um laminador foi instalado para fabricar vergalhões, perfis leves e barras, e um forno de aço foi inaugurado.¹⁸⁶

¹⁸⁴ ACUFJF, *O Pioneiro*, v.1, n.34, p.2. 18 de novembro de 1955.

¹⁸⁵ ACUFJF, *O Pioneiro*, v.1, n.36, p.2. 02 de dezembro de 1955.

¹⁸⁶ O laminador é um equipamento que produz barras, folhas e tiras de aço a custos mais baixos. O processo de laminação consiste na transformação do aço em determinados produtos utilizados na

A expansão da empresa exigiu mais trabalhadores, incluindo muitos de fora de Sabará. Ao chegarem no município, os "forasteiros" se integravam à cidade por meio de relações na empresa e na comunidade. Levi Francisco de Oliveira, de Nova Lima, trabalhava na Mina do Morro Velho e foi convidado por Pedro Lúcio Pereira, sócio do clube Mundo Velho, para trabalhar na Belgo-Mineira em 1925. Foi admitido para a equipe de montagem e, posteriormente, se tornou bombeiro mecânico e depois sócio do clube.¹⁸⁷ Antenor de Castro Benfica, também de Nova Lima, trabalhou no subsolo da mina de Morro Velho e foi indicado por Joaquim Valeriano para trabalhar na Belgo-Mineira em 1928. Ele também se tornou sócio do clube e ocupou cargos na diretoria.¹⁸⁸

A expansão da usina alterou a composição e organização dos clubes sociais da cidade. Os operários passaram a ser incorporados às redes de sociabilidade dos clubes. Os europeus também se infiltraram na vida pública sabarense e transformaram substancialmente a sociabilidade das elites e das classes populares, bem como promoveram mudanças na malha urbana da cidade. Os sócios do Mundo Velho se apropriaram desses impactos sociais e espaciais para estruturar o clube enquanto um espaço institucional. Eles acionaram suas redes familiares e de solidariedade para incorporar amigos e parentes no quadro de empregados da companhia. Conjuntamente, se valeram dos vínculos trabalhistas, criados no cotidiano da usina, para aumentar o quadro de sócios do clube e, conseqüentemente, ampliar as redes de proteção e solidariedade de seus integrantes.

O clube reuniu pessoas de uma determinada classe da usina, o que engendrou novos projetos coletivos e diferentes sociabilidades, além daquelas já existentes. A presença da indústria proporcionou o acesso a bens materiais e humanos que ocasionou mudanças estruturais na organização e administração da instituição, bem como um novo horizonte de expectativas para os clubistas.

2.3. Uma nova flor na lapela: espaço operário e dinâmicas de racialização

No dia 18 de novembro de 1934, os sócios do Mundo Velho se reuniram em uma assembleia geral extraordinária na sede do clube. O presidente José Silva leu a ata do

construção civil e industrial como os perfis leves, barras e vergalhões. Esses produtos, derivados da fundição de aço, compõem as estruturas metálicas da fundação de grandes edifícios, pontes, barragens, estradas e complexos industriais.

¹⁸⁷ Pedro Lúcio Pereira era filho de José Pereira Vieira, um dos fundadores do Mundo Velho. O relato de Levi está disponível em: ACUFJF, *O Pioneiro*, v.1, n.33, p.2. 27 de novembro de 1955.

¹⁸⁸ ACUFJF, *O Pioneiro*, v.1, n.35, p.2. 15 de dezembro de 1955.

encontro anterior e a colocou para aprovação dos sócios. Em seguida pediu um voto de pesar pelo falecimento do vice-presidente Francisco de Paula Ramos. Expôs que o motivo do encontro era debater uma dívida datada de 1924, proveniente da construção do coreto do clube.

Augusto Crispiniano Pereira apresentou os gastos que teve na obra e manifestou interesse de receber a quantia. Os sócios ficaram surpresos com a dívida e consideraram um excessivo descuido das diretorias anteriores e do interessado em recebê-la. Ficou decidido que o assunto seria resolvido em uma reunião da diretoria com os ex-presidentes Ataliba de Viterbo e João Crisóstomo Pereira e Augusto Pereira.¹⁸⁹

O coreto foi construído durante as primeiras reformas urbanas causadas pela expansão industrial da Belgo-Mineira e serviu como a primeira sede do Mundo Velho. Ataliba de Viterbo, então presidente do clube e professor de português dos europeus, aproveitou sua proximidade com os dirigentes da usina para conseguir um financiamento para a construção do coreto no Largo da Matriz.¹⁹⁰ Os sócios do clube se comprometeram a arcar com o restante do valor, e o clube quitaria as dívidas posteriormente.

¹⁸⁹ ACMV, Livros de atas do clube Mundo Velho, 18 de novembro de 1934.

¹⁹⁰ Entrevista de Sandra Talabar concedida a José de Ribamar em 15 de maio de 2015.



Figura 19: Coreto do Clube Mundo Velho. Acervo Clube Mundo Velho. Década de 1920.

O coreto era composto por dois pavimentos. Segundo Sandra Talabar, o prédio tinha duas funções para o clube. No andar de baixo, funcionava uma barbearia, que servia de ponto de encontro para os sócios. Na parte superior, um tablado para apresentações musicais e bailes.¹⁹¹ O edifício ficava localizado em frente à igreja Matriz de Nossa senhora da Conceição e de fundo o serro Dois Irmãos.. Dona Brasilina, ao ser questionada sobre os eventos no coreto, relembra:¹⁹²

Brasilina: Então era um movimento muito grande e o povo acostumou com aquilo todo fim de semana eles vinham, quando tinha alguma festinha a banda vinha tocava, tocava sabe?! O povo pulando lá na praça, dançando naquela alegria toda e o importante é que nunca acontecia nada, não tinha confusão.

Ribamar: e a banda que tocava era a santa Cecília?

Brasilina: santa Cecília mesmo, é antiga né? Toda festa eles iam pra ali, festa de bandeira, do divino... eles iam tomavam um refrigerante, a cervejinha.¹⁹³

A partir do relato de Brasilina, vemos que o coreto se tornou o principal espaço de encontro dos sócios do clube Mundo Velho e de outras agremiações da cidade como a

¹⁹¹ Entrevista de Sandra Talabar concedida a José de Ribamar em 15 de maio de 2015.

¹⁹² Dona Brasilina nasceu em Sabará, em 1926. Tinha 92 anos quando foi entrevistada por José de Ribamar. Era ex-sócia do Clube Mundo Velho e devido à idade parou de participar das atividades do clube. Presenciou os eventos no coreto desde a infância e relata a gradativa mudança da sede para a rua Marquês de Sapucaí.

¹⁹³ Entrevista de Brasilina, concedida a José Ribamar em 12 de junho de 2015.

Sociedade Musical Santa Cecília. Além dos bailes, no local eram realizadas celebrações católicas, como as festas de bandeira e a festa do divino.¹⁹⁴

De acordo com Sandra Talabar, a Belgo-Mineira também concedeu empréstimos e o desenho da planta para outro coreto situado no Largo do Rosário, usado pelos sócios de outros clubes da cidade. Na fotografia a seguir, visualizamos o edifício no centro, a igreja inacabada de Nossa Senhora do Rosário à direita e o solar do Barão de Sabará à esquerda.¹⁹⁵ Este último prédio foi demolido na década de 1930 para construção do fórum do município.



Figura 20: Coreto do Largo do Rosário. Acervo da cidade de Sabará. Sem data.

Ao financiar a construção dos edifícios, os europeus se apropriaram de uma forma de interação social comum na cultura brasileira da época, conhecida como

¹⁹⁴ A festa do Divino é uma celebração católica que acontece durante o festejo de Pentecostes em louvor ao Divino Espírito Santo. O festeiro, também chamado de imperador do Divino, é figura central da festa e tem a responsabilidade de angariar recursos e convocar a comunidade. Os capitães de mastro auxiliam os trabalhos do festeiro e são indicados por ele. O porta-bandeira carrega um estandarte com uma pomba branca no centro, representando o Espírito Santo. Em Minas Gerais, as festas do Divino são acompanhadas pelos congados, Cavalhadas, danças de fitas, dentre outras expressões. Já as Festas de bandeira, eram celebrações realizadas pelas irmandades religiosas em louvor a seu santo padroeiro em que os grupos religiosos hasteavam uma bandeira em um mastro acompanhado de fogos de artifícios, quermesses e instrumentos. Em Minas Gerais, as festas de bandeira mais comuns eram celebradas para Santo Antônio, São João e São Pedro, bem como ao Divino Espírito Santo. Ver: *ABREU, Martha. O Império do Divino. Festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999 e *CASCUDO, Luís de Câmara. Dicionário do folclore brasileiro.* Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

¹⁹⁵ Devido a qualidade da fonte, destacamos com círculo vermelho a edificação.

patronagem.¹⁹⁶ O apoio moral e material às entidades sociais e recreativas da cidade visava estabelecer relações de favor entre patrões e empregados, reforçando a dependência destes últimos aos desígnios da nova elite local, formada por imigrantes europeus.

Essas relações extrapolavam o contexto profissional e fundamentavam relações cotidianas baseadas no clientelismo e no personalismo. Embora a patronagem e o clientelismo sejam interações de ordens conceituais diferentes, em Sabará, entre as décadas de 1920 e 1940, elas se confundiam e se aproximavam, estabelecendo um continuum que abrangia o âmbito interno da empresa e as relações públicas da cidade. No campo institucional, os acionistas proclamavam as formas e teorias do Estado burguês moderno, mas a prática se regia também por relações de favor e dependência pessoal.

As relações de patronagem e clientelismo entre os forasteiros, diretores da empresa, e grupos brancos locais permitiram que os europeus protegessem e até melhorassem sua posição na estrutura de poder econômico e social da cidade. Essas relações assimétricas reforçaram a dependência da comunidade negra às elites sabarenses, nacionais ou estrangeiras.

No ensaio “As ideias fora do lugar”, Roberto Schwarz afirma que o favor e o clientelismo eram características comuns à elite patriarcal escravista brasileira. O autor sugere que as características liberais burguesas, como a igualdade jurídica, a independência pessoal e o mérito, eram substancialmente europeias. No entanto, como vemos neste trabalho, as práticas dos europeus também se aproximavam das características típicas da elite senhorial brasileira.¹⁹⁷

Como afirma Maria Sylvia Carvalho Franco, as relações baseadas no favor se desenvolveram a partir do desdobramento da produção lucrativa do capitalismo que existia no Brasil. Para a autora: “a aquisição de riqueza como objetivo fundamental, a ausência de privilégios juridicamente estabelecidos, a ausência de tradição, fizeram com que a situação econômica se ligasse imediatamente à posição social”.¹⁹⁸ As

¹⁹⁶ CUNHA, Alexandre Mendes. Patronagem, Clientelismo e Redes Clientelares: a aparente duração alargada de um mesmo conceito na história política brasileira. *História*, São Paulo, v.25, n. 1, p. 226-247, 2006

¹⁹⁷ Para a argumentação de Roberto Schwarz ver: SCHWARZ, Roberto. As ideias fora do lugar. In: Idem. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades. 1992

¹⁹⁸ Para a crítica as perspectivas de Roberto Schwarz ver: FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. As ideias estão no lugar. *Cadernos de debate*, 1. História do Brasil. São Paulo, brasiliense, 1976

representações igualitárias eram necessárias para sustentar o sistema de dominação e encobrir as disparidades. Nesse sentido o favor não se opunha à ideologia burguesa da igualdade abstrata, ao contrário poderia absolvê-la sem dificuldades, pois cumpriam as mesmas tarefas práticas no cotidiano. Assim, a apropriação dessas interações pelos europeus não seria algo incompatível, pelo contrário, estava dentro do espectro de relações estabelecidas no sistema capitalista moderno.

Ao estabelecerem-se em Sabará, belgas e luxemburgueses assumiram o papel central na sociedade local. A partir do final do século XIX, um projeto político-cultural republicano ganhou destaque, inicialmente promovido pelas elites republicanas do Rio de Janeiro e respaldado pelas classes dominantes regionais. O objetivo desse projeto era implantar o cosmopolitismo nos centros urbanos brasileiros por meio da europeização dos comportamentos e do fomento à industrialização.

A partir do imperialismo europeu e do nacionalismo das elites brasileiras, o adjetivo “moderno” passou a designar o padrão de vida burguês europeu e o desenvolvimento do capitalismo industrial. Diante disso, os costumes e as organizações político-sociais distintas daquelas do território europeu passaram a ser lidos como inadequados, considerados em um estágio de “transição” para um “progresso inexorável”.¹⁹⁹

O processo de adequação à "modernidade", impulsionado pelas elites nacionais e imperiais, buscou estabelecer novos significados e regimes de verdade para essas sociedades em transformação. Essa adaptação ocorreu por meio de coerção, envolvendo formas de violência física, institucional e simbólica, direcionadas aos comportamentos cotidianos de diversos grupos que compunham a nação.

Na Belle Époque, a França conquistou renome global associado à ciência, ao progresso, à arquitetura e às artes decorativas, além de liderar no movimento da moda, elegância e costumes. Os países europeus de língua francesa também desfrutaram desse prestígio, sendo reconhecidos como símbolos do moderno e do progresso. Os belgas e luxemburgueses, como impulsionadores do avanço por meio da

¹⁹⁹ CHAKRABARTY, Dipesh. *Provincializing Europe: Postcolonial Thought and Historical Difference* - New Edition. Princeton University Press, 2009.

industrialização, representavam, portanto, a materialização mais próxima desse anseio pela modernidade europeia.²⁰⁰

Ao chegarem, esses estrangeiros se integraram às famílias próximas à administração da extinta Companhia Siderúrgica Mineira, inserindo-se em seus círculos sociais e familiares. Em 21 de dezembro de 1921, Isaura Ribeiro Orsini reuniu seus filhos, os filhos do capitão Miguel Augusto da Silva, as senhoras Maria Horta e Afonsina Borges, e convidou "rapazes e moças das principais famílias da cidade" para formar um novo cordão carnavalesco.²⁰¹ Denominada Cravo Vermelho em homenagem a Arthur Bernardes, então candidato à presidência da república, a agremiação surgiu durante a campanha eleitoral, na qual Bernardes aparecia publicamente com um cravo vermelho na lapela do paletó.

Antes da construção de sua sede, os bailes da associação ocorriam no sobrado de Dona Isaura Orsini, eventualmente no Solar Jacinto Dias, propriedade de Sofia Dias, ou nas terras de José Alves Nogueira, prefeito, e de Francisco Varela. Inicialmente composta exclusivamente por membros brancos da elite vinculados aos diretores da extinta companhia, a agremiação incorporou europeus como sócios a partir de 1922, com belgas e luxemburgueses assumindo cargos na diretoria e participando ativamente de seus eventos periódicos. Em 1932, sob a presidência do luxemburguês Leopold Bian, gerente e administrador da companhia, o clube estabeleceu sua sede na rua Borba Gato, próxima ao largo do Rosário.²⁰²

A preferência europeia por certos grupos familiares e espaços sociais gerou rivalidades por atenção e prestígio com outras famílias brancas tradicionais. O Cravo Vermelho não constituía o único clube que reunia membros brancos na cidade. O clube Sabará, fundado em 1911 pelo padre português José Antônio Marques, também desempenhava esse papel. Localizado na rua Coronel Jacinto, esquina com a rua do Carmo, o clube era, segundo relatos, predominantemente frequentado por brancos e profissionais respeitáveis de Sabará. Além dos eventos na sede, o clube instituiu dois cordões, o masculino chamado Esporão e o feminino Crisântemo.²⁰³

²⁰⁰ ROCHA, Priscila Viana da. Nos rastros da Bellé Époque mineira: estrangeirismos franceses em jornais de Belo Horizonte do final do século XIX e início do século XX. Dissertação (mestrado em letras) - Faculdade de Letras (FALE), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, p.211, 2013.

²⁰¹ Isaura Ribeiro Orsini era mãe de Luís Orsini de Castro, engenheiro responsável pelo desenho das plantas da usina da Companhia Siderúrgica Mineira.

²⁰² GUERRA, L. Op. Cit. p.58

²⁰³ Ibidem. p.42

Os laços estabelecidos com a classe europeia serviam como uma forma de reforçar o status social e o prestígio no cenário urbano. A aproximação com os europeus era percebida pelos brasileiros brancos como uma adesão mais próxima aos conceitos de progresso e modernidade. Além disso, a proximidade com os líderes da companhia resultava em favores, diretos ou indiretos, que facilitavam o acesso a oportunidades profissionais e bens materiais na empresa. Com a participação ativa dos belgas e luxemburgueses no Cravo Vermelho, surgiu uma competição simbólica entre os membros do Cravo e os sócios do clube Sabará, especialmente durante eventos públicos e festividades carnavalescas.²⁰⁴

A expansão da industrialização não apenas aumentou as oportunidades de emprego na companhia, mas também levou a novas alocações de mão de obra no setor fabril. As práticas patronais e as relações de favorecimento, baseadas na proximidade com os diretores, contribuíram para um "alinhamento étnico-racial" nos postos de trabalho da fábrica. Nos extremos dessa alocação, encontravam-se pessoas negras, desempenhando atividades pesadas e mal remuneradas, enquanto, do outro lado, estavam brancos europeus e brasileiros ocupando cargos técnicos bem remunerados.

Olinto Mateus Pereira ingressou na companhia como pedreiro em setembro de 1921, recomendado por um belga chamado Simão.²⁰⁵ Anteriormente, atuava como pedreiro em construções ferroviárias e, praticamente da noite para o dia, foi transformado em pedreiro de construções siderúrgicas.²⁰⁶ Ataliba de Viterbo desempenhava a função de encarregado da modelagem e carpintaria na extinta Companhia Siderúrgica Mineira.²⁰⁷ Devido à proximidade com os europeus, foi promovido a chefe encarregado do mesmo setor na Belgo-Mineira. Nas palavras de seu filho, Fernando Viterbo, Ataliba era a "harmonia social entre os operários e os chefes da companhia".²⁰⁸ Luís Orsini de Castro, responsável pela planta da usina da Companhia Siderúrgica Mineira, ao estabelecer relações com os belgas no Cravo Vermelho, foi admitido como engenheiro na CSBM.

²⁰⁴ Essas disputas serão analisadas com detalhes no quarto capítulo do trabalho

²⁰⁵ Olinto Mateus Pereira era filho de José Pereira Vieira, um dos fundadores do clube Mundo Velho e integrante dos batuques da intendência. Exerceu o cargo de presidente do clube entre 1936 e 1940. As redes familiares dos batuques e da fundação do clube foram analisadas no primeiro capítulo do trabalho.

²⁰⁶ ACUFJF, O Pioneiro, v.1, n.7, p.2. 12 de março de 1955.

²⁰⁷ GUERRA, L. Op. Cit. p.83

²⁰⁸ ACUFJF, O Pioneiro, v.1, n.15, p.2. 6 de junho de 1955.

Florestan Fernandes, ao analisar a industrialização paulistana no início do século XX, sugere que o impacto da competição com estrangeiros foi "aniquilador" para as pessoas negras na formação da ordem competitiva de livre-mercado. Segundo o autor, os negros não possuíam as competências e a capacidade de adaptação ao mercado livre que garantiriam posições vantajosas para competir nas sucessivas redistribuições de oportunidades econômicas. Contudo, como mencionado anteriormente, a falta de políticas públicas e o preconceito racial dificultaram o acesso à educação para grande parte da população negra, o que limitou a capacidade de exercer atividades mais especializadas. Em contrapartida, imigrantes e pessoas brancas locais trocavam sucessivamente de ocupações em áreas de especialização econômica e posições estratégicas, conquistando riqueza, prestígio social e poder.²⁰⁹ Segundo Kim Butler:

Como uma linguagem nacional do discurso social, a patronagem colocou afro-brasileiros num papel de dependência em relação a patrões brancos. A representação desproporcional de brancos em posições de poder ajudou a institucionalizar as relações entre brancos e negros como patrões e clientes, respectivamente.²¹⁰

Ao analisar as fotografias que retratam as funções não especializadas na empresa, torna-se evidente que uma parcela significativa dos trabalhadores nessas atividades era composta por pessoas negras. Mesmo sem a presença de um discurso racial explícito, a segregação étnico-racial nos postos de trabalho era claramente perceptível nas imagens. Na fotografia a seguir, observamos dois homens negros operando um forno sem o uso adequado de equipamentos de proteção. Vestindo roupas inadequadas para o ambiente, os homens manuseiam o ferro responsável pelo controle do calor na fornalha. Um dos rapazes aparece sem camisa, indicando que o local provavelmente estava excessivamente quente.

²⁰⁹ FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Dominus; EDUSP, 1965. 2v.

²¹⁰ BUTLER, Kim D. *Freedoms Given, Freedoms Won: Afro-Brazilians in Post-abolition*, São Paulo and Salvador. New Brunswick: Rutgers University Press, 1998.p.23 apud NAPOMUCENO, Eric Brasil, *Carnavais Atlânticos*, 2016 op.cit. p.88



Figura 21: Trabalhadores da aciaria da Belgo-Mineira. Acervo Fundação cultural Arcelor Mittal. Década de 1920

O avanço industrial da siderurgia impulsionou uma reestruturação no trabalho, resultando, gradativamente, em um maior acesso aos bens materiais de consumo pela classe trabalhadora. No entanto, essa transformação não conduziu a mudanças substanciais nas dinâmicas sociais de produção. A partir do poder econômico, os europeus passaram a dominar as relações políticas e sociais em Sabará, utilizando práticas como a patronagem e o clientelismo, enquanto as classes populares, compreendendo negros e pobres, foram novamente submetidas a condições de dependência por meio de favores. Em essência, isso representou mais uma instância daquilo que Peter Eisenberg descreveu como "modernização sem mudança".²¹¹ Coube aos operários construir suas formas de luta dentro das relações engendradas na nova ordem social.

O aumento na demanda por ferro e aço na segunda metade da década de 1920 impulsionou o crescimento da siderurgia no estado, resultando em uma notável queda nos preços do ferro nacional. Entre julho de 1926 e julho de 1927, os estoques da Belgo-Mineira ficaram saturados, levando os dirigentes a decidirem pela paralisação das atividades industriais. Os trabalhadores, diante dessa situação, sentiam-se inseguros e ameaçados, percebendo que poderiam "ficar desempregados de uma hora

²¹¹ EISENBERG, Peter. (1977), *Modernização sem mudança: a indústria açucareira em Pernambuco, 1840-1910*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

para outra com a paralisação da siderúrgica".²¹² A recessão na produção e na venda de mercadorias fez a empresa suspender as doações financeiras para os clubes e associações, impactando diretamente a vida social dos operários. A crise reverberou na organização social do Mundo Velho, resultando no esvaziamento de expressões públicas específicas dessa instituição.²¹³

No final de 1927, o engenheiro luxemburguês Louis Ensich foi enviado a Sabará com a missão de reformar os equipamentos da CSBM e reverter a situação de recessão. Após sucessivas reformas, em 1932, a empresa retomou seu crescimento, marcando uma segunda transformação na malha urbana da cidade.

Na década de 1910, José Eloy de Souza, o primeiro procurador do clube Mundo Velho, mantinha uma pequena criação de gado em um terreno próximo ao largo da capela de Nossa Senhora do Ó. Essa área era remota, com apenas algumas casas simples construídas nas terras da igreja. José, zelador da capela, compartilhava com amigos e vizinhos a história de que a igreja do Ó possuía vastas terras doadas por antigos fiéis, mas que acabaram sendo ocupadas por pessoas simples sem moradia. Alguns anos antes, o comerciante Nicolau Manaier havia adquirido várias dessas casas para ampliar seu armazém.²¹⁴

Com o intuito de construir habitações para seus funcionários, a Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira manifestou interesse em adquirir as moradias próximas à capela. Os diretores designaram o comerciante Antônio Géó para negociar com Nicolau. Nesse ínterim, o prefeito procurou José Eloy para revisar os documentos referentes à doação das terras à Igreja de Nossa Senhora do Ó. O zelador, prontamente, apresentou toda a documentação à autoridade, que expressou o desejo de revisá-los na prefeitura.

Preocupado com a responsabilidade de guardar os documentos, José Eloy foi tranquilizado pela promessa de que seriam devolvidos rapidamente. Entretanto, após algumas semanas, Nicolau cedeu às pressões de Antônio Géó e vendeu as casas para a companhia. Os documentos entregues por José Eloy desapareceram na prefeitura, resultando na perda dos terrenos pela igreja.²¹⁵

²¹² ACUFJF, O Pioneiro, v.1, n.17, p.2. 30 de junho de 1955.

²¹³ A mudança e debate sobre as expressões do clube decorrente da crise de 1927 foram analisadas com mais detalhes no terceiro e quarto capítulo da dissertação.

²¹⁴ GUERRA. L. Op. Cit. p.289

²¹⁵ *ibidem*.

Os estratagemas políticos utilizados pelos representantes da empresa para a compra dos lotes no largo de Nossa Senhora do Ó evidenciam a extensa rede de influências políticas da Companhia. O projeto da usina siderúrgica previa a construção de um bairro operário com moradias, escolas, hospitais e espaços recreativos. A planta foi efetivada nas proximidades da usina, na região da prainha, uma extensão de terra entre o rio Sabará e a indústria, posteriormente denominada bairro Siderúrgica.²¹⁶

. A política habitacional, “no afã de colocar mais próximo ao seu parque industrial, num benefício mútuo, o trabalhador que reside afastado”,²¹⁷ propiciou moradias aos funcionários, construindo casas destinadas às diferentes categorias profissionais, como engenheiros, técnicos e operários menos qualificados. Em 1932, a Companhia inaugurou o primeiro conjunto habitacional. A vila siderúrgica, nas proximidades da usina, chamava a atenção pelas

Alinhada às políticas industriais da época, a Belgo-Mineira implementou uma série de iniciativas de cunho social que abrangiam diversos segmentos da sociedade. A política habitacional, com o intuito de aproximar os trabalhadores do parque industrial em benefício mútuo, resultou na construção de moradias destinadas a diferentes categorias profissionais, abrangendo engenheiros, técnicos e operários menos qualificados.²¹⁸ Em 1932, a Companhia inaugurou seu primeiro conjunto habitacional. A vila siderúrgica, situada nas imediações da usina, destacava-se pela

casas solidamente construídas, com todos os dispositivos de conforto que o progresso humano faculta ao homem dos tempos modernos: - Água em profusão, boa luz, instalações sanitárias completas e, em algumas, até o toque burguês de um jardim à frente. A maioria desses operários não usa, há muito, lenha para cozer o seu alimento. Dá-se ao luxo, ou, dizendo com precisão, ao asseio proporcionado por um fogão elétrico [...] alugadas aos operários, luz e água inclusos, por módica mensalidade, oscilante entre 40 e 60 cruzeiros!²¹⁹

O anúncio veiculado no jornal *Kaquende*, em dezembro de 1943, destaca uma mudança significativa na estrutura das moradias em comparação com as existentes anteriormente em Sabará. O periódico também ressalta transformações nos hábitos dos funcionários, que passavam a adotar comportamentos mais alinhados com as expectativas do modelo de vida burguês. Segundo Vânia Beatriz Herédia, a criação de vilas operárias no contexto brasileiro estava vinculada à necessidade de manter a força

²¹⁶ MOYEN, F. Op. Cit. p.63

²¹⁷ CBG, *Kaquende*, 25 de dezembro de 1943, p.2

²¹⁸ CBG, *Kaquende*, 25 de dezembro de 1943, p.2

²¹⁹ CBG, *Kaquende*, 25 de dezembro de 1943, p.2

de trabalho próxima à fábrica, proporcionando maior controle sobre os trabalhadores.²²⁰ Além disso, o aluguel dessas moradias representava uma forma para a companhia obter receitas adicionais, ao mesmo tempo em que introduzia novos padrões culturais na comunidade, buscando aproximá-la dos ideais das classes burguesas.

Zoroastro Viana Passos, intelectual natural da cidade, expressou sua preocupação em relação às transformações no espaço urbano decorrentes das intervenções da Belgo-Mineira: "Os nomes das ruas estão mudados! E se não houver um obstáculo ao modernismo que tomou conta da cidade, da antiga Vila Real, que ditava leis à vastíssima Comarca do Rio das Velhas, não restará mais nada que lembre o que foi".²²¹ No entanto, é importante ressaltar que essas mudanças eram mais evidentes no plano urbano do que nas relações sociais em si.

As ações da empresa visavam principalmente fortalecer as práticas patronais e o paternalismo, com o objetivo de estabelecer um controle social sobre as organizações e práticas sociais. Essas práticas garantiam a legitimidade e as interdependências necessárias para a aceitação da empresa na sociedade.²²²

Ronaldo André Rodrigues da Silva, ao analisar as relações entre a Sabará e a Companhia Belgo-Mineira no século XX, comenta que “a busca por melhorias sociais, pela implantação de equipamentos urbanos e estruturação da cidade levou ao desenvolvimento de uma identidade social e cultural que se consolidou ao longo dos anos.”²²³ Essa identidade, forjada através de diversos campos em que a siderúrgica atuava no município, visava consolidar as relações entre patrão e empregados e manter a estrutura social constituída a partir dela. Nas palavras de Ronaldo

Percebe-se por meio dos diversos campos de atuação da Companhia junto à vida cotidiana das Vilas Operárias e das coletividades por ela mantidas, desde preocupações quanto à qualidade de vida e das condições sociais àquelas relacionadas à formação ética do indivíduo e a manutenção de padrões sociais de convívio e de bem-estar social. Nas mensagens de fim de ano, apresentadas

²²⁰ HERÉDIA, V. B. M. A construção de vilas operárias no sul do Brasil: o caso de Galópolis. IN: Scripta Nova. Revista electrónica de geografia y ciencias sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona, v. VII, n.º 146(080), 2003.

²²¹ PASSOS, Zoroastro. Entorno da história do Sabará. Belo Horizonte: Imprensa oficial de Minas Gerais, 1942, v2. p.343

²²² RODRIGUES DA SILVA, Ronaldo André. Arqueologia Industrial, memória e documentação: Os Registros das Vilas Operárias Siderúrgicas de Sabará – Minas Gerais. Fórum Patrimônio: ambiente construído e Patrimônio Sustentável Belo Horizonte, v.9, n.1. Jan / jun. 2016 ISSN 1982-953. p.6

²²³ RODRIGUES DA SILVA, Ronaldo André. Memória ou nostalgia? As relações cidade-empresa na primeira metade do século XX: um Caso da Siderurgia em Minas Gerais. *Anais do 10º Mestres e Conselheiros Belo Horizonte/MG* - de 29 a 31/08/2018.

pela Companhia por meio de notas de serviço, tem-se uma visão paternalista que se apresenta nos desejos e nas felicitações aos empregados e familiares.²²⁴

A fusão entre a nova estrutura urbana e as antigas relações paternalistas, juntamente com uma nova linguagem representando uma "modernidade tradicional regional" que regia a cidade, foi bem retratada em um artigo publicado no jornal *Kaquende* em 1944. Segundo os editores, "Sabará da cidade colonial e da cidade siderúrgica podem coexistir perfeitamente estas duas mentalidades."²²⁵ As relaes paternalistas estabelecidas pela empresa com seus funcionários foram construídas e consolidadas por meio de interaes cotidianas e práticas patronais que criavam dependência, frequentemente intervindo nas organizaes de clubes e entidades sociais da cidade.

No clube Mundo Velho, diretores e engenheiros da Belgo-Mineira participavam de solenidades da instituio. Em uma lista de presença de uma assembleia, destacada de uma ata do clube entre 1929 e 1934, encontram-se assinaturas de luxemburgueses e personalidades da companhia.²²⁶ Nessas ocasiões, os diretores da empresa eram convidados a presidir as reuniões ou assumir posies de destaque. Durante as celebraes do aniversário da agremiao, membros do Clube Sabará, Cravo Vermelho e Sorrir das Moreninhas eram convidados a ocupar lugares na mesa de honra, presidir e secretariar as reuniões. Representantes dessas associaes faziam discursos e prestavam homenagens ao Mundo Velho, além de oferecerem bebidas e animar a festa que se seguia ao encontro.

A sede do clube não apenas servia como local de sociabilidade, mas também desempenhava o papel de espaço para negociaes e construo de laços identitários. Em 1932, o ex-presidente Ataliba de Viterbo adquiriu um terreno com uma pequena casa na rua Marquês de Sapucaí e cedeu o espaço para a construo da nova sede do clube. As reformas do edifício foram financiadas pelos prrios sócios, além do suporte financeiro concedido pela companhia.²²⁷ O clube efetivamente se mudou para a nova sede em 1934, após a conclusão das obras de revitalizao do prédio. No ano

²²⁴ Ibidem. p.12

²²⁵ CBG, *Kaquende*, 16 de julho de 1944, p.8

²²⁶ A estimativa de data foi proposta por mim a partir da análise das assinaturas dos presentes e da comparao com o período de estadia dos dirigentes em Sabará. Dentre os nomes que se destacaram na lista estava o de G. Latroisser, técnico luxemburguês que chegou em Sabará apenas em 1929, e o do ex-diretor Francisco de Paula Ramos que faleceu em 1934. A presença desses nomes permite sugerir que esta reunião aconteceu entre essas duas datas. Sobre a fonte ver: ACMV, Livro de atas do Clube Mundo Velho, folha destacada sem data.

²²⁷ Entrevista de Sandra Talabar, concedida a José de Ribamar em 15 de maio de 2015 e Livro de atas do Clube Mundo Velho, 24 de abril de 1935.

seguinte, após o falecimento de Ataliba, o terreno foi doado à instituição.²²⁸ Os sócios mantinham uma comunicação direta com os gestores da companhia e, quando necessário, solicitavam serviços da empresa. Na reunião do dia 5 de fevereiro de 1936

foi entrado em acordo, os serviços de instalações sanitárias até a data do carnaval, ficando o sr. Heraldo Ramos autorizado de combinar com o sr. Diretor da Cia siderúrgica Belgo Mineira, o dia que pudesse mandar pedreiros para o fim citado acima, caso não sendo possível, devido a turma de pedreiros estar apertada com serviços da Cia efetuar mesmo com despesas por conta do Club.²²⁹

Os diretores da empresa não apenas financiavam as reformas ou atividades do clube, mas também realizavam doações de bebidas ou quantias em dinheiro para os bailes e desfiles carnavalescos. Esses favores, concretizados nas relações patronais, contribuíam para a manutenção da autoridade e prestígio social dos patrões. Em uma reunião ocorrida em 4 de agosto de 1938, o presidente Olinto Mateus propôs aos sócios a ideia de colocar um retrato do diretor da ARBED, Gaston Barbason, na sala de honra como forma de agradecimento pelos serviços prestados ao clube. Os presentes debateram e votaram a proposta, que foi aprovada, sendo ainda sugerido acrescentar os retratos de Louis Ensck, o executivo principal da Belgo-Mineira no Estado, e do engenheiro chefe Albert Scharlé.²³⁰

Sobre as relações constituídas na base do favor, Roberto Schwartz afirma que “ao legitimar o arbítrio por meio de alguma razão ‘racional’, o favorecido conscientemente engrandece a si e ao seu benfeitor, que por sua vez não vê, nessa era de hegemonia das razões, motivo para desmenti-lo”.²³¹ Nesse sentido, as cerimônias públicas do Mundo Velho faziam um duplo exercício, por um lado legitimava o clube e por outro estabelecia meios de continuidade do domínio dos dirigentes.

A cordialidade dos sócios do clube, ao receber convidados ilustres e/ou outras agremiações, também pode ser interpretada como uma estratégia de legitimação da própria entidade e da consolidação da influência dos grupos operários e afrodescendentes na sociedade local.²³² Essas atitudes dos sócios de manter e cultivar

²²⁸ CBG, Inventário de Ataliba de Viterbo, CPON (73) 1448/ 146

²²⁹ ACMV, Livro de atas do Clube Mundo Velho, 5 de fevereiro de 1936.

²³⁰ ACMV, Livro de atas do Clube Mundo Velho, 4 de agosto de 1938.

²³¹ SCHWARTZ, R. op. cit. p.6

²³² SAYÃO, Thiago J. Uma identidade racial velada no pós-abolição? Apontamentos sobre a sociedade recreativa União Operária da Laguna/SC na Primeira República. *Texto apresentado no 7º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*, Curitiba (UFPR), de 13 a 16 de maio de 2015. Anais completos do evento disponíveis em <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/> acesso em 30 de setembro de 2021.

as relações com pessoas brancas ilustres locais se configuram como um exercício de infrapolítica, que se define pela política cotidiana que procura evitar um confronto direto com os detentores do poder político, religioso e econômico.²³³

A cordialidade demonstrada pelos sócios do clube ao receber convidados ilustres e/ou outras agremiações pode ser interpretada como uma estratégia para legitimar a própria entidade e consolidar a influência dos grupos operários e afrodescendentes na sociedade local.²³⁴ Essas atitudes dos sócios em manter e cultivar relações com pessoas brancas ilustres locais representam um exercício de infrapolítica, caracterizado pela prática cotidiana que busca evitar confrontos diretos com os detentores do poder político, religioso e econômico.²³⁵

Essa dualidade de legitimação proporcionava uma aproximação entre os funcionários da companhia e seus patrões, ampliando, em algumas ocasiões, as oportunidades de ascensão social e política dos sócios na sociedade sabarense. A ascensão dos sócios, especialmente os negros, por meio das solidariedades e redes de proteção internas do clube, beneficiava a todos ao aumentar os recursos disponíveis para a expansão e manutenção da instituição.

A cortesia com outras entidades também desempenhava uma dupla função afirmativa. Por um lado, legitimava o clube como um espaço institucional na cidade, endossado por associações semelhantes, e, por outro, angariava recursos sociais que auxiliavam em sua existência. Em momentos de crise, os sócios do Mundo Velho buscavam apoio em outros clubes para viabilizar a continuidade de suas atividades. Por exemplo, em 1936, diante de problemas financeiros, a banda de Jazz do Clube Cravo Vermelho se apresentou nos bailes da associação sem custos, demonstrando amizade e solidariedade.²³⁶

Conforme mencionado anteriormente, as relações de solidariedade formadas por meio da infrapolítica, tanto com outras associações da cidade quanto com os patrões,

²³³ SCOTT, James C. *Los dominados y el arte de la resistencia: discursos ocultos*. Ciudad de México: Ediciones Era, 2000. p.24.

²³⁴ SAYÃO, Thiago J. Uma identidade racial velada no pós-abolição? Apontamentos sobre a sociedade recreativa União Operária da Laguna/SC na Primeira República. Texto apresentado no 7º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, Curitiba (UFPR), de 13 a 16 de maio de 2015. Anais completos do evento disponíveis em <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/> acesso em 30 de setembro de 2021.

²³⁵ SCOTT, James C. *Los dominados y el arte de la resistencia: discursos ocultos*. Ciudad de México: Ediciones Era, 2000. p.24.

²³⁶ ACMV, Anexo datilografado, livro de atas do clube Mundo Velho, 5 de julho de 1936.

abriam portas para ascensão profissional dos sócios, melhorando suas condições materiais e fortalecendo seu poder de negociação nos espaços sabarenses. Um exemplo é Pedro Lucio Pereira, membro do clube, que frequentou o Colégio Normal Delfim Moreira em Sabará, graduando-se como normalista. Seus conhecimentos em francês possibilitaram sua contratação como redator e tradutor pela Belgo-Mineira. Aproximando-se da companhia, Pedro conseguiu dar continuidade aos seus estudos e especializar-se no idioma francês na embaixada da França no Rio de Janeiro, alcançando o cargo de chefe de escritório na CSBM em 1941.²³⁷

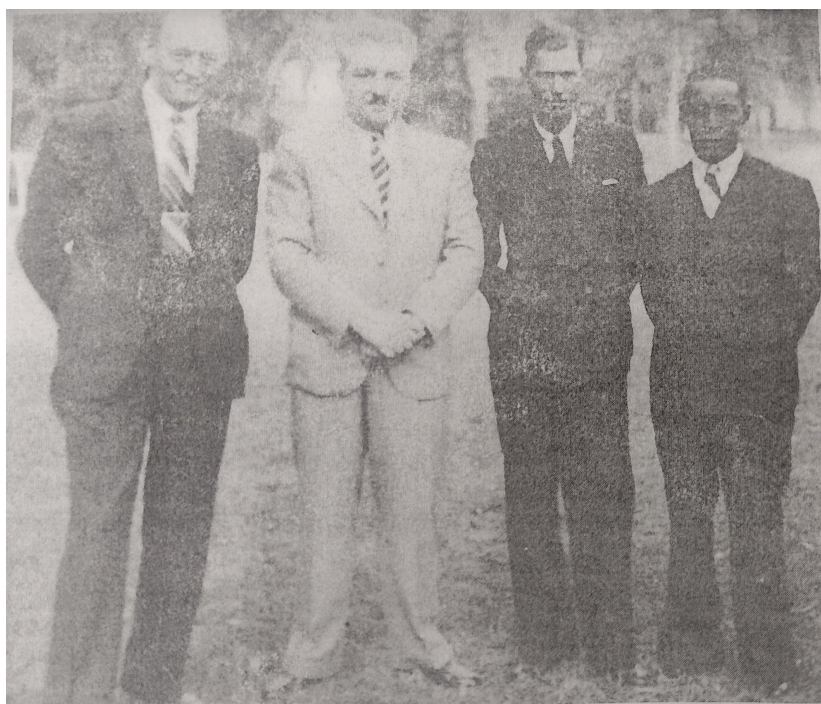


Figura 22: Pedro Lúcio com funcionários da Belgo. Acervo O acadêmico. 1941

Na fotografia, observamos o sócio Pedro Lúcio Pereira, o primeiro da direita para a esquerda, acompanhado de Leopoldo Bian, Jean Pierre Forhmann e José Pinto de Almeida no campo do Retiro Sport Club, em 1941. O cargo de Pedro Lúcio permitia-lhe viajar para outras unidades da empresa, especialmente para João Monlevade e Belo Horizonte. Essas viagens formavam uma ampla rede de amizades que apoiava o clube Mundo Velho e outras associações nas quais ele estava envolvido. Em 1930, Pedro Lúcio e outros funcionários da Belgo-Mineira fundaram o time de

²³⁷ GUERRA, L. p.268

futebol chamado Esporte Clube Siderúrgica e o clube carnavalesco Sorrir das Moreninhas, destinado às crianças e mulheres negras da cidade.²³⁸

O Esporte Clube Siderúrgica reunia grande parte dos operários da usina e participava de torneios locais, regionais e estaduais. O futebol servia como um espaço de encontro e entretenimento para operários brancos e negros, ampliando a vida pública e os locais de sociabilidade. As redes de solidariedade eram cruciais para o apoio e financiamento de espaços sociais e de entretenimento da classe trabalhadora, especialmente para as pessoas negras. Essas redes também permitiam que os sócios ocupassem outros espaços de representação operária na cidade.

Joaquim Siqueira, presidente do Mundo Velho por quase toda a década de 1940, tornou-se chefe do sindicato dos metalúrgicos de Sabará em 1941. Sua presença em diversos espaços políticos e sociais levou, em 1946, à notícia de sua nomeação como prefeito da cidade pelo presidente Getúlio Vargas e pelo governador de Minas Benedito Valadares. Joaquim permaneceu no cargo até janeiro de 1947, quando foi eleito pelas urnas para governar o município até 1951.

O clube Mundo Velho, a partir da década de 1940, tornou-se um espaço de articulação e promoção política de candidatos a diversos cargos no município e além dele. As experiências nos diferentes espaços de representação operária, seja nos clubes sociais e recreativos ou nos sindicatos e organizações, aumentaram a popularidade dos sócios e a capacidade de alinhamento de interesses entre patrões e empregados. Como representantes do sindicato, os trabalhadores se aproximavam das classes dirigentes e também das autoridades locais. Essas instituições deveriam defender os interesses da classe operária da siderúrgica, mas serviam como espaço de diálogo com os dirigentes da empresa e atores do poder público; tinham, na verdade, um papel mais conciliatório do que de enfrentamento e mudanças nas condições de trabalho dos operários. Seu funcionamento também era baseado na infrapolítica e nas redes de solidariedade entre diferentes grupos sociais da cidade.

O clube Mundo Velho destacou-se como um espaço representativo para a classe operária da siderúrgica a partir da década de 1920. Por meio das relações de trabalho, os primeiros sócios do Mundo Velho angariaram novos membros para a instituição, ampliando suas redes familiares e de solidariedade. Além disso, era um local

²³⁸ Ibidem. p.270

privilegiado para fortalecer os laços entre a comunidade operária do município e promover figuras públicas com amplo apoio popular. O Mundo Velho tornou-se o palco das estratégias e ações mobilizadas pelos grupos operários em busca de melhores condições de vida na cidade, além de ser um local para encontros familiares e entre amigos.

A chegada dos belgas e luxemburgueses no início da década de 1920 remodelou as relações entre as antigas elites da cidade e reestruturou novos espaços sociais e políticos no meio urbano. A formação do clube Cravo Vermelho, marcada pelo requinte e pela aproximação com os europeus, desencadeou experiências caracterizadas por um intenso processo de racialização das relações sociais e institucionais. Apesar de não explicitar critérios raciais em seu estatuto, o Cravo consolidou-se como um espaço social exclusivo para pessoas brancas de certo status econômico na cidade. Esse contraste delineou as fronteiras socio-raciais que já estavam em formação desde a segunda metade do século anterior.

As relações entre as diversas instituições e pessoas eram regidas pelo personalismo, clientelismo e relações patronais. Através desses vínculos, estabeleceram-se fronteiras sociais e raciais, materializadas por meio de diferentes ações e projetos dos sócios das agremiações. A reorganização do clube Mundo Velho em 1934, orientada por um parâmetro "moderno", resultou em novas práticas e expressões públicas dos diferentes atores que compunham o clube. Esses projetos coletivos foram moldados pelas experiências acumuladas pelos sócios em diferentes espaços associativos da cidade e pelas diversas situações vivenciadas desde a formação da instituição.

CAPÍTULO 3

Salve, salve, glorioso Mundo Velho: Associativismos, experiências de racialização e práticas culturais

O MUNDO VELHO ERA NOSSO

Naquela manhã de sábado, o sol ainda começava a aquecer o chão quando me vi olhando a Igreja do Carmo. Havia chegado em Sabará bem cedo para fazer mais uma entrevista. O ex-sócio pediu que eu esperasse em frente ao templo, que, logo terminasse seus afazeres, me encontraria ali. Depois de alguns minutos de espera, ele chegou e me cumprimentou e indicou o caminho que faríamos para sua casa. Cumprimentava a todos e fazia questão de fazer paradas por onde passava. Enquanto caminhávamos, me indicava as casas dos antigos sócios e das famílias do clube. Assim que chegamos no nosso destino, ele me disse para subir as escadas e do alto contemplou comigo a vista da cidade.

Quando entrei na casa, me convidou até a cozinha e me apresentou seu filho e esposa já dizendo: este é o rapaz que veio conversar sobre o Mundo Velho. Ainda descontraídos, os três confidenciaram como o clube era um lugar ótimo e que morriam de saudades. Falaram dos bailes, das festas, das matinês e o filho completou com uma fala nostálgica sobre a época que ele e seus amigos faziam as batalhas de rap na sede. Depois da conversa, direcionamo-nos à sala e começamos a entrevista. Entre uma pergunta e outra, que já estavam programadas, o sócio me contava algumas experiências que marcaram sua vida no clube. No momento em que questionei a relação com os outros clubes, de imediato me respondeu:

- *O clube Mundo Velho era onde nós pretos ia né. Na época, gente da nossa cor não podia entrar no Cravo Vermelho. Os outros até vinham dançar samba com a gente lá no clube, mas a gente não podia ir lá. Se a gente parasse na porta do Cravo, o guardinha já perguntava porque estávamos olhando lá para dentro.*

Querendo entender melhor, questionei:

- *Mas ninguém do Mundo Velho ia no Cravo?*

Ele respondeu:

- *Só ia para tocar ou algumas mulheres iam ensinar a dançar, porque isso a gente sabia fazer bem (acompanhando uma risada). Mas para se divertir mesmo era no Mundo Velho, lá que era o nosso clube...*

A conversa continuou por mais algumas horas e as diferenças entre os clubes eram constantemente demarcadas pelas fronteiras raciais que constituíram a Sabará do passado. O Mundo Velho, mais que um clube social, era um espaço de acolhimento das pessoas negras, que ali teciam possibilidades para enfrentar as intempéries da segregação e do racismo. O "nosso" delimitava o lugar em que se podia viver e sorrir sem medo de represálias.

O processo de industrialização iniciado no final da segunda década do século XX em Sabará provocou diversas mudanças na estrutura espacial e nas relações sociais urbanas. O antigo arraial do Tapanhoacanga foi reconfigurado devido à implantação do complexo industrial siderúrgico. Outros pontos da sede foram remodelados para se adequar ao novo fluxo de cargas e pessoas na cidade. Os europeus associaram-se a uma parcela da elite sabarense, introduzindo novas práticas culturais no espaço citadino e formando espaços sociais próprios, que passaram a simbolizar requinte e modernidade na cidade.

A chegada dos estrangeiros europeus para administrar a Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira (CSBM) reorganizou as relações políticas e raciais da cidade, além de incentivar a manutenção dos clubes sociais, que, naquela época, eram o centro da sociabilidade urbana. As alterações no plano espacial e social engendraram novos processos de racialização no município, refletindo-se na distribuição hierarquizada racialmente dos postos de trabalho na siderurgia, bem como nas transformações das práticas culturais e festivas da população. Nessa alocação, as funções na usina eram distribuídas segundo um alinhamento étnico-racial, no qual as pessoas negras desempenhavam atividades pesadas e mal remuneradas, enquanto as pessoas brancas, brasileiras ou europeias, realizavam trabalhos técnicos bem remunerados. Esse novo cenário reforçou antigas relações clientelistas e paternalistas entre as elites sabarenses, nacionais e estrangeiras, de um lado, e a comunidade negra local, de outro.

As relações baseadas em favores, expressas no paternalismo e no patronato, estabeleceram vínculos de dependência entre os diferentes grupos sociais. A proximidade com a classe dirigente da empresa concedia benefícios e maior acesso a bens materiais, incluindo melhores condições de trabalho na usina. A presença europeia impulsionou o modelo de vida industrial burguês e constituiu um campo de disputa pelo prestígio social, no qual os elementos culturais europeus se destacavam em relação às antigas práticas sociais.

Neste capítulo, analiso as práticas culturais mobilizadas pelos sócios do clube Mundo Velho durante a primeira metade do século XX. Destaco as experiências e estratégias de atuação das pessoas negras, com base em suas práticas, dentro e fora da instituição. Além disso, em cada seção busco debater as relações entre a negociação de

práticas sociais e o processo de racialização vivenciado pelas pessoas negras a partir da segunda metade do século XIX.

À semelhança das danças dos bailes dos clubes, este capítulo se divide em quatro passos para facilitar a argumentação e o entendimento do leitor. Inicialmente, analiso as relações entre as experiências de racialização vividas pelas pessoas negras e a consolidação do associativismo negro em Sabará na primeira metade do século XX. Utilizando fotografias, publicações na imprensa local e o livro de atas do clube, busco compreender como os sócios do Mundo Velho abordavam e fundamentavam as questões raciais tanto dentro quanto fora da associação.

No segundo passo, analiso as disputas e debates em relação ao acesso à instituição. Por meio das discussões sobre o balancete, preço das mensalidades e ingressos, pretendo compreender como a burocracia também funcionava como uma forma de estabelecer lugares sociais, além de examinar como os sócios negros buscavam criar um espaço próprio dentro do clube.

No terceiro passo, farei um levantamento de algumas questões relacionadas aos projetos voltados à educação e instrução dos sócios, com o objetivo de perceber como os membros da agremiação compreendiam a questão da educação durante o período estudado.

Por fim, no quarto passo, analisarei os diálogos, negociações e performances das práticas culturais empreendidas pelos integrantes do clube dentro da instituição e no espaço público sabarense. Os debates travados entre os sócios durante as reuniões sobre as manifestações públicas do clube evidenciam certas negociações, diálogos e apropriações de determinadas práticas culturais, assim como a reelaboração de outras em âmbito privado. Os critérios raciais emergem como fatores importantes, influenciando diretamente nessas negociações e reapropriações entre os membros do clube, constituindo o ponto de partida para as reflexões desta seção.

3.1. “Temos certeza da vitória, que nos dá nossa união”: experiências de racialização no pós-abolição

<p>Glorioso Mundo Velho</p> <p>Marcha (Letra - O. Blazina/Música - Maestro Villela)</p> <p>Salve salve glorioso Mundo Velho</p> <p>Bis [Que nos dá o prazer e a alegria Querido clube que temos orgulho De estarmos sempre em franca harmonia E unidos iremos à vitória Levando o nosso pendão Símbolo da esperança e da glória O verde-amarelo campeão Temos a certeza da vitória Que nos dá a nossa união Cantamos entre a alegria e a glória Cantamos salve, salve campeão</p>	<p>Glorioso Mundo Velho</p> <p>Salve Salve glorioso Mundo Velho Que nos dá prazer e alegria Querido clube que temos orgulho De estarmos sempre em franca harmonia E unidos iremos à vitória Levando o nosso pendão Símbolo da esperança e da glória O verde-amarelo campeão Temos a certeza da vitória Que nos dá a nossa união Cantamos entre a alegria e a glória Cantamos salve, salve campeão</p> <p>Composição: Letra- Orlando Blazina e Maestro Villela</p>
---	---

O hino "Glorioso Mundo Velho", entoado durante os carnavais e nas festas do clube, destaca os sentimentos que os sócios sentiam e ainda sentem pela agremiação. Apesar de não ter informações sobre a data exata de sua composição, sei que foi criado por dois membros da associação e já era entoado na década de 1930, quando o clube construiu sua sede na rua Marquês de Sapucaí, número 389. Escolhi por começar esta parte do capítulo com esse hino, pois ele ilustra bem como os membros do Mundo Velho abordavam o tema tratado nesta seção: as relações entre as experiências de racialização vividas pelas pessoas negras e a consolidação do associativismo negro em Sabará na primeira metade do século XX.

Pouco se sabe sobre a atuação do clube na cidade nos anos que seguiram a data de fundação, exceto que ele era ativo no carnaval. Quando considero o perfil dos sócios, posso afirmar que, em sua maioria, eram pessoas negras que frequentavam os batuques e os diversos espaços das classes populares da época. Como discutido no primeiro capítulo, a formalização do clube em 1896 resultou do alinhamento de expectativas e interesses de diferentes classes sociais da cidade. Para encontrar caminhos de tolerância nas perspectivas de controle da sociedade republicana, as comunidades negras se aliaram às pessoas influentes na política local para preservar os espaços de encontros e socialização. As primeiras diretorias do clube eram compostas por pessoas

notórias que buscavam resguardar a institucionalidade do clube e manter a dinâmica de encontros dos negros no espaço citadino.

Sobre o primeiro estatuto, não há registros nos cartórios da cidade ou cópias anexadas para autorização de funcionamento nos arquivos policiais, o que nos impediu de conhecer seus objetivos e propostas para além dos desfiles carnavalescos. No entanto, encontrei um valioso registro da imprensa sobre o desfile da agremiação em 1898, que fornece algumas pistas sobre como seus integrantes lidaram com as questões raciais que interpelaram o clube desde sua formalização. Em 3 de março daquele ano, a primeira página do *O Contemporâneo* detalhava o desfile do clube, ocorrido em 20 de fevereiro, e parabenizava seus sócios, afirmando que agiram com "respeito ao lema de seu estandarte – União e progresso".²³⁹

O termo "progresso", presente no lema do estandarte do clube, fazia referências explícitas às ideias positivistas que predominavam na república naquele momento. A implantação do regime republicano foi marcada por disputas e manipulações dos símbolos nacionais entre intelectuais e militares, sendo o tema central da obra "A Formação das Almas" de José Murilo de Carvalho.²⁴⁰ Para o historiador, os positivistas foram os principais manipuladores do imaginário na primeira república. Utilizando a palavra escrita em livros, jornais, publicações da igreja e conferências públicas, eles buscaram persuadir os setores médios da população, além de recorrer a imagens e rituais para alcançar as classes iletradas, especialmente as mulheres e os proletários.

O termo "progresso", incorporado no lema da agremiação, evidencia como as classes populares e intelectuais do interior do país dialogavam com esse imaginário disputado nos grandes centros políticos da nação. No entanto, o segundo termo, "União", destacado pelos foliões do clube, talvez seja o mais importante para nossa reflexão.

Similar ao que Eric Brasil identificou nas sociedades carnavalescas negras do Rio de Janeiro, o Mundo Velho não se autoproclamou composto apenas por homens de cor, não limitou a participação de brancos ou estrangeiros, e não buscou espaços ou

²³⁹ APM, *O contemporâneo*, Sabará, 3 de março de 1898, p.1

²⁴⁰ CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: O imaginário da república no Brasil*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1995.

tratamentos diferenciados.²⁴¹ Contudo, como também observado pelo autor nas sociedades carnavalescas cariocas, o Mundo Velho, apesar das diferenças e polifonias, expressou elementos culturais socialmente reconhecidos e valorizados por homens e mulheres de ascendência africana, como a incorporação do congado nos dias de carnaval.

Eric Brasil destaca essas escolhas ao argumentar que a abolição da escravatura não foi acompanhada de políticas públicas que permitissem uma real emancipação da população afrodescendente. No final do século XIX, as elites intelectuais republicanas adotaram, como discurso oficial, ideias baseadas no racionalismo, que consideravam os atributos externos e fenótipos como elementos essenciais para definir moralidades e destinos dos povos. Lilia Schwarcz ressalta que nesse período os modelos darwinistas sociais tornaram-se instrumentos eficazes para julgar povos e culturas com base em critérios deterministas. No entanto, ao mesmo tempo em que os intelectuais brasileiros absorviam a ideia de que as raças designavam realidades essenciais, negavam a noção de que a mestiçagem inevitavelmente levaria à degeneração. Como afirma Lilia Schwarcz

no caso brasileiro, a mestiçagem e a aposta no branqueamento da população geraram um racismo *à la* brasileira, que percebe antes colorações do que raças, que admite a discriminação apenas na esfera privada e difunde a universalidade das leis, que impõe a desigualdade nas condições de vida, mas é assimilacionista no plano da cultura.²⁴²

No modelo brasileiro, as teorias racialistas ajudaram a justificar a desigualdade como inferioridade, mas apostavam em uma mestiçagem positiva, visando um resultado cada vez mais "branco". A eugenia, doutrina que preconizava o aprimoramento genético da população, tornou-se uma das principais pautas dos debates médicos que buscavam a "regeneração do povo brasileiro" através do embranquecimento da nação.²⁴³ O surgimento de teorias de embranquecimento racial causou uma intensa desvalorização das tradições estéticas e práticas negras, avaliadas à luz dos discursos contemporâneos da biologia. Isso levou muitos negros a enfrentar o

²⁴¹ BRASIL, Eric Carnavais atlânticos: cidadania e cultura negra no pós-abolição. Rio de Janeiro e Port-of-Spain, Trinidad (1838-1920). Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Departamento de História, 2016. p.59

²⁴² SCHWARCZ, Lilia Moritz. Nem preto nem branco, muito pelo contrário. Cor e raça na sociedade brasileira. São Paulo, Claro Enigma, 2012, pg.27.

²⁴³ ENGEL, Magali Gouveia. Educação, sanitário e eugenia: o negro e a construção de identidade nacional nos debates científicos da primeira república (1889-1930). In: ABREU, Martha (Org.). Histórias do pós-abolição no mundo atlântico: identidades e projetos políticos. Vol. 2. Niterói: Editora da UFF, 2014.

racismo e a exclusão por meio de comportamentos exemplares e relacionamentos afetivos com brancos. Esse movimento não representava conformismo nem um abandono total das raízes afrodescendentes, mas sim uma forma de combate ao racismo conforme experienciado na república.

Através dessas relações com brancos, os grupos negros integrantes do Mundo Velho estabeleceram, nos primeiros anos da agremiação, diversas práticas coletivas, desde aquelas consideradas "civilizadas" até outras marcadas pelos padrões de sociabilidade afro-brasileiros da época. Os sócios do clube mantiveram a execução dos batuques, transformaram o congado em uma marca dos desfiles carnavalescos do clube e, simultaneamente, participavam dos desfiles de cordões e/ou carros alegóricos, que eram mais atraentes para as autoridades locais. A adoção de determinadas práticas não era excludente de outras, mas representava uma possibilidade de transitar entre as diferentes formas de sociabilidade.

Eric Brasil destaca que essas sociedades carnavalescas possuíam características que as inserem nessas discussões ou as aproximam das estratégias da imprensa negra paulista. Esta imprensa defendia a fraternidade entre todos como meio de evitar demandas por cidadania ou direitos baseadas em distinções raciais que, conseqüentemente, implicariam em distinções sociais. O autor exemplifica que, nesse período, o discurso de fraternidade acionado pela imprensa negra foi uma importante arma retórica nas lutas para participar da comunidade nacional. Ele rastreia a noção de harmonia racial como patrimônio nacional nos discursos e textos jornalísticos já na década de 1910, contrastando com o segregacionismo da sociedade estadunidense. Contudo, é importante destacar que essa concepção de harmonia também era usada por membros da elite branca e intelectuais como uma ferramenta de controle e políticas racistas.

Em Sabará, rastreamos esse discurso de harmonia racial entre cronistas do jornal *O contemporâneo* no início da década de 1890, quando o primeiro censo municipal na república gerou debates em relação a autodeclaração da raça.²⁴⁴ Ainda assim, como afirma Paulina Alberto:

²⁴⁴ APM, Folha sabarense, Sabará, 22 de fev. 1891, p.1. Para ver a análise sobre esse debate racial em Sabará ver capítulo 2: MARCELO, Marlon. "Éta Mundo Velho!": associativismo negro, cidadania e civilidade no clube Mundo Velho em Sabará (1887-1910). 84 f. (Monografia de bacharelado em Antropologia) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2018.

Em um sistema político onde igualdade tinha pouco sentido, mas onde argumentos invocando sentimentos poderiam conter o avanço da legislação racista, a metáfora da fraternidade, com suas mútuas obrigações de amor e respeito familiar implícitas, proveram aos homens da classe de cor uma arma estratégica em sua luta contra a exclusão racial?²⁴⁵

Segundo a autora, alguns membros da imprensa negra invocaram a noção de fraternidade racial como uma tentativa de constituir uma consciência pública alternativa ao racismo científico. Ao adotar esse discurso, os militantes afro-brasileiros esforçavam-se para alterar os padrões do debate público sobre raça no Brasil. A retórica da harmonia racial tinha como objetivo influenciar as relações sociais da vida cotidiana, marcada pela desigualdade e discriminação.²⁴⁶ Essa operação buscava representar o negro como uma parte importante da identidade nacional e, ao mesmo tempo, procurava resgatar um projeto de integração do negro que supostamente havia sido idealizado pelos abolicionistas.²⁴⁷

Petrônio Domingues, ao ponderar sobre o mito da democracia racial e mestiçagem no Brasil entre 1889 e 1930, afirma que essa posição emergia da comparação com o sistema racial estadunidense, que servia de parâmetro para as avaliações locais. Nesse sistema, o racismo era interpretado como sinônimo de segregacionismo institucionalizado. Dessa forma, as exclusões de outra natureza, mesmo as não institucionalizadas, eram entendidas como ausência de racismo, possibilitando apelar para a noção de uma sociedade fraternal.²⁴⁸

A incorporação desse discurso fraternal pelas sociedades carnavalescas, especialmente o Clube Mundo Velho, pode ser lida através de outros fatores além do debate intelectual. Ao acionarem a "união" e "harmonia" como parte de seu emblema, os sócios destacavam a predominância de pessoas brancas em outros clubes, os quais não permitiam ou dificultavam a entrada de pessoas negras em seus bailes e quadros

²⁴⁵ ALBERTO, Paulina L. *Terms of Inclusion: Black Intellectuals in Twentieth-century Brazil*, Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2011, pg.44 *apud* BRASIL, Eric, 2016.

²⁴⁶ SIEGEL, Micol. Mães pretas, filhos cidadãos. In: CUNHA, Olívia Maria Gomes da; GOMES, Flávio dos Santos. Quase-cidadão – histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil. Rio de Janeiro, FGV, 2007.

²⁴⁷ FRANCISCO, Flávio Thales Ribeiro. Um novo abolicionismo para ascensão na nação da Mãe Preta: discursos sobre a fraternidade racial no jornal O clarim da Alvorada (1924-1932). *Antíteses*, vol. 10, núm.19, Jan- Jun,2017, pp 376-396. Universidade Estadual de Londrina.

²⁴⁸ DOMINGUES, Petrônio. O mito da democracia e a mestiçagem no Brasil (1889-1930). *Diálogos latino-americanos*, número 10. Universidade de Asrthus, pg.166-131

sociais. Desse modo, demarcavam, no discurso e nas práticas, novos lugares sociais, opondo-se à discriminação presente em outras associações recreativas.²⁴⁹

Essa estratégia foi empregada por diversos sócios, identificados como negros ou morenos, em diferentes momentos ao longo da primeira metade do século XX. Embora não tenhamos registros sobre os primeiros anos de existência do clube, é possível perceber que o discurso de harmonia pode ter estado presente desde o início, como evidenciado pelo termo "União" no emblema da agremiação durante os desfiles carnavalescos na cidade no final do século XIX.

Na primeira reestruturação em 1922, mesmo com poucos registros disponíveis, é possível identificar que essa estratégia continuou a ser adotada, com alguns membros da associação mobilizando diversas práticas coletivas para a realização dos desfiles carnavalescos, definindo o clube como inclusivo. Entretanto, é a partir da segunda reestruturação na década de 1930, período com maior quantidade de registros, que podemos perceber como esses discursos eram acionados não apenas em eventos públicos, mas também nos momentos privados da instituição.

No quadragésimo primeiro aniversário da agremiação, celebrado em 2 de março de 1937, Pedro Lúcio Pereira, sócio do Mundo Velho e membro da família Pereira Vieira, identificado como "Preto" e "Negro", proferiu um discurso resgatando a história do clube. Sua fala reavivou a memória dos presentes com os feitos dos antepassados e concluiu com um "eloquente apelo para a harmonia no presente, visando o encerramento do projeto no futuro".²⁵⁰ Ao saudar os membros da diretoria e os sócios do clube, Olinto Mateus, presidente, sempre destacava a harmonia entre os integrantes como um símbolo do "conceito social e moral" da agremiação.²⁵¹

Ao questionar os entrevistados sobre as relações raciais no interior do clube, as respostas apontavam consistentemente na mesma direção. Embora reconhecessem a existência de preconceito racial na cidade, destacavam que o clube, ao longo de toda a

²⁴⁹ O marco desse processo de discriminação delineado pela demarcação social através da origem racial se deu em 1921, quando foi fundado em Sabará o clube Cravo Vermelho. Essa agremiação congregava membros da elite local próximos à antiga diretoria da Companhia Siderúrgica Mineira e, posteriormente, os europeus que chegaram na cidade para administrar a Companhia Belgo-Mineira. O clube rapidamente tornou-se símbolo do requinte e da brancura, já que tinha no seu quadro de sócios apenas pessoas brancas e origem europeia.

²⁵⁰ ACMV, Livro de atas do Clube Mundo velho, assembleia geral de 02 de mar. de 1937.

²⁵¹ ACMV, Livro de atas, 11 de out. de 1936.

sua história, se firmou como um espaço inclusivo que acolhia pessoas de todas as classes sociais e raças. No entanto, os entrevistados, ao sublinhar essas características da associação, simultaneamente ressaltavam que a maioria dos sócios era composta por "gente negra/preta" e que essas pessoas enfrentavam dificuldades para ingressar em outras agremiações da cidade.

O lema de união e harmonia representa elementos simbólicos cruciais para o clube, manifestados no hino que inaugurou esta seção e nos discursos presentes entre os sócios até os dias atuais. No entanto, as interações entre os membros eram mediadas por um conjunto de estratégias, explícitas ou implícitas, visando a manutenção do acesso de pessoas negras à instituição. Os sócios constantemente buscavam meios pelos quais os mais desfavorecidos e pessoas negras poderiam participar das atividades da associação.

3.2. Um lugar para os nossos

Em uma reunião realizada em 25 de dezembro de 1935, os membros do Mundo Velho se congregaram na sede do clube para discutir os critérios de admissão à instituição. A proposta para o ano de 1936 consistia em que os sócios deveriam cumprir duas obrigações: pagar uma joia e uma mensalidade, totalizando 52\$000 (cinquenta e dois mil réis).²⁵² O presidente Odilon Alves sugeriu um acréscimo de 2\$000 (dois mil réis) na mensalidade para angariar mais recursos e quitar as dívidas do clube. João do Amparo propôs um aumento de 3\$000 (três mil réis), e, após discussão, a decisão foi aceita por unanimidade pelos sócios.²⁵³

Alguns meses mais tarde, durante a assembleia geral de 22 de fevereiro de 1936, alguns sócios manifestaram preocupações em relação ao preço dos ingressos. Miguel Evangelista observou que o valor estipulado era alto e não estava acessível a todos os sócios. Olinto Mateus destacou que o clube tinha a obrigação de oferecer um baile gratuito que ocorresse em duas noites, ao custo de 5\$000 (cinco mil réis), valor considerado acessível a todos os sócios. A proposta foi colocada em discussão e aprovada por unanimidade pelos presentes.²⁵⁴

²⁵² A joia era uma espécie de quota que permitia ao associado desfrutar das atividades e das instalações da agremiação e as ações eram documentos que possibilitavam aos familiares dos sócios participarem das atividades da instituição. O debate sobre os critérios de acesso ao clube está disponível nas atas da instituição. Ver: ACMV, Livro de atas, 25 de dez. de 1935.

²⁵³ ACMV, Livro de atas, 25 de dez. de 1935.

²⁵⁴ ACMV, Livro de atas, 22 de fev. de 1936

É importante ressaltar que o acesso às atividades do clube era determinado por três categorias de sócios. Os beneméritos e conservadores pagavam mensalidades e tinham o direito de participar de todos os bailes sem custos adicionais. Os honorários não pagavam mensalidades e podiam participar das festas mediante o pagamento de convites. Essas distinções entre os sócios eram meios de viabilizar a participação de todos nas atividades do clube, permitindo que aqueles que não podiam contribuir financeiramente comprassem ingressos em ocasiões específicas.

O discurso da harmonia adotado por Olinto Mateus e outros sócios negros também era uma forma estratégica de defender aqueles que não tinham condições financeiras para frequentar o clube. A discussão sobre os preços dos convites afetava diretamente os sócios honorários, que tinham renda menor que o restante, e possibilitava alternativas para que todos pudessem participar das festas.

Esse debate sobre ampliar o acesso ao clube evidencia que os sócios negros buscavam incessantemente manter o Mundo Velho como um espaço para os seus. A diminuição do valor dos convites permitiria que os mais vulneráveis também participassem das festividades da associação. Ainda que a discussão estivesse diretamente relacionada aos critérios de renda, ela também abrangia as questões concernentes ao acesso de pessoas negras dentro da instituição. Ao analisar a lista nominal de operários da Companhia Belgo-Mineira, observamos que grande parte dos sócios negros ocupava postos de trabalho com baixa remuneração, o que poderia dificultar sua filiação ao clube através da categoria de sócio benemérito ou conservador, restando-lhes a opção de sócios honorários.²⁵⁵

Parece que muitos dos associados frequentavam os bailes sem efetuar o pagamento dos convites ou mesmo das mensalidades, especialmente quando se aproximava o período do carnaval. As questões financeiras eram uma preocupação constante da diretoria ao longo de todo o período pesquisado. A entidade assumia dívidas ou mesmo arcava com os pagamentos das mensalidades dos sócios inadimplentes, o que frequentemente gerava conflitos entre os próprios sócios. Em uma reunião realizada em 18 de novembro de 1934:

O sr. Presidente expôs que o principal fim a ser tratado, era o de orientar aos sócios o movimento financeiro do Club, apresentando, in continente, o

²⁵⁵AFCAM, Relação nominal de operários da companhia Belgo-Mineira (1931-1938).

balancete organizado pela tesouraria, documento este onde foi discriminado minuciosamente todas as contas pagas, saldo, etc. Foi ainda declarado que devido o ex-tesoureiro, não ter cumprido com os deveres que esse cargo o impunha, isto é, não fazendo absolutamente, a escrituração afeta a seu cargo, o balancete por nós apresentado, deixa de ter o parecer da comissão de sindicância, como é o legal, porquanto a atual Diretoria tinha pressa em orientar aos sócios às dificuldades que enfrentamos no momento.²⁵⁶

A comissão de sindicância ou conselho fiscal era um grupo de sócios encarregado de verificar e controlar as finanças do clube. Não tive informações precisas sobre quando essa comissão foi criada ou incorporada à diretoria, mas deduzo que tenha se tornado necessária para monitorar os gastos relacionados à manutenção e organização das festas na sede do clube, a partir da estruturação em 1934. Até a década de 1930, muitos sócios em cargos de diretoria ainda não estavam familiarizados com as funções que deveriam desempenhar, especialmente o controle escrito de todas as transações financeiras.

Ao analisar as atas, identifiquei que muitos sócios tinham pouca habilidade de uso da linguagem formal escrita. Havia uma sobreposição entre a linguagem oral e a linguagem escrita nos registros das reuniões. Isso evidencia que, apesar da existência de um espaço institucionalizado, não havia um *habitus* institucionalizado.²⁵⁷ A manutenção do espaço exigia conhecimentos burocráticos específicos, que, até então, eram algo novo para o universo dos foliões. Até aquele momento, os sócios se organizavam de maneiras muito distintas, especialmente através do modo tradicional/comunitário das festas.

Em 1935, os membros da diretoria também não estavam acostumados a comparecer às reuniões ordinárias, o que levou o presidente a repreendê-los e afirmar que seriam destituídos de seus cargos.²⁵⁸ Os conflitos relacionados à ausência dos gestores nas reuniões e à falta de pagamento das mensalidades motivaram o pedido de renúncia e desvinculação da associação pelo presidente Odilon Alves e pelo procurador Jorge Josué no início de 1936.²⁵⁹ A decisão foi discutida entre os presentes,

²⁵⁶ ACMV, Livro de atas, 18 de novembro de 1934

²⁵⁷ A noção de *habitus* aqui utilizada recorre ao conceito de Pierre Bourdieu que define o *Habitus* como “um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquema”, ver: BOURDIEU, Pierre. “Esboço de uma teoria da prática”, pg. 46-81. In: Ortiz, R. (Org.). Bourdieu (Coleção Grandes Cientistas Sociais). São Paulo: Ática, 1983.

²⁵⁸ ACMV, Livro de atas, 25 de dez. de 1935.

²⁵⁹ ACMV, Livro de atas, 05 de fev. de 1935.

e Olinto Mateus Pereira e Jason Lopes de Oliveira protestaram contra a ação do presidente, argumentando que faltava uma noite para o carnaval e que essa medida poderia causar maiores dificuldades na organização da festa.

Odilon Alves, socialmente reconhecido como branco, também frequentava o clube Sabará. Sua entrada no Clube Mundo Velho ocorreu possivelmente devido à sua relação com o teatro. Parece que ele não recebia muito apoio de outros membros, pois não fazia parte das redes familiares que compunham o clube. Isso fica evidente com a entrada da nova diretoria, tendo como principal representante Olinto Mateus Pereira, membro da respeitada família Pereira Vieira, que recebeu amplo apoio dos associados antigos.

Olinto Mateus Pereira foi eleito presidente em 1936 e compôs uma diretoria majoritariamente por pessoas negras. Essa característica possibilitou maior diálogo com os associados, que permitiu uma reestruturação financeira e social do clube. Em 18 de abril de 1936, Olinto Mateus propôs uma anistia aos sócios eliminados com o objetivo de aumentar o quadro social do clube.²⁶⁰ Essa iniciativa promoveu o retorno de vários integrantes, sendo motivo de comemoração com um baile na sede em 2 de maio de 1936 para todos os associados que retornaram.²⁶¹ Olinto também suspendeu os empréstimos realizados pela instituição. Era comum os sócios emprestarem dinheiro para a caixa do clube e, posteriormente, em tempos melhores, a diretoria ressarcia a quantia emprestada. No entanto, muitas vezes os gestores não quitavam as dívidas, transferindo o débito para a próxima gestão e gerando desconforto e constrangimento quando os sócios cobravam o dinheiro.

Olinto reforçou a necessidade de os sócios possuírem ao menos duas ações e passou a emitir documentos de quitação para melhorar o controle dos débitos. A partir de sua gestão, o clube experimentou uma certa estabilidade financeira. A atuação do conselho fiscal era monitorada constantemente, e o balancete de cada gestão era apresentado aos sócios, devendo ser aprovado por todos durante as reuniões. Como exemplo, no dia 23 de março de 1941

o sr. presidente mandou que o 1º secretário procedesse a leitura do balancete apresentado pelo thesoureiro sr. Joaquim Siqueira, balancete esse o qual já havia sido examinado pelos livros de comissão de sindicância, conforme ofício

²⁶⁰ ACMV, Livro de atas, 18 de abril de 1936.

²⁶¹ ACMV, Anexo datilografado no livro de atas, 05 de julho de 1936.

apresentado pela comissão e que foi lido após a leitura do balancete. Esse ofício foi assignado pelos srs. José Sotero e Luiz O. del Rio membros da comissão de sindicância. Terminada a leitura do balancete e o ofício apresentado pela comissão de sindicância o sr. presidente explicou minuciosamente a questão de contas e todos ficaram de acordo tendo sido lido atentiosamente a leitura do balancete, a leitura da ata última a qual posta em discussão foi por todos aprovada e assinada.²⁶²

Olinto Mateus permaneceu na presidência até 1941, quando transferiu a direção para Joaquim Siqueira, que ocupava o cargo de tesoureiro em sua gestão. Durante a década de 1940, Olinto participou ativamente do clube, embora não tenha se candidatado a nenhum cargo na diretoria. Joaquim Siqueira, chefe do sindicato dos metalúrgicos de Sabará, liderou a diretoria do clube durante a maior parte dessa década. Diversos fatores impactaram a gestão de Joaquim, incluindo o acúmulo de cargos nas diretorias do Mundo Velho e no Sindicato dos Metalúrgicos, além da convocação dos membros da gestão para lutar na Segunda Guerra Mundial. Em 1944, o tesoureiro (Levy Francisco de Oliveira), o diretor de festas (João Agostinho Ferreira), o orador (José Vieira) e o procurador (Agostinho Timóteo) foram recrutados pelo exército brasileiro para lutar na Itália.²⁶³ O esvaziamento da diretoria, aliado ao acúmulo de funções do presidente, desencadeou uma crise na organização do clube, levando à sua paralisação a partir de 1946.

A institucionalidade do clube era mantida por meio da produção e registro de documentos que atestavam o funcionamento do espaço. A burocracia não se limitava apenas aos debates internos, mas era fundamental para a existência do clube na cidade. A entidade precisava manter os documentos atualizados nos cartórios, na prefeitura e nos órgãos policiais. Os sócios deveriam registrar estatutos, atas e documentos de propriedade para manter toda a documentação em dia e evitar problemas com as autoridades.

O estatuto do clube representava um dos documentos mais significativos da instituição, delineando suas atribuições e atividades. O único documento dessa tipologia que encontrei foi o extrato do estatuto registrado no Cartório de Títulos e Documentos e Registro Civil das Pessoas Jurídicas de Sabará, em 23 de novembro de 1956. O primeiro artigo indicava que "o antigo Clube Mundo Velho, fundado na cidade, em 1894, permanece com o mesmo nome, organizado em 1955, de acordo com

²⁶² ACMV, Livro de atas, 23 de março de 1941.

²⁶³ Os nomes aqui indicados foram recolhidos nos relatos das famílias das pracinhas disponíveis nos volumes do almanaque O Acadêmico.

os presentes Estatutos". Nesse documento, a data de fundação difere daquela apresentada no jornal, e não podemos afirmar se os sócios desconheciam a data exata ou se consideravam outro marco temporal em relação à sua formalização.²⁶⁴

O documento indicava que o clube tinha como finalidade: promover anualmente os festejos carnavalescos; realizar festas nacionais, eventos musicais, esportivos, bailes e jogos lícitos; promover representações teatrais; e criar, em tempo oportuno, um curso de alfabetização e biblioteca.²⁶⁵ Embora o registro seja datado muito posteriormente à fundação, é possível rastrear que os membros do clube tinham as mesmas preocupações que seus antecessores meio século antes. Algumas das proposições registradas em 1956 já eram realizadas pelo clube anteriormente, como, por exemplo, o grêmio teatral e a preocupação em relação à escolarização, o que pode indicar que esse documento foi, na verdade, uma atualização de estatutos anteriores.

3.3. O Mundo Velho é uma escola: a questão educacional

No ano de 1898, José de Paula Pertence, o primeiro presidente do Clube Mundo Velho, foi nomeado professor efetivo da escola municipal noturna para operários de Sabará. Nesse mesmo ano, Eduardo Henrique Dias, o primeiro secretário do clube, desempenhava o papel de inspetor suplente escolar do município e auxiliava o amigo a custear as despesas de iluminação para as aulas.²⁶⁶ A escola noturna para operários havia sido fundada pelo Clube Operário de Sabará em 1892, funcionando no edifício

²⁶⁴ Entre os registros de atas que analisamos não havia um consenso entre os sócios sobre o ano de fundação da agremiação, somente a data natalícia. Entre os anos de 1934 a 1958 o aniversário da instituição era celebrado anualmente no dia 2 de março, sempre variando o ano de criação de acordo com a diretoria ou os sócios presentes nas reuniões. Esse equívoco consciente ou inconsciente dos sócios também ocorria em datas precedentes. Encontrei uma página restante de um livro de atas anterior a 1934 que indicava outro ano para fundação, contudo não posso confirmar se essa variação também ocorria na década de 1920 ou em datas anteriores, já que não foram encontrados outros registros realizados pelos sócios.

²⁶⁵ CTR, Extrato do Estatuto do Clube Mundo Velho inscrito no livro B-3 às fls 255 versos e 256 versos, registro nº451 efetuado em 23 de novembro de 1956– Livro de Registro de títulos e documentos e registro civil de pessoas jurídicas comarca de Sabará – Minas Gerais

²⁶⁶ CHAVES, Lenir Ferreira. História da educação em Sabará (1837-1973). Belo Horizonte EMIL 1973, pg.255

da Escola Normal.²⁶⁷ Contudo encontrei poucas informações sobre essa escola nos primeiros anos do século XX, apenas que em 1915 era frequentada por 30 alunos.²⁶⁸

Segundo Vera Lúcia Nogueira, as escolas noturnas em Minas Gerais no final do século XIX eram destinadas, majoritariamente, a homens e mulheres adultos, especialmente operários e membros das classes populares. O ensino noturno era ministrado em vários espaços sob responsabilidade do poder público ou de sociedades beneficentes. A autora destaca que na virada para o século XX houve um investimento na criação e ampliação dos cursos noturnos para adultos no estado. Essa expansão estava estritamente vinculada a duas preocupações: a primeira relacionada à necessidade de educação dos libertos pelo 13 de maio de 1888, e a segunda relacionada com a necessidade de ampliação da base eleitoral.²⁶⁹

O artigo 70 da Constituição Federal de 1891 definiu que, para ser eleitor, era necessário ser maior de 21 anos, não sendo possível o alistamento para os mendigos, os analfabetos, os alunos das escolas militares de ensino superior e os religiosos de ordens monásticas.²⁷⁰ Nesse sentido, ampliar os cursos noturnos nos municípios mineiros permitiria um maior número de pessoas alfabetizadas e, conseqüentemente, mais eleitores.

A educação era uma questão crucial para as classes dirigentes e intelectuais, que acreditavam que o processo de escolarização poderia ser um recurso civilizatório para as classes populares, além de consolidar as bases do novo regime político.²⁷¹ Não obstante, Vera Lúcia Nogueira destaca que a educação também era uma pauta importante para o movimento operário mineiro, sobretudo para os trabalhadores

²⁶⁷ Naquela data, a sede da cidade dispunha apenas do edifício da Escola Normal. Essa instituição foi fundada no dia 3 de outubro de 1881 no contexto de expansão dos espaços oficiais de ensino. Inicialmente não era considerado formação secundária, mas era voltada para ensino profissionalizante e funcionava como anexo ao externato e seguia o regimento de Ouro Preto. Foi renomeado para Escola Normal Delfim Moreira em homenagem ao presidente da república que governou o país entre 1918 e 1920. Ver: NASCIMENTO, Cecília Vieira do. Caminhos da docência: Trajetórias de mulheres professoras em Sabará – Minas Gerais (1830 – 1904). 2011. 231f. Tese (Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação da UFMG, Belo Horizonte, 2011.

²⁶⁸ CARVALHO, Edson Pinto de. Minas Gerais e seus municípios: álbum comemorativo 1915 - 2005. Ed. fac-similar. Belo Horizonte: Jornal Mineiro, 2005-. 5v.

²⁶⁹ NOGUEIRA, Vera Lúcia. A escola primária noturna em Minas Gerais (1891-1924). Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

²⁷⁰ Constituição da república dos Estados Unidos do Brasil (1891) disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao91.html acesso em 02 de maio de 2020.

²⁷¹ FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Dos pardieiros aos palácios: cultura escolar e urbana em Belo Horizonte na primeira república. Passo Fundo: UPF, 1996.

negros. Na virada do século, diversas associações do estado uniram-se para estabelecer um plano geral de organizar as lutas trabalhistas, que incluíam, entre muitas reivindicações, a instrução e a educação.

O 1º Congresso Operário Mineiro, realizado em Sabará em 1907, provocou debates acalorados sobre a luta e a ação dos trabalhadores no Estado, tendo como pauta principal a instrução do operário.²⁷² Ao final do congresso, orientou-se que todas as organizações operárias deveriam fundar escolas noturnas em suas sedes. Nesse mesmo ano, o Clube Operário José do Patrocínio fundou, em Sabará, outra escola noturna para operários conforme deliberado no congresso.²⁷³

No recenseamento de 1920, o município de Sabará contava com uma população estimada de oito mil e quarenta e cinco habitantes (8.045) e duas escolas. O Grupo Escolar Paula Rocha, fundado em 4 de julho de 1907, e a Escola Normal Delfim Moreira. Nesse recenseamento, foi registrado o total de três mil quinhentos e trinta e três (3.533) habitantes que sabiam ler e escrever, um número relativamente alto para a época.²⁷⁴ Segundo Marileide Lopes dos Santos e Luciano Mendes de Faria Filho, a institucionalização da educação na cidade já era uma preocupação da população desde o início do século XX. O interesse na escolarização dos filhos não era exclusividade das famílias abastadas, mas também das famílias das classes populares, que pleiteavam vagas para alunos pobres nas instituições escolares e solicitavam materiais e/ou verbas para esses alunos por parte das instituições ao governo.²⁷⁵

Embora algumas famílias de baixa renda buscassem a instrução de seus filhos, as dificuldades financeiras impediam a permanência das crianças na escola. Nas primeiras décadas do século, muitas famílias resistiam em enviar seus filhos à escola, alegando precisar deles para trabalhar. Os responsáveis também não conseguiam acompanhar e auxiliar no estudo dos filhos, pois trabalhavam e, muitas vezes, não

²⁷² Nesse encontro, o Club operário José do Patrocínio de Sabará participou ativamente das reuniões. Vários sócios do Mundo Velho integravam esse clube, o que nos faz crer que os primeiros sócios também defendiam a causa da instrução.

²⁷³ Esse assunto foi desenvolvido com mais detalhes no capítulo 2 da dissertação. Sobre a fundação da escola do Clube José do Patrocínio ver: O Pharol, 9 de maio de 1907. p.6 locado na hemeroteca da Biblioteca Nacional.

²⁷⁴ IBGE, Recenseamento do Brasil: realizado em 1 de setembro de 1920: população / Directoria Geral de Estatística. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv31687.pdf> Acessado em 12 de outubro de 2021.

²⁷⁵ SANTOS, Marileide Lopes dos & FILHO, Luciano Mendes de Faria. Processo de escolarização e redes de socialização em Sabará. Cadernos de História da Educação - n.º. 2 - Jan./dez. 2003

tinham nenhum grau de instrução. O tempo prolongado necessário para concluir a primeira fase do ensino secundário gerava desistências e evasões escolares.²⁷⁶

A escola noturna contribuía para o processo de alfabetização e instrução das classes populares, funcionando no contraturno do trabalho, mas não atendia completamente às necessidades do município. As posições ocupadas pelos membros da diretoria nos cargos educativos e organizações operárias sugerem que a proposta de criação de uma escola e de um curso de alfabetização já poderia estar presente no primeiro estatuto do Mundo Velho. Além disso, muitos sócios do clube também eram membros do Clube José do Patrocínio, que fundou uma escola no município. Esse trânsito entre as instituições pode ter influenciado os diretores e membros do Mundo Velho na decisão de criar uma escola em sua sede.

Além dos interesses mais amplos relacionados aos projetos políticos da elite e do movimento operário, é crucial considerar como a população negra percebia o processo educacional. Conforme Jonatas Ribeiro, a preocupação com a alfabetização e a instrução educacional, juntamente com a criação de meios de acesso à leitura nas associações negras, evidencia que a educação era uma forma de alcançar ascensão social e econômica, além de ser um instrumento para combater o preconceito racial e garantir a cidadania plena no pós-abolição.²⁷⁷

Ao investigar a escola criada pela Frente Negra brasileira na década de 1930 em São Paulo, Petrônio Domingues destaca que, para homens e mulheres de cor, o conceito de educação era abrangente, envolvendo uma formação moral e cultural. Por outro lado, o termo "instrução" estava relacionado aos processos de alfabetização ou escolarização.²⁷⁸ Para os fretenegrinos, tanto a educação quanto a instrução eram cruciais para a ascensão da população negra. Ao questionarmos Maria Spegar Pertence sobre quem frequentava os bailes do Mundo Velho, ela compartilhou a trajetória educacional de alguns sócios:²⁷⁹

²⁷⁶ ROCHA, Fernanda Cristina Campos da. Práticas Escolares: sucesso ou fracasso escolar de crianças no ensino primário no início do século XX (Sabará/MG). Anais do XXIV Simpósio Nacional de História – 2007. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548210564_564e39196a8dd877ee8f23a793d4fd4f.pdf acessado em 21 de outubro de 2021.

²⁷⁷ RIBEIRO, J. 2016. op. cit.

²⁷⁸ DOMINGUES, Petrônio. Um “templo de luz”: a frente negra brasileira (1931- 1937) e questão da educação. Revista brasileira de educação, Rio de Janeiro, Vol. 13, nº 39, p.517-539, set- Dez de 2008

²⁷⁹ Maria Spegar Pertence é neta do primeiro presidente do Clube Mundo Velho e frequentou o espaço até o fim da década de 1930.

Marlon: Nos bailes do Mundo Velho quem geralmente tocava? Quem eram as pessoas que iam? Quem frequentava os bailes?

Maria Spegar: Era a sociedade preta, mas os pretos de Sabará eles eram...a maior parte estudava, estou te falando Pedro Lúcio pretinho...pretinho irmão de Olinto Mateus Pereira ele era professor de Português e de Francês, porque hoje infelizmente é o inglês, mas no meu tempo era o francês, a língua oficial era o francês, a língua universal era o francês. Todos os pretos estudavam, frequentavam colégio, eu tinha no colégio uma porção de colega preta, pretinha.²⁸⁰

Pedro Lúcio Pereira, durante sua juventude, frequentou a Escola Normal Delfim Moreira, onde anos mais tarde tornou-se professor.²⁸¹ Se destacou por seus estudos em francês e gramática portuguesa, sendo reconhecido pelo domínio de ambos os idiomas. Além disso, lecionou na escola da liga operária de Sete Lagoas e, em parceria com Joaquim Sepúlveda, também sócio do Mundo Velho, fundou o Liceu de Artes e Ofícios.²⁸²

Embora não existam registros específicos sobre a posição dos membros do Clube Mundo Velho em relação à educação na primeira metade do século XX, é perceptível que compartilhavam dos mesmos pressupostos de outras organizações associativas negras da época. Pode-se afirmar que a busca pela instrução e educação era um recurso amplamente utilizado para alcançar melhores condições de vida, seja para acessar cargos superiores na siderurgia ou para atuar como docente nas escolas do município.

Os dirigentes do clube também abraçaram as mesmas pautas de outras organizações civis negras, visando estabelecer na sede do Mundo Velho um espaço de instrução e educação para seus associados. De acordo com informações obtidas junto a antigos sócios, a sede da associação abrigou, por um curto período, uma escola noturna para operários, embora não tenha conseguido determinar exatamente quando isso ocorreu.²⁸³

Além da ênfase na instrução, o clube mantinha um grêmio teatral encarregado de ensaiar peças para apresentações na sede, em locais públicos da cidade e em municípios vizinhos. Denominado "Teatro Mundão", esse grupo cênico era composto majoritariamente por sócios, mas também contava com a participação de pessoas de

²⁸⁰ Entrevista de Maria Spegar Pertence, concedida em 9 de abril de 2019.

²⁸¹ Pedro Lúcio era filho de José Pereira Vieira, um dos fundadores do clube Mundo Velho.

²⁸² GUERRA, L. Op. Cit. p. 256

²⁸³ Não foi possível encontrar informações sobre o período de funcionamento da escola dentro do clube Mundo Velho devido a impossibilidade de acesso a fontes.

fora da agremiação. Pouco se sabe sobre as peças encenadas, os temas abordados ou a frequência dos espetáculos.

A fotografia a seguir retrata uma cena do Teatro Mundão, embora não haja informações sobre quando foi tirada ou qual peça estava sendo representada. No centro da imagem, observamos os atores encenando uma cena com o uso de um objeto semelhante a um martelo. Os membros estão alinhados em uma única fileira, e ao fundo do cenário há um adorno de tecido e o símbolo "M", provavelmente referente a Mundo Velho. Não conseguimos determinar se a apresentação ocorreu na sede ou em algum teatro. Aparentemente, o grêmio era composto principalmente por homens, com a participação de algumas mulheres e crianças. As peças eram organizadas e ensaiadas pelo responsável do grêmio teatral, que geralmente era eleito junto com a diretoria.

A presença do martelo e as vestimentas dos três homens no centro da imagem, contrastando com os coletes dos outros homens à direita, sugerem que a peça encenada abordava cenas com personagens operários ou fabris. Esta composição visual insinua um enredo que retratava o cotidiano dos trabalhadores, destacando as relações laborais. Uassyr de Siqueira, em seus estudos sobre os clubes operários em São Paulo durante a primeira república, observa que essas agremiações frequentemente realizavam peças teatrais, muitas vezes improvisadas em pequenos salões alugados ou próprios, com o objetivo de proporcionar entretenimento.

Os espetáculos encenados por esses clubes geralmente exploravam aspectos do cotidiano dos trabalhadores e centravam-se nas relações de trabalho. Essa dinâmica se reflete também nas peças do Mundo Velho, evidenciando como as vivências na siderurgia exerciam influência nas práticas culturais dos seus sócios.²⁸⁴

²⁸⁴ SIQUEIRA, Uassyr de. *Entre Sindicatos, Clubes e Botequins: Identidades, associações e Lazer dos trabalhadores paulistanos. (1890-1920)* 2008. 192p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.

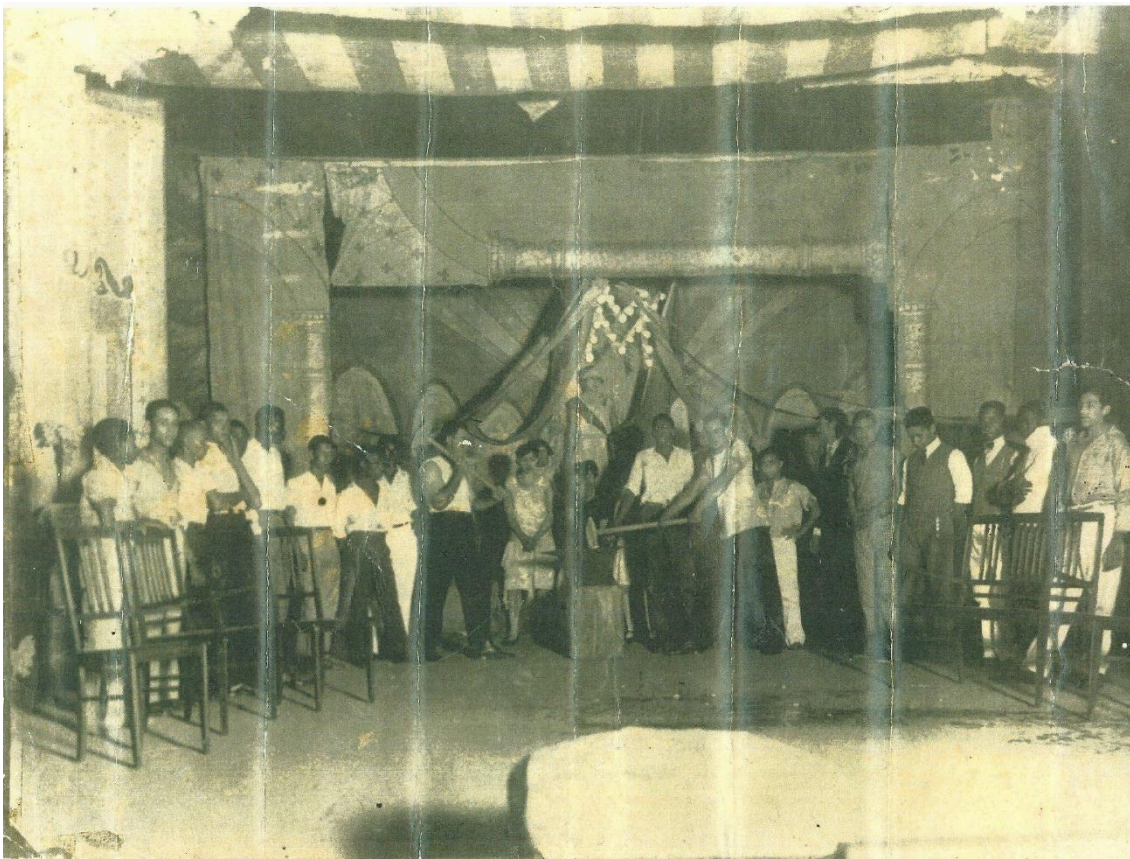


Figura 24: Espetáculo de teatro do Clube Mundo Velho, década de 1930. Acervo Sandra Talabar

O teatro para o clube transcendia a mera função de entretenimento; incorporava as concepções educacionais de outras associações negras da época, como a Frente Negra Brasileira. As artes cênicas constituíam um meio de proporcionar uma formação moral e cultural, além de introduzir outras práticas no seio da associação. As iniciativas da agremiação também visavam impulsionar a ascensão social de seus sócios por meio do aprimoramento de suas atividades, alinhadas aos ideais de modernidade e progresso predominantes naquele período.

As atividades do Mundo Velho buscavam cultivar uma postura moderna fundamentada na moralidade e respeitabilidade, contrapondo-se aos discursos depreciativos e racializados da época. Esses discursos associavam a população negra à sua origem africana, a qual, naquele momento, estava vinculada ao pressuposto biológico de raça inferior e ao barbarismo. Os sócios do Mundo Velho também se utilizavam desse contexto para se valerem de

“visões de mundo, práticas e formas das elites brancas, assim como buscaram nelas aliados. Porém recriaram tais práticas de acordo com seus interesses e expectativas. Pretenderam fazê-lo evitando reforçar estereótipos racistas, ao

contrário, decidiram valorizar a igualdade e fraternidade, e que a cidadania não deveria ser segregada de acordo com as cores da pele.²⁸⁵

Nesse contexto, o clube exibiu um desafio tanto interna quanto externamente, evidenciado pela produção de novas performances culturais e discursos sobre si. Esse exercício tinha como objetivo positivar a imagem de seus sócios, demonstrando respeitabilidade e alinhamento aos padrões modernos da sociedade brasileira. Paralelamente, os sócios se viam incumbidos de recriar de maneira criativa suas práticas culturais, alinhadas aos seus interesses e expectativas econômicas e sociais. Esse processo de recriação se desenrolava por meio de negociações e projetos, tanto individuais quanto coletivos, com o propósito de moldar distintas identidades culturais e políticas para o grupo.

3.4. Negociar a modernidade e a tradição: a construção da respeitabilidade negra no pós-abolição

No dia 5 de janeiro de 1936, na sede do Clube Mundo Velho, os sócios se reuniram para discutir os preparativos do carnaval. A sessão foi presidida por Odilon Alves que concedeu a palavra a Jason Lopes. Na reunião anterior, Jason havia proposto um carro alegórico, mas recuou devido à preocupação com os custos para o clube. Em seguida, André dos Santos sugeriu a participação com o catopé. Muitos sócios opinaram que seria mais vantajoso desfilar com um cordão usando fantasias nas cores do clube. A proposta do cordão foi aprovada com a condição de haver no mínimo 40 sócios dispostos a iniciar os ensaios em 1º de fevereiro. Caso o número estipulado não fosse atingido, o clube se limitaria a realizar bailes na sede, sem desfiles pelas ruas.²⁸⁶

Essa reunião era típica dos preparativos para o carnaval, caracterizando-se como um momento de debates e criatividade para os membros do clube. Durante esses encontros, as propostas eram discutidas e ponderadas de acordo com as condições financeiras e a melhor maneira de apresentar-se publicamente. Além das questões logísticas do desfile, as discussões também envolviam aspectos das práticas culturais adotadas pela agremiação. A sugestão de desfilar com o catopé, apresentada por André dos Santos, remetia à possibilidade de resgatar práticas antigas associadas às raízes afrodescendentes dos integrantes.

²⁸⁵ BRASIL, E. op. cit, p. 74-75

²⁸⁶ ACMV, Livro de atas, 5 de janeiro de 1936.

Conforme os registros do folclorista Câmara Cascudo, contemporâneo aos desfiles do clube, o catopé era definido como um préstito dançante dos negros de Minas Gerais na modalidade de congos, caracterizado pela ausência de enredo. Essa dança tinha uma função exibicional no carnaval e, em outro momento, esteve vinculada aos séquitos dos festejos religiosos em homenagem ao Divino e a Nossa Senhora do Rosário. Cascudo descreve que "os reis e a corte, espetacularmente adornados, desfilam, com lances coreográficos ao som de pandeiros, reco-recos e sonoros".²⁸⁷ Maria Spegar Pertence destaca essas danças como a principal forma de celebrar o carnaval entre os sócios do Mundo Velho na década de 1920.

Maria Spegar: Não era um clube de carnaval não, eles saiam no carnaval, mas eles faziam era o reinado sabe?! Os primeiros, isso eu era criança ainda lembro do reinado

Marlon: isso no dia do carnaval?

Maria Spegar: isso! No dia do carnaval...eles saiam os três dias. Eles saiam inclusive iam na porta lá de casa, o meu avô já tinha morrido, mas eles dançavam na porta lá de casa davam viva meu avô, sabe?! E tem a foto lá no clube, essa foto foi feita por uma pessoa lá do Mundo Velho e essa foto teve lá em casa muito anos quando uma vez que o Mundo Velho fechou e levaram essa foto lá pra casa do meu avô primeiro presidente do clube Mundo Velho, essa foto tem lá na sede. Bom ai eles faziam então era o reinado, eu lembro que eles cantavam é vinha o sujeito e falava: corta a cabeça do negro. - não corta não! Eu chorava de pena dos pretos por causa disso e era só negro que saia, tinha o rei, o rei Congo, a rainha então era o clube Mundo velho era isso que fazia no Carnaval. Isso durante as festas do carnaval é, agora durante o ano todo eles faziam os bailes, os bailes eram feitos nas casas dos pretos cada dia numa casa, porque não tinha sede. Então isso ficou muito tempo assim, ai foi morrendo presidente, diretoria essa coisa e Mundo Velho teve fechado durante uns tempos, ai o marido da minha tia, era um gaúcho, Orlando Blasina ele falou com Anita minha tia vamo reabrir esse Mundo Velho seu pai vai ficar feliz ai chamou um povo que era ainda do Mundo Velho da época em que o Mundo Velho era assim do reinado ele chamou e falou, mas agora nós vamos fazer um clube como o Crisântemo e o Cravo Vermelho, um clube Carnavalesco com fantasia com tudo ai chamou a turma toda as moças, as pretas, os pretos todos e tal.²⁸⁸

Os reinados têm sua origem nos cortejos religiosos decorrentes da coroação de reis e rainhas negros durante o período colonial. Marina de Mello e Souza afirma que essas coroações remontam aos processos de cristianização dos povos nativos das regiões conhecidas como Congo e Angola (no território do atual Estado de Angola), na África Centro-Occidental. Essas manifestações se caracterizavam por séquitos de

²⁸⁷ CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. 11. ed. ilustrada. São Paulo: Global, 2002, pg.258

²⁸⁸ Entrevista de Maria Spegar, concedida em 9 de abril de 2019.

dançarinos acompanhados por toques de tambores, danças e coroação de uma corte real encarregada de conduzir os objetos sagrados e profanos da festa.

Segundo a autora, os reinados são expressões culturais mestiças, resultado das interações de diferentes grupos sociais no contexto da escravidão, mas regidas pelo signo da conversão ao catolicismo. Essas celebrações estiveram intrinsecamente ligadas às confrarias religiosas negras na América Portuguesa, tendo como figura central os "reis de nação". Essas pessoas eram coroadas pelos padres no altar e estavam relacionadas às celebrações do Divino Espírito Santo, Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia, Santo Eslebão e São Benedito.²⁸⁹

Marina de Mello e Souza destaca que, no período colonial, as coroações de "reis e rainhas de nação" tinham a finalidade de estabelecer relações estratégicas entre senhores e escravos. Essas pessoas tinham uma função mediadora nos conflitos entre as classes senhoriais e cativas, além de desempenharem papéis importantes na construção de solidariedades ou conflitos entre diferentes grupos étnicos africanos. A historiadora comenta que a partir do século XIX, escassearam as referências a reis de nação, e as festas comemorativas da eleição de reis congos passaram a ser descritas por vários observadores nacionais e estrangeiros.

A razão pela qual a nomenclatura "rei Congo" prevalece em detrimento de outras deve-se às relações históricas entre Portugal e a África Centro-Occidental. As coroações de reis congos ocorreram com mais intensidade nas regiões que importaram mais centro-africanos. No século XIX, as rotas do tráfico transatlântico brasileiro se intensificaram em direção ao antigo reino do Congo. Mello e Souza aponta que, apesar da diversidade étnica dos grupos escravizados na África Centro-Occidental, havia algumas semelhanças no que diz respeito às formas de organização social, política e religiosa.

Por consequência do tráfico, os africanos se reagruparam, formando novos laços e identidades. Inicialmente, eles rearticularam diferentes grupos culturais em nações, posteriormente abrangendo diferentes nações. Esse processo gradualmente constituiu novas identidades mais homogêneas, incorporando parcelas maiores de africanos e seus descendentes. Segundo a autora, o declínio dos "reis de nação" em prol do "rei

²⁸⁹ MELLO E SOUZA, Marina de. Reis negros no Brasil escravista. História da festa de coroação de Rei Congo. Belo Horizonte, Editora da Universidade de Minas Gerais, 2002, 408p

Congo" foi resultado desse processo, no qual as diversidades foram paulatinamente apagadas em favor de uma identidade comum, historicamente construída, de negros católicos.

Apesar de o reino do Congo ter enfrentado desestruturação política entre os séculos XVII e XVIII, desempenhou um papel simbólico importante entre os africanos centro-ocidentais e grupos culturais de outras regiões convertidos ao catolicismo. Essas comunidades reconheciam a importância desse reino e adotavam uma identidade mais globalizante, sob a égide do rei do Congo, como forma de expressar sua filiação à religião católica. O rei e a rainha Congo, descritos no relato, são, portanto, identidades historicamente construídas e remetem a essas relações entre o catolicismo e a população negra no Brasil.²⁹⁰ Essas figuras existiram durante quase todo o período da escravidão e persistiram no pós-abolição, especialmente nas celebrações das confrarias religiosas negras em Minas Gerais.

Rubens Alves da Silva, ao estudar a identidade negra no congado mineiro, define os reinados como uma estrutura simbólica complexa que segue uma hierarquia própria. Os reis e rainhas congos representam simbolicamente o elo com a ancestralidade e a distante "Mãe-África".²⁹¹ Por sua vez, o catopé é uma unidade menor do reinado, denominada como "terno" ou "guarda", que se destaca pelo seu estilo particular de indumentária, coreografia, ritmo e instrumentos.

O catopé apresenta uma rígida hierarquia, sendo o capitão regente a autoridade central, responsável pelos saberes mágico-religiosos e pela administração do grupo. Os elementos que diferem de outras "guardas" ou "ternos" são o uso de pequenos saiotes, pandeiros, capacetes emplumados, violões e espadas. Sua função dentro do reinado estava associada à produção musical, a animação da festa e, em alguns casos, escoltar a rainha e o rei do congo com a coroa.²⁹²

Embora não saibamos exatamente quando o clube deixou de sair com o catopé e o reinado no carnaval, identifiquei que na década de 1930 essa prática já não era realizada entre os associados. A partir do relato de Maria Spegar Pertence, sugiro que seu abandono ocorreu próximo à segunda reestruturação da agremiação em 1934,

²⁹⁰ Ibidem. p.280

²⁹¹ SILVA, Rubens Alves. Negros católicos ou catolicismo negro? Um estudo sobre a construção da identidade negra no Congado mineiro. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

²⁹² MARTINS, Saul. Congado: família de sete irmãos. Belo Horizonte: SESC-MG, 1988.

quando o Mundo Velho assumiu a identidade de um clube social e carnavalesco, seguindo os parâmetros das outras associações da cidade. Orlando Blasina, citado por Spegar, tornou-se uma figura atuante no clube a partir dessa data, influenciando as atividades do clube e possivelmente (re)criando novas tradições dentro e fora da instituição.

A reestruturação do Mundo Velho em 1934 representou um marco significativo na formulação de novas práticas socioculturais, tanto no espaço público quanto no privado. Esse evento foi catalisador de uma ruptura com as antigas práticas da associação, gerando uma crise nas interações sociais entre os sócios. A construção da primeira sede social acarretou mudanças estruturais na organização do clube como instituição. Novos cargos foram incorporados à diretoria, como a comissão de sindicância e o conselho fiscal para o controle financeiro, e um calendário mais estruturado de eventos periódicos foi elaborado.

Essas transformações demandaram novos comportamentos dos associados, especialmente um maior domínio da burocracia e das finanças, o que gerou pequenos conflitos entre os sócios e os gestores. Como destacado anteriormente, essas tensões resultaram na renúncia do presidente Odilon Alves e do procurador Jorge Josué em 1935. O momento de institucionalização, tanto em termos de espaço físico quanto social, inaugurou um novo drama social entre os integrantes do clube. Os sócios se encontraram em um estado liminóide, marcado pela ambiguidade de ser, ao mesmo tempo, e não ser estritamente um clube carnavalesco nos moldes de outras associações. Apesar de compartilharem algumas características com essas agremiações, os sócios do clube possuíam diferentes tradições culturais e enfrentavam distintos estigmas sociais na sociedade.²⁹³

Segundo Victor Turner, o estado liminóide é uma condição em que a estrutura social está sendo revisada. Nessa situação, os indivíduos se encontram na antiestrutura, uma liberação das pressões da vida ordinária. Essa condição pode surgir a partir de uma ruptura da dinâmica social e pode, ou não, ser ritualizada. Durante esse momento, a estrutura é negociada, possibilitando uma reavaliação das próprias noções de comunidade e identidade. Esses fenômenos podem ser coletivos, mas são mais caracteristicamente projetos individuais, embora gerem efeitos coletivos ou de

²⁹³ TURNER, Victor. O processo ritual: estrutura e antiestrutura. Petrópolis: Vozes, 2013

"massa". Eles se desenvolvem à margem dos processos econômicos e políticos centrais, nas interfaces e interstícios das instituições operantes, sendo plurais, fragmentários e experimentais. Se definem como não cíclicos, mas são gerados continuamente em tempos e lugares à margem dos cenários de trabalho e designados para as atividades de "lazer".

Esses fenômenos costumam ser instigados por indivíduos específicos dentro de um grupo, competindo pelo reconhecimento e escolha geral.²⁹⁴ A condição liminóide também emerge de rupturas que levam à revisão e negociação da estrutura social de um grupo. Pode ser provocada por projetos individuais ou rituais seculares, como a reestruturação burocrática/institucional de uma associação, e também pode gerar a experiência de *comunitas*, o sentimento de fazer parte de algo maior (uma comunidade).²⁹⁵

A reestruturação de 1934 rompeu com as práticas anteriores dos sócios, inserindo-os em um estado de suspensão que permitiu diferentes condições liminóides. A partir desse ponto, eles mobilizaram projetos individuais e coletivos com expectativas e interesses sociais distintos. Essas condições liminóides possibilitaram que o clube, enquanto comunidade, revisse e negociasse sua estrutura social, formulando novos discursos e símbolos de identidade.

A condição liminóide resultante da reestruturação do clube permitiu que os indivíduos se posicionassem em oposição e/ou deslocamento da estrutura social da qual são produtores e produtos. Isso possibilitou uma produção criativa de manobras sociais, redesenhando os limites e formatos da organização social do grupo.²⁹⁶ Essa dinâmica proporcionou aproximações e afastamentos entre as dimensões do "nós" enquanto negros, com tradições culturais próprias, e do novo "nós" concebido como um clube social e carnavalesco moderno. Essa transitoriedade entre as dimensões contribuiu para a produção dinâmica de espaços dentro do clube.

²⁹⁴ TURNER, Victor W. Do ritual ao teatro: a seriedade humana de brincar. Rio de Janeiro. Ed: UFRJ, 2015.

²⁹⁵ Os rituais podem ser divididos em dois tipos principais: o sagrado e o secular. Os rituais sagrados estão associados com a expressão ou promulgação de crenças religiosas, ao passo que os seculares são aqueles associados com cerimônias de Estado, vida diária, esportes ou qualquer outra atividade não especificamente de caráter religioso. Ver: SCHECHNER, Richard. Ritual. In: LIGÉRIO, Zeca. (orgs.). Performance e antropologia de Richard Schechner. Rio de Janeiro. Ed: Mauad X, 2012.

²⁹⁶ BOURDIEU, Pierre. A representação política. Elementos para uma teoria do campo político. In: _____ . O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

A proposta de André dos Santos de sair com o catopé no carnaval de 1936, estava vinculada a um conjunto de ações e expectativas de uma parcela de antigos membros da agremiação. Para alguns, os Catopés e reinados ainda eram uma maneira de celebrar os festejos em homenagem ao rei momo. No entanto, o contexto da década de 1930 já não era tão favorável a essas práticas quanto fora anteriormente.

Nas grandes cidades, os carnavais passaram a ser alvo de intervenções do poder público e da imprensa. A organização de concursos e eventos festivos estabeleceu diretrizes para os desfiles nas vias públicas, favorecendo a atuação de blocos, cordões e escolas de samba. Os foliões tiveram que se adequar aos valores preconizados pelas autoridades, que buscavam popularizar modelos uniformes de celebração do carnaval, fundamentados na noção de modernidade e nacionalismo.²⁹⁷

Além disso, a sociedade republicana foi marcada pela ascensão de teorias e estereótipos raciais, que definiam a população negra a partir da brutalidade, analfabetismo, degeneração e miséria associados à escravidão.²⁹⁸ Paul Gilroy destaca que as culturas e identidades negras na diáspora, ou Atlântico negro, são indissociáveis da experiência da escravidão moderna e da herança racializada pelo Atlântico. Dessa forma, as territorialidades e estratégias de negociação empreendidas pelos sócios do clube Mundo Velho inserem-se na dupla consciência que marca as experiências negras no pós-abolição: ser negro e, ao mesmo tempo, estar imerso em uma sociedade que se pretende moderna.²⁹⁹

Durante a primeira república, esse conjunto de ideias tornou-se terreno fértil para a proposição de políticas públicas que visavam o assimilacionismo cultural. Na educação, destacou-se a criação de currículos escolares baseados na superioridade europeia, na segurança prevaleceu a perseguição à vadiagem e às manifestações culturais afro-brasileiras, e na saúde pública, o movimento sanitarista ganhou impulso nas reformas urbanas e nas imposições médicas. Essas ações estatais buscavam vislumbrar novos horizontes para o país, que acabava de entrar no rol das nações

²⁹⁷ ROSA, Marcus Vinicius de Freitas. Quando Vargas caiu no samba: um estudo sobre os significados do carnaval e as relações sociais estabelecidas entre os poderes públicos, a imprensa e os grupos de foliões em Porto Alegre durante as décadas de 1930 e 1940. Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

²⁹⁸ GOMES, Flávio dos Santos. Negros e Política (1888-1937). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

²⁹⁹ GILROY, Paul. O Atlântico Negro, Modernidade e Dupla Consciência. Rio de Janeiro: UCAM/Ed.34, 2000.

"civilizadas" e aspirava à modernidade. Nesse contexto, o moderno absorvia padrões estéticos e culturais europeus, assim como o desenvolvimento do capitalismo industrial como modelo de sociedade.

No período entre guerras, as experiências de conflitos bélicos em proporções internacionais, motivadas por ódios expressos em termos raciais e nacionais, modificaram os ideais de nação e os modelos pautados no processo de assimilação cultural, baseado na 'marcha civilizatória'. A partir da década de 1930, no discurso oficial, a noção de mestiçagem tornou-se a promessa e fortuna da nação. Os elementos populares e africanos passaram a ser símbolos nacionais e representativos de uma certa brasilidade, embora, no âmbito privado, persistisse a perseguição e desvalorização dos elementos afro-brasileiros.

Simultaneamente a esse movimento, ocorreu um processo de "desafricanização" de vários elementos culturais, que foram simbolicamente clareados, ou seja, dissociados de suas origens africanas.³⁰⁰ A valorização de elementos populares não implicou necessariamente o rompimento com os antigos mecanismos de controle exercidos pelas elites na primeira fase da experiência republicana. Como destacam Angela de Castro Gomes e Martha Abreu,

o apoio dos órgãos culturais e políticos do Estado Novo valorizaram expressões culturais negras e populares, as operações de escolha do que era o verdadeiro popular e nacional nunca deixaram de ser seletivas e de envolver uma boa dose de perseguição ou de censura aos candomblés, às organizações de lazer populares e às letras de samba. A cultura, em qualquer período histórico, é um campo aberto a conflitos e disputas políticas.³⁰¹

A proposta de André dos Santos para sair com o catopé no Carnaval de 1936 e a escolha dos sócios para formar o bloco de Carnaval situaram-se no campo de negociação da estrutura social do clube. Esses projetos individuais, expressando anseios de determinados coletivos da agremiação, tornaram-se uma tentativa de reconstituir as antigas experiências de comunidade.

Conforme Manuela Carneiro da Cunha, os povos que veem sua condição de grupo ameaçado trabalham no sentido de produzir sua 'cultura', assumindo exercícios performáticos/discursivos sobre si.³⁰² Esses exercícios são definidos pela autora como

³⁰⁰ SCHAWARTZ, L, op. cit. p.216

³⁰¹ ABREU, M & GOMES, A, op. cit, pg.11

³⁰² CUNHA, Manuela Carneiro da. Cultura com aspas e outros ensaios. São Paulo: CosacNaify, 2009. p.43

uma "cultura" com aspas, ou seja, os grupos acionam diferentes diacríticos culturais que agem como meio de restabelecer os sentidos de comunidade. A situação liminóide em que os sócios se encontravam com a recente reestruturação do clube em 1934 permitiu a produção criativa dos limites e formatos de seus diacríticos culturais.

Em um inventário realizado pela diretoria do clube em 1940, o Mundo Velho possuía uma bateria com várias peças, um banjo e uma radiola. Na descrição dos objetos, o secretário que lavrou a ata indicou, entre parênteses, que os referidos instrumentos eram destinados para a Jazz Band.³⁰³ A criação de uma banda própria já era um projeto antigo dos sócios. Desde 1936, o presidente Olinto Mateus já aspirava à criação do Jazz do clube para não precisar convidar músicos de fora para realizar os concertos durante as festas.

Jair Paulo Labres Filho, ao estudar a atuação das bandas de jazz na cidade do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX, afirma que "as jazz-bands foram um modelo difundido por todo o mundo cosmopolita como algo moderno e inovador, atingindo diversas instâncias sociais, culturais, econômicas e políticas da música, difundindo valores, novas formas de dançar e de sociabilidade".³⁰⁴

O historiador comenta que as primeiras décadas do século XX foram marcadas por transformações significativas nas relações entre a dança e as músicas populares. Esse processo estava relacionado a uma mudança de comportamento, principalmente das gerações mais jovens, que substituíram as antigas danças do final do século XIX por ritmos mais rápidos e animados como o *ragtime* e o *jazz*. A partir da década de 1910, o termo jazz passou a designar um rótulo genérico para novas músicas e danças, tornando-se parte de um emergente e promissor mercado musical.³⁰⁵

O jazz foi a primeira manifestação cultural negra dos Estados Unidos que extrapolou as classes populares e foi adotada como símbolo da identidade nacional, a partir dos "fluxos e refluxos dos ideais e paradigmas comportamentais modernistas [que] cruzaram o Atlântico e aportaram no Brasil".³⁰⁶ Petrônio Domingues comenta

³⁰³ ACMV, Livro de atas, 15 de março de 1940

³⁰⁴ FILHO, Jair Paulo Labres. Que jazz é esse? As jazz-bands no Rio de Janeiro da década de 1920. 131 f. (Dissertação de Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014, p. 89.

³⁰⁵ FILHO, Jair Paulo Labres op. cit. p.92

³⁰⁶ DOMINGUES, Petrônio. "Este samba selvagem": o charleston na arena afro-atlântica. Revista Afro-Hispanic, Nashville, vol. 29, n. 2, 2010, p. 162.

que as matrizes fundantes do jazz no Brasil remontam ao início do século, porém só foi a partir da década de 1920 que esses gêneros, agrupados a essa denominação genérica, emplacaram nacionalmente. Esses ritmos ecoaram de forma intensa nas experiências de sociabilidade da população negra de São Paulo, principalmente na formação de *jazz-bands* que tocavam nos bailes promovidos pelos clubes e associações recreativas. Para Domingues, as *jazz-bands* brasileiras não eram iguais às estrangeiras, pois elas agregavam em seu repertório novas composições instrumentais e musicais, entoando diversas sonoridades negociadas localmente. O "jazz à brasileira", como cita o autor, era marcado pelo hibridismo instrumental e sonoro.³⁰⁷

A criação oficial da Jazz-band do Mundo Velho não foi registrada, mas ela tornou-se a principal atração nas festas realizadas pelo clube. O grupo ampliou seu repertório para incluir outros ritmos nacionais, como o bolero e o choro, além de executar, em ocasiões especiais, sambas e lundus.³⁰⁸ A banda também desempenhava a importante função de tocar o hino do clube durante as solenidades e na saída para o Carnaval. Antes da formação oficial da *Jazz-band* do Mundo Velho, seus músicos participavam de outros grupos musicais na cidade, como a sociedade musical Santa Cecília, a sociedade musical São José e a *Jazz-band* do clube Cravo Vermelho.

Martha Abreu destaca que o interesse crescente do público urbano por novidades musicais nas primeiras décadas do século XX aumentou a presença da música negra e, em alguns casos, de músicos negros no cenário artístico.³⁰⁹ Petrônio Domingues ressalta que a ascensão das *jazz-bands* permitiu que maestros e músicos de cor conquistassem grande prestígio, tanto dentro quanto fora da comunidade negra. No entanto, esse processo não necessariamente resultou em uma ascensão social desses profissionais, mas proporcionou a eles um certo status no meio musical, abrindo portas para melhores oportunidades e condições financeiras, pois animar festas e bailes gerava visibilidade, novos convites, contratos e oportunidades de trabalho.³¹⁰

³⁰⁷ DOMINGUES, Petrônio. Nos acordes da raça: a era do jazz no meio afro-brasileiro. Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 10, n. 25, p. 66 - 98, jul./set. 2018.

³⁰⁸ Entrevista de Maria Alice e Maria de Lurdes, concedida em 19 de agosto de 2019.

³⁰⁹ ABREU, Martha. Conflitos musicais no Pós-abolição: Brasil e Estados Unidos (1890 a 1920). In: ABREU, M; DANTAS, Carolina & MATTOS, H. (Orgs.) Histórias do pós-abolição no mundo atlântico: Cultura, relações raciais e cidadania, vol. 3, 2013

³¹⁰ DOMINGUES, Petrônio., op. cit. p.12

No caso dos sócios do Mundo Velho, a música também se tornou um instrumento fundamental para alcançar condições profissionais favoráveis e participar ativamente no meio artístico de Sabará. Apesar das divisões racializadas entre os membros de cada clube na cidade, uma fotografia da *Jazz-band* do clube Cravo Vermelho mostra alguns instrumentistas negros, indicando que a música foi um meio utilizado pelas pessoas de cor para superar as barreiras raciais presentes entre as associações e obter maior visibilidade nos espaços sociais.

Na fotografia a seguir, a banda de Jazz do Cravo Vermelho está posicionada no palanque em frente à sede do clube, na rua Borba Gato. O saxofonista destacado não foi intenção minha, mas reflete as condições em que encontrei a fotografia. O grupo era formado por onze integrantes, sendo a maioria não-branca. O conjunto instrumental incluía saxofones, trompetes, bateria, banjo e instrumentos de percussão como pandeiro e uma espécie de cuíca. Os membros apresentavam uma postura enrijecida e trajavam ternos brancos com gravatas borboletas, demonstrando seriedade e requinte.



Figura 25: Jazz-band do clube Cravo Vermelho, década de 1930. Acervo Família Fantini

Paul Gilroy destaca que a música negra nas diferentes regiões do Atlântico negro tornou-se um meio de resistência contra a opressão e a dominação racial, buscando a

inclusão social e o exercício da cidadania. Ele argumenta que o poder dessa expressão musical advém de uma duplicidade, uma localização instável que existe simultaneamente dentro e fora das convenções, premissas e regras estéticas que caracterizam e periodizam a modernidade.³¹¹

Ao abordar a introdução do jazz na realidade brasileira, percebe-se que esse estilo musical ganhou significados multifacetados. Apesar de ser uma manifestação musical negra, o jazz era, ao mesmo tempo, estrangeiro e moderno, ocupando, de certa forma, uma posição de contraste em relação aos ritmos negros nacionais preexistentes.

Martha Abreu argumenta que o campo musical passou a refletir os impasses e conflitos sociais e políticos vividos por diversos grupos sociais no pós-abolição. Ela destaca que a música negra, enquanto campo de disputas, não apenas oferecia liberdade para cantar, dançar e rir, mas também podia reconstruir estigmas, atualizar tristezas e representar antigos e novos estereótipos.³¹²

Nesse contexto, a música, especialmente por meio da *jazz-band*, tornou-se uma trilha percorrida pelos sócios para representar e criar novos estereótipos e estigmas, fundamentados na noção de modernidade da época. A década de 1920 testemunhou o jazz gerando diversas repercussões nos ambientes intelectuais, especialmente na França, onde críticos associavam os sons da percussão à ideia de primitivismo, reproduzindo, segundo eles, os sons das selvas africanas. O jazz, no entanto, era também percebido como uma forma poética de representar os anseios dos negros, reformulando os sons africanos e fazendo um retorno ao "primitivo". Por outro lado, o jazz era associado ao negro-americano, sendo valorizado e visto como moderno e percebido como algo "mais africano".

Lepold Senghor, intelectual da década de 1930, destaca que a força ordenadora do estilo negro reside no ritmo, vivo, livre e capaz de evitar a monotonia. O ritmo age sobre aquilo que existe de menos intelectual, fazendo penetrar na espiritualidade do objeto. A música negra, segundo Senghor, está enraizada em solo fertilizador, carregada com os ritmos, sons e ruídos da terra, trazendo a "seiva necessária à música ocidental empobrecida" que se baseia em regras arbitrárias e restritas.³¹³

³¹¹ GILROY, Paul. Op. Cit,

³¹² ABREU, Martha. op. cit, p.87.

³¹³ SENGHOR, Léopold Sédar. O Contributo do homem negro. IN: SANCHES, Manuela Ribeiro. Malhas que os impérios tecem: textos anticoloniais, contextos pós coloniais. Lisboa: Edições 70, 2011. p. 73-92.

O *swing*, caracterizado pela síncope, era uma mistura de constâncias e variedades, tirania e fantasia, previsibilidade e surpresa, sendo os contributos do negro para o jazz demonstrados por sua capacidade de interpenetração.³¹⁴ Essas características causavam admiração aos intelectuais, que valorizaram o “exótico” e “bárbaro”, e medo e estranheza aos críticos de arte, sendo essa dupla faceta um dos principais fatores de intervenção desse ritmo nos continentes americano e europeu.³¹⁵

A escolha do jazz visava estabelecer uma nova representação que se distanciasse e, ao mesmo tempo, resignificasse a noção de primitivismo, como definido pelo racismo científico brasileiro. Utilizando o jazz, os músicos forjavam uma imagem do negro associada à modernidade e respeitabilidade. O reconhecimento dessa musicalidade como algo "intrínseco" ao negro permitiu que músicos de cor transitassem por espaços racialmente definidos como brancos, consolidando uma "autoridade" nesse tipo de produção musical. Essa dinâmica fica evidente ao analisar a composição da *Jazz-band* do clube Cravo Vermelho: mesmo sendo um clube racialmente branco, a música produzida era majoritariamente de autoria de pessoas negras.

A condição liminóide vivenciada pelos sócios a partir de 1934 proporcionou um exercício performático e um discurso sobre si, uma "cultura com aspas", baseada na complexa tessitura de relações de inclusão cultural e simbólica dos negros em relação à noção de modernidade forjada pela sociedade ocidental a partir do último quartel do século XIX. A abolição da escravidão no Brasil instaurou um intenso debate sobre a assimilação da antiga classe cativa à categoria de cidadãos e membros da nação civilizada. Os parâmetros de cidadania foram redefinidos a partir de critérios excludentes, visando retirar as classes populares da participação política e, com isso, destituindo seus direitos. As pessoas negras, por sua vez, adotaram diversas estratégias visando transcender as desigualdades de oportunidades e, conseqüentemente, buscar maiores possibilidades de ascensão social. Petrônio Domingues, ao estudar as associações negras no período pós-abolição, destaca que esses grupos exploraram formas de afirmação e resistência cultural, manifestadas, entre outras maneiras, por meio da música. Esses grupos

³¹⁴ Ibidem. p.81

³¹⁵ DURÃO, Gustavo de Andrade. Léopold Sédar Senghor: uma narrativa sobre o movimento da negritude. Curitiba: Appris, 2020. 167 p.

construíram projetos por meio dos quais as pessoas se sentiam parte de um mesmo grupo e se identificavam mutuamente, forjaram solidariedades fluidas e contingenciais, (re)inventaram tradições que alimentavam suas práticas sociais, estabeleceram diálogos entre si e com as agências do Estado e da sociedade civil, enfrentaram contradições em diferentes circunstâncias históricas, sem contudo deixarem de proclamar os interesses sociopolíticos e direitos civis dos “homens de cor” na esfera pública.³¹⁶

A reinvenção dessas tradições foi marcada por trocas culturais através do Atlântico. As escolhas dos sócios envolviam uma série de elementos que tinham como objetivo o reconhecimento como parte de uma modernidade e a formulação de novas estratégias de atuação no campo político-cultural emergente. Entre essas estratégias, destacava-se a representação positiva de si, tanto para o próprio grupo quanto para a sociedade em geral.

Em uma sociedade onde a modernidade era frequentemente associada a estéticas eurocêntricas, a população de cor do clube buscava expressar sua criatividade cultural de maneira a projetar uma imagem positiva publicamente. Simultaneamente, essas expressões culturais visavam definir, no âmbito social, a posição dessa população em uma nação que se apresentava, naquele momento, como mestiça. As negociações e decisões culturais empreendidas pelos sócios buscavam estabelecer uma nova identidade fundamentada em valores como disciplina, moralidade, modernidade e respeitabilidade.

A fotografia abaixo, capturada na posse da diretoria do Mundo Velho em 16 de março de 1940, apresenta o presidente eleito, Olinto Mateus Pereira, no centro da imagem, em frente ao estandarte do clube.³¹⁷ Ele está acompanhado, à direita e à esquerda, pelos sócios eleitos para os cargos da diretoria e comissão de sindicância. À frente dos sócios, encontram-se três mulheres, sendo que a do meio, Aureolina Viana Passos, não era integrante da agremiação e estava presente para testemunhar a solenidade.

Os membros da diretoria estão vestidos de maneira elegante, utilizando camisas sociais ou ternos, calças ajustadas, alguns usando quepes, e apresentam posturas sérias, transmitindo um sentido de seriedade e respeitabilidade. As mulheres estão vestidas com trajes longos, cabelos arrumados e amarrados, exibindo expressões sérias ou, em alguns casos, levemente sorridentes. É interessante notar que não há uma padronização

³¹⁶ DOMINGUES, P. op. cit. p.271

³¹⁷ ACMV, Livro de atas, 15 de março de 1940

na forma de apresentação, indicando, talvez, diferentes níveis de acesso socioeconômico a uma imagem considerada respeitável.



Figura 26: Diretoria do Clube Mundo Velho, 1940. Acervo Arcelor Mittal

As características dos sócios, conforme descritas na foto, eram uma preocupação constante dos membros, pelo menos a partir da década de 1930. Essa autorrepresentação era o resultado de um conjunto de ações empreendidas pelos sócios e diretores, que visavam aproximá-los de uma disciplina e moralidade valorizadas pela sociedade local. Durante os bailes, os membros da diretoria observavam atentamente os comportamentos dos frequentadores, buscando controlar qualquer "atitude imoral".³¹⁸

Especialmente durante as apresentações públicas, como nos dias de carnaval, os diretores empreendiam esforços para manter uma vigilância rigorosa sobre os brincantes. Os desfiles estavam sujeitos a determinadas cláusulas que deveriam ser seguidas por todos os foliões. Por exemplo, em 1938, os membros do clube registraram no livro de atas as deliberações para as festas daquele ano:

- A- Usar a fantasia do costume, camisa verde e amarelo, calça branca, sapatos ou tênis brancos, boné ou casquete, nas mesmas cores, conforme anos anteriores.

³¹⁸ Entrevista de Hélio Félix, concedida em 10 de agosto de 2019.

- B- Evitar o máximo possível de excessos de bebidas alcoólicas quando em passeatas nas ruas ou mesmo nos bailes.
- C- Acatar com respeito e disciplina toda orientação da comissão encarregada de dirigir os cordões nas ruas e também nos ensaios, não só para manutenção da boa ordem, como melhor brilhantismo de todas as festas.
- D- Ficam obrigados a todos os sócios a contribuição de (10\$000) dez mil réis para ajudar no custeio das despesas dos três dias de toda festa do momo (isto é) todos aqueles que fizerem parte nas festas.
- E- Todos os sócios que necessitarem de convites especiais para alguns amigos ou pessoas de suas relações devem procurar antecipadamente, pela diretoria fornecendo a esta o nome e conduta do indivíduo a ser convidado, ficando este, sujeito ao pagamento de (10\$000) dez mil réis por cada dia que se apresentar e também aos regulamentos internos do clube.
- F- Todos os srs. Sócios, que estiverem de acordo fazer a fineza de deixar suas assinaturas na continuação desta.³¹⁹

O controle e a vigilância não se restringiam apenas ao comportamento, mas, como podemos observar, estendiam-se igualmente às vestimentas e à entrada de convidados. A participação de outras pessoas nos desfiles só era permitida mediante a apresentação da conduta do candidato, respaldada por um sócio, e mediante o pagamento do valor do ingresso. Tais medidas visavam limitar a entrada de pessoas desconhecidas pelos grupos familiares que frequentavam o clube. Essa preocupação também se estendia aos eventos que ocorriam na sede nos dias que antecediam os festejos: nas reuniões para os preparativos do carnaval, os sócios frequentemente manifestavam preocupação com a presença de "pessoas estranhas" nos bailes do clube.

Como discuti no primeiro capítulo do trabalho, as alianças e redes familiares dos sócios regiam a organização e manutenção do Mundo Velho. Para frequentar os bailes e encontros do clube, as pessoas eram convidadas pelos membros e passavam pelo crivo das famílias para, então, fazerem parte do quadro social. As relações familiares e de familiaridade eram determinantes para o acesso aos eventos. No contexto do clube, pessoas desconhecidas seriam aquelas que não tinham nenhuma relação com as famílias associadas.

Em 1935, como forma de solucionar essas questões, o presidente propôs a possibilidade de as pessoas que desejassem frequentar a associação para as festas serem convidadas a preencher as formalidades para admissão como sócios, trazendo

³¹⁹ ACMV, Livro de atas, 25 de dez. de 1938. A linguagem da citação foi atualizada para melhor compreensão do leitor.

benefícios para o clube e ampliando seu quadro social. Essa ideia foi aprovada por unanimidade pelos presentes, indicando que era uma preocupação real entre eles.³²⁰

As punições para aqueles que não seguissem as normas do clube dependiam da gravidade da situação: os transgressores poderiam ser apenas censurados nas reuniões ou, em casos mais graves, enfrentar a expulsão. Alguns integrantes antecipavam-se para evitar retaliações mais severas. Por exemplo, em 4 de agosto de 1938, Francisco Moisés pediu desculpas pelo comportamento no baile de 2 de julho do mesmo ano, antes que ocorressem sanções mais graves. Nessa mesma reunião, o presidente Olinto Mateus anunciou a eliminação de Raymundo José dos Santos, José Coelho Linhares Junior, Paulo do Santos, Antônio Júlio dos Santos, devido à falta de pagamento das mensalidades, afirmando que tal ação estava de acordo com o artigo 36º dos estatutos e visava preservar a disciplina e a moral do clube.³²¹

O inverso também acontecia: na assembleia geral do dia 2 de março de 1938, o presidente Olinto Mateus elogiou "o bom comportamento não só das moças como também dos rapazes que brincaram no carnaval".³²² O destaque para as moças nos indica que essa vigilância era mais atenta para o sexo feminino.

Na análise sobre os aspectos étnicos, de classe e moralidade nos clubes negros em Pelotas, Beatriz Loner afirma que esta vigilância em relação às mulheres sócias dessas associações estava atrelada a uma política de padronização de comportamentos admitidos pelos sócios e da formação de famílias negras e suas regras e normas vigentes na sociedade branca.³²³ Acredito que essas políticas extrapolavam a ideia de padronização, como cita a autora, mas eram uma maneira de construir uma representação positiva das pessoas negras que dialogava com a moral da sociedade da época e não se limitava aos comportamentos de seus sócios, mas à figura pública da agremiação como um todo.

Em uma reunião para os preparativos do carnaval de 1936, o diretor de festas Jason Lopes apresentou a ideia de levar para os festejos um carro alegórico crítico. O presidente da sessão pôs em discussão a ideia, que foi contestada por José Bento

³²⁰ ACMV, Livro de atas 10 de fevereiro de 1935

³²¹ ACMV, Livro de atas 4 de agosto de 1938

³²² ACMV, Livro de atas 2 de março de 1938

³²³ LONER, Beatriz Ana. Classe, etnia e moralidade: estudo de clubes negros. Anais do XXIII simpósio nacional de História, Londrina, 2005.

Pereira, dizendo que o carro alegórico poderia ficar muito caro e também poderia aborrecer qualquer pessoa da cidade que gostasse do clube.³²⁴ Percebemos, então, que o controle dos comportamentos dos sócios, especialmente das sócias, estava relacionado a um objetivo mais amplo de manter determinada reputação da agremiação e não gerar conflitos com outros grupos sociais.

A manutenção da respeitabilidade por parte da sociedade sabarense naquele contexto desmobilizava os conflitos e atenuava a discriminação racial e social que os sócios poderiam sofrer. Ao mesmo tempo, eximia a elite política sabarense de críticas advindas de um clube que se pretendia representar as classes populares. Olinto Mateus Pereira, em uma carta endereçada aos companheiros de diretoria e aos consórcios do conselho fiscal, faz um pedido para que todos fossem

sempre atenciosos com as obrigações para com o clube, como até aqui tem sido, relativamente à parte social e moral, para assim podermos, orgulhando-nos do nosso nome e da nossa obra realizada, chegar de cabeça erguida e de coração satisfeito, ao fim que nosso senso social idealizou e realizou.³²⁵

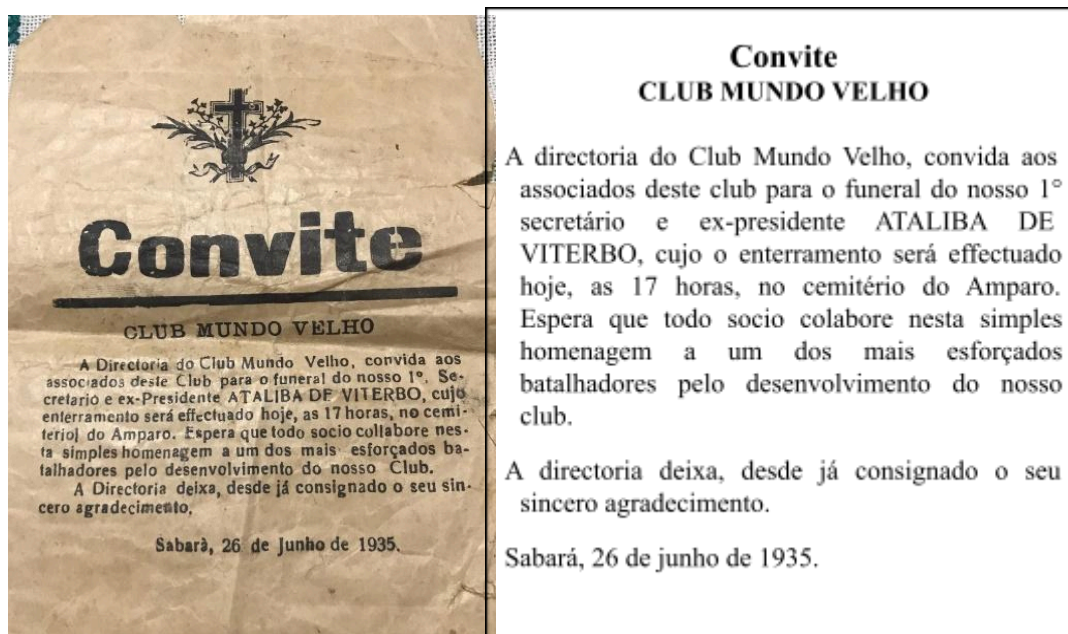
O trecho da carta destacado ilustra bem os objetivos dos sócios com essas medidas disciplinares. Olinto ressalta que esse trabalho permitiria que seus integrantes tivessem orgulho do "nome" e da "obra realizada", podendo, assim, ter a cabeça erguida e coração satisfeito, o que poderia significar uma dignidade para seus membros. Essa estratégia de autorrepresentação, baseada na disciplina, moralidade e respeitabilidade expressas no controle da moral dos sócios e nas apresentações públicas do clube, também acionava outros elementos culturais que respaldavam essa positividade, como podemos observar nas práticas da instituição.

As solenidades do Mundo Velho também buscavam se constituir a partir desses quatro pilares da autorrepresentação - disciplina, moralidade, modernidade e respeitabilidade. Em casos especiais, o clube custeava algumas despesas referentes ao falecimento de alguns sócios. Segundo Maria de Lurdes e Maria Alice, a partir da década de 1949, os velórios eram realizados dentro da sede do Mundo Velho e contavam com uma grande celebração. O caixão era envolto com a bandeira da agremiação, a *jazz-band* cantava o hino do clube e faziam-se as devidas homenagens

³²⁴ ACMV, Livro de atas 25 de dez. de 1935

³²⁵ Anexo datilografado no livro de atas do Clube Mundo Velho, 5 de jul. de 1936

ao sócio.³²⁶ A diretoria era responsável por convidar todos os membros, enviando convites para o funeral, como o de Ataliba de Viterbo representado abaixo, e geralmente a banda e os sócios acompanhavam o caixão até o cemitério.



Esses pilares tinham como objetivo (re)criar identidades sociais e estabelecer alianças políticas, permitindo a expansão das redes de relações dos associados. Jeremy Boissevain destaca que os indivíduos, considerados empreendedores sociais, buscam manipular as relações interpessoais para atingir metas e resolver problemas. Para o autor, o poder exercido pelas pessoas não deriva apenas de seu papel social formal, mas sim do conjunto de contatos cuidadosamente cultivados, em constante mutação. Os valores morais, assim como o meio social, cultural e físico, estabelecem os parâmetros dentro dos quais as pessoas atuam.³²⁷

Num contexto em que o quadro familiar e doméstico regia as relações no espaço público e a autoridade ainda se afirmava através do paternalismo e do patronato, a família, embasada nos modelos de vida burgueses, transmitia a ideia mais comum de poder, respeitabilidade, obediência e coesão entre as pessoas. O favor estabelecia relações de dependência com as autoridades e outras famílias no espaço público,

³²⁶ Entrevista de Maria Alice e Maria de Lurdes, concedida em 19 de agosto de 2019.

³²⁷ BOASEVAIN, Jeremy. Apresentando “Amigos de amigos: redes sociais, manipuladores e coalizões”. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (Orgs.). Antropologia das sociedades contemporâneas: Métodos. São Paulo: Editora Unesp, 2010. p. 205-236

levando os sócios negros do Mundo Velho a tecerem suas autorrepresentações por meio dessas tramas que compunham o universo político e social sabarense.

Nesse sentido, esses pilares proporcionavam aos sócios oportunidades de diálogo com a sociedade local e ampliação das redes de relações, permitindo atenuar a segregação racial ou, pelo menos, criar espaços para si. A festa, nesse contexto, tornava-se um espaço central para (re)criação de identidades sociais e formação de alianças políticas.

Em 1937, após reorganização institucional, financeira e social, o Clube Mundo Velho organizou uma festa que consistiu na soltura de balões de ar enfeitados com as cores e emblemas de todas as agremiações culturais e esportivas da cidade.³²⁸ Conhecida como a "festa dos balões", essa solenidade marca a apresentação pública do clube, buscando estabelecer alianças com outros espaços da cidade e demarcando novas identidades sociais no espaço urbano. A espécie de "homenagem" às outras agremiações fortalecia as alianças políticas entre elas, agregando outras práticas, não necessariamente afro-brasileiras, à sua conformação.

As manifestações públicas do Mundo Velho visavam legitimar o clube e seus sócios no espaço público cidadão. Essas homenagens eram um meio de manter a cordialidade entre os clubes e espaços da cidade, evitando confrontos diretos com os detentores do poder político, religioso e econômico. Essa aproximação reduzia as possibilidades de conflitos sociais, que poderiam evidenciar as tensões raciais presentes na cidade.³²⁹

As estratégias de negociação das práticas culturais e da formação de uma representação positiva de si não se limitavam aos sócios nos bailes e solenidades do clube. Eram acionadas principalmente na organização, produção e execução dos desfiles carnavalescos. O carnaval tornava-se o grande palco das sociedades e clubes, um momento privilegiado para demonstrar as performances culturais de cada

³²⁸ GUERRA, L. Op. cit. p.233

³²⁹ SAYÃO, Thiago J. Uma identidade racial velada no pós-abolição? Apontamentos sobre a sociedade recreativa União Operária da Laguna/SC na Primeira República. Texto apresentado no 7º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, Curitiba (UFPR), de 13 a 16 de maio de 2015. Anais completos do evento disponíveis em <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/> acesso em 30 de setembro de 2021.

associação, constituindo suas identidades sociais e políticas por meio das apresentações públicas.

As fantasias, adornos e temáticas abordadas materializavam o universo simbólico de cada sociedade, evidenciando como cada grupo atribuía significado às noções de prestígio e formulava alianças com outras instâncias da sociedade. Para o Mundo Velho, a agremiação mais antiga da cidade, os carnavais eram momentos de disputa e espaço central na produção de performances e discursos sobre si, que (re)atualizavam suas noções de comunidade. Essas disputas tornaram-se ainda mais evidentes após a reestruturação de 1934, que representou uma ruptura com as antigas práticas e representações, constituindo formas criativas de pertencimento à instituição.

CAPÍTULO 4

Carnavais de flores e primaveras: performances culturais e o universo feminino

FESTA É LIBERDADE EM UM MUNDO VELHO

Em uma tarde, a bisneta de um dos fundadores e também neta de um proeminente ex-presidente do clube me convidou para um café em sua casa em Sabará. Cheguei no horário combinado e fui recebido com entusiasmo. Ela me apresentou aos presentes como o pesquisador do Mundo Velho e elogiava meu empenho em desvendar a história da instituição. A filha de um ex-presidente, grande companheira nas minhas pesquisas, também foi convidada para o encontro. Enquanto esperávamos, falamos da pesquisa e de tudo que havia encontrado até aquele momento, de repente fomos interrompidos pelo toque da campainha. Era a convidada. Ela chegou, nos cumprimentou, sentou-se à mesa na minha frente e logo iniciou uma acalorada conversa sobre o Mundo Velho. Vi que naquele momento as memórias do clube bailavam sobre a mesa, acompanhando a rapadura, que adoçava o café. Entre os estalos das risadas e causos das festas, a convidada lembrou-se do hino do Mundo Velho, rapidamente todas cantaram. Uma delas observou meus olhos brilhando e comentou:

- *O hino do Mundo Velho meu filho é quase o hino de Sabará.... teve época que o carnaval não começava sem ele.*

A outra respondeu imediatamente:

- *O Mundo Velho é o patrono do carnaval de Sabará. Sem ele, não havia festa.*

A mais velha suspirou e completou:

- *A gente vivia naquele clube, fazíamos de tudo lá, pena que agora esteja do jeito como está.*

Durante a pesquisa, percebia que ao perguntar ou comentar sobre o Mundo Velho eu mobilizava mais que memórias, emergiam também vidas inteiras. As entrevistas e conversas sobre o clube eram e ainda serão quase como uma diversão. Os silêncios, os sorrisos inesperados, as risadas, os semblantes de vergonha rememoravam tempos áureos, em que o clube mobilizava vidas e, em alguns casos, a cidade inteira. Memórias felizes e outras nem tanto, mas todas apontavam os mesmos sentimentos: a felicidade de fazer festa, de ser festa ou até mesmo de se tornar festa em um Mundo Velho.

Nos primeiros anos do século XX, durante os dias de folia, as tranquilas ruas de Sabará eram invadidas por uma multidão de foliões em busca de diversão. A animação carnavalesca contagiava homens e mulheres de todas as classes e idades, que, estejam eles fantasiados ou não, se entregavam a brincadeiras, piadas e sátiras pelas vielas do município. A festa era embalada pela algazarra do entrudo, pelos bailes de fantasias e pelos desfiles dos cordões, Zé-pereiras e blocos carnavalescos.³³⁰

A partir da década de 1920, os cortejos organizados pelos clubes sociais tornaram-se os mais aguardados na celebração carnavalesca. O Clube Mundo Velho, identificado pelas cores verde e amarelo, desfilava pelo centro da cidade com sua banda tradicional, jovens moças e rapazes vestidos a caráter, formando um espetáculo. Os clubes Cravo Vermelho e Crisântemo, batizados com nomes de flores, não ficavam para trás, apresentando fantasias grandiosas que moviam e contagiavam a multidão em meio aos dias de folia.

O carnaval em Sabará revelou-se como um fenômeno social marcado por diversas mudanças, reconfigurações, variabilidades, permanências e alternâncias ao longo do período estudado.³³¹ Essas dinâmicas foram moldadas pelos distintos movimentos intelectuais e políticos que deixaram sua marca no país, bem como pelas mobilizações e (re)articulações locais. Seguindo o conselho de Maria Clementina Cunha ao estudar as festividades no Rio de Janeiro entre os séculos XIX e XX, em vez de buscar na folia uma expressão nacional, é essencial "analisar minuciosamente as dimensões de classe, raça e gênero, bem como todas as outras variantes que dissociavam os grupos cambiantes de indivíduos" que disputavam a festividade.³³²

³³⁰ O entrudo se caracterizava como uma burlesca guerra de água, perfume, farinha e outros líquidos, que tomava as ruas e os espaços domésticos das pequenas e grandes cidades do país nos dias anteriores à quaresma. De origem portuguesa, a brincadeira era comemorada no Brasil desde o início da colonização e no transcorrer do tempo se consolidou como principal festejo no período carnavalesco, popularizando-se entre todos os segmentos sociais e regiões brasileiras. No século XIX o festejo era muito popular nas cidades e pequenas vilas mineiras, e passou a ser perseguido pelas autoridades locais com objetivo de extingui-los das cidades e da província. Na imprensa local, na administração pública, na polícia e em parte dos grupos emergentes, o entrudo foi duramente repreendido e considerado como uma brincadeira imprudente. Já o Zé-Pereira eram grupos percussivos com zabumbas e bumbos que saiam nos carnavais carregando um estandarte. Para mais, ver: ARAÚJO, Patrícia Vargas Lopes de. *Folganças populares: festejos de entrudo e carnaval em Minas Gerais no século XIX*. Dissertação de Mestrado, Departamento de História. Belo Horizonte: FAFICH/UFMG, 2000

³³¹ FILHO, Hilário Figueiredo Pereira. *Glórias, conquistas, perdas e disputas: as muitas máscaras dos carnavais de rua em Belo Horizonte (1899- 1936)*. Dissertação de Mestrado em História pela Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

³³² CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecoss da folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p.14

Neste capítulo, proponho uma análise detalhada dos distintos desfiles carnavalescos promovidos pelo Clube Mundo Velho, visando desvelar as múltiplas dimensões presentes nessas apresentações. Ao comparar as experiências carnavalescas das principais agremiações sabarenses da época – Cravo Vermelho, Crisântemo e Mundo Velho –, destaco como os elementos mobilizados por cada grupo nos proporcionam explorar um complexo sistema de relações e significados, no qual os sócios dos clubes eram simultaneamente produtores e produtos.

As fantasias, adereços e coreografias estabeleciam dinâmicas distintas de prestígio social, ao mesmo tempo em que demarcavam identidades raciais e sociais no espaço público. Como um pequeno desfile, estruturei este capítulo em três alas, buscando retratar essas nuances.

Na comissão de frente, abordo como o carnaval evidenciava as ambiguidades da presença de pessoas e práticas culturais negras no espaço urbano. Partindo dos "ecos" do desfile de carnaval de 1898, registrados no jornal local, investigo como as territorialidades negras da época eram interpretadas pelas autoridades e intelectuais da cidade. Seguindo a perspectiva de Maria Clementina Pereira Cunha, os jornais desempenhavam um papel singular na repercussão dos "ecos" do carnaval, destacando elementos específicos da festa e desvalorizando outros que não se alinhavam aos padrões definidos pelas elites.³³³ Ao ampliar esses "ecos", revelo como a construção dos espaços negros na cidade era permeada por ambiguidades e rearticulações políticas. Além disso, busco compreender como os foliões incorporavam diferentes elementos das tradições negras na festividade, reivindicando maneiras próprias de celebrar o carnaval no âmbito público.

Na ala seguinte, exploro como o carnaval se tornou um palco para a formulação, dramatização e reestruturação das relações entre as entidades recreativas. Através dos registros carnavalescos das décadas de 1920 e 1930, investigo como a festa promovia alianças e disputas entre diferentes grupos sociais, tornando-se central para a (re)elaboração de identidades políticas e sociais no espaço citadino. Para entender os processos de relação e (re)significação traçados pelos membros do Clube Mundo Velho, recorro aos dramas sociais vivenciados pela instituição ao longo do período estudado. O conceito de "drama social" de Victor Turner proporciona uma análise

³³³ CUNHA, M. op. cit.

processual da vida social, oferecendo uma perspectiva analítica e descritiva dos eventos.

Ao desvendar os processos de formação e organização do Clube Mundo Velho enquanto instituição, especialmente a partir da reestruturação de 1934, pude compreender melhor as transformações pelas quais a agremiação passou. A análise privilegia a relação entre as rupturas e continuidades da instituição com os processos de racialização vividos no Brasil durante o governo de Getúlio Vargas. Não identifico rigidamente as "fases" dos dramas sociais, conforme proposto por Turner, mas sim atingir o objetivo último de seu método. Os "dramas sociais", nesse contexto, representam "pistas valiosas sobre o caráter do sistema social". Estes dramas permeiam o universo de valores da sociedade, permitindo-nos explorar as diversas perspectivas dos sócios e foliões no que se refere às suas identidades políticas, raciais e sociais.³³⁴

Por fim, abordo como as festividades, especialmente os carnavais, desempenharam um papel central na (re)elaboração de antigas práticas afrodescendentes no âmbito privado do clube, além de legitimar a participação das mulheres dentro da agremiação. Através das coroações das rainhas da primavera do Mundo Velho, reflito sobre como as experiências femininas, especialmente das mulheres negras, revelam os múltiplos significados que esse espaço associativo possuía para seus membros.

4.1. Os endiabrados e disciplinados foliões do Club Mundo Velho: a ambiguidade da festa e espaço negro em Sabará

No final de janeiro de 1898, a diretoria do Clube Mundo Velho já se encontrava em plena preparação para o carnaval. No dia 18 de janeiro, o diretor da agremiação, Henrique Dias, divulgou uma nota no jornal *O Contemporâneo*, convidando os sócios a realizarem a devolução das "distintas medalhas" do clube utilizadas no carnaval anterior, uma vez que algumas delas haviam sido extraviadas.³³⁵ O objetivo desse pedido era organizar os preparativos para as futuras apresentações públicas da associação e mobilizar os sócios para a tão aguardada data do rei Momo.

A partir do dia 13 de fevereiro, alguns sócios do clube começaram a anunciar a festa de carnaval, com a saída do Zé-Pereira pela cidade. O cortejo oficial, contudo,

³³⁴ TURNER, Victor. *Drama, campos e metáforas*. Niterói: EdUFF, 2008

³³⁵ APM, *O Contemporâneo*, Sabará, 28 janeiro de 1898, p.3.

ocorreu apenas no domingo, dia 20, às duas horas da tarde, no largo do Rosário. O desfile contava com cinco carros de crítica, uma banda, cavalaria, o carro da diretoria com o estandarte do clube e um considerável número de foliões devidamente fantasiados.

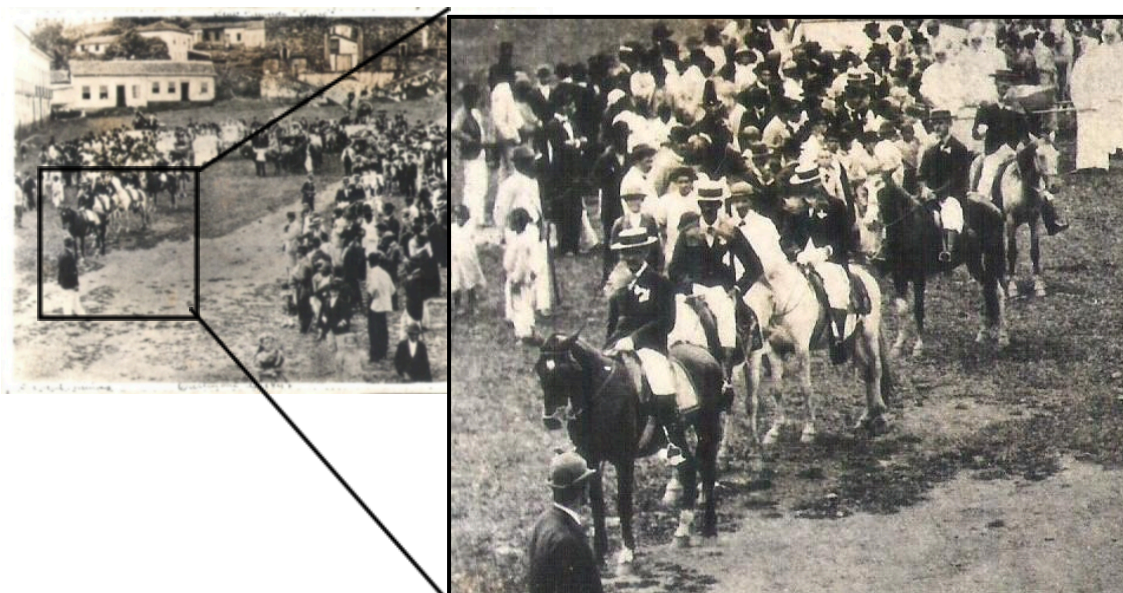


Figura 28: Carnaval do Club Mundo Velho, 1898. Acervo Clube Mundo Velho

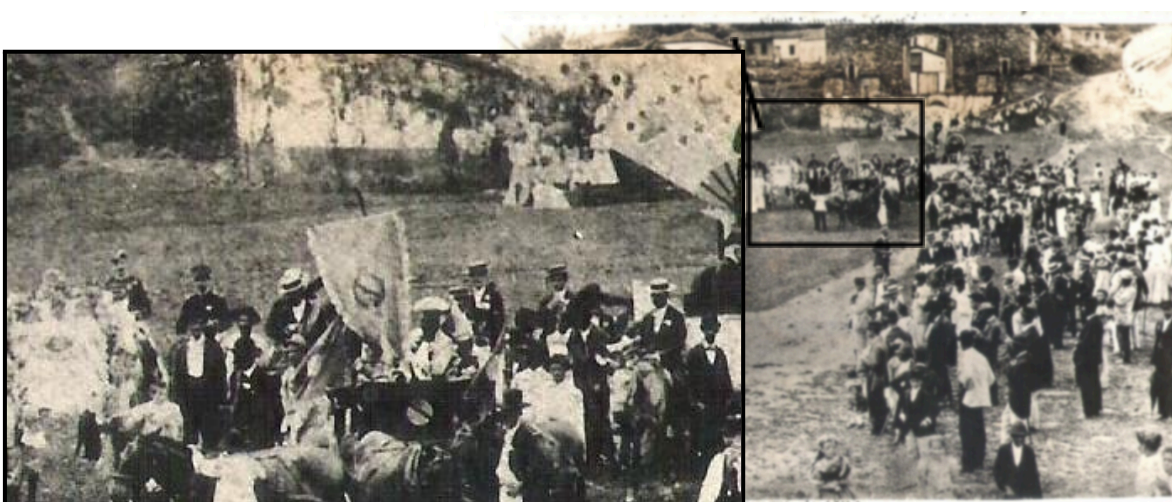
A fotografia acima retrata o Clube Mundo Velho posicionado no largo do Rosário momentos antes de iniciar o itinerário programado. A fotografia foi capturada no dia 20 de fevereiro, um domingo, por volta das 2 horas da tarde, quando os foliões se reuniram em frente à Igreja de Nossa Senhora do Rosário. O cortejo, composto por um grande préstito, aguardava a passagem da cavalaria, do carro da diretoria e dos carros de crítica.

O préstito que acompanhava atentamente o desfile era predominantemente composto por pessoas negras, com uma presença massiva de homens. As poucas mulheres presentes vestiam longos vestidos e concentravam-se mais ao fundo da pequena multidão. O público masculino trajava calças sociais e paletós, posicionando-se mais próximo ao desfile. De acordo com Zélia Lopes, o uso dessas vestimentas típicas do cotidiano do século XIX ainda era comum nos carnavais da década de 1920 em São Paulo. Essa escolha de indumentária representava um ícone de

status e poder. Neste contexto, podemos sugerir que para os grupos negros no pós-abolição, isso denotava respeitabilidade e disciplina, desafiando os estereótipos negativos que essa população enfrentava na época.³³⁶



A cavalaria, composta por "dez simpáticos rapazes, vestidos de forma uniforme e montados em magníficos ginetes", foi descrita pelos redatores do *O Contemporâneo* como uma "brilhante guarda de honra", conferindo um "efeito deslumbrante" ao desfile. Logo em seguida, no centro da imagem, destaca-se "o vistoso e elegante carro da diretoria", que estava "profusamente e caprichosamente enfeitado". No carro, um "distinto sócio, ricamente fantasiado", empunhava o estandarte do clube, acompanhado por "gentis meninas elegantemente fantasiadas". O conjunto formava uma imagem de grande impacto visual. Atrás do carro da diretoria, ainda se encontrava a banda de música, composta por dez rapazes ostentando as medalhas do clube, entoando cantigas do repertório característico da entidade.





Na lateral direita do carro da diretoria, posicionava-se o primeiro carro de crítica (1), que expunha as disputas da eleição municipal ocorrida em 1 de novembro de 1897. O carro apresentava uma gangorra ancorada em um grande leque, exibindo sete cartas de baralho que representavam os distritos do município responsáveis pela eleição dos candidatos do Club-União Sabarense. Na parte frontal do carro, destacava-se o "vulto

de um chefe político dessa parcialidade". Na base da gangorra, uma urna continha a inscrição "das urnas livres um dissabor", dela emergindo um busto de outro chefe político, segurando, na mão direita, um caniço e um anzol com um peixe com a inscrição "Raposos" - distrito do município de Sabará -, e na mão esquerda, segurava a coroa do império, simbolizando a inclinação monarquista do político.

Este carro ilustrava as divergências de opiniões sobre o governo federal de Prudente de Moraes. Um grupo de correligionários do União Sabarense, influenciados por Carlindo Pinto, decidiu separar-se do partido e refundar o Partido Moderado, antiga organização com tendências conservadoras, sob o nome de Partido Republicano Sabarense.³³⁷ Para as eleições municipais, a nova legenda formou uma chapa de oposição com o Capitão José Dias Duarte para presidente da Câmara e agente executivo, mas não obteve sucesso na disputa.³³⁸

O resultado das eleições foi favorável ao Clube União Sabarense, que venceu em todos os distritos, exceto em Raposos, onde Américo Ferreira Passos foi eleito, representado no segundo busto. Um dos vencedores nas urnas foi o tenente Francisco Rosa de Viterbo, tesoureiro do Clube Mundo Velho, eleito vereador no distrito da Lapa, antigo reduto de Carlindo Pinto, constituindo uma significativa derrota para o Partido Republicano Sabarense.

O segundo carro de crítica (2), intitulado "A convenção", abordava as disputas da candidatura para governador nas eleições estaduais. As indicações seriam decididas em Ouro Preto no dia 7 de março de 1898. O carro era composto por uma grande panela cheia de jornais, artisticamente dispostos para simbolizar a imprensa. Próximo a ela, vários políticos empunhavam "colheres de pão", discutindo a candidatura do "notável político" Silviano Brandão à presidência do Estado.

O carro representava as desavenças políticas ocorridas entre deputados e senadores na reunião do Partido Constitucional Republicano em Ouro Preto, em 1 de setembro de 1897. O objetivo do encontro era decidir quais candidatos seriam indicados à presidência e à vice-presidência do Estado. No meio do evento, um grupo de dissidentes não concordou com as indicações de Francisco Silviano de Almeida

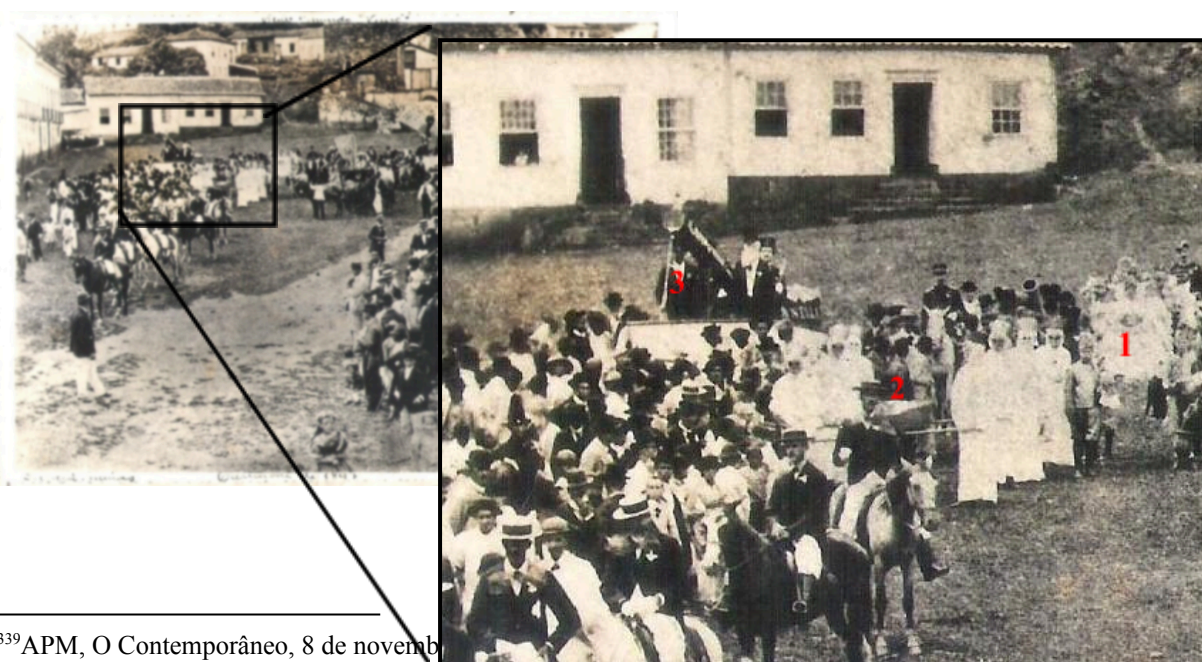
³³⁷ APM, O Contemporâneo, 7 de outubro de 1897, p.1

³³⁸ APM, O Contemporâneo, 24 de outubro de 1897, p.3.

Brandão e Joaquim Candido da Costa Sena, decidindo realizar outro encontro para formar uma nova chapa.

Nos cantos do carro, quatro painéis continham frases da candidatura e pequenas estrofes críticas às figuras. No primeiro painel, uma maromba com a inscrição "presidência do Estado" apoiava-se em um peão, seguido pela inscrição "soberania do povo". Numa das extremidades, estava o candidato Silviano Brandão, com a inscrição "vamos mostrar ao governo/O que vale em eleição/Querer ele debater-se/Com a opinião pública".³³⁹ No segundo painel, a mesma maromba estava abaixada por Mendes Pimentel, orador dissidente da convenção, com a parte elevada da maromba contendo a inscrição "o governo mostrará/O que vale em eleição/Querer o povo reunir-se/Para formar opinião".

No terceiro painel, representando o equilíbrio dos dois candidatos estabelecido pela convenção de Ouro Preto, estava escrito: "O povo, a imprensa e o governo/Decidem na convenção/O candidato a indicar/Para a próxima eleição". Por fim, no quarto e último painel, via-se o "impulso vigoroso de um político influente" - Bias Fortes - caído por terra, com o candidato Silviano Brandão do lado oposto, apoiado pela imprensa e municipalidades, e a inscrição "graças a um fino político/Pronta foi a decisão/Venceram imprensa e povo, sancionou-se a opinião". Esta última cena referia-se à escolha oficial de Silviano para concorrer ao cargo de Presidente do Estado, apoiado pelos partidos políticos e municipalidades.



³³⁹APM, O Contemporâneo, 8 de novembro

Os outros três carros de crítica, localizados à esquerda do carro da diretoria, representavam a guerra de Canudos. A primeira alegoria (1), intitulada "Apotheose a Moreira Cezar", era marcada por um rico andor carregado por "quatro rapazes elegantes, vestidos nas cores nacionais e com barretes frígios". Na face principal do andor, destacava-se o busto de Moreira Cezar, circundado de flores, com a inscrição "Homenagem ao intrépido campeão da república".³⁴⁰ Nos lados, exibiam-se troféus, as armas da república, uma coroa de louros naturais e numerosas flores.

A segunda alegoria (2), denominada "A morte do conselheiro", consistia em um caixão fúnebre com a figura de Antônio Conselheiro, líder da comunidade de Canudos, sendo conduzido por seis fantasmas adornados com coroas imperiais. Durante a passagem desse carro, foram distribuídas poesias intituladas "Conselheiro infernal". Por fim, o carro intitulado "O canhão Canet" (3) homenageava o general Artur Oscar, responsável por destruir os últimos casebres de Canudos, no sertão baiano. O canhão era conduzido por soldados vestidos como morcegos, com a "figura imponente do glorioso general Artur Oscar, ladeado por dois oficiais", representados por dois sócios montados em ginetes soberbos e bem ajazados. Para o Partido União Sabarense, a sublevação de Canudos representava o último "suspiro desesperado da Monarquia", constituindo uma ameaça aos preceitos "democráticos" que o 15 de novembro havia trazido.³⁴¹

A ocasião foi noticiada na primeira página do *O Contemporâneo* em 3 de março de 1898. Os redatores iniciaram a reportagem afirmando: "como de costume, os foliões endiabrados e disciplinados do Clube Mundo Velho conquistaram os troféus de esplêndida vitória".³⁴² Os adjetivos utilizados para descrever os sócios do clube refletem o caráter ambíguo que a associação apresentava na cidade.

³⁴⁰ Antônio Moreira Cezar foi um coronel do exército brasileiro responsável pelo batalhão de infantaria na campanha militar de canudos na Bahia. O militar foi gravemente ferido durante a batalha no sertão baiano e morreu antes do conflito terminar.

³⁴¹ Sobre a descrição e análise completa do desfile de 1898, ver o terceiro capítulo: MARCELO, Marlon. "Êta Mundo Velho!": associativismo negro, cidadania e civilidade no clube Mundo Velho em Sabará (1887-1910). 84 f. (Monografia de bacharelado em Antropologia) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2018.

³⁴² APM, *O Contemporâneo*, 3 de março de 1898, p.1

Embora a diretoria do Clube Mundo Velho fosse composta por personalidades da elite local, predominantemente brancos ou pardos, a maioria de seus sócios era proveniente das classes populares, especialmente pessoas negras. Esse fato revelava uma dualidade na instituição naquele momento: de um lado, poderia ser interpretada como uma forma de manter relações paternalistas remanescentes das antigas classes senhoriais; por outro, constituía um espaço legítimo (e legitimado) de mobilização da população negra.

Entretanto, os adjetivos utilizados pelos redatores referiam-se, principalmente, à parcela negra da agremiação. Apesar de os sócios atenderem às expectativas de comportamento esperadas pela elite local, expressas no termo "disciplinados", havia referências à propensão à desordem dos sócios, reafirmando os estereótipos que as pessoas negras enfrentavam na época, evidenciados no adjetivo "endiabrados".

A escolha do termo "endiabrado" não foi aleatória. Segundo a oitava edição revisada do "Dicionário da Língua Portuguesa", de Antônio Moraes e Silva, publicada em 1890, "endiabrado" significa o mesmo que endemoniado, mau, furioso, terrível. O verbete também define como aquele “que é mau, desinquieto, cavallão; que faz maldades, que é levado da breca, que parece ter o diabo no corpo; diz principalmente dos rapazes travessos. § o que adivinha como os endemoniados, ou diz conhecer e saber por meios sobrenaturais as cousas oculltas”³⁴³

O autor Eric Brasil, ao analisar as fantasias de diabinhos nos carnavais cariocas no final do século XIX, afirma que nesse período houve uma associação, por parte da imprensa e das autoridades policiais, entre a imagem de perigo associada às vestimentas e a população negra. Isso estava relacionado aos processos de racialização das relações sociais que ganharam força nesse período, estendendo-se às primeiras décadas da república.³⁴⁴ O diabo era uma figura carnavalesca presente nas celebrações desde a segunda metade do século XIX, representando rebeldia e batalha, em uma relação de força desigual entre aqueles que detêm o poder e aqueles que aparentam

³⁴³ SILVA, Antônio de Moraes. Dicionario da lingua portuguesa. Rio de Janeiro: Lisboa: Empr. Litteraria Fluminense; Adolpho Modesto, 8. ed. rev. e melhor, 1890. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/242523> acessado em 29 de setembro de 2020.

³⁴⁴ NEPOMUCENO, Eric Brasil. Carnavais da abolição: diabos e cucumbis no Rio de Janeiro (1879-1888). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense, 2011.

subordinação.³⁴⁵ O uso dessa figura no carnaval associava-se às percepções da festa como um momento de inversão das situações sociais cotidianas, marcado pela transgressão.

Essa associação remetia diretamente às questões decorrentes da crise do sistema escravista, em que a discussão sobre estratégias para garantir a sujeição dos negros ao trabalho visava manter a acumulação de riquezas dos ex-senhores/patrões. Os mecanismos jurídicos, reforçados pelos discursos da imprensa, identificavam os negros como "suspeitos preferenciais" e representantes das "classes perigosas".³⁴⁶ Nesse contexto, os grupos negros foram gradualmente associados à má índole, à travessura e à desordem durante as folias, refletindo-se na figura do endemoniado ou endiabrado. A racialização dos termos ocorreu de forma velada ou, conforme coloca Wlamyra Albuquerque, por meio da dissimulação da raça.³⁴⁷

A notícia detalhou todos os elementos do cortejo, transcreveu os folhetos distribuídos e relatou a reação do público à passagem dos carros. A saída teve repercussão na cidade, e a decisão da imprensa de dedicar uma página inteira para cobrir todo o desfile não foi arbitrária. O redator do jornal *O Contemporâneo*, Luís Cassiano, era membro do Partido Republicano União Sabarense, pelo qual o tesoureiro do Mundo Velho, Francisco Rosa Viterbo, havia se candidatado nas eleições de 1897, sendo eleito vereador do distrito da Lapa.

O destaque dado pela imprensa ao desfile da associação atendia a uma agenda de militantes e intelectuais republicanos locais. O desfile configurava-se como uma ação política, visando introduzir, no meio público e especialmente entre os grupos não-letrados, um debate sobre as ideologias de um determinado segmento da população urbana. O carnaval se apresentava como uma "ação pedagógica", ou melhor dizendo, um "projeto" promovido pelos políticos republicanos locais com o objetivo de angariar mais apoio das classes populares para as pautas do Partido Republicano União Sabarense.

³⁴⁵ SANTOS, Poliana dos. Diabos e diabinhos: uma história social e carnavalesca dos sentidos da roupa. *Topoi* (Rio. J). Rio de Janeiro, v. 21.n.43, p.97-121, jan./abr. 2020. Pg.104

³⁴⁶ Idem. p.115

³⁴⁷ ALBUQUERQUE, Wlamyra R. O jogo da dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2009

A ênfase dada pelos redatores aos temas dos carros alegóricos e aos folhetos distribuídos durante a folia estava alinhada com a agenda partidária do União Sabarense. A atuação desse partido ultrapassava os meios institucionais das eleições e disputas na câmara municipal. Seus membros utilizavam a festa e a imprensa como os principais meios para a divulgação de seus ideais políticos. Ana Carneiro e Grazielle Dainese, ao analisarem as relações políticas e sociais em comunidades no interior de Minas Gerais, destacam que, nessas regiões, o tempo da política se sobrepõe ao calendário festivo. A política é praticada através das festas, criando um regime específico para esses eventos e definindo um modo particular de fazer política.³⁴⁸ Nesse sentido, a festa buscava "educar" a população sobre uma determinada posição política e ampliar a atuação dos atores partidários no espaço público.

O desfile do Clube Mundo Velho, em seus diversos planos e dimensões, representava um amplo processo de construção artística, identitária, política e social.³⁴⁹ A folia era vivida e experimentada por diferentes atores sociais, possibilitando a construção de identidades múltiplas.³⁵⁰ Segundo Clifford Geertz, a partir da natureza cultural pública e coletiva da festa, as pessoas mobilizam diferentes performances, fortalecem alianças e dramatizam as disputas políticas em diferentes âmbitos.³⁵¹ Isso foi evidenciado no desfile do Mundo Velho em fevereiro de 1898, onde os foliões articularam alianças por meio da dramatização e performance das disputas políticas e ideológicas que marcavam Sabará naquele período.

Sandra Britto, ao analisar o carnaval na cidade do Porto no final do século XIX e início do século XX, destaca a importância de atentar para as alianças, conflitos, formas de participação, trocas e relações sociais estabelecidas entre os diferentes grupos na festa. Sob o signo do carnaval, coexistem e relacionam-se diferentes realidades, estabelecendo redes de sociabilidade por vezes completas.³⁵²

³⁴⁸ DAIANESE, Grazielle. Chegar a terceira margem: um caso de prosa, paixões e maldade. In: COMERFORD, John; CARNEIRO, Ana & DAIANESE, Grazielle (Orgs). 'Giros etnográficos em Minas Gerais. Casa, comida, prosa, festa, política, briga e o diabo. 1. Ed. – Rio de Janeiro: 7 letras: FAPERJ, 2015. A indicação também faz referência ao artigo: CARNEIRO, Ana. O sistema da mexida de cozinha: de que riem eles? In: COMERFORD, John; CARNEIRO, Ana & DAIANESE, Grazielle (Orgs). 'Giros etnográficos em Minas Gerais. Casa, comida, prosa, festa, política, briga e o diabo. 1. Ed. – Rio de Janeiro: 7 letras: FAPERJ, 2015.

³⁴⁹ DAMATTA, Roberto. Carnavais, malandros e heróis. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

³⁵⁰ CARLI, Paola Nery de. Outros carnavais: folia e conflito no carnaval de Santa Rita do Sapucaí -MG (1932-1980). Dissertação (Mestrado em História). ICH/UFJF, Juiz de Fora- MG.

³⁵¹ GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

³⁵² BRITO, Sandra. O carnaval e o mundo burguês. Revista da Faculdade de Letras HISTÓRIA Porto, III Série, vol. 6, 2005, pp. 313-338

O momento do carnaval materializava os projetos e ações proativas dos clubes e de seus sócios no tecido social urbano, tornando-se um espaço/tempo privilegiado em que o mundo festivo e o mundo cotidiano se complementavam de forma multifacetada na festa.³⁵³ Patrícia Araújo destaca que os festejos carnavalescos frequentemente são inspirados por extravagâncias e excessos, configurando-se como momentos especiais, diferentes do tempo cotidiano, em que a alegria é celebrada. No entanto, ao demarcar esse momento como especial, a autora ressalta a importância de perceber essas festividades como eventos inseridos em uma perspectiva global, mantendo laços e trocas simbólicas com o cotidiano, sem deixar de valorizar o momento singular.³⁵⁴

Hilário Figueiredo Filho destaca a perspectiva do carnaval como um tempo diferenciado, uma situação peculiar que se diferencia dos acontecimentos comuns sem negar sua integração ao cotidiano.³⁵⁵ Essa abordagem sugere que, no tempo carnavalesco, surgem nuances que revelam diferentes formas de vivenciar as relações humanas, transitando entre os universos mágicos do carnaval e as realidades cotidianas.

Norberto Luiz Guarinello, ao abordar o conceito de festa, enfatiza que esta é uma produção do cotidiano, uma ação coletiva que ocorre em um tempo e espaço especiais, envolvendo a concentração de afetos e emoções. A festa é um ponto de confluência de ações sociais, reunindo ativamente seus participantes.³⁵⁶ Ela é uma produção social que gera diversos produtos, sejam materiais, comunicativos ou significativos. Assim, a festa, segundo Guarinello, produz identidade, seja reafirmando as características de um coletivo ou expressando singularidades no corpo social. Importante ressaltar que afirmar que a festa produz identidade não significa que ela produza consenso; ela é produto da realidade social e atua sobre ela, expressando seus conflitos, tensões e censuras.³⁵⁷

Os carnavais, nesse contexto, são parte desse jogo, constituindo um espaço aberto na vida social para a afirmação, produção e negociação das identidades sociais. Eles representam um intervalo no tempo e espaço sociais, nos quais circulam bens

³⁵³ DAMATTA, Roberto. *Ensaio de antropologia estrutural*. Petrópolis: Vozes, 1973.

³⁵⁴ ARAÚJO, P. op. cit. p.48

³⁵⁵ FILHO, H. op. cit. p.65.

³⁵⁶ GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa, trabalho e cotidiano. In: JANCSÓ, István & KANTOR, Íris. *Festa: cultura & sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: Edusp, volumes I e II, 2001

³⁵⁷ Idem.

materiais, influência e poder. Os carnavais unificam, mas também diferenciam seus participantes, sendo a distinção central entre aqueles que são incluídos e excluídos das celebrações. As festas carnavalescas, portanto, suscitam uma condição liminóide, gerando rupturas e possibilitando a revisão e negociação da estrutura social dos grupos, assemelhando-se a um ritual que engendra efeitos coletivos e uma experiência de comunidade.³⁵⁸

Nesse sentido, as fotografias, como registros visuais, oferecem uma perspectiva multifacetada dos carnavais, capturando diferentes dimensões, desde bailes até desfiles e cerimônias. Carlos José Ferreira dos Santos comenta que as fotografias, assim como as demais fontes, não servem para ilustrar concepções previamente estabelecidas, mas para contrapor omissões e silêncios dos que descreveram ou fotografaram a população.³⁵⁹ Nesse sentido, as fotografias emergem nesse capítulo como um conjunto histórico-cultural que rompe com determinados silêncios e lacunas da documentação, especialmente quando nos referimos aos processos de racialização que marcaram o período.

Guarinello sublinha que as festas são lapsos abertos no espaço e tempo sociais, onde circulam bens, influência e poder.³⁶⁰ O momento festivo configura-se como um espaço-tempo em disputa, no qual os participantes buscam conferir identidades para si e para os outros, ampliando seus bens e redes de influência na sociedade. Como afirma o autor, é “interessante perceber como se realizavam as lutas conflituosas pelas ocupações dos espaços: ultrapassando as disputas físicas, travavam-se sugestivos embates no campo das representatividades (re)construídas pelos atores sociais”³⁶¹ A festa carnavalesca, portanto, é um terreno de lutas conflituosas pelos espaços e representatividades, movida pela diversidade e heterogeneidade, onde todos, apesar

³⁵⁸ Como discutido no terceiro capítulo, a condição liminóide é quando a estrutura social está sendo revisada. Nessa condição, os seres se encontram, no que Victor Turner define como antiestrutura, isto é, a liberação das pressões da vida ordinária. Ela ocorre a partir de uma ruptura da dinâmica social e pode, ou não, ser ritualizada. Nessa situação, a estrutura é negociada ao passo que permite revisitar as próprias noções de comunidade e de si. Ela pode ser coletiva, porém são mais são caracteristicamente projetos individuais, embora engendra efeitos coletivos ou de “massa”. Se define como não cíclicos, mas é gerada continuamente em tempos e lugares à margem dos cenários de trabalho e designados para as atividades de “lazer”. Ela se desenvolve à margem de processos centrais econômicos e políticos, nas interfaces e nos interstícios das instituições centrais operantes, sendo plurais, fragmentários e experimentais. Ver: TURNER, Victor. O processo ritual: estrutura e antiestrutura. Petrópolis: Vozes, 2013

³⁵⁹ DOS SANTOS, Carlos José Ferreira. Nem tudo era italiano. São Paulo e pobreza (1890-1915). São Paulo Fapesp/AnnaBlume, 1998.

³⁶⁰ GUARINELLO, N. op. cit. p.72

³⁶¹ FILHO, H. op. cit. p.24

das diferenças, compartilham uma mesma festa, pleiteando e demarcando "seus lugares".³⁶²

Maria Clementina Pereira Cunha, ao analisar os festejos carnavalescos no Rio de Janeiro no mesmo período, destaca que parte da imprensa utilizava o carnaval como uma ferramenta para impulsionar e concretizar os projetos de república, cidadania e nação. Esses ideais estavam intrinsicamente ligados ao debate sobre modernidade e estavam alinhados aos padrões estéticos e comportamentais europeus. Sob esse ponto de vista, tanto a imprensa quanto a força policial valorizavam determinadas práticas carnavalescas em detrimento de outras.³⁶³

Os redatores concluíram a descrição parabenizando os rapazes do Mundo Velho, destacando que "brilharam mais uma vez este ano, sempre mantendo o respeito ao lema de seu estandarte".³⁶⁴ Os elogios feitos pela redação focavam nos elementos que aproximavam o clube das grandes sociedades carnavalescas do Rio de Janeiro. Ao exaltar os carros alegóricos, as fantasias luxuosas e a atenção ao desfile espetáculo, o redator explicitou uma preferência por uma determinada forma de celebrar o carnaval.

Em seu estudo sobre os carnavais de rua e dos clubes na cidade de São Paulo durante a Primeira República, Olga Von Simon afirma que o padrão de desfile processional, marcado pelo luxo e ostentação, foi importado da Europa e imposto às classes populares nos centros urbanos brasileiros.³⁶⁵ Conforme Maria Clementina Cunha, as sociedades carnavalescas chegaram ao Rio de Janeiro por volta da década de 1850, inicialmente com o objetivo de estabelecer no Brasil os modelos de celebrações de Veneza e Paris. Contudo, a partir da década de 1880, essas sociedades assumiram uma função de missão civilizadora e desempenharam um papel pedagógico na promoção de hábitos valorizados pela elite.³⁶⁶

No contexto das práticas carnavalescas em Minas Gerais no século XIX, Patrícia Vargas Lopes de Araújo afirma que esses clubes eram predominantemente compostos

³⁶² GONÇALVES, Renata de Sá. Os ranchos pedem passagem: o carnaval no Rio de Janeiro do começo do século XIX. Dissertação de Mestrado em Sociologia e Antropologia, Departamento de Antropologia. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS/PPGSA, 2003.

³⁶³ CUNHA, M. op. cit. p.96

³⁶⁴ APM, O Contemporâneo, 3 de março de 1898, p.1

³⁶⁵ SIMSON, Olga. Carnaval em preto e branco: comemoração e resistência étnico cultural na São Paulo do século passado. In: 34º Encontro Nacional do CERU, 2008, São Paulo: Humanitas/CERU, p.40

³⁶⁶ CUNHA, M. op. cit. p.42

por homens, escolhendo nomes e emblemas que frequentemente evocavam símbolos da cultura europeia. Esses nomes serviam como meio de distinção social, justificando uma cultura supostamente mais elevada ou refinada.³⁶⁷

O clube Mundo Velho incorporou símbolos associados à cultura cívica republicana da época. As cores verde e amarelo reafirmavam os emblemas nacionais, mas a presença da esfera armilar, folha de café e tabaco remetia a tradições do império, conferindo-lhe uma distinção social específica. O jornal também divulgou os desfiles realizados no segundo e terceiro dia de carnaval, nos quais o clube Mundo Velho saiu às ruas com o carro do estandarte, sócios fantasiados, a banda de música e a guarda de honra. No último dia dos festejos, os sócios realizaram uma "folia" de despedida, envolvendo danças e cantorias.³⁶⁸

Nos outros dois desfiles, a agremiação não contou com um grande préstito, sendo composto basicamente por sócios e membros do clube fantasiados, acompanhados pela cavalaria e banda, o que não instigou a descrição detalhada por parte da redação do jornal. Sobre o evento, uma fotografia do acervo da entidade apresenta uma inscrição "Club Mundo Velho" e "carnaval de [rasurado 98] - Sabará, Minas", que pode se referir ao dia 21 ou 22 de fevereiro de 1898. A foto, situada no Largo do Rosário em frente ao chafariz de mesmo nome, parece retratar um desses desfiles. Embora não se saiba o autor, a imagem apresenta um enquadramento bem definido, com leve variação na luminosidade devido à posição dos sócios, e nitidez condizente com a luz do dia. Pode-se conjecturar que tenha sido tirada por um fotógrafo profissional que também registrou o desfile do dia 20, dada a semelhança na expressão visual.³⁶⁹

Na fotografia, um grupo de pessoas fantasiadas está montado em cavalos, enquanto outras observam de pé. À margem esquerda, há um pequeno carro empunhando o estandarte do clube, que não estava amarrado na parte inferior do cabo do mastro, apresentando algumas diferenças não perceptíveis na fotografia tirada dias antes. No carro, algumas moças fantasiadas podem ser vistas, seguidas por uma

³⁶⁷ ARAUJO, P. op. Cit. p.246

³⁶⁸ APM, O Contemporâneo, 3 de março de 1898, p.1.

³⁶⁹ A escolha, em ambas as fotografias, do enquadramento na "diagonal" (em relação à rota do préstito) com um ponto de fuga, bem como a perspectiva em "plongée" com a câmera provavelmente situada no segundo pavimento de alguma casa sugere que a fotografia foi tirada pelo mesmo fotógrafo.

parcela da cavalaria. Alguns foliões carregam instrumentos musicais, indicando que são parte integrante da banda.



Figura 33: Carnaval do clube Mundo Velho, 1898. Acervo Clube Mundo Velho

No restante do ano de 1898, a imprensa não trouxe notícias sobre as atividades do Clube Mundo Velho na cidade, nem ofereceu informações adicionais sobre seus sócios. No ano seguinte, em 12 de fevereiro de 1899, o *Diário de Minas* informou que alguns sócios representando o Clube Mundo Velho haviam visitado a capital do Estado para celebrar os santos Reis, evento que geralmente ocorria em janeiro. O jornal também anunciou que em Sabará o Clube Mundo Velho prometia celebrar o carnaval de maneira condigna, conduzindo o "Deus Momo em carros de triunfos ofuscantes matizados de rutilantes pedrarias e perfumarias orientais das cambiantes odaliscas".³⁷⁰ Nesse sentido, o requinte das fantasias e adereços, assim como a organização dos desfiles, elogiados nas páginas dos jornais, evocavam as noções de civilidade, delicadeza, decoro e a superioridade do carnaval em comparação a outras práticas carnavalescas existentes.

³⁷⁰ O Diário de Minas, Belo Horizonte, 12 fevereiro 1899, p1.

Como destaquei no capítulo anterior, desde sua fundação, o Clube Mundo Velho adotou a "união" como lema, buscando construir a noção de harmonia entre os diferentes grupos raciais e estratos sociais que o compunham. Embora a agremiação tenha procurado se edificar sobre o princípio de harmonia e união, as diferenças socioculturais entre seus membros ainda eram percebidas por observadores externos. Apesar do destaque dado pelo jornal ao grande desfile da agremiação, é importante notar os detalhes minimizados pelos redatores. Além do desfile processional, os sócios também participavam de outras práticas carnavalescas subjacentes. O Zé-pereira, que anunciava as comemorações do Rei Momo, indicava que a associação tinha outras ações coletivas que não se alinhavam aos gostos da intelectualidade e autoridades da época, evidenciando a coexistência de diferentes expressões carnavalescas dentro da mesma instituição.

Ao se referir ao Zé-pereira, o redator do *O Contemporâneo* o qualificou como "ruidoso" e "atordoador", revelando certo descontentamento ou animosidade com essa manifestação. Naquela época, Zé-pereira era um termo genérico usado pelos jornalistas para descrever qualquer grupo de foliões vestidos com casacas esfarrapadas que pulassem carnaval atrás de uma banda de zabumbas e bumbos, segurando um estandarte.³⁷¹ Rachel Soheit observa que os blocos, ranchos e Zé-pereiras começaram a se autodenominar clubes como estratégia de sobrevivência, já que o termo "expressava um ar de elegância e harmonia, sendo mais aceito pelas autoridades, e assim, os populares legitimavam-se para garantir espaço".³⁷²

Sob essa perspectiva, o Zé-pereira poderia indicar uma convivência de diversas expressões carnavalescas dentro do clube, sugerindo que a formalização da instituição em 1896 abarcou diferentes perspectivas entre os sócios. Essa coexistência revela uma certa estratificação social interna da associação, com membros que aspiravam e mobilizavam diversas práticas coletivas para celebrar o carnaval. No caso do Clube Mundo Velho, além das expressões mencionadas (Zé-Pereira e desfile processional), os catopés ou reinados também se tornaram uma das principais formas de homenagear o rei Momo. Segundo Petrônio Domingues, os negros, insatisfeitos em ficar à margem

³⁷¹ NEPOMUCENO, Eric Brasil. Carnaval Crioulo – Cucumbis no Rio de Janeiro (década de 1880). Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011

³⁷² SOIHET, Rachel. Lutando pela inclusão: sociabilidade e cidadania através do carnaval (de 1890 aos tempos de Vargas) Textos escolhidos de cultura e arte populares, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 79-98, 2007.p.86

dos festejos oficiais, acumularam experiências afrodiaspóricas e investiram na criação e recriação das formas populares de brincar o carnaval por meio de Zé-Pereiras, blocos, cordões e expressões regionais, como os catopés.³⁷³

Os catopés eram caracterizados como pequenos préstitos dançantes comuns entre as comunidades negras em Minas Gerais. Eram unidades menores dos reinados e estavam associados às celebrações religiosas do Divino, de Nossa Senhora do Rosário e outras irmandades negras, mas também desempenhavam uma função exibicional durante os carnavais. Durante as apresentações, os dançarinos vestiam pequenos saiotes, capacetes emplumados, portavam violões e espadas, e escoltavam a rainha e o rei do Congo com suas coroas.³⁷⁴

Tudo indica que o catopé, enquanto expressão carnavalesca, permaneceu presente até as primeiras décadas do século XX. No entanto, não consegui identificar as práticas carnavalescas do Clube Mundo Velho nos primeiros anos do século devido à dificuldade de acesso às fontes desse período. Apenas consegui vislumbrar algumas práticas para esse momento por meio das memórias familiares recolhidas em entrevistas com pessoas que viveram próximo a esse período. Em uma entrevista, a neta do primeiro presidente da instituição, Maria Spegar Pertence, relatou que até meados da década de 1920, os sócios do clube saíam com o reinado (catopés) durante o carnaval. No entanto, ela ressalta que "era só negro que saía, tinha o rei, o rei Congo, a rainha então era o clube Mundo Velho era isso que fazia no Carnaval."³⁷⁵

Maria Spegar identifica a autoria dessas práticas apenas às pessoas negras da agremiação e sugere, implicitamente, que também havia práticas racialmente mistas. Apesar de haver integrantes brancos, como membros da diretoria ou no quadro de sócios, determinadas manifestações do clube eram articuladas e mobilizadas apenas pelos seus sócios negros, evidenciando que, apesar de se estruturar a partir da união e harmonia, os diacríticos culturais e raciais eram fundamentais para a promoção de distintas atividades em nome do clube. Isso não significa que as pessoas brancas não

³⁷³ DOMINGUES, Petrônio. O "tríduo da loucura": Campos Elyseos e o carnaval afro-diaspórico. Revista Tempo, vol. 19 n. 35, jul. – dez. 2013: 117-142

³⁷⁴ CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. 11. ed. ilustrada. São Paulo: Global, 2002, pg.258

³⁷⁵ Entrevista de Maria Spegar, concedida em 9 de abril de 2019.

eram incorporadas a essas práticas. De acordo com Maria Spegar, os catopés e reinados, antes de seguir para as ruas no carnaval, visitavam as casas dos diretores e prestavam-lhes pequenas homenagens.

Rubens Alves aponta que no quadro estrutural dos reinados em Minas Gerais, os critérios financeiros, étnicos e raciais são considerados na produção e manutenção ritual. Os personagens das classes mais altas assumem um papel de “reforço” da ordem social, sendo incorporados às celebrações como apoiadores ou ocupando cargos desvinculados da tradição. Essa estratégia, de acordo com Rubens Alves, baliza as relações paternalistas racializadas existentes na estrutura social.³⁷⁶

Essas fronteiras raciais internas da instituição mobilizavam diferentes expressões carnavalescas e estabeleciam múltiplos projetos políticos e identitários entre seus sócios. Nesse contexto, o carnaval se materializava como um espaço-tempo em disputa, que abrangia diferentes projetos de identidades, sentidos de cidadania, tradição e espaço público. Enquanto para os brancos do clube o desfile era concebido como um momento para “educar” e valorizar determinados atributos políticos e culturais das classes dominantes, para os negros era um espaço legítimo e legitimado para recriar suas tradições e identidades, baseando-se na “fronteira” com o carnaval civilizado. Como destaca Petrônio Domingues,

os negros se unindo e se agenciando com sinais diacríticos no perímetro urbano, expressando-se coletivamente, apostando nas atividades lúdicos-culturais, confrontando-se com os demais grupos na esfera pública e percebendo sua especificidade. Arvorando-se, por assim dizer, como foliões e cidadãos.³⁷⁷

A historiadora Wlamyra Albuquerque destaca que o carnaval no pós-abolição representou um espaço privilegiado para a reconstrução das identidades negras, ancoradas em referências africanas e afro-brasileiras locais.³⁷⁸ Ela ressalta que o período pós-abolição foi marcado por tensões e disputas em torno dos significados de cidadania para a população negra. Enquanto os mecanismos estatais excluíam os negros da participação política e restringiam sua ocupação espacial nas cidades, as comunidades negras recorreram a formas alternativas de organização, enraizadas na

³⁷⁶ SILVA, Rubens Alves. *Negros católicos ou catolicismo negro? Um estudo sobre a construção da identidade negra no Congado mineiro*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010

³⁷⁷ DOMINGUES, Petrônio. O “tríduo da loucura”: Campos Elyseos e o carnaval afro-diaspórico. *Revista Tempo*, vol. 19 n. 35, jul. – dez. 2013, pg. 126

³⁷⁸ ALBUQUERQUE, Wlamyra R. *O jogo da dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009

cultura, para coesionar e construir uma identidade que fosse uma cidadania cultural, independente da definida pelo Estado.³⁷⁹

Ao participarem dos blocos, cordões, catopés, Zé-Pereiras e desfiles processuais, os sócios negros do Mundo Velho buscavam novas formas de associação. Essa atitude tinha como objetivo disputar o espaço público e construir novas identidades e sociabilidades, permitindo às comunidades se unirem para defender seus interesses e enfrentar os mecanismos de exclusão.

Influenciada pela historiografia marxista inglesa das décadas de 1950 e 1960, a historiografia brasileira passou a destacar o caráter político das manifestações culturais populares. Nessa visão, as festas populares não são apenas rituais que encenam ou simbolizam relações sociais, mas também expressões de formas de ver o mundo, valores, costumes e modos de pensar que entram em conflito com o imaginário ou a ideologia dominante.³⁸⁰ Dessa forma, o reinado realizado pelos membros do Mundo Velho no carnaval confrontava e disputava as representações da festa no espaço público, evidenciando os múltiplos projetos identitários e políticos dos sócios dentro do clube. Essa prática coexistia nas ruas com outros grupos que também animavam os festejos carnavalescos, cada um projetando-se na esfera pública com seus próprios diacríticos culturais.

A paisagem carnavalesca da cidade era marcada por inúmeros clubes, blocos e cordões que mobilizavam diversas sociabilidades e projetos de festa. No ano de 1898, Arcanjo de Couto e Lima e seus amigos fundaram o clube carnavalesco 'Filhos do Diabo', que desfilou pelas vielas da cidade com um pequeno cordão masculino nos dias festivos de fevereiro.³⁸¹ Eric Brasil destaca que a figura do diabo era reconhecida não apenas por esse grupo, mas também por grandes sociedades carnavalescas, evidenciando a diversidade de expressões culturais na época. Até o início do século XX, o carnaval contava com poucas sociedades carnavalescas estruturadas.³⁸² Poucos dias antes da festa, grupos espontâneos de homens e mulheres formavam cordões que percorriam as ruas e vielas da cidade para celebrar os dias momescos.

³⁷⁹ SOIHET, R. op. cit.

³⁸⁰ ALBUQUERQUE JR, Durval M. Festas para que te quero: por uma historiografia do festejar. São Paulo: UNESP, CEDAP, v.7, n.1, p. 134-150, jun. 2011

³⁸¹ APM, O contemporâneo, 03 de março de 1898, p.1.

³⁸² NEPOMUCENO, E. Op. Cit.

Em 1905, o clube dançante Flor do Baile optou por não formar cordões para desfiles pelas ruas, concentrando-se em realizar bailes em sua sede.³⁸³ Em 1911, José Mateus Costa, joalheiro e posteriormente funcionário da Belgo-Mineira, fundou o cordão 'Esporão'.³⁸⁴ Embora tenham tentado alterar o nome para Clube Sabará, a mudança só ocorreu nos documentos, pois as pessoas mantiveram o nome inicial. O bloco também estabeleceu um cordão feminino chamado Crisântemo, escolhido pelo padre português Antônio Marques.

O Esporão desfilava pelas ruas da cidade no domingo ao meio-dia, abrindo oficialmente o carnaval, e à tarde os rapazes apareciam novamente com as moças usando o crisântemo. O Clube Sabará e seus cordões eram compostos principalmente por jovens da elite sabarense. As fantasias femininas tinham as cores predominantes preto e branco, enquanto os homens usavam calças e sapatos brancos, camisas de cetim azul com golas e punhos amarelos.³⁸⁵

Durante o carnaval, também desfilavam os blocos "Samba Furô" e "Sorrir das Moreninhas". O Samba Furô, inicialmente fundado por Geter Franco, Zezinho, Candu e Gaguinho, tornou-se predominantemente composto por funcionários da siderúrgica após a chegada dessa indústria, frequentando também o Mundo Velho.³⁸⁶ Durante os dias de folia, seus membros, vestidos nas cores azul e branco, desciam de sua sede no morro da intendência para animar as casas do centro da cidade com serestas, sambas e lundus.³⁸⁷ Os clubes eram majoritariamente masculinos, embora alguns aceitassem mulheres como associadas, como era o caso do Clube Sabará. Uma exceção na cidade era o grupo 'Sorrir das Moreninhas', formado exclusivamente por mulheres, que desfilava com um cordão nos três dias de carnaval. O clube alugava uma pequena casa na rua direita e tinha como cores oficiais o rosa e o preto.³⁸⁸

Esses blocos, ao longo do tempo, passaram a se organizar como clubes sociais na cidade no final da década de 1910. A historiadora Maria Clementina Pereira Cunha destaca que a partir de 1920, o carnaval começou a ser associado à identidade nacional

³⁸³ BN, Diário de Minas, 28 de fevereiro de 1905, p.8

³⁸⁴ GUERRA, L. Op. cit. Rua Coronel Jacinto, pg. 88.

³⁸⁵ Ibidem. Pg.88

³⁸⁶ GUERRA, L. Op. cit. P. 61

³⁸⁷ Relato de Brasilina de Barros Arcanjo (Dona Naná). Entrevista concedida a Sandra Talabar em 31 de janeiro de 2014.

³⁸⁸ Ibidem.

brasileira, uma ideia fomentada pela imprensa e pelo poder público que buscavam homogeneizar a festa.³⁸⁹ Segunda Zélia Lopes, a década de 1920 marcou um momento em que intelectuais discutiam a identidade do país e as possibilidades de institucionalização do carnaval. As alterações da festa não se processaram de forma “natural”, mas se constituíram na base de imposições e conflitos em que essas diferentes identidades e projetos foram suprimidos paulatinamente a partir de um imenso trabalho dos setores políticos e intelectuais.

As elites locais desempenharam um papel significativo na reestruturação e homogeneização da festa em Sabará. A partir de 1917, as transformações urbanas relacionadas à construção da Companhia Siderúrgica Mineira nas proximidades da cidade deram origem a novos atores sociais que buscavam se aproximar do modelo burguês de carnaval das grandes metrópoles.

No início da década de 1920, os belgas e luxemburgueses que chegaram para administrar a Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira incentivaram a formalização de espaços recreativos baseados em critérios de classe/raça. Eles estabeleceram um modelo de festa prestigiado, fundamentado em diacríticos europeus, na área urbana. Os diretores e funcionários de alto escalão da usina começaram a participar dos bailes do Cravo Vermelho e a desfilar em seu cordão. A companhia investiu em infraestruturas, financiando a construção de tablados e coretos que se tornaram locais de referência durante as celebrações.

O largo do Rosário, com seu espaço amplo e central, foi especialmente adequado para eventos. Os clubes, com o apoio financeiro da Belgo-Mineira, construíram um tablado de madeira no local para apresentações teatrais e de circo.³⁹⁰ Em 1924, um coreto foi erguido no largo da Matriz pelos sócios do clube Mundo Velho. Durante os desfiles, os participantes se vestiam nas da igreja matriz na casa de Valdino Eugênio Ciriano (“Valdino Cem quilos”), próximo à igreja da matriz, e marchavam até o largo do Rosário.³⁹¹ Havia os cortejos de catopés ou reinados, que foi paulatinamente abandonado. As máscaras e fantasias eram confeccionadas artesanalmente pelos próprios foliões ou por artistas locais.

³⁸⁹ CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

³⁹⁰ GUERRA, L. *op. cit.* P.208

³⁹¹ Entrevista de Brasilina de Barros Arcaño (Dona Naná) concedida a José Ribamar em 12 de junho de 2015.

A formalização do Cravo Vermelho e de outras agremiações recreativas na década de 1920 alterou a paisagem carnavalesca da cidade. A festa, que anteriormente possuía um caráter mais espontâneo, diversificado em expressões e práticas coletivas, tornou-se um palco para apresentações e relações públicas das agremiações e clubes. Com a fundação do Cravo Vermelho, composto pela elite vinculada ao capital estrangeiro, houve uma competição por influência e prestígio na festa com o Clube Sabará, representante da elite local.

A nível nacional e regional, as autoridades começaram a mudar sua postura em relação às festas carnavalescas. Intervenções do poder público e da imprensa visavam popularizar modelos uniformes de celebração, pautados na noção de modernidade e nacionalismo, desconsiderando a multiplicidade da festa, especialmente as expressões regionais de origem negra.³⁹² Nesse contexto, os elementos europeus se tornaram critérios de poder e prestígio, determinando as relações clientelistas/paternalistas na empresa.

Sob essas circunstâncias, não havia espaço para os catopés ou qualquer prática afrodiáspórica mobilizada pelos sócios do Mundo Velho no espaço público. A necessidade de se adequar ao novo contexto gerou problemas econômicos e divergências entre os sócios, desarticulando o clube como instituição e causando uma crise que persistiu até meados da década de 1930. Nesse período, as ruas testemunharam a formação de alianças e disputas dramatizadas entre esses grupos durante a festa, e as performances públicas dos blocos permitiram a elaboração de distintas noções de prestígio e identidade.

4.2. Baianas, ciganos, pierrôs e colombinas: alianças e desavenças carnavalescas

Em um dia de carnaval em 1926, a diretoria e os sócios do clube Crisântemo fizeram uma visita cordial ao clube Mundo Velho. Reunidos na frente da sede do Mundo Velho, os foliões prestaram homenagens e presentearam o Mundo Velho com um globo de ouro apoiado em um crisântemo de prata. Essa jóia foi confeccionada pelo ourives José Napomuceno da Rocha, conhecido como Juca de Luca, que residia próximo ao chafariz do Kaquende.³⁹³

³⁹² CUNHA, M. op. cit. p.84

³⁹³ GUERRA, L. op. cit. p.234

O relato desse carnaval, imortalizado pelas palavras de Lurdes Guerra, destaca como os dias do rei Momo eram eventos singulares na cidade, marcados por uma acentuada politização das práticas sociais dos clubes.³⁹⁴ A homenagem pública ao Mundo Velho era a forma pela qual os sócios das duas instituições reafirmavam suas alianças e estabeleciam projetos em comum no âmbito social.

Para esta análise, adoto uma perspectiva antropológica de política, que não se limita apenas às ações dentro dos mecanismos institucionais e/ou institucionalizados do Estado, mas se estende às ações e agenciamentos dos indivíduos na sociedade, a partir de suas relações e interações.³⁹⁵ Nesse contexto, a política não se realiza sem recorrer a encenações, papéis sociais especializados, ritos e rituais específicos. Conforme observado por Antônio Arantes, estudioso das manifestações de rua, essas manifestações são simultaneamente *ação* (articulação pragmática entre meios e fins) e *atuação* (enunciado simbólico): rito, teatro e, por vezes, festa.³⁹⁶ A entrega do globo, como ação, estabelecia a aliança entre as duas entidades, enquanto as homenagens públicas, como atuação, selavam essa aliança no meio social. Essa aliança era baseada em relações clientelistas e paternais, demarcando também uma relação de dependência da comunidade negra por meio do favor.

Conforme destacado por Hilário Figueiredo Filho, o carnaval está longe de ser uma 'válvula de escape' ou um momento de inversão das regras sociais. Na verdade, a festa pode ser considerada como um "palco simbólico onde os interesses e desejos dos diferentes grupos sociais marcam uma presença substancial".³⁹⁷ Como mencionado, a partir da década de 1920, o carnaval passou a ser associado à identidade nacional brasileira, uma ideia promovida pelo poder público e pela imprensa para homogeneizar

³⁹⁴ FILHO, H. op. Cit.

³⁹⁵ Há um imenso debate na antropologia sobre a política enquanto um conceito analítico. Essas análises destacam as ações e agenciamentos dos atores sociais como meio de produzir e agir na política. O ser humano é percebido como um manipulador e operador das relações de acordo com interesses próprios. Dentre as obras que trabalham a partir dessa perspectiva analítica destaco: LEACH, Edmund Ronald. *Sistemas Políticos da Alta Birmânia*. SP: Edusp, 1954; GLUCKMAN, Max. *Análise de uma situação social na Zululândia Moderna*. In: FELDMAN-BIANCO, B. (org). *Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos*. São Paulo: Editora UNESP, 2010; BOASEVAIN, Jeremy. *Apresentando "Amigos de amigos: redes sociais, manipuladores e coalizões"*. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (Orgs.). *Antropologia das sociedades contemporâneas: Métodos*. São Paulo: Editora Unesp, 2010. p. 205-236 e BARTH, Frederick. "A análise da cultura nas sociedades complexas". In: BARTH, Frederick. (compilação de Tomke Lask), *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000a

³⁹⁶ ARANTES, Antônio Augusto. *Política de rua*. In: ARANTES, Antônio Augusto. *Paisagens paulistanas: transformações do espaço público*. São Paulo: Unicamp; Imprensa Oficial, 2000. Pg.88.

³⁹⁷ FILHO, H. op. cit p.66

a festa.³⁹⁸ Esse processo de homogeneização intensificou-se ainda mais na década de 1930, quando o poder público do Rio de Janeiro começou a intervir na folia, adotando novos critérios e padrões de organização.

Em seu estudo sobre as interações entre os diversos grupos de foliões, o poder público e a imprensa nas décadas de 1930 e 1940 em Porto Alegre, Marcus Vinicius de Freitas Rosa afirma que essa homogeneização e construção do carnaval como "essência" brasileira não ocorreu de forma espontânea ou natural. Esse processo foi o resultado de um intenso trabalho político e intelectual realizado, principalmente, pelos poderes públicos e pelos integrantes da imprensa.³⁹⁹

Zélia Lopes, em sua análise sobre os carnavais de São Paulo nas décadas de 1930 e 1940, destaca esse período como uma fase de transição. As festas, anteriormente estruturadas nas grandes sociedades carnavalescas e no curso, passaram a se organizar por meio de cordões, blocos e as emergentes escolas de samba.⁴⁰⁰ No entanto, a convivência entre diversas sociedades, grupos e expressões carnavalescas atravessou décadas, não caracterizando uma substituição evolutiva, mas sim uma inter-relação permeada por negociações e conflitos.⁴⁰¹

Nas grandes cidades, o poder público, com o apoio da imprensa, começou a realizar concursos e estabelecer diretrizes para os desfiles nas vias públicas. Os membros da imprensa local desempenhavam papéis importantes nas comissões que organizavam o carnaval, sendo jurados nos concursos e organizando programas festivos. Marcus Vinicius Freitas comenta que, para vencer os concursos, os grupos de foliões precisavam se adequar aos valores dos jurados, gerando um "refinamento" com o objetivo de "elevar a qualidade" de músicas, fantasias e formas de apresentação

³⁹⁸ CUNHA, M. op. cit.p.89

³⁹⁹ ROSA, Marcus Vinicius de Freitas. Quando Vargas caiu no samba: um estudo sobre os significados do carnaval e as relações sociais estabelecidas entre os poderes públicos, a imprensa e os grupos de foliões em Porto Alegre durante as décadas de 1930 e 1940. Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

⁴⁰⁰ O curso ou curso carnavalesco era um tipo de agremiação carnavalesca que promovia desfiles utilizando carros, geralmente de luxo, abertos e ornamentados, pelas ruas de sua cidade, com foliões geralmente fantasiados, que jogavam confetes, serpentinas e esguichos de lança-perfume no préstito. SILVA, Zélia. Dimensões da cultura e da sociabilidade: os festejos carnavalescos da cidade de São Paulo (1940-1964) [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2015, pp. 207-208. ISBN 978-85- 68334-54-6

⁴⁰¹ GONÇALVES, Renata de Sá. Sociabilidades urbanas: cronistas e ranchos carnavalescos no Rio de Janeiro. In: As festas e os dias. Ritos, e sociabilidades festivas. CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro e GONÇALVES, José Reginaldo Santos (Orgs.) Rio de Janeiro; Editora Contra capa, 2009.

pública.⁴⁰² O propósito final desses concursos era popularizar modelos uniformes de celebração do carnaval, baseados na noção de modernidade e nacionalismo.

Na capital da república, ranchos e grandes sociedades carnavalescas compartilhavam o "palco nobre do carnaval carioca". Os ranchos, originados nas casas afro-religiosas da cidade, perderam a conotação religiosa ao tomarem as ruas. Ganham popularidade, sendo considerados mais civilizados que cordões e blocos, devido à sua disciplina. Inicialmente apresentavam-se para o público sem ambição competitiva, mas, gradualmente, a atmosfera de competição instigada pela imprensa e autoridades reformulou diversos aspectos de seus desfiles, conferindo-lhes características luxuosas e sofisticadas.⁴⁰³ Os desfiles dos ranchos, como parte de um "sistema carnavalesco", incorporaram valores modernos capazes de promover uma "harmonização de desigualdades", exemplificando as capilaridades e a expansão das novas relações sociais urbanas no Rio de Janeiro na primeira metade do século XX.⁴⁰⁴

Os blocos, por outro lado, eram grupos de foliões pobremente fantasiados com adereços improvisados, disputando as ruas da cidade. Inicialmente marcados pela violência e brigas, tornaram-se menos agressivos no final da década de 1920, possivelmente devido aos interesses dos mais velhos, os "bambas", em apresentar o jovem samba de forma respeitosa. Esses blocos foram organizados de maneira semelhante aos ranchos, sendo designados pelos foliões como "escolas", inaugurando um novo modelo de celebração.⁴⁰⁵ Nos subúrbios, os concursos dos coretos carnavalescos ainda eram uma tradição, marcando simbolicamente a modernização do carnaval carioca para além do centro, persistindo até meados da década de 1960.⁴⁰⁶

O processo de homogeneização e modernização dos festejos, impulsionado pelos intelectuais ligados a Getúlio Vargas, também chegou a Sabará, embora com nuances diferentes. Não há registros de adoção de concursos ou censura aos blocos e cordões carnavalescos. Entretanto, a chegada dos estrangeiros acelerou a formalização dos

⁴⁰² ROSA, M. Op. Cit

⁴⁰³ SOHEIT, R. op. cit. p.15

⁴⁰⁴ GONÇALVES, R. op. cit. p.29

⁴⁰⁵ AUGRAS, Monique. O Brasil do samba-enredo. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1998. 296p

⁴⁰⁶ GUIMARÃES, Helenise. Batalhas de confete e coretos carnavalescos. O desenho de uma paisagem efêmera no carnaval carioca nas décadas de 1930 a 1950. Textos escolhidos de cultura e arte popular, Rio de Janeiro, v.8, p.259-272, nov.2011.

clubes e a uniformização dos desfiles, inspirando-se cada vez mais nos ranchos e cordões da capital nacional.⁴⁰⁷

Por meio das relações de patronagem, os administradores da usina financiaram melhorias na infraestrutura urbana e patrocinaram os clubes e seus respectivos blocos para participarem do carnaval. Os europeus investiram recursos financeiros e tempo na festa.⁴⁰⁸ A participação ativa dos estrangeiros nos bailes e desfiles carnavalescos do Cravo Vermelho buscava estabelecer um modelo para os demais clubes da cidade, ampliando suas redes de relações e influência durante as celebrações. As sociabilidades tecidas durante os eventos evidenciam a natureza plural das dimensões políticas experimentadas pelos diferentes indivíduos e/ou coletivos. As pessoas (re)construíram identidades com o objetivo de alcançar projetos comuns, mesmo que atravessados por interesses conflitantes e ambíguos.⁴⁰⁹

Essas transformações no carnaval tiveram impacto direto na organização e articulação dos membros do Mundo Velho. Os foliões costumavam realizar festas e bailes no coreto do largo da Matriz para angariar fundos destinados à produção de fantasias e adornos que iriam abrilhantar o cordão carnavalesco. As dificuldades financeiras se agravaram no final da década de 1920, devido à recessão enfrentada pela Belgo-Mineira, o que desmobilizou grande parte do seu quadro de sócios para a realização das atividades.

Com o intuito de revitalizar a associação, uma comissão composta por ex-presidentes e interessados propôs uma reestruturação da instituição. Em 1934, o clube construiu sua primeira sede própria na rua Marquês de Sapucaí, número 389. A pequena casa, inicialmente cedida pelo ex-presidente Ataliba de Viterbo, passou por sucessivas ampliações. Nessa reestruturação, o Mundo Velho passou a se configurar como um clube social, nos mesmos parâmetros das outras agremiações da cidade.

A reorganização resultou em transformações nos desfiles e nas apresentações públicas. O congado deixou de ser incorporado ao carnaval, e buscou-se uniformizar a prática carnavalesca por meio do bloco. Desde meados da década de 1920, as distintas

⁴⁰⁷ Diferente dos grandes centros urbanos, as escolas de samba em Sabará começaram a surgir apenas na década de 1960, quando a maioria dos clubes entraram em decadência e os blocos passam a perder seu protagonismo nos dias carnavalescos. GUERRA, L. op. cit. p.287

⁴⁰⁸ GUERRA, L. op. cit p. 58

⁴⁰⁹ Ibidem p.72

ações coletivas do clube, como a saída com o Catopé e o Zé-Pereira, vinham sendo desarticuladas, evidenciando que o processo de homogeneização e modernização da festa do rei Momo já estava em curso muito antes do projeto de intervenção de Getúlio Vargas.

A desmobilização dos sócios no final da década de 1920 não ocorreu apenas por questões financeiras, mas também devido a forças assimétricas que ameaçavam o desaparecimento das múltiplas identidades culturais e sociais presentes no clube. A partir de 1934, a formulação de novos diacríticos culturais foi marcada pelo dissenso e tensão entre os sócios, que passaram a mobilizar diferentes estratégias para defender seus distintos projetos de carnaval.

No preparo para o carnaval de 1935, o diretor de festas apresentou as ideias para os festejos daquele ano. Após discussão, decidiu-se sair com um "cordão bem organizado e uniformizado". No entanto, diante da má vontade dos sócios em formarem o bloco, cogitou-se realizar bailes na sede nos três dias de folia. A proposta de formar um cordão misto, convidando as mulheres da família dos sócios e do clube Moreninhas, não foi aceita por todos os membros.⁴¹⁰

Na assembleia geral de 10 de fevereiro de 1935, Ataliba de Viterbo, tesoureiro, votou contra a saída do clube no carnaval, citando a má vontade evidenciada pelos sócios em formarem o bloco. O presidente, José Silva, e o secretário, Odilon Alves, apoiaram a posição de Ataliba, que foi aprovada integralmente. Decidiu-se não sair do clube, baseando-se no reduzido número de sócios inscritos para o bloco. A decisão foi comunicada ao bloco Moreninhas devido à falta de entendimento para a saída conjunta dos dois blocos.⁴¹¹

O novo formato do clube não agregava todos os sócios. A reestruturação de 1934 instaurou um novo drama social entre os integrantes do clube, colocando-os em um movimento liminóide marcado pela ambiguidade de ser e, ao mesmo tempo, não ser um clube nos parâmetros das outras agremiações. O processo de homogeneização da festa carnavalesca abalou os múltiplos projetos identitários e políticos existentes internamente no clube. A "má vontade" dos sócios em formar o bloco não deve ser ingenuamente interpretada como descaso, mas como um projeto coletivo de uma

⁴¹⁰ ACMV, Livros de atas, 19 de janeiro de 1935

⁴¹¹ ACMV, Livro de atas, 10 de fevereiro de 1935

parcela da agremiação que não aceitava passivamente o processo de uniformização do festejo.

Em 1936, o debate sobre a festa ressurgiu nas reuniões do clube Mundo Velho. O presidente abriu a assembleia para ouvir possíveis propostas. Jason Lopes, diretor de festas, havia proposto a saída com um carro alegórico, mas desistiu devido aos altos custos para sua execução. André dos Santos sugeriu a ideia de sair com Catopé, que foi negada e sugeriram no lugar sair com o cordão “com a fantasia com as cores do clube” com a condição de haver no mínimo 40 sócios presentes, caso não ocorresse, o clube ficaria com os bailes na sede.⁴¹² Alguns sócios ainda tinham expectativas de retomar antigas práticas culturais e identitárias do clube, denotando uma certa recusa às novas práticas por uma parte do quadro social.

Os preparativos do carnaval tornaram-se um campo de disputas, onde os distintos projetos de festa e os interesses políticos-identitários dos sócios confrontavam-se no interior do clube. No fim da reunião, o presidente Odilon Alves propôs a criação do departamento feminino para "evitar certos elementos que não convém ao clube". A preocupação em relação aos frequentadores da associação era comum durante todo o ano, mas se acentuava com a proximidade do carnaval, quando a busca por espaços de diversão na cidade aumentava. Neste ano, parece que os sócios também não aderiram ao bloco, sendo efetuados apenas os bailes na sede durante os três dias de carnaval, com a apresentação do choro de Joaquim Barbeiro.⁴¹³

Ao que tudo indica, os bailes na sede eram uma forma comum de celebrar o carnaval, tornando-se a atração principal quando não havia o desfile do clube na cidade. Essas festas ocorriam durante a folia e eram organizadas pelos sócios, contando com a presença massiva de foliões fantasiados. Uma fotografia desses bailes mostra os foliões de forma descontraída, em clima de celebração, contrastando com as fotografias da diretoria analisadas anteriormente, que apresentavam seriedade e respeitabilidade. Na imagem, o estandarte do clube se destaca ao fundo, com homens, mulheres e crianças fantasiadas. Alguns posam sentados para a foto, enquanto outros permanecem de pé, destacando que pessoas de diversos grupos raciais participavam desses eventos, embora o público majoritário fosse composto por pessoas negras.

⁴¹² Esse episódio foi analisado com mais detalhes no terceiro tópico do capítulo 3. Sobre a reunião Ver: ACMV, Livro de atas, 5 de janeiro de 1936.

⁴¹³ ACMV, Livro de atas, 5 de fevereiro de 1936.



Figura 34: Baile na sede do Clube Mundo Velho na década de 1930, Acervo de Sandra Talabar

Em meados de 1936, Mateus Olinto Pereira assumiu a direção do clube e iniciou uma série de ações, sendo notável a campanha para reavivar o quadro social da agremiação. Essa iniciativa envolveu a anistia aos sócios inadimplentes e o convite para o retorno daqueles que se afastaram da instituição. O retorno dos sócios foi comemorado com um baile organizado pela diretoria em 2 de maio, como forma de acolhimento aos membros do clube.

Quanto aos carnavais, Mateus Olinto deu continuidade à proposta da gestão anterior ao nomear uma comissão de sócias para criar o departamento feminino e infantil do clube Mundo Velho.⁴¹⁴ Essas responsáveis deveriam confeccionar fantasias e organizar os bailes da primavera. Essa ocasião consistia em um pequeno concurso no qual jovens eram coroadas como rainhas da primavera, título que as tornaria as porta-estandartes do clube no desfile carnavalesco do próximo ano. O baile ocorria geralmente em setembro, sendo a eleição das rainhas a atração principal.

Até aquele momento, o clube estava sem um estandarte, mas a sócia Annita Pertence e seu esposo Orlando Blazina confeccionaram e ofereceram à instituição um novo estandarte para ser usado nos festejos carnavalescos. O concurso das rainhas da

⁴¹⁴ ACMV, Livro de atas, anexo datilografado referente a 5 de jul. de 1936

primavera tornou-se uma celebração central para o público feminino. A partir dos bailes, as mulheres passaram a desempenhar um papel ativo nas decisões da agremiação, constituindo uma nova dimensão dentro da instituição. A inserção oficial das mulheres no Mundo Velho reacendeu a participação pública nos carnavais, já que o clube estava há mais de três anos sem desfilar pelas ruas.

As inovações internas no clube formalizaram um novo projeto que buscava estabelecer novos significados de comunidade para os clubistas. Nos termos de Victor Turner, essas reformas configuraram um período de "regeneração", no qual os integrantes mobilizaram-se em prol de soluções e esforços de conciliação. Iniciada na gestão de Olinto Mateus Pereira, essa nova condição da instituição realizou ações que possibilitaram a construção de uma nova identidade coletiva para o clube, através de exercícios performáticos e discursivos sobre si.

Essa situação liminóide permitiu uma criativa redefinição dos limites e formatos dos seus diacríticos culturais. Em um anexo datilografado redigido por Olinto, nas atas do clube, o presidente agradece aos colaboradores da associação e expressa sua felicidade por passar o primeiro período da gestão com "harmonia e contentamento", destacando que isso engrandece os "valores do Clube Mundo Velho e são um índice animador e característico da nossa evolução social".⁴¹⁵ Esses novos significados fundamentavam-se, principalmente, em noções de moralidade, modernidade e respeitabilidade.

Dessa maneira, as festas e cerimônias públicas tornaram-se o cerne para a construção da nova identidade política do clube. A (re)elaboração das práticas festivas, especialmente as carnavalescas, representou um meio de construir novas performances político-identitárias, afastando-se das antigas práticas coletivas e aproximando-se daquelas valorizadas pelas autoridades da época. Em um discurso, Olinto ressaltou a importância dessa transformação no clube:

Diretor de festas, senhoras do departamento feminino e João do Nascimento constituem na situação atual a alma festiva de nosso clube. Espero ainda aumentar essa legião de trabalhadores e dedicados amigos do Mundo Velho, para provar que, dentro da ordem e do respeito, há de nascer uma época de prosperidade e alegria no seio social de nosso modesto clube. Espero realizar todas nossas esperanças de grandeza e evolução, pois estamos nos aparelhando para um futuro risonho e promissor.[...] Terminando, espero merecer o apoio

⁴¹⁵ ACMV, Livro de atas, anexo datilografado de 5 de jul. de 1936.

de todos os membros da diretoria, assim como da comissão de senhoras e de nossos auxiliares voluntários, para a satisfação coletiva desse grupo que se intitula Club Mundo Velho, cheio de tradições e dispostos a uma Victoria ampla em todos os sectores de sua vida social.⁴¹⁶

As palavras de Olinto Mateus são precisas em relação aos objetivos dessas novas performances. O valor atribuído à festa é evidente nas declarações do presidente, que enxerga nela um meio de alcançar melhores condições para os integrantes da agremiação. A justificativa para o 'aparelhamento' da instituição, moldando-a conforme os padrões das outras associações, é apresentada como uma promessa de vitória futura. No entanto, é importante ressaltar que esse processo de 'aparelhamento' não ocorreu de forma tão harmoniosa como coloca Olinto Mateus. Como vimos, a mudança na identidade política se deu a partir de conflitos e dissensões entre os sócios, que tentavam resgatar as antigas expressões carnavalescas e resistiam a participar dos blocos carnavalescos definidos como modernos.

No ano seguinte, não houve nenhum registro nas atas sobre os preparativos carnavalescos. No entanto, o clube desfilou com um cordão misto formado exclusivamente por sócios e sócias. Além disso, foi a primeira vez que a rainha da primavera, coroada no ano anterior, atuou como porta-estandarte, e a ala infantil desfilou junto com os adultos na festa. Os rituais ou performances, enquanto sistemas culturalmente construídos de comunicação simbólica, transcendem a ação correspondente a um sistema de ideias, tornando-se produtores do meio social. Stanley Tambiah destaca a eficácia decorrente do caráter performativo do rito em três sentidos: como um ato convencional; como uma performance que utiliza vários meios de comunicação, nos quais os participantes experimentam intensamente o evento; e, por fim, como um referencial para valores vinculados ou inferidos pelos atores durante a performance.⁴¹⁷

Resumindo nas palavras de Mariza Peirano, os rituais ou performances rituais compartilham alguns traços formais e padronizados, porém variáveis, fundamentados em construtos ideológicos particulares. Assim, o vínculo entre forma e conteúdo torna-se crucial para a eficácia, e as considerações culturais estão intrinsecamente

⁴¹⁶ ACMV, Livro de atas, anexo datilografado de 5 de julho de 1936.

⁴¹⁷ TAMBIAH, Stanley Jeyaraja. Culture, Thought, and Social Action. An Anthropological Perspective. Cambridge, Mass.: Harvard University Pres, 1985, p. 128.

ligadas à forma que o ritual assume.⁴¹⁸ Portanto, as performances adotadas pelo Mundo Velho a partir de 1936 passaram a dialogar com a comunidade em geral apenas por meio de diacríticos culturais valorizados pelas autoridades, buscando, a partir deles, construir notoriedade e prestígio no espaço urbano de Sabará, enfrentando, conseqüentemente, o preconceito racial e proporcionando melhores condições de vida para seus membros.

Apesar de o clube não ter realizado desfiles nos anos de "crise", outras agremiações da cidade mantiveram imperiosamente seus cortejos para o rei Momo. Os preparativos para a folia eram permeados por calorosos debates sobre o modelo de festa que seria apresentado ao público. Essas disputas não se limitavam ao âmbito privado, estendendo-se às ruas e vielas da cidade nos dias de festa. No espaço público, as agremiações apresentavam diferentes performances, objetivando conferir prestígio e demarcar suas identidades coletivas e individuais.

As ruas testemunharam alianças entre as entidades, mas também a dramatização das disputas e desavenças entre elas. Sandra Pessavento destaca o caráter polifônico das ruas dos centros urbanos, configurando-se como um espaço conflitivo do público, compartilhado por todos. De acordo com a autora:

É na rua que se defronta e se expõe a diferença e onde se exercita o registro de linguagem que nomeia o outro. É ainda nas ruas da cidade que se exibem as práticas convenientes, consagradas pela moral, estética, saúde e justiça, de modo que é nessa mesma rua que se torna ostensivo o comportamento desviante.⁴¹⁹

Nesse contexto, as ruas eram locais privilegiados para estabelecer discursos sobre o outro e sobre si. Durante a festa, essa característica era ainda mais acentuada, pois representava o momento em que o espaço público era ocupado por quase todos os habitantes da cidade. Era um tempo em que as performances ganhavam destaque, permitindo transformá-las em um meio de alcançar e ampliar as redes de influência e poder. Ao discutir a luta simbólica pelas conquistas das ruas, Manuel Castells observa que esta não se limita a "uma pura competição individual, mas opõe os grupos formados pela inserção diferencial dos indivíduos".⁴²⁰

⁴¹⁸ PEIRANO, Mariza. A análise antropológica de rituais. In: PEIRANO, Mariza (Org.) Dito e o Feito: Ensaio de antropologia dos rituais. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2002.

⁴¹⁹ PESAVENTO, Sandra. *Uma outra cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001. Pg.129 *apud* FILHO, H. op. cit p.34

⁴²⁰ CASTELLS, Manuel. A questão urbana. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983 *apud* FILHO, H. Op. Cit.

Maria Clementina Cunha, ao analisar as festividades carnavalescas no Rio de Janeiro da virada do século XIX para o XX, destaca que a folia se transformou em uma verdadeira guerra, pois revelava e multiplicava as tensões do cotidiano. O carnaval, portanto, era a ocasião em que os foliões desnudavam e brincavam com o cotidiano, expondo as feridas abertas sem nenhum disfarce.⁴²¹ A elegância das fantasias, os detalhes dos adornos e a suntuosidade das coreografias eram elementos materiais que marcavam essas disputas. Eles estabeleciam prestígio e respeito entre os foliões e clubes, além de demarcar os lugares sociais que cada um ocupava na estrutura social racializada.

Nas fotografias abaixo, vemos as foliãs do bloco Crisântemo durante o carnaval de 1935. Na primeira imagem, as mulheres fantasiadas de cossacos se posicionaram na frente do fórum de Sabará. As adultas estão de pé na escada do edifício com semblante de seriedade, e uma integrante se destaca ao empunhar o estandarte da agremiação. Apesar de serem todas mulheres, algumas estão vestidas com trajes masculinos e outras com trajes femininos. Na frente, nos primeiros degraus da escada, as crianças, chamadas de "botõezinhos", estão sentadas de pernas cruzadas, com expressões sérias, olhando para o fotógrafo. Na segunda imagem, as foliãs, fantasiadas de ciganas, posicionaram-se em filas horizontais na frente do colégio Paula Rocha, no largo do Rosário, na região central da cidade.

⁴²¹CUNHA, M. Op. Cit



Figura 35: Bloco Crisântemo no carnaval de 1935. Acervo do Almanaque O acadêmico



Figura 36: Bloco Crisântemo, década de 1930. Acervo Família Fantini

As fantasias do bloco Crisântemo eram cuidadosamente alinhadas, ou seja, todas as foliãs vestiam trajes padronizados de acordo com o tema escolhido para o ano. Em 1935, a agremiação optou por se vestir como Cossacos, povos nativos das estepes do sudeste da Europa, e em outro momento escolheram a figuração de ciganos. No ano seguinte, o cordão do Cravo Vermelho se fantasiou de índios, sendo que as referências aos indígenas remetiam aos povos nativos dos Estados Unidos, caracterizados por grandes penachos na cabeça e roupas bordadas com padrões geométricos.

O cortejo do Cravo geralmente começava em sua sede na rua Borba Gato, percorria algumas ruas da cidade e retornava ao ponto de origem. No desfile de 1936, o clube desviou sua rota e fez uma visita a Luís Enschede, um luxemburguês e engenheiro-chefe da companhia Belgo-Mineira. A foto a seguir foi tirada na sacada da casa de Luís Enschede. Os foliões estão organizados em fileiras, alguns na parte inferior da entrada e outros na parte superior. As mulheres ostentam grandes penachos de penas na cabeça e vestiam saíões exuberantes, enquanto os homens usavam calças bordadas e penachos menores cobrindo a cabeça. As crianças ostentam pequenas faixas na cabeça e calças folgadas, com um sol bordado no peito.

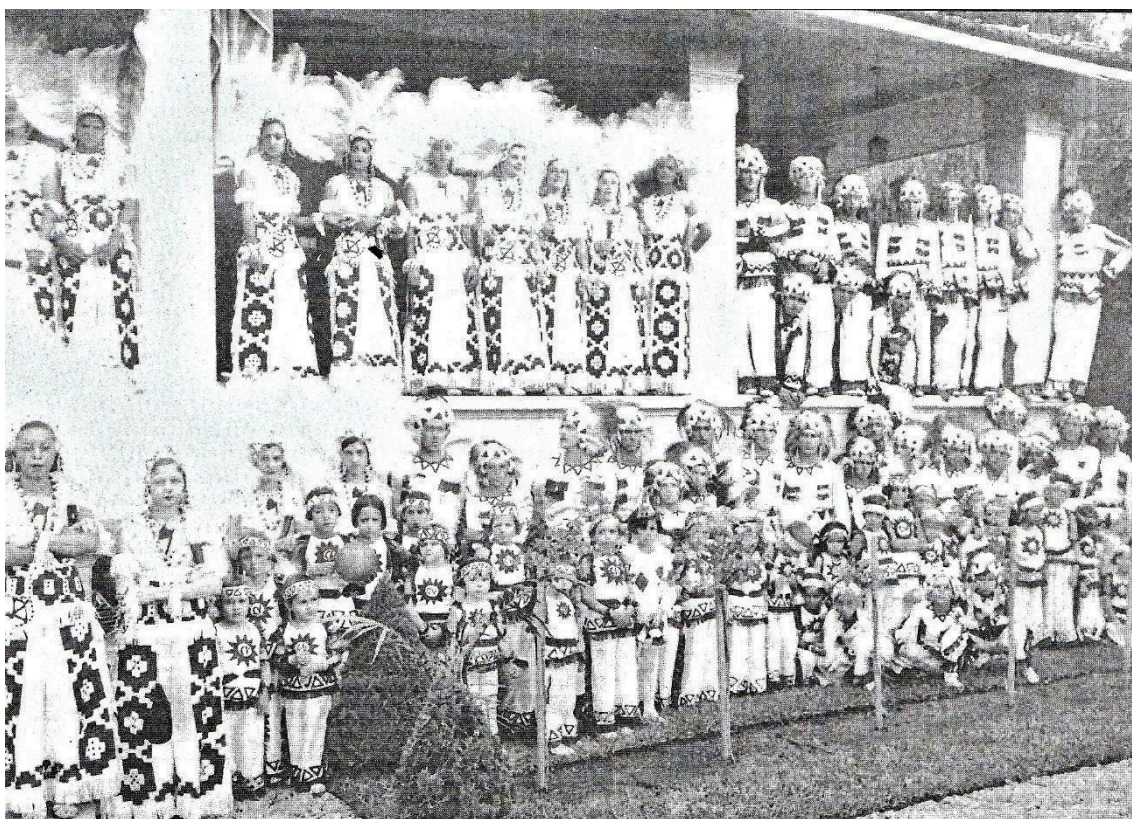


Figura 37: Bloco Cravo Vermelho no carnaval de 1936. Acervo do almanaque O acadêmico

Ao refletir sobre o uso de certas fantasias nos carnavais do Rio de Janeiro, Poliana dos Santos destaca que as vestimentas alegóricas incorporam percepções diversas e múltiplos significados, sendo interpretadas e utilizadas de maneira distinta conforme as diferenças de classe, a proporção de poder, e o lugar cultural e histórico ocupado pelos indivíduos e coletividades no tecido social.⁴²² Apesar de os blocos evocarem determinadas temáticas para suas fantasias, o que os destacava não era necessariamente os temas em si, mas sim os elementos que compunham essas vestimentas e suas performances. A qualidade dos tecidos, a costura, a origem dos materiais e a postura nos desfiles influenciavam diretamente o prestígio que obtinham. Peter Stallybras complementa essa reflexão, afirmando que a indumentária, enquanto representação, está repleta de códigos que podem indicar o status e o grupo social de uma pessoa. A roupa absorve significados simbólicos, tornando-se um tipo de material onde memórias e relações sociais são literalmente corporificadas.⁴²³

Contrariando as expectativas, durante as entrevistas e registros, percebi que o clube Crisântemo e o Cravo Vermelho eram rivais tradicionais no carnaval. Ambos os clubes eram (e ainda são) reconhecidos na cidade como frequentados por brancos, o que contrastava com a representação do Mundo Velho, popularmente reconhecido como um clube de negros. A hipótese inicial desta pesquisa era de que esses elementos diacríticos entre as entidades seriam dramatizados em disputas carnavalescas, um momento em que as tensões raciais e sociais seriam expressas por meio da festa. Entretanto, o que verifiquei foi que essas tensões ocorriam entre as agremiações majoritariamente brancas, demonstrando que as questões raciais na cidade se formulavam a partir do paternalismo e clientelismo entre as classes dominantes e as classes populares. Essas disputas entre as elites brancas locais se inseriam na busca de se aproximar da classe europeia, dirigente da companhia, o que lhes proporcionava acesso a bens materiais e prestígio social na cidade.

Em 1937, o clube Cravo Vermelho se fantasiou de cossacos russos. As fantasias eram compostas por gorros de pele legítima, trazidos da Europa, bordados e couro. As indumentárias femininas eram constituídas por um vestido branco com uma ave de duas cabeças no peito. Já as masculinas eram camisas longas bordadas nos pulsos,

⁴²² SANTOS, Poliana dos. Diabos e diabinhos: uma história social e carnavalesca dos sentidos da roupa, *Topoi* (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 21, n. 43, p. 97-121, jan./abr. 2020

⁴²³ STALLYBRASS, Peter. A vida social das coisas: roupa, memória, dor. In: STALLYBRASS, Peter. *O casaco de Marx: roupa, memória, dor*. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

calças brancas e faixas na cintura e no pescoço. O figurino dos foliões surpreendeu a cidade; o requinte e o investimento nos detalhes demarcavam a posição social dos membros da agremiação. Na fotografia tirada na frente da sede do clube, podemos identificar algumas características da fantasia de carnaval utilizada pelo Cravo Vermelho em 1937: os homens estão de pé com os braços cruzados, em poses mais sérias, enquanto as mulheres apresentam poses mais descontraídas, com os braços mais soltos.



Figura 38: Foliões do Clube Cravo Vermelho no carnaval de 1937. Acervo do almanaque O acadêmico

A escolha dos trajés tinha o intuito de contrastar com o desfile do bloco rival ocorrido dois anos antes. Devido à sofisticação do cortejo, o grupo foi convidado para desfilar na Avenida Afonso Pena, em Belo Horizonte, recebendo muitos elogios dos jornais da época.⁴²⁴ Maria Spegar Pertence comenta que o clube Cravo Vermelho e o Crisântemo disputavam quem produzia as fantasias e danças com maior brilho. Durante todo o ano, as agremiações mantinham relações amistosas, porém, no carnaval, tornavam-se rivais.⁴²⁵

Os desfiles ocorriam durante o dia, junto com os outros cordões da cidade. Nesse período, as sedes das associações eram decoradas com balões, confetes, serpentinas, e o baile iniciava sempre às vinte e uma horas. Para as crianças, eram organizadas as

⁴²⁴ Almanaque O acadêmico, v. 3, p.55

⁴²⁵ Entreviste de Maria Spegar Pertence, concedida em 9 de abril de 2019.

matinês durante os três dias de carnaval, e elas também desfilavam com os adultos nos cordões. Os lança-perfumes embalavam os festejos nas ruas e nos clubes sociais, sendo vendidos em tubos de metal dourado, prateado ou de vidro.⁴²⁶

Essas disputas entre as duas agremiações pelo prestígio e brilho no carnaval estão diretamente relacionadas às posições sociais e raciais que seus membros ocupavam na cidade. Ambos sendo representantes da elite local, a folgança carnavalesca era o momento em que poderiam demarcar seu poder de influência, requinte e sofisticação. A festa representava o momento público em que os indivíduos expressavam seu alinhamento às ideias pregadas pelas elites nacionais, especialmente ao enfatizar as características modernas e civilizadas presentes no imaginário da celebração.

Nesse ano, os foliões do clube Mundo Velho também saíram às ruas com o bloco carnavalesco. No centro da foto a seguir, observamos o coreógrafo e dançarino Geraldo Fidelis, fantasiado de toureiro, com uma postura ereta e séria. Nas laterais, de pé, há dois jovens fantasiados de ciganos sorrindo, empunhando espadas e olhando para Geraldo, sendo o da esquerda identificado como Rubens Ciriaco Hilário. Deitado à frente, um folião, também fantasiado de cigano, olha para a câmera em uma pose mais descontraída.

⁴²⁶ GUERRA, L. Op. cit. P.88



Figura 39: Foliões do clube Mundo Velho, 1937. Acervo pessoas de Sandra Talabar

A criação do departamento feminino e infantil não apenas aproximou o Mundo Velho dos padrões de outras sociedades, mas também ampliou a atuação do clube e seu quadro social. Os desfiles passaram a contar com um número ainda maior de pessoas, envolvendo praticamente todos os membros dos grupos familiares associados. Embora os temas das fantasias não se distanciassem das outras associações, o processo de produção era mais artesanal e simples. As vestimentas assemelhavam-se ao imaginário das outras entidades, mas mobilizavam diferentes performances que construíram discursos distintos sobre si. Embora centradas nos mesmos padrões de prestígio das outras agremiações, as produções artesanais e as coreografias do clube não exibiam o mesmo requinte e sofisticação. Além disso, os interesses eram outros: formular uma imagem de respeitabilidade e moralidade para seus sócios.

Na foto abaixo, vemos três crianças fantasiadas para o desfile do Clube Mundo Velho no ano de 1938. As fantasias remetem a vestimentas de bandas militares, sendo o menino, Emílio Tarabal, trajado com uma calça e um colete branco, dragonas e um pequeno quepe. As roupas das meninas eram compostas por saias e coletes brancos, dragonas e quepes. As fantasias assemelham-se a uniformes, evidenciando a tendência à uniformização das festividades que afetou o clube a partir da década de 1930.

Observando o cenário das fotografias dos integrantes do Mundo Velho, percebemos que o entorno geralmente era simples, quando comparado às fotografias de outros clubes. Não encontramos fotos conjuntas, apenas de sócios separadamente, o que pode indicar a limitação de recursos do clube para uma fotografia que contemplasse todos os integrantes.



Figura 40: Foliões da secção infantil do Clube Mundo Velho em 1938. Acervo de Sandra Talabar

Durante a década de 1940, os foliões enfrentaram desafios tanto internos, com a ditadura de Getúlio Vargas, quanto externos, devido aos impactos da Segunda Guerra Mundial. Com a entrada do Brasil no conflito em 1942, alguns sócios do Clube Mundo Velho foram convocados para lutar nos campos de batalha na Europa, resultando na redução da participação nos festejos carnavalescos.⁴²⁷ Zélia Lopes da Silva, ao estudar os festejos em São Paulo, divide a folia nesse período em dois momentos: de 1939 a 1942 e de 1943 a 1945. O segundo momento foi marcado por dificuldades devido à guerra e às exigências para a participação nas festas.⁴²⁸ As imposições e os transtornos,

⁴²⁷ De acordo com a memorialista Lurdes Guerra e um artigo publicado no almanaque *O Acadêmico*, foram convocados os sócios Otávio Vieira, Francisco Moises de Assis, Henrique Jorge dos Santos, Josias de Oliveira, João do Nascimento, o que diminuiu a movimentação de foliões nos festejos. Ver: GUERRA, L. Op. Cit. p.268; *O Acadêmico* v. 2, p.63

⁴²⁸ SILVA, Zélia Lopes da. Os carnavais dos paulistanos da década de 1940 nas ruas e nos clubes da cidade. In: *Dimensões da cultura e da sociabilidade: os festejos carnavalescos da cidade de São Paulo (1940-1964)*. São Paulo: Editora UNESP, 2015. Pp. 25-97

resultantes do estado de guerra, afetaram diretamente a organização e execução do carnaval.

A cobertura e divulgação das festas se ampliaram para além das páginas dos jornais, alcançando as ondas do rádio. A partir de 1935, Sabará contava com uma rádio local situada na sede do clube Crisântemo. Essa estação radiofônica, apoiada pelo comércio local, permaneceu ativa até meados da década de 1940, quando o prédio foi vendido. O Clube Mundo Velho continuou suas tradições, realizando coroações das rainhas da primavera, desfilando com o bloco no carnaval e promovendo bailes na sede nos três dias de festa, com a exceção de 1944, quando a celebração foi cancelada devido ao contexto do país.

Durante a guerra, o dia-a-dia dos segmentos populares enfrentou restrições devido à escassez de produtos e ao congelamento dos salários, impactando diretamente os dias de festa. Registros escassos dos sócios durante essa década refletem os desafios enfrentados, principalmente em relação à realização dos festejos carnavalescos.⁴²⁹ A partir de 1945, as agremiações passaram por complicações econômicas, impedindo que saíssem às ruas com os cordões durante o carnaval. O Clube Sabará, composto pelo Crisântemo e Esporão, mudou sua sede para a praça Bueno Brandão, vendendo a antiga sede na rua Coronel Jacinto. Rapidamente, a agremiação contraiu dívidas, buscando empréstimos que não puderam ser pagos.⁴³⁰

Os carnavais foram essenciais para as (re)elaborações das identidades sociais e políticas do Clube Mundo Velho na sociedade sabarense. As coroações das rainhas da primavera, a partir de 1937, tornaram-se espaços centrais dessas novas performances culturais, destacando a importância do universo feminino dentro da associação. A inserção da porta-estandarte nos festejos legitimou a participação ativa das mulheres nas decisões da instituição e transformou a maneira como a associação se apresentava publicamente. As festas não apenas moviam politicamente e socialmente as mulheres, mas também deflagravam diferentes experiências dentro da mesma associação, abrindo possibilidades de reinterpretar a tradição no âmbito interno do clube.

⁴²⁹ Ibidem.

⁴³⁰ GUERRA, L. op. cit. p. 89

4.3. As rainhas da primavera do Mundo Velho: a festa como produtora do espaço feminino

No dia 13 de outubro de 1956, os sócios do Mundo Velho se reuniram na sede do clube para a coroação das rainhas e princesas da primavera eleitas naquele ano. A diretoria do clube foi convidada a participar da mesa, e Olinto Mateus fez a chamada das sabarenses, comunicando a falta de uma das princesas, que, por motivo não apresentado, não compareceu. José Vieira, orador oficial, falou com entusiasmo sobre a importância da festa para o clube. Ao término da apresentação do orador, a rainha eleita falou e passou a palavra para a princesa Maria do Rosário. José Raimundo dos Santos fez um discurso entusiasmado e ressaltou a importância da festa com uma homenagem gloriosa às rainhas e princesas.⁴³¹

A situação citada acima é o único registro das coroações das rainhas e princesas da primavera encontradas nas atas do Mundo Velho durante todo o período pesquisado. Sabemos, pelos registros orais e fotográficos, que essas coroações aconteciam no clube desde 1937, quando Olinto Mateus oficialmente criou o departamento feminino. A presença das mulheres nas fontes da instituição aparece de forma muito breve ou, muitas vezes, silenciada. De acordo com os relatos de Sandra Talabar, o Clube Mundo Velho era destinado apenas a homens até meados da década de 1930.⁴³² No entanto, ao analisar os diferentes registros, percebi que as mulheres sempre estiveram presentes na associação, seja na organização das festas ou nos desfiles carnavalescos.

Como aponta Zélia Lopes da Silva, os espaços ocupados pelas mulheres no interior das agremiações carnavalescas eram reduzidos e subalternos ao poder masculino, considerando que os critérios para elas galgarem as posições de destaque não eram evidentes.⁴³³ Elas acessavam o clube como esposas, filhas ou parentes dos sócios, sendo muitas vezes alvo de vigilância nos bailes e desfiles para manter a moralidade e respeitabilidade da associação e delas enquanto damas na sociedade.⁴³⁴

⁴³¹ ACMV, Livro de atas, 13 de out. de 1956.

⁴³² Os relatos foram registrados em um caderno de campo durante as visitas a casa de Sandra entre agosto de 2018 e dezembro de 2019.

⁴³³ SILVA, Zélia Lopes da. Mulheres negras nos carnavais paulistanos: quem são elas? (1921-1967). *Revista Estudos Feministas*, 26(2), e47409. Epub June 11, 2018. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2018v26n247409>

⁴³⁴ PEREIRA, Juliana da Conceição. “Sempre elas!?”: disputas amorosas e relações de gênero nos clubes Dançantes cariocas (1889 – 1920). *Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas*. Volume 11, número 2, out./dez. 2019.

Contudo, as mulheres desempenharam um papel crucial na estruturação e manutenção da instituição desde os primeiros anos de existência. Considerando os batuques no morro da intendência antes da formalização do clube em 1896, percebemos que as mulheres, especialmente as mulheres negras, eram as principais organizadoras e mantenedoras desses eventos em Sabará. Laura de Assunção, apelidada de Sá Indá, e Madalena Pereira Vieira eram nomes reconhecidos na cidade por organizar e apresentar o batuque. Como vimos, essas celebrações ocorriam geralmente nos quintais dos libertos e pessoas negras do município e podem ser descritas como uma dança com palmas, sapateados, canto e diferentes coreografias.⁴³⁵

Entretanto, ao analisar os registros posteriores à formalização da agremiação como clube carnavalesco, percebemos que as mulheres foram colocadas na posição de coadjuvantes e colaboradoras, sendo excluídas dos cargos de direção. Na fotografia do carnaval de 1898, poucas foliãs compuseram o desfile dos carros alegóricos e um préstito feminino reduzido acompanhou o desfile. Zélia Lopes da Silva aponta que a incorporação das mulheres negras nas pândegas carnavalescas não foi automática. Esse processo foi marcado por uma série de impasses e disputas, que buscavam impedir a presença feminina nos festejos ou inseri-la a partir de estereótipos predefinidos.⁴³⁶ Segundo Eric Brasil, as foliãs viviam um paradoxo na Primeira República: por um lado, buscavam meios de conquistar espaços nas festas carnavalescas e na vida política, cultural e econômica; por outro, precisavam dialogar com a sociedade patriarcal que insistia em enquadrá-las entre objeto sexual e símbolo da república, mas sem direito ao voto.⁴³⁷

Em relação às representações do corpo feminino na virada do século XIX para o XX, Rachel Soheit salienta que a liberdade corporal das mulheres negras e das classes populares era constantemente alvo de ações e falas moralizantes e excludentes por parte de médicos e juristas. Essa corporalidade feminina, muito presente nas manifestações afro-brasileiras como o batuque, era vista como lasciva, sedutora e transgressora, representativa de um mundo em extinção, que não se alinhava com os valores da modernidade.⁴³⁸ A formalização do Mundo Velho como um clube inspirado

⁴³⁵ No primeiro capítulo do trabalho analisamos com mais detalhes a organização e características do batuque em Sabará.

⁴³⁶ SILVA, Z. op.cit. p.44

⁴³⁷ BRASIL, Eric. Paradoxos carnavalescos: a presença feminina em carnavais da primeira república (1889-1910). *Clio*, v. 31, n. 1, p. 1–15, 2014.

⁴³⁸ SOHEIT, Rachel. “A sensualidade em festa: representações do corpo feminino nas festas populares do

nos desfiles das grandes sociedades carnavalescas pautava uma nova conduta para o corpo feminino, na qual a moralidade e disciplina não mais permitiam a voluptuosidade dos antigos batuques, tampouco o papel político que as mulheres ocupavam. Na ocasião da criação do departamento feminino em 1936, Olinto Mateus justificou a fundação dessa parte do clube com o fim de "evitar certos elementos que não convêm ao clube", evidenciando o objetivo de instaurar na instituição um monitoramento da conduta feminina. Ao mesmo tempo que a formalização do clube se configurava como uma forma de negociação do espaço público entre os grupos negros e autoridades da elite, era também um meio de estabelecer maior controle político e social sobre as mulheres negras.

No século XX, Olga Von Simon destaca que a inserção das mulheres populares nos festejos carnavalescos foi abrangente, evidenciando-se na criação e consolidação das agremiações, especialmente na fase em que predominava o domínio familiar. No entanto, essa presença perdeu espaço quando essas associações se formalizaram como elementos centrais no espaço carnavalesco.⁴³⁹ Não podemos esquecer que o clube Mundo Velho, nos primeiros anos de funcionamento, contou com múltiplas expressões carnavalescas, mobilizadas por diferentes sócios da agremiação, com recortes raciais evidentes. As mulheres negras, seja na escravidão ou nos anos iniciais da república, chefiavam famílias e constituíam-se como referência afetiva e religiosa da comunidade.⁴⁴⁰ Se, por um lado, os carnavais processionais do modelo burguês não agregavam as mulheres, por outro, elas tinham papéis de destaque na organização dos batuques e na saída dos catopés na cidade. As mulheres negras ocupavam a posição de rainha e princesas no desfile do reinado, sendo esses cargos demarcadores da ancestralidade e tradição do grupo.⁴⁴¹

Como visto, na década de 1920, o carnaval de Sabará passou por um processo de uniformização por meio das ações do poder público e agentes do capital estrangeiro.

Rio de Janeiro na virada do século XIX para o XX". In: MA TOS, Maria Izilda S.; SOIHET, Rachel (Orgs.). O corpo feminino em debate. São Paulo: EDUNESP, 2003

⁴³⁹ SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von. "Mulher e carnaval: mito e realidade (Análise da atuação feminina nos folguedos de Momo desde o Entrudo até as Escolas de Samba)". Revista História, São Paulo, n. 125-126, p. 7-32, ago. Dez/91 a Banjul/92

⁴⁴⁰ GOMES, Flávio & PAIXÃO, Marcelo. História das diferenças e das desigualdades revisitadas: notas sobre gênero, escravidão, raça e pós-emancipação. In: FARIAS, Juliana Barreto; GOMES, Flávio; XAVIER, Giovana (Orgs.) Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação. São Paulo: Selo Negro, 2012.

⁴⁴¹ SILVA, R. op. cit. p.79

Esse fato trouxe diversas dificuldades financeiras para o Mundo Velho, bem como o abandono das práticas do reinado nos dias do rei Momo. Os sócios tentaram recuperar essas atividades após a reestruturação de 1934, mas não tiveram muito sucesso, o que restringiu ainda mais as possibilidades da atuação das mulheres negras em posições de prestígio na entidade. Contudo, as mulheres participavam ativamente do clube, principalmente na organização das festas de Carnaval e de São João. Elas cozinhavam, ajudavam na limpeza e também participavam dos bailes na sede.

Essa situação modificou-se quando Olinto Mateus Pereira fundou o departamento feminino do clube em 1936, possibilitando às mulheres tornarem-se sócias do clube e participarem ativamente nos preparativos do carnaval.⁴⁴² No discurso proferido por Olinto Mateus em 5 de julho de 1936, as senhoras do departamento feminino passaram a compor a "alma festiva" do clube.⁴⁴³ A festa tornava-se assim um espaço privilegiado para as mulheres se imporem dentro da instituição.

Na mesma data, foi criado o concurso das rainhas e princesas da primavera, que ocorreria sempre no mês de setembro. As rainhas eleitas seriam a porta-estandarte do carnaval no ano seguinte, e as princesas recebiam prêmios e eram indicadas ao cargo de rainha para o próximo concurso. Durante o período estudado, foram identificadas treze rainhas eleitas, sendo que todas as candidatas foram coroadas e atuaram como porta-estandartes nos carnavais, com exceção de Gioconda Rodrigues de Jesus, que não pôde desfilar em 1944, pois o carnaval da cidade foi cancelado devido ao recrutamento de homens para lutar na Segunda Guerra Mundial.

Ano	Nome da rainha
1937	Andreлина dos Santos Pereira

⁴⁴² ACMV, Livro de atas, anexo datilografado de 5 de jul. de 1936.

⁴⁴³ ACMV, Livro de atas, anexo datilografado de 5 de jul. de 1936.

1938	Zilméia Ferreira
1939	Mirtes Dias Alves
1940	Nilza Dias Alves
1941	Elza Caiana
1942	Maria Daniel
1943	Vanda Barra
1944	Gioconda Rodrigues de Jesus*
1945	Onésia A. Alves

Tabela 3: Rainhas da primavera do clube Mundo Velho

A coroação das rainhas e princesas da primavera estava integrada às relações e redes de sociabilidade entre os sócios do clube. A diretoria convocava uma comissão julgadora para escolher as candidatas vencedoras. Em 1936, Olinto Mateus solicitou à Companhia Belgo-Mineira a construção de uma passarela de ferro para a apresentação das moças. Não há detalhes sobre os critérios de seleção, mas Maria Alice e Maria de Lurdes indicaram que, antes da década de 1950, a beleza era um dos principais atributos para a eleição de uma rainha. As vencedoras eram geralmente mulheres das famílias dos gestores e familiares dos sócios mais antigos.

As solenidades eram acompanhadas por todo o quadro social do clube e pela comunidade em geral. No primeiro momento, havia a apresentação das moças, seguida pela eleição, que era celebrada com um grande baile. A cerimônia de coroação consistia em um evento público no qual as mulheres recebiam uma coroa ornamentada, uma corrente, uma faixa e uma capa. As escolhidas desfilavam na passarela, segurando o estandarte do clube.

O título de rainha da primavera despertava o entusiasmo das mulheres do clube. Nas conversas informais e entrevistas com antigas sócias, eram comuns os relatos sobre as disputas e os desejos de ser a rainha do ano. As mulheres se esforçavam para produzir as melhores fantasias, buscando destacar-se no desfile e "ganhar os olhos dos diretores". Ser coroada conferia prestígio e respeito, além de possibilitar uma participação mais ativa nas escolhas e preparativos das festas carnavalescas do ano

seguinte.⁴⁴⁴ As fotografias abaixo capturam o momento da coroação e o desfile da rainha da primavera na passarela da sede do Mundo Velho. A capa da segunda imagem era de veludo e continha o símbolo da agremiação, enquanto ao redor da eleita, os sócios apreciavam a apresentação.



Na imagem a seguir, observamos a coroação da segunda rainha da primavera, eleita em 1938. No centro da fotografia, encontra-se a rainha Zilméia Maria Ferreira, elegantemente vestida com um traje branco de gala, exibindo faixa e coroa. A vencedora apresenta uma expressão séria, um olhar penetrante e uma postura rígida. Ao seu lado, no primeiro plano, estão as duas princesas eleitas. Ao fundo, atrás da princesa, destaca-se o sócio José Sepúlveda, trajando paletó branco e bigode, e ao seu lado direito, encontra-se um homem de terno preto com um leve sorriso, uma mulher com blusa preta e um homem de terno, todos membros da família Orsini, convidados para prestigiar a solenidade.⁴⁴⁵ Nas laterais, estão de pé, com sorrisos discretos, as filhas de José Pedro dos Anjos, conhecido como Zé de Candú. A sede está adornada com flores e pequenas bandeirolas, destacando-se na decoração do cenário.

⁴⁴⁴ Entrevista de Maria Alice e Maria de Lurdes, concedida em 19 de agosto de 2019.

⁴⁴⁵ A família Orsini era representante da elite sabarense e membros do clube Cravo vermelho.



Figura 43: Coroação da segunda Rainha da Primavera, 1938. Acervo de Sandra Talabar

Como mencionado anteriormente, as rainhas assumiam a responsabilidade de serem as porta-estandartes no carnaval do ano seguinte. Zélia Lopes destaca que a escolha das mulheres para desempenhar essa função não se baseava apenas na beleza, mas certamente nas redes de sociabilidade em que estavam inseridas.⁴⁴⁶ Para o Mundo Velho, a coroação desempenhava um papel crucial nas relações entre as distintas famílias que compunham a instituição.

Essa escolha impactava diretamente a coesão do grupo, sendo uma maneira de construir comunidade e estabelecer prioridades e hierarquias. A eleição de representantes de diferentes grupos familiares na agremiação permitia aos sócios reafirmar as relações de solidariedade e fortalecer os laços que mantinham o espaço. Além disso, a seleção levava em consideração atributos específicos, como habilidade para dançar e manter a postura durante os desfiles nas estreitas ruas da cidade.

Durante entrevista, as sócias do clube, Maria Alice e Maria de Lurdes, destacaram a diferença entre os antigos foliões e os festeiros contemporâneos. Ao demarcar a distinção entre o carnaval realizado em locais com calçamento e o carnaval

⁴⁴⁶ SILVA, Z. op. cit. p.82

realizado em asfalto, elas ressaltavam as diferenças e as habilidades que as rainhas precisavam ter para o cargo. Segundo elas, as mais jovens não compreendem totalmente o que é "fazer um carnaval", pois uma porta-estandarte em sua época precisava sambar com salto nas ruas de pedregosas da cidade e ainda manter uma postura "aprumada" com um belo sorriso no rosto.⁴⁴⁷



Figura 44: Porta estandarte do carnaval de 1941. Acervo de Sandra Talabar

Na imagem acima, observamos a porta-estandarte Nilza Dias Alves empunhando o estandarte na sede do Mundo Velho. À esquerda, a princesa Mirtes, com um vestido claro, olha para outra direção do fotógrafo. No centro, agachado, o jovem baliza sorri para a câmera. No canto direito, Zelma, prima de Nilza e também princesa, observa atentamente o fotógrafo. Ao fundo, alguns sócios são vistos observando o ato e a pose dos fotografados.

É crucial destacar que a inserção feminina no clube também coincide com a mudança de percepção sobre as mulheres a partir da década de 1930. Mateus Roque resalta que, imediatamente após a abolição em Sabará, a posição da mulher na

⁴⁴⁷ Entrevista de Maria Alice e Maria de Lurdes, concedida em 19 de agosto de 2019.

sociedade era assimilada como escrava e submissa, destinada ao espaço doméstico, sem participação ativa nas decisões públicas.⁴⁴⁸

Na década de 1930, as mulheres ganharam o direito de voto, assumindo uma posição mais ativa nos processos políticos nacionais e locais. Essa mudança gradual na percepção sobre a participação feminina também impactou os espaços culturais e recreativos. Em relação à atuação das mulheres negras dentro do clube, há uma dimensão adicional que ultrapassa a participação política na instituição.

Sandra Talabar, ex-princesa e rainha da primavera, destaca que a coroação seguia certas "tradições inquestionáveis". Ao questionar as práticas associadas à coroação, ela recebia respostas como "fazemos como os mais velhos faziam". Sandra observou semelhanças entre as coroações no congado e as antigas coroações do clube, sugerindo uma conexão entre as práticas tradicionais e modernas.⁴⁴⁹

As coroações das rainhas no congado são caracterizadas por um solene cortejo no corredor central da igreja, indo da porta até o altar. À medida que se aproximam das imagens dos santos no altar, a sucessora é acompanhada pelos guardas do congado, e os participantes ofertam diversos objetos, como flores, rosário, manto, véu e a coroa. Essas celebrações geralmente ocorrem após uma missa ou ato litúrgico. Após a coroação, a rainha realiza o gesto de beijar a bandeira ou estandartes com as imagens dos santos padroeiros.

Ao final da cerimônia, a rainha sai em desfile acompanhada dos guardas e fiéis em um cortejo que percorre os espaços sagrados. Segundo Leda Maria Martins, as rainhas detêm um título de linhagem, sendo transmitido para os descendentes familiares mais próximos. Elas simbolizam a ancestralidade e a continuidade da tradição congadeira, representando uma conexão vital com as raízes culturais e espirituais da comunidade.⁴⁵⁰

⁴⁴⁸ SILVA, Mateus Roque da. Escrita sobre negros: os intelectuais sabarenses e os discursos sobre negros no imediato pós-abolição (1888-1894). 110 f. (Monografia de bacharelado em História) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2019.

⁴⁴⁹ Entrevista concedida por Sandra Talabar em 08 de agosto de 2018. Algumas informações foram concedidas por Sandra Talabar em conversas informais, que foram registradas em caderno de campo. Tudo que foi usado neste trabalho foi previamente autorizado pela interlocutora da pesquisa.

⁴⁵⁰ MARTINS, Leda Maria. Afrografias da memória, o reinado do rosário do Jatobá. São Paulo; Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

As coroações das rainhas da primavera do Mundo Velho eram marcadas por cerimônias semelhantes. As candidatas participavam de um cortejo pelo corredor central da sede, aproximando-se da área central onde os jurados estavam posicionados. A escolhida recebia flores, um manto, uma faixa e uma coroa de flores. Após as palavras e apresentações dos gestores, as eleitas eram coroadas e convidadas a beijar o estandarte do clube. Além disso, eram acompanhadas por uma espécie de guarda cerimonial e, em seguida, convidadas a desfilarem pelo corredor central, acompanhadas pelos membros do clube. A posição de rainha também possuía uma dimensão familiar e de linhagem, uma vez que, conforme indicado, uma princesa frequentemente seguia na linha de sucessão para rainha, sendo o cargo geralmente ocupado por membros das mesmas famílias.⁴⁵¹

A festa era uma celebração feminina! As sócias gerenciavam diferentes aspectos que atravessavam o clube por meio dos festejos, reativando o sentimento de comunidade e fortalecendo laços entre os grupos familiares. As coroações não apenas positivavam a figura da mulher negra, afastando estereótipos sexualizados, mas também recuperavam rituais modernos do clube a partir de elementos da tradição congadeira.

Como mencionei, as mulheres negras no pós-abolição desempenhavam um papel de referência afetiva e religiosa para a comunidade. Muitas vezes, elas eram o elo com as antigas tradições religiosas afro-brasileiras, mantendo um espaço de acolhimento e diálogo com as novas tradições que se desenvolviam na sociedade brasileira.⁴⁵² Nesse contexto, as semelhanças entre as coroações no congado e as do clube podem não ser simples coincidências. A posição de rainha e porta-estandarte, na verdade, (re)inseria antigas práticas dos sócios no interior da instituição. As mulheres buscaram reintegrar aspectos que marcavam a identidade dos antigos sócios por meio das tradições "modernas" adotadas a partir da reestruturação de 1934.

Os carnavais foram fundamentais para a articulação, organização e manutenção das relações comunitárias no Mundo Velho. Além de serem momentos de entretenimento e catarse, representaram um espaço crucial para a produção e

⁴⁵¹ Relatos concedidos por Sandra Talabar. Os relatos foram registrados em um caderno de campo durante as visitas a casa de Sandra entre agosto de 2018 e dezembro de 2019.

⁴⁵² LANDES, Ruth. 2002. *A Cidade das Mulheres*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ. 352 pp.

agenciamento das identidades políticas, construindo novas expressões para enfrentar a segregação social. A festa não era apenas uma diversão; era um local para construir comunidade e família, tecendo redes simbólicas e sociais que ultrapassavam os limites do clube.

A ampliação do espaço de decisões para o público feminino não apenas ampliou a representatividade da comunidade negra e popular dentro da associação, mas também abriu novos caminhos para reconciliar antigos conflitos entre seus integrantes, incluindo aqueles relacionados ao abandono de práticas carnavalescas antigas, como os catopés. As coroações se apresentavam como um terreno ambíguo, evocando simultaneamente a modernidade e sendo revestidas por ritos da tradição congadeira.

Esses eventos criavam um espaço de respeitabilidade para a comunidade afrodescendente, destacando positivamente a figura da mulher negra e afastando-se dos estereótipos que sexualizavam esses corpos e, ao mesmo tempo, que os excluía da participação política no espaço público. Por outro lado, esses eventos recuperavam e ressignificavam os ritos modernos da associação, incorporando elementos comuns da tradição religiosa dos antigos sócios negros.

A festa tornou-se uma verdadeira expressão feminina! As sócias desempenhavam um papel crucial, agenciando diferentes dimensões por meio dos festejos. Através das celebrações, elas conseguiram reavivar o sentimento de comunidade e fortalecer os laços entre os diversos grupos familiares da instituição. Não coincidentemente, as festas também inauguravam novas performances públicas do clube, estabelecendo discursos próprios que serviam como contraponto direto aos estereótipos degradantes e excludentes impostos pela sociedade à população negra na época. Além disso, as festas eram um meio de ressignificar os elementos modernos e uniformizadores que a folia carnavalesca experimentou a partir da década de 1920.

Os carnavais foram um espaço-tempo fundamental para a articulação, organização e manutenção das relações comunitárias dos sócios do Mundo Velho, tanto dentro quanto fora da instituição. Eles destacaram-se como momentos privilegiados, evidenciando as disputas entre diferentes projetos de sociabilidade negra no contexto festivo. Os dramas sociais vivenciados pelos sócios do clube Mundo Velho a partir da segunda metade da década de 1920 os colocaram em uma condição de liminaridade,

motivando diversos projetos que buscavam construir novas representações performáticas sobre suas identidades. Esses exercícios foram essenciais para a formulação de novas expressões no cenário carnavalesco, permitindo a construção de novas identidades para enfrentar a segregação e exclusão social que enfrentavam.

Para os membros do Mundo Velho, a festa não se limitava a ser apenas um momento de entretenimento e catarse; era, na verdade, um espaço de produção e agenciamento das identidades políticas que fundamentavam a instituição, sendo o principal espaço-tempo para a construção da comunidade. Era um local não apenas para as famílias, mas também para "fazer família", tecendo redes simbólicas e sociais que ultrapassavam os núcleos constituintes do clube.

Considerações finais

Durante as incursões aos arquivos e inúmeras conversas com os membros do Mundo Velho, tive a oportunidade de adentrar na intimidade das famílias, presenciar memórias, compartilhar descobertas, sorrir, chorar e receber um apoio tão significativo que essas ocasiões foram determinantes para concluir este trabalho. Cada momento da pesquisa representava uma oportunidade de confrontar o passado e responder aos anseios gerados no presente. Como pesquisador, também atuei como conselheiro e ouvinte nos processos que o clube vivenciava atualmente. Escrever essa história em meio aos embates políticos e disputas de narrativas sobre a fundação do clube tornou-se um desafio, buscando compreender as experiências do passado e ser sensível às realidades que atravessam o clube no presente.

Foi por meio do intrincado tecido de tramas familiares e redes de sociabilidade que homens e mulheres negras formalizaram o Mundo Velho como clube carnavalesco e social em 1896. Também foi por meio delas que conseguiram manter a existência dessa instituição até os dias atuais. A centralidade da família nas configurações sócio-históricas da entidade revela que esta era entendida de forma abrangente, como uma linguagem na qual "tornar família" era um meio pelo qual os sócios ampliavam suas relações no espaço urbano, ocupavam espaços e fortaleciam as redes de proteção e solidariedade.

A fundação do Mundo Velho estava intrinsecamente relacionada à luta da população negra para constituir espaços próprios. Os participantes dos batuques enxergaram nas redes e tramas familiares uma possibilidade de ampliar os caminhos de tolerância em meio às perspectivas de controle da sociedade republicana. Ao longo de duzentos anos, as comunidades negras de Sabará acumularam experiências que lhes permitiram elaborar diferentes estratégias para alcançar ascensão social e melhores condições de vida. Os anos que se seguiram à abolição da escravatura representaram um momento de conexão entre as diversas experiências e relações vividas por pessoas negras na escravidão e os novos projetos e perspectivas que a jovem república trazia.

O Mundo Velho transformou-se em uma extensão do espaço doméstico-familiar, tornando-se também um local privilegiado para construir relações de solidariedade e reafirmar alianças entre os grupos familiares. Ao reunir famílias brancas e negras, o clube foi palco de diferentes perspectivas dos sócios. Por um lado, representava um

espaço propício para as estratégias paternalistas das antigas classes senhoriais; por outro, era um local legítimo e legitimado para as estratégias de ascensão e agência de uma parcela da comunidade negra sabarense.

O clube, enquanto espaço institucional e social, desempenhou um papel crucial na formalização de novas relações sociais e afetivas, baseadas em modelos de familiarização e irmandade. Os sócios eram considerados como família, por meio das relações de fraternidade e solidariedade vivenciadas dentro e fora do clube, extrapolando a noção de família nuclear e instaurando outras concepções de parentesco para as pessoas negras no pós-abolição.

Durante o processo de industrialização de Sabará, as relações familiares e de fraternidade ultrapassaram as fronteiras do clube, infiltrando-se nos diversos espaços da cidade. Essas relações foram essenciais para a formação das redes profissionais que compunham a Siderúrgica Belgo-Mineira, transformando os locais de trabalho em diversos "clãs familiares". Os sócios também consideraram como família os inúmeros amigos que fizeram dentro da empresa, aumentando o número de associados e reestruturando a instituição. Essa mudança no quadro social da entidade transformou o clube em um espaço de representação e negociação da classe operária da siderurgia.

Os belgas e luxemburgueses que assumiram a administração da Companhia Belgo-Mineira utilizaram relações clientelares e práticas patronais como estratégia para proteger e aprimorar sua posição na estrutura de poder econômico e social da cidade. Essas relações formalizaram alianças assimétricas entre os diretores europeus e os grupos brancos locais, fortalecendo a dependência da comunidade negra em relação às elites sabarense, sejam elas nacionais ou estrangeiras. O clientelismo e o patronato não se restringiram apenas ao âmbito profissional da usina; eles permearam as relações públicas da cidade. Apesar de representarem conceitos distintos, em Sabará, na primeira metade do século XX, essas práticas frequentemente se aproximavam e se confundiam.

A proximidade com a classe dirigente proporcionava acesso a bens materiais e simbólicos tanto dentro quanto fora da companhia. Essa interação contribuiu para estabelecer uma segregação racial nos postos de trabalho da usina, em que os negros desempenhavam funções pouco especializadas e mal remuneradas, enquanto os grupos brancos, tanto nacionais quanto estrangeiros, ocupavam cargos especializados. Diante

dessa nova ordem industrial, coube aos operários e sócios do Mundo Velho desenvolverem sua forma de resistência dentro das complexas redes do paternalismo e do patronato.

Os sócios do Mundo Velho cultivaram relações próximas com figuras brancas proeminentes, evitando confrontos diretos com detentores do poder político e econômico. Dirigentes da companhia e representantes de outras associações da cidade eram convidados a participar das solenidades da instituição, buscando legitimar o clube no espaço urbano e consolidar a influência dos grupos operários e afrodescendentes na sociedade local.

Na década de 1920, ocorreu uma intensificação da racialização dos clubes sociais e recreativos de Sabará. A fundação do Cravo Vermelho, frequentado pela elite branca ligada aos cargos de chefia da Companhia Siderúrgica, desencadeou disputas entre agremiações brancas e uma reorganização das expressões públicas do Mundo Velho. A partir dos anos 1930, o clube passou por um período de negociação e redefinição de sua identidade coletiva, promovendo novos discursos e performances sobre si para reformular suas noções de comunidade.

Os sócios negros do Mundo Velho construíram autorrepresentações ancoradas nos valores da disciplina, moralidade, modernidade e respeitabilidade. Essa autorrepresentação tinha como objetivo criar e recriar identidades sociais, afastando-se dos estigmas racistas comuns na sociedade brasileira da época, e promover o diálogo com a sociedade local, ampliando as redes de proteção dos clubistas.

As festas, especialmente o carnaval, tornaram-se espaços centrais para a criação e recriação de identidades sociais e a formação de alianças políticas. Os festejos carnavalescos destacaram as diferentes experiências de racialização vividas pelos clubes sociais da cidade. Enquanto as agremiações majoritariamente brancas competiam por prestígio social, manifestado em fantasias e adornos nos desfiles, o Mundo Velho utilizou a festa como uma plataforma para mobilização cultural, política e social. A criação de um departamento feminino, uma ala infantil e a participação do bloco nas ruas foram estratégias para afirmar a autorrepresentação da comunidade negra do clube e legitimar a instituição no espaço público. Os bailes na sede passaram a atrair pessoas de diferentes grupos sociais, estimulando outras atividades para os sócios.

A participação ativa das mulheres na organização das festas desempenhou um papel crucial na revisitação e revitalização das antigas práticas afrodescendentes no âmbito privado do clube. A coroação das rainhas da primavera, ao eleger mulheres de diferentes famílias dentro da instituição, fortalecia alianças e redes de solidariedade que eram fundamentais para a coesão do clube. Além do aspecto familiar, as coroações também reintroduziam antigas práticas dos sócios no interior da instituição, muitas vezes assemelhadas às coroações das rainhas do congado. Esse aspecto ambíguo evocava uma "modernidade" revestida pelos ritos da tradição negra sabarense, ao mesmo tempo que positivava a figura da mulher negra, afastando-se dos estereótipos que a sexualizavam e a excluía da participação política na agremiação.

As experiências dos sócios do clube Mundo Velho na primeira metade do século XX evidenciam diversas formas de participação política e cultural da população negra na região central de Minas Gerais no pós-abolição. Os processos de racialização desse período foram cruciais para demarcar lugares sociais e estruturar as ações, projetos e relações entre os indivíduos e coletividades de Sabará. O Mundo Velho se consolidou na cidade através dos valores de "Harmonia" e "União", buscando enfrentar o racismo e a exclusão por meio de comportamentos exemplares e relações afetivas com os brancos. Essa abordagem sublinhava a brancura dos outros espaços sociais da cidade e apelava para a fraternidade entre todos os habitantes.

Em uma sociedade em que as relações familiares e domésticas eram preponderantes, com a autoridade afirmada pelo patronato e relações personalistas, os sócios do clube desenvolveram estratégias de ascensão social nas malhas do paternalismo. Assim, todas as ações e projetos dos atores históricos mencionados ocorreram pela articulação entre a agência negra e o paternalismo. O texto destacou momentos em que a agência negra teve maior destaque para demonstrar como os projetos dos sócios do clube se apoiavam em experiências acumuladas pela população negra em diferentes momentos históricos. Em outros momentos, ressaltou as relações paternas para mostrar como as lógicas de dominação foram aprimoradas ao longo do tempo.

Durante a pesquisa, enfrentei desafios de acesso a certas fontes que poderiam esclarecer outras redes de sociabilidade negras internas do clube, como aquelas relacionadas aos batuques e ao congado. Apesar de coexistirem simultaneamente com outras atividades da instituição por longos períodos de sua existência, não foi possível

rastreá-las em detalhes. No entanto, essas formas de sociabilidade permearam as expressões "modernas" e tornaram-se um meio de reconstruir laços comunitários entre os integrantes do clube.

O clube Mundo Velho, como uma instituição centenária, continua abrigando múltiplas dimensões e experiências, que este trabalho não esgotou completamente. As memórias estão vivas, os documentos trazem rastros da existência de homens e mulheres negras. Mais do que um grande passado, o Mundo Velho ergue novos significados e vidas no presente. Ele foi (e ainda é) uma festa!

Referências bibliográficas

Referências primárias

Fontes impressas

Arquivo público mineiro

Jornal O Contemporâneo -1890 a 1902

Jornal A Folha Sabarense - 1887 e 1888

Hemeroteca da biblioteca nacional do Rio de Janeiro

Jornal O diário de Minas - 1899

Jornal O pharol - 1907

Hemeroteca histórica da biblioteca pública Luiz Bessa

Jornal A onda -1902

Casa Borba Gato

Jornal Kaquende – 1943 a 1947

Arquivo Central da Universidade Federal de Juiz de Fora

Jornal O pioneiro - 1954 e 1955

Cartório de registro civil das pessoas jurídicas da comarca de Sabará

Extrato do Estatuto do Clube Mundo Velho inscrito no livro B-3 às fls 255 verso e 256 verso, registro nº451 efetuado em 23 de novembro de 1956– Livro de Registro de títulos e documentos e registro civil de pessoas jurídicas comarca de Sabará – Minas Gerais

Cartório de registro Civil da Sede da Comarca de Sabará

Certidão de casamento de Francisco Rosa de Viterbo

Certidão de Nascimento de Antônio Basílio Pereira Filho

Acervo Fundação cultural Acelor Mitall

Relação nominal da companhia Belgo-Mineira (1931/-1938)

Entrevistas de História oral

Entrevista de Maria Spegar concedida em 09 de abril de 2019

Entrevista de Hélio Calção concedida em 10 de agosto de 2019

Entrevista de Hélio Félix concedida em 17 de agosto de 2019

Entrevista de Maria Alice e Maria de Lurdes concedida em 19 de agosto de 2019

Entrevista de Sandra Talabar concedida em 15 de maio de 2015

Entrevista de Brasilina (dona nana) concedida em 12 de junho de 2015.

Fontes manuscritas

Acervo particular de Sandra Talabar

Livro de atas do clube Mundo Velho (1934- 1958)

Fontes iconográficas

Acervo Clube Mundo Velho

Fotografia carnaval 1898 - 1

Fotografia Carnaval 1898 – 2

Acervo particular de Sandra Talabar

Fotografia Coreto clube Mundo Velho
 Fotografia Clube Operário José do Patrocínio
 Fotografia Carnaval na sede do Mundo Velho década de 1930
 Fotografia crianças no desfile de carnaval em 1938
 Fotografia Porta estandarte do clube Mundo Velho 1941
 Fotografia Rainha da primavera 1938
 Fotografia Coroação da Rainha da Primavera S/d
 Fotografia Desfile da Rainha da Primavera S/d
 Fotografia Teatro do clube Mundo velho década de 1930
 Fotografia Carnaval de 1937
 Fotografia Ataliba de Viterbo
 Fotografia Joaquim Siqueira
 Representação artística do Brasão do estandarte

Acervo Fundação cultural Acelor Mitall

Fotografia Diretoria do clube Mundo Velho 1940
 Fotografia José Sotero
 Fotografia Carteira de Trabalho José Sotero
 Fotografia Mina do laminador – Companhia Belgo-Mineira década de 1920
 Fotografia desfile do Clube Cravo Vermelho 1937
 Fotografia vista da usina década de 1920
 Fotografia Acicaria Belgo-Mineira década de 1920
 Fotografia Companhia Belgo-Mineira década de 1930
 Fotografia faixada da Companhia Belgo-Mineira década de 1930

Acervo do almanaque o acadêmico

Fotografia Bloco crisântemo década de 1930
 Fotografia Bloco crisântemo carnaval de 1935
 Fotografia Bloco cravo vermelho 1937
 Fotografia sindicato dos trabalhadores
 Fotografia Clube José do Patrocínio

Arquivo Central da Universidade Federal de Juiz de Fora

Fotografia visão da Belgo Mineira de 1921
 Fotografia dos trabalhadores da usina de 1922

Arquivo pessoal família Viterbo

Fotografia de Ataliba de Viterbo

Arquivo pessoal família Pereira Vieira

Fotografia de Olinto Mateus Pereira

Arquivo pessoal família Pereira

Fotografia de Antônio Basílio Pereira

Acervo particular família Fantini

Fotografia Jazz-band do clube Cravo Vermelho

Arquivo Público Mineiro

Fotografia de Sabará no início do século XX

Vídeos da companhia Belgo-Mineira

Companhia Belgo-Mineira de Sabará – Vídeo oficial do Governo Vargas

Os trabalhadores da Usina em Sabará, MG – Vídeo oficial do Governo Vargas

Memorialista e relatos de viagem

Viagem de canoa de Sabará ao oceano atlântico [por] Richard Burton: apresentação e notas de Mário Guimarães Ferri: tradução de David Jardim Júnior. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia: São Paulo. Ed. Da Universidade de São Paulo, 1977.

GUERRA, Maria de Lurdes Machado. Nas ruas de Sabará. Ed: Sociedade Educacional e Cultural de Sabará, Sabará, 2014

Secundárias

ABREU, Martha & GOMES, Ângela de Castro. (2009), “A nova ‘Velha’ República: um pouco de história e historiografia”. **Revista Tempo-UFF**, 19 (35): 1-14.

ABREU, Martha. Conflitos musicais no Pós-abolição: Brasil e Estados Unidos (1890 a 1920). In: ABREU, M; DANTAS, Carolina & MATTOS, H. (Orgs.) *Histórias do pós-abolição no mundo atlântico: Cultura, relações raciais e cidadania*, vol. 3, 2013

ABREU, Martha. *O império do divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. Rio de Janeiro/ São Paulo: Nova Fronteira/FAPESP, 1999

ALBERTO, Paulina L. *Terms of Inclusion: Black Intellectuals in Twentieth-century Brazil*, Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2011, pg.44 *apud* BRASIL, Eric, 2016.

ALBUQUERQUE JR, Durval M. Festas para que te quero: por uma historiografia do festejar. **São Paulo: UNESP, CEDAP**, v.7, n.1, p. 134-150, jun. 2011

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. *O jogo da dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ALMEIDA, Mauro William Barbosa de. Redescobrimo a Família Rural Brasileira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 66-83, 1986

ALONSO, Ângela. *Flores, votos e balas: o movimento abolicionista brasileiro (1868-1888)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ALVES, Paulo Henrique Pinto Coelho Rodrigues. **Bandas de música e o cenário musical de Vila Rica/Ouro Preto no século XIX**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. 284 p.

ARANTES, Antônio Augusto. Política de rua. In: ARANTES, Antônio Augusto. *Paisagens paulistanas: transformações do espaço público*. São Paulo: Unicamp; Imprensa Oficial, 2000.

- ARAÚJO, Patrícia Vargas Lopes de. *Folganças Populares: festejos de entrudo e carnaval em Minas Gerais no século XIX*. São Paulo: Annablume, 2008.
- AUGRAS, Monique. *O Brasil do samba-enredo*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1998. 296p
- BATALHA, Cláudio H. M. Formação da classe operária e projetos de identidade coletiva. In.: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O tempo do liberalismo oligárquico: da Proclamação da República à Revolução de 1930 – Primeira República (1889 – 1930)*. 10º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, p. 153 –182. p.177-178
- BOASEVAIN, Jeremy. Apresentando “Amigos de amigos: redes sociais, manipuladores e coalizões”. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (Orgs.). *Antropologia das sociedades contemporâneas: Métodos*. São Paulo: Editora Unesp, 2010. p. 205-236
- BOSCHI, Caio Cesar. *Os leigos e o poder: irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais*. São Paulo, Ática, 1986, p.38.
- BOURDIEU, Pierre. "Esboço de uma teoria da prática", pg. 46-81. In: Ortiz, R. (Org.). *Bourdieu* (Coleção Grandes Cientistas Sociais). São Paulo: Ática, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. A representação política. Elementos para uma teoria do campo político. In: _____. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BRASIL, Eric **Carnavais atlânticos: cidadania e cultura negra no pós-abolição**. Rio de Janeiro e Port-of-Spain, Trinidad (1838-1920). Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Departamento de História, 2016. 338 f.
- BRASIL, Eric. Paradoxos carnavalescos: a presença feminina em carnavais da primeira república (1889-1910). *Clio*, v. 31, n. 1, p. 1–15, 2014.
- BRITO, Sandra. O carnaval e o mundo burguês. **Revista da Faculdade de Letras HISTÓRIA** Porto, III Série, vol. 6, 2005, pp. 313-338
- BURTON, Richard. *Viagem de canoa de Sabará ao oceano atlântico* [por] Richard Burton: apresentação e notas de Mário Guimarães Ferri: tradução de David Jardim Júnior. Belho Horizonte, Ed. Itatiaia: São Paulo. Ed. Da Universidade de São Paulo, 1977.
- CARLI, Paola Nery de. *Outros carnavais: folia e conflito no carnaval de Santa Rita do Sapucaí -MG (1932-1980)*. Dissertação (Mestrado em História). ICH/UFJF, Juiz de Fora- MG.
- CARNEIRO, Ana. O sistema da mexida de cozinha: de que riem eles? In: COMERFORD, John; CARNEIRO, Ana & DAIANESE, Grazielle (Orgs). *Giros etnográficos em Minas Gerais*. Casa, comida, prosa, festa, política, briga e o diabo. 1. Ed. – Rio de Janeiro: 7 letras: FAPERJ,2015.
- CARVALHO, Edson Pinto de. *Minas Gerais e seus municípios: álbum comemorativo 1915 - 2005*. Ed. fac-similar. Belo Horizonte: Jornal Mineiro, 2005-. 5v.

- CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: O imaginário da república no Brasil*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1995.
- CASCUDO, Luis de Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.
- CASSOLI, Marileide Lázara. *A construção da liberdade: vivências da escravidão e do pós-abolição*. Jundiaí, SP. 2017. 356 p.
- CHAKRABARTY, Dipesh. *Provincializing Europe: postcolonial thought and historical difference*. Princenton UP, 200.
- CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e Botequim: o Cotidiano dos Trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle époque*. Campinas: Editora da Unicamp. 2012, 368 p.
- CHAVES, Lenir Ferreira. *História da educação em Sabará (1837-1973)*. Belo Horizonte EMIL 1973,
- COMERFORD, John Cunha. *Como uma família: Sociabilidade, territórios de parentesco e sindicato rural*. Editora RELUME DUMARÀ, Núcleo de antropologia da Política/UFRJ, Rio de Janeiro, 2003
- COMERFORD, John; CARNEIRO, Ana & DAIANESE, Grazielle (Orgs). *Giros etnográficos em Minas Gerais. Casa, comida, prosa, festa, política, briga e o diabo*. 1. Ed. – Rio de Janeiro: 7 letras: FAPERJ, 2015.
- CORRÊA, Mariza. *As ilusões da liberdade. A Escola Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil*. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001 (2a edição)
- CRUZ, Maria Cecília Velasco. Da tutela ao contrato: ‘homens de cor’ brasileiros e o movimento operário carioca no pós-abolição”, **Topoi**, vol. 11, n. 20, jan.-jun. 2010, p. 114-135.
- CUNHA, Alexandre Mendes. Patronagem, Clientelismo e Redes Clientelares: a aparente duração alargada de um mesmo conceito na história política brasileira. **História**, São Paulo, v.25, n. 1, p. 226-247, 2006
- CUNHA, Manuela Carneiro da. *Cultura com aspas e outros ensaios*. São Paulo: CosacNaify, 2009.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecoss da folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001
- CUNHA, Olívia Maria Gomes da; GOMES, Flávio dos Santos. Quase-cidadão – histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil. In: CUNHA, Olívia Maria Gomes da; GOMES, Flávio dos Santos. *Quase-cidadão – histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil*. Rio de Janeiro, FGV, 2007.
- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- DAMATTA, Roberto. *Ensaio de antropologia estrutural*. Petrópolis : Vozes, 1973.

- DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. *A vida fora das fábricas: cotidiano operário em São Paulo (1920- 1934)*, São Paulo: Paz e Terra, 1987
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- DI MAMBRO, G. R. Companhia Siderúrgica Mineira. Locus: Revista de História, [S. l.], v. 5, n. 1, 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20475> .Acesso em: 08 set. 2021.
- DOMINGUES, Petrônio. “Este samba selvagem”: o charleston na arena afro-atlântica. **Revista Afro-Hispanic**, Nashville, vol. 29, n. 2, 2010
- DOMINGUES, Petrônio. “Tudo pelo Brasil; tudo pela raça”: a Frente Negra Carioca. **Revista Estudos históricos**, FGV, Rio de Janeiro, Vol. 31, nº65, 2018.
- DOMINGUES, Petrônio. **A insurgência de ébano**. A história da Frente Negra Brasileira (1931-1937), São Paulo, Tese de Doutorado, FFLCH-USP, 2005
- DOMINGUES, Petrônio. Cidadania por um fio: o associativismo negro no Rio de Janeiro (1888-1930). **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 34, nº 67, p. 251-281 – 2014
- DOMINGUES, Petrônio. Nos acordes da raça: a era do jazz no meio afro-brasileiro. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 25, p. 66 - 98, jul./set. 2018.
- DOMINGUES, Petrônio. O “tríduo da loucura”: Campos Elyseos e o carnaval afro-diaspórico. **Revista Tempo**, vol. 19 n. 35, Jul. – Dez. 2013: 117-142
- DOMINGUES, Petrônio. O mito da democracia e a mestiçagem no Brasil (1889-1930). **Diálogos latino-americanos**, número 10. Universidade de Asrthus, pg.166-131
- DOMINGUES, Petrônio. Um “templo de luz”: a frente negra brasileira (1931- 1937) e questão da educação. **Revista brasileira de educação**, Rio de Janeiro, Vol. 13, nº 39, p.517-539, set- Dez de 2008
- DOS SANTOS, Carlos José Ferreira. *Nem tudo era italiano*. São Paulo e pobreza (1890-1915). São Paulo Fapesp/AnnaBlume, 1998.
- DUARTE, Regina Horta. **A imagem rebelde: a trajetória libertária de Avelino Fóscolo**. 1988. 230 f. Dissertação (mestrado)-Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, MG. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/279053> Acesso em: 13 jul. 2021.
- DUARTE, Regina Horta. *Noites Circenses: espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX* Belo Horizonte: Fino Trato, 2018
- DURÃO, Gustavo de Andrade. *Léopold Sédar Senghor: uma narrativa sobre o movimento da negritude*. Curitiba: Appris, 2020. 167 p.
- EISENBERG, Peter. (1977), *Modernização sem mudança: a indústria açucareira em Pernambuco, 1840-1910*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

- ENGEL, Magali Gouveia. Educação, sanitário e eugenia: o negro e a construção de identidade nacional nos debates científicos da primeira república (1889-1930). In: ABREU, Martha (Org.). *Histórias do pós-abolição no mundo atlântico: identidades e projetos políticos*. Vol. 2. Niterói: Editora da UFF, 2014.
- FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *Dos pardieiros aos palácios: cultura escolar e urbana em Belo Horizonte na primeira república*. Passo Fundo: UPF, 1996.
- FARIA, Maria Auxiliadora. A Guarda Nacional na Província de Minas Gerais (1831-1873). In: **Revista Brasileira de Estudos Políticos**. Belo Horizonte, n.º 49, jul. 1979, pp. 145-99.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*, 2ª edição. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1995.
- FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Dominus; EDUSP, 1965. 2v.
- FERREIRA, Marieta Morais. História do Tempo Presente: desafios. **Cultura Vozes** v. 94, n. 3. Petrópolis: Vozes, 2000
- FILHO, Hilário Figueiredo Pereira. **Glórias, conquistas, perdas e disputas: as muitas máscaras dos carnavais de rua em Belo Horizonte (1899- 1936)**. Dissertação de Mestrado em História pela Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.
- FILHO, Jair Paulo Labres. **Que jazz é esse?** As jazz-bands no Rio de Janeiro da década de 1920. 131 f. (Dissertação de Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014,
- FRANCISCO, Flávio Thales Ribeiro. Um novo abolicionismo para ascensão na nação da Mãe Preta: discursos sobre a fraternidade racial no jornal O clarim da Alvorada (1924-1932). **Antíteses**, vol. 10, núm.19, Jan- Jun, 2017, pp 376-396. Universidade Estadual de Londrina.
- FRANCO, Maria Sylvania de Carvalho. As ideias estão no lugar. **Cadernos de debate**, 1. História do Brasil. São Paulo, brasiliense, 1976
- FREYREISS, Georg Wilhelm. *Viagem ao interior do Brasil*. São Paulo: Editora Itatiaia, 1982
- FRY, P. et alii. “Negros e brancos no carnaval da Velha República”. In: REIS, João José (Orgs.). *Escravidão e a invenção da liberdade*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- GILROY, Paul. *O Atlântico Negro, Modernidade e Dupla Consciência*. Rio de Janeiro: UCAM/Ed.34, 2000.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais, morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- GOMES, Ângela de Castro. “A dialética da tradição”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, n. 12, vol. 5, fev. 1990.
- GOMES, Flávio & PAIXÃO, Marcelo. História das diferenças e das desigualdades revisitadas: notas sobre gênero, escravidão, raça e pós-emancipação. In: FARIAS, Juliana Barreto; GOMES, Flávio; XAVIER, Giovana (Orgs.) *Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação*. São Paulo: Selo Negro, 2012.
- GOMES, Flávio dos Santos & CUNHA, Olivia Maria Gomes da. Que cidadão? Retóricas da igualdade, cotidiano da diferença. In: GOMES, Flávio dos Santos & CUNHA, Olivia Maria Gomes da. *Quase-cidadão: histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil*. Rio de Janeiro, FGV, 2007
- GOMES, Flávio dos Santos. *Negros e Política (1888-1937)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- GONÇALVES, Renata de Sá. **Os ranchos pedem passagem: o carnaval no Rio de Janeiro do começo do século XIX**. Dissertação de Mestrado em Sociologia e Antropologia, Departamento de Antropologia. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS/PPGSA, 2003.
- GONÇALVES, Renata de Sá. Sociabilidades urbanas: cronistas e ranchos carnavalescos no Rio de Janeiro. In: *As festas e os dias*. Ritos, e sociabilidades festivas. CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro e GONÇALVES, José Reginaldo Santos (Orgs.) Rio de Janeiro; Editora Contra capa, 2009.
- GRENDI, Edoardo. Microanálise e história social. In: OLIVEIRA, M. R. & ALMEIDA, C. M. (orgs). *Exercícios de Microhistória*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2009.
- GRINBERG, Keila. *Código Civil e cidadania*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa, trabalho e cotidiano. In: JANCSÓ, István & KANTOR, Íris. *Festa: cultura & sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: Edusp, volumes I e II, 2001
- GUDEMAN, Stephen; SCHWARTZ, Stuart. “Purgando o pecado original: compadrio e batismo de escravos na Bahia no século XVIII”, In: REIS, João José (Org.) *Escravidão e Invenção da Liberdade*. Estudos sobre o negro no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- GUERRA, Maria de Lurdes Machado. *Nas ruas de Sabará*. Ed: Sociedade Educacional e Cultural de Sabará, Sabará, 2014.
- GUIMARÃES, Helenise. Batalhas de confete e coretos carnavalescos. O desenho de uma paisagem efêmera no carnaval carioca nas décadas de 1930 a 1950. **Textos escolhidos de cultura e arte popular**, Rio de Janeiro, v.8, p.259-272, nov.2011.

- HERÉDIA, V. B. M. A construção de vilas operárias no sul do Brasil: o caso de Galópolis. IN: **Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales**. Barcelona: Universidad de Barcelona, v. VII, n.º 146(080), 2003.
- ILVA, Zélia. **Dimensões da cultura e da sociabilidade**: os festejos carnavalescos da cidade de São Paulo (1940-1964) [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2015, pp. 207-208. ISBN 978-85- 68334-54-6
- KLEIN, Herbert S.; PAIVA, Clotilde Andrade. Libertos em uma economia escravista: Minas Gerais em 1831. **Estudos Econômicos**, São Paulo, USP/IPE, v.27, n.2, p.177-335, 1997;
- LANDES, Ruth. 2002. *A Cidade das Mulheres*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ. 352 pp.
- LIBÂNIO, Clarice de Assis. (Orgs.) *Sabará*: aspectos históricos, geográficos e socioeconômicos. Projeto resgatando histórias, preservando nossa memória. Prefeitura Municipal de Sabará, Secretaria Municipal de Educação. 2009.
- LIBBY, Douglas Cole. As populações escravas das Minas Setecentistas: um balanço preliminar. In: RESENDE, Maria Efigênia Lage de. VILLALTA, Luiz Carlos (Org.). *As Minas Setecentistas*. Belo Horizonte: Autêntica; Companhia do Tempo, 2007, v.1, p.407-438 (História de Minas Gerais)
- LONER, Beatriz Ana & GILL, Lorena Almeida. Clubes Carnavalescos negros na cidade de Pelotas. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 145-162, jan./jun. 2009.
- LONER, Beatriz Ana. Classe, etnia e moralidade: estudo de clubes negros. **Anais do XXIII simpósio nacional de História**, Londrina, 2005.
- LONER, Beatriz Ana. *Construção de classe*: operários de Pelotas e Rio Grande, 1888-1930. Pelotas: EdUFPel, 2001. p. 285
- LONER, Beatriz Ana. Experiências e convivências de ex-escravos nas lutas operárias. In: ABREU, Martha (Org.). *Histórias do pós-abolição no mundo atlântico*: identidades e projetos políticos. Vol. 2. Niterói: Editora da UFF, 2014.
- MARCELO, Marlon. **“Êta Mundo Velho!”**: associativismo negro, cidadania e civilidade no clube Mundo Velho em Sabará (1887-1910). 84 f. (Monografia de bacharelado em Antropologia) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2018.
- MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da memória*, o reinado do rosário do Jatobá. São Paulo; Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.
- MARTINS, Saul. *Congado*: família de sete irmãos. Belo Horizonte: SESC-MG, 1988.
- MATTOS, Hebe Maria. **Marcas da escravidão**. Biografia, racialização e memória do cativo na história do Brasil. Tese de Professor Titular em História, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2004.

- MATTOS, Hebe Maria. *Das cores do silêncio: os significados da liberdade no Sudeste escravista, Brasil século XIX*. 2 ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998.
- MATTOS, Hebe. A vida política. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.) *História do Brasil nação*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. (A abertura para o mundo 1889-1930, v.3).
- MELLO E SOUZA, Marina de. *Reis negros no Brasil escravista*. História da festa de coroação de Rei Congo. Belo Horizonte, Editora da Universidade de Minas Gerais, 2002, 408p
- MOYEN, François. *A história da Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira: uma trajetória de crescimento consistente (1921-2005)*. Belo Horizonte: Arcelor Brasil S.A., 2007
- NASCIMENTO, Álvaro Pereira. Trabalhadores negros e o “paradigma da ausência”. **Estudos Históricos Rio de Janeiro**, vol. 29, no 59, p. 607-626, setembro-dezembro 2016
- NASCIMENTO, Cecília Vieira do. **Caminhos da docência**: Trajetórias de mulheres professoras em Sabará – Minas Gerais (1830 – 1904). 2011. 231f. Tese (Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação da UFMG, Belo Horizonte, 2011.
- NEPOMUCENO, Eric Brasil. **Carnavais da abolição**: diabos e cucumbis no Rio de Janeiro (1879-1888). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense, 2011.
- NEPOMUCENO, Eric Brasil. Carnaval Crioulo – Cucumbis no Rio de Janeiro (década de 1880). **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo**, julho 2011
- NEVES, Margarida de Souza. História e Memória: os jogos da memória. In: MATTOS, Ilmar Rohloff (org.). *Ler e escrever para contar: documentação, historiografia e formação do historiador*. Rio de Janeiro: Access, 1998.
- NOGUEIRA, Vera Lúcia. *A escola primária noturna em Minas Gerais (1891-1924)*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.
- PAIVA, Eduardo França. A plebe negra. Forros nas Minas Gerais no século XVIII. **C.M.H.B.L. Caravelle** n°84, p.65-92, Toulouse, 2005. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/carav_1147-6753_2005_num_84_1_2879#carav_1147-6753_2005_num_84_1_T1_0070_0000 acessado em 28 de outubro de 2021.
- PASSOS, Zoroastro Vianna. *Em torno da história do Sabará*. Rio de Janeiro: Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1940. v.1.
- PASSOS, Zoroastro Vianna. *Em torno da História do Sabará*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1942. v.2

- PEIRANO, Mariza. A análise antropológica de rituais. In: PEIRANO, Mariza (Org.) *Dito e o Feito: Ensaio de antropologia dos rituais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2002.
- PEREIRA, Juliana da Conceição. “Sempre elas!”: disputas amorosas e relações de gênero nos clubes dançantes cariocas (1889 – 1920). *Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas*. Volume 11, número 2, out./dez. 2019.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Os Anjos da Meia-Noite: trabalhadores, lazer e direitos no Rio de Janeiro da Primeira República. *Tempo*, v. 19, n. 35, p. 97–116, 2013
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O Mandonismo local na vida política brasileira e outros ensaios*. São Paulo: Alfa-Omega, 1976.
- RESENDE, Maria Efigênia Lage de. VILLALTA, Luiz Carlos (Org.). *As Minas Setecentistas*. Belo Horizonte: Autêntica; Companhia do Tempo, 2007, v.1, p.505-521 (História de Minas Gerais)
- RIBEIRO, Jonatas Roque. Associativismo, sociabilidade e liberdade: sociedades recreativas de negros e negras no pós-emancipação em Minas Gerais. **Anais do 7º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional Curitiba**, 13 a 16 de maio de 2015.
- RIBEIRO, Jonatas Roque. **Escritos da liberdade: trajetórias, sociabilidade e instrução no pós-abolição sul-mineiro (1888-1930)**. 142 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade estadual de Campinas, Programa de Pós-Graduação em História, Campinas, 2016
- RIBEIRO, Jonatas Roque. História social dos clubes negros no pós-abolição. In: **Anais do 9º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional**, Florianópolis (UFSC), 14 a 18 de maio de 2019.
- RIOS, Ana Maria Lugão. **Família e transição: famílias negras em Paraíba do Sul, 1870-1920**. Niterói: 1990. 280p. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de História da Universidade Federal Fluminense.
- RIOS, Ana Maria; MATTOS, Hebe Maria. O pós-abolição como problema histórico: balanços e perspectivas. **Topoi**, vol. 5, n. 8, p. 170-198, 2004.
- ROCHA, Fernanda Cristina Campos da. Práticas Escolares: sucesso ou fracasso escolar de crianças no ensino primário no início do século XX (Sabará/MG). **Anais do XXIV Simpósio Nacional de História – 2007**. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548210564_564e39196a8d877ee8f23a793d4fd4f.pdf acessado em 21 de outubro de 2021.
- ROCHA, Priscila Viana da. **Nos rastros da Bellé Époque mineira: estrangeirismos franceses em jornais de Belo Horizonte do final do século XIX e início do século XX**. Dissertação (mestrado em letras) - Faculdade de Letras (FALE), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, p.211, 2013.

- RODRIGUES DA SILVA, Ronaldo André. Arqueologia Industrial, memória e documentação: Os Registros das Vilas Operárias Siderúrgicas de Sabará – Minas Gerais. **Fórum Patrimônio: ambiente construído e Patrimônio Sustentável Belo Horizonte**, v.9, n.1. Jan / Jun. 2016 ISSN 1982-953.
- RODRIGUES DA SILVA, Ronaldo André. Memória ou nostalgia? As relações cidade-empresa na primeira metade do século XX: um Caso da Siderurgia em Minas Gerais. **Anais do 10º Mestres e Conselheiros Belo Horizonte/MG** - de 29 a 31/08/2018.
- ROSA, Marcus Vinicius de Freitas. **Quando Vargas caiu no samba**: um estudo sobre os significados do carnaval e as relações sociais estabelecidas entre os poderes públicos, a imprensa e os grupos de foliões em Porto Alegre durante as décadas de 1930 e 1940. Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- Ruchkys,U.A.; Renger,F.E.; Noce,C.M.; Machado,M.M.M. Serra da Piedade, Quadrilátero Ferrífero, MG - da lenda do Sabarabuçu ao patrimônio histórico, geológico, paisagístico e religioso In: Winge,M.; Schobbenhaus,C.; Berbert-Born,M.; Queiroz,E.T.; Campos,D.A.; Souza,C.R.G.; Fernandes,A.C.S. (Edit.) *Sítios Geológicos e Paleontológicos do Brasil*. Publicado na Internet em 01/03/2007 no endereço <http://sigep.cprm.gov.br/sitio129/sitio129.pdf>
- SAINT-HILAIRE, Auguste. *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais. Rio de Janeiro*: Companhia Editora Nacional, 1938. Tomo I
- SANTOS, Marileide Lopes dos & FILHO, Luciano Mendes de Faria. Processo de escolarização e redes de socialização em Sabará. **Cadernos de História da Educação** - nº. 2 - jan./dez. 2003
- SANTOS, Milton. *Pensando o Espaço do Homem*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 5. Ed, 3. Reimpr., 2012.
- SANTOS, Poliana dos. Diabos e diabinhos: uma história social e carnavalesca dos sentidos da roupa. **Topoi** (Rio. J). Rio de Janeiro, v. 21.n.43, p.97-121, jan./abr. 2020.
- SAYÃO, Thiago J. Uma identidade racial velada no pós-abolição? Apontamentos sobre a sociedade recreativa União Operária da Laguna/SC na Primeira República. **Texto apresentado no 7º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional**, Curitiba (UFPR), de 13 a 16 de maio de 2015. Anais completos do evento disponíveis em <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/> acesso em 30 de setembro de 2021.
- SCHECHNER, Richard. Ritual. In: LIGÉRIO, Zeca. (orgs.). *Performance e antropologia de Richard Schechner*. Rio de Janeiro. Ed: Mauad X, 2012.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz, *Retrato em Branco e Negro*. Jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX, São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Nem preto nem branco, muito pelo contrário*. Cor e raça na sociedade brasileira. São Paulo, Claro Enigma, 2012
- SCHWARZ, Roberto. As ideias fora do lugar. In: SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*: Forma literária e processo social nos inícios dos romances brasileiros. São Paulo: Duas cidades, 2000.
- SCOTT, James C. *Los dominados y el arte de la resistencia*: discursos ocultos. Ciudad de México: Ediciones Era, 2000.
- SENGHOR, Léopold Sédar. O Contributo do homem negro. IN: SANCHES, Manuela Ribeiro. *Malhas que os impérios tecem*: textos anticoloniais, contextos pós coloniais. Lisboa: Edições 70, 2011. p. 73-92.
- SIEGEL, Micol. Mães pretas, filhos cidadãos. In: CUNHA, Olívia Maria Gomes da; GOMES, Flávio dos Santos. *Quase-cidadão* – histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil. Rio de Janeiro, FGV, 2007.
- SILVA, Fernanda Oliveira da. **Os Negros, a constituição de espaços para os seus e o entrelaçamento desses espaços** – associações e identidades negras em Pelotas/Rs (1820/1943). PUC-RS. Dissertação de mestrado em História. 2011
- SILVA, Fernanda Oliveira. **As lutas políticas nos clubes negros**: culturas negras, racialização e cidadania na fronteira Brasil- Uruguai no pós-abolição (1870-1960). Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017
- SILVA, Flávio Marcus da; MUNIZ, Luciano Borges. As relações entre o teatro e o poder nas Minas oitocentistas. **SynThesis Revista Digital FAPAM**, Pará de Minas, v.1, n.1, 140-146, out. 2009.
- SILVA, Lucia Helena Oliveira; XAVIER, Regina Célia Lima. Historicizando o associativismo negro: contribuições e caminhos da historiografia. **Revista Mundos do Trabalho**, Florianópolis, vol. 11, 2019.
- SILVA, Mateus Roque da. **Escrita sobre negros**: os intelectuais sabarenses e os discursos sobre negros no imediato pós-abolição (1888-1894). 110 f. (Monografia de bacharelado em História) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2019.
- SILVA, Rubens Alves. *Negros católicos ou catolicismo negro?* Um estudo sobre a construção da identidade negra no Congado mineiro. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.
- SILVA, Zélia Lopes da. Mulheres negras nos carnavais paulistanos: quem são elas? (1921-1967). **Revista Estudos Feministas**, 26(2), e47409. Epub June 11, 2018. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2018v26n247409>
- SILVA, Zélia Lopes da. Os carnavais dos paulistanos da década de 1940 nas ruas e nos clubes da cidade. In: *Dimensões da cultura e da sociabilidade*: os festejos carnavalescos da cidade de São Paulo (1940-1964). São Paulo: Editora UNESP, 2015. Pp. 25-97

- SILVA, Zélia Lopes. *Os carnavais de rua e dos clubes na cidade de São Paulo: metamorfoses de uma festa (1923-1938)*. São Paulo: Editora da UNESP, 2008
- SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von. “Mulher e carnaval: mito e realidade (Análise da atuação feminina nos folguedos de Momo desde o Entrudo até as Escolas de Samba)”. **Revista História**, São Paulo, n. 125-126, p. 7-32, ago-dez/91 a jan-jul/92
- SIMSON, Olga. Carnaval em preto e branco: comemoração e resistência étnico cultural na São Paulo do século passado. In: **34º Encontro Nacional do CERU, 2008, São Paulo: Humanitas/CERU**, p.40
- SIQUEIRA, Uassyr de. **Entre Sindicatos, Clubes e Botequins: Identidades, associações e Lazer dos trabalhadores paulistanos. (1890-1920)** 2008. 192p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.
- SOARES, Mariza de Carvalho. *Devotos da cor: identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro, século XVIII*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2000.
- SOHEIT, Rachel. “A sensualidade em festa: representações do corpo feminino nas festas populares do Rio de Janeiro na virada do século XIX para o XX”. In: MA TOS, Maria Izilda S.; SOIHET, Rachel (Orgs.). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: EDUNESP, 2003
- SOIHET, Rachel. Lutando pela inclusão: sociabilidade e cidadania através do carnaval (de 1890 aos tempos de Vargas) **Textos escolhidos de cultura e arte populares**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 79-98, 2007.
- SOUZA, Edinelia Maria Oliveira. *Compadrio e sociabilidades na Bahia pós-abolição. Anais do XVI. Encontro regional de História da Anpuh-Rio: Saberes e práticas científicas*. Disponível em: http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1400287410_ARQUIVO_COMPADRIOESOCIABILIDADESNABAHIAPOS-ABOLICAO.pdf Acesso em 29 de julho de 2021.
- STALLYBRASS, Peter. A vida social das coisas: roupa, memória, dor. In: STALLYBRASS, Peter. *O casaco de Marx: roupa, memória, dor*. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- TAMBIAH, Stanley Jeyaraja. *Culture, Thought, and Social Action. An Anthropological Perspective*. Cambridge, Mass.: Harvard University Pres, 1985,
- TIEDE, Livia Maria. **Sob suspeita: negros, pretos e homens de cor em São Paulo no início do século XX**. 2006. 188p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.
- TINHORÃO, José Ramos. *Música Popular de Índios, Negros e mestiços*. Belo Horizonte: Editora Vozes, 1972.
- TURNER, Victor W. *Do ritual ao teatro: a seriedade humana de brincar*. Rio de Janeiro. Ed: UFRJ, 2015.

- TURNER, Victor. *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*. Petrópolis: Vozes, 2013
- TURNER, Victor. *Drama, campos e metáforas*. Niterói: EdUFF, 2008
- VASCONCELOS, Salomão. Como nasceu Sabará. **Revista do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. RJ, v. 9, p. 291-330, 1945. p.291
- WEIMER, Rodrigo de Azevedo. Ser "moreno", ser "negro": memórias de experiências de racialização no litoral norte do Rio Grande do Sul no século XX. **Estudos históricos**. (Rio J.) [online]. 2013, vol.26, n.52, pp.409-428.
- WERNECK, Gustavo. *História sem máscara*. Estado de Minas. Belo Horizonte, 12 de maio de 2008. Cad. Gerais
- WISSENBACH, Maria C. Da escravidão à liberdade: dimensões de uma privacidade possível. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da vida privada no Brasil: Vol. 3*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998
- WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. **Ritos de magia e sobrevivência: sociabilidades e práticas mágico-religiosas no Brasil (1890/1940)**. São Paulo, 1997. 202 p. Tese – Doutorado em História Social, Universidade de São Paulo.

ANEXOS

A. Questionário para levantamento genealógico

1. Primeiro gostaria de saber seu nome completo, data de nascimento, local e o nome dos seus pais e também avós.
2. Há quanto tempo participa/ participou do Clube Mundo Velho?
3. Sua família sempre participou do Mundo Velho? Quem da sua família participou e/ou participa?
4. Qual o nome completo do seu pai? Você sabe quando ele nasceu?
5. Quando seu pai faleceu você tinha quantos anos?
6. Seu pai já contou alguma história do Mundo Velho? Quais?
7. Qual o nome completo da sua mãe? Você sabe quando ela nasceu?
8. Quando sua mãe faleceu você tinha quantos anos?
9. Sua mãe frequentou o Mundo Velho? Ela já te contou alguma história do clube?
10. Qual o nome da sua avó paterna? Você conheceu ela?
11. Quando sua avó faleceu você tinha quantos anos? Ela faleceu com quantos anos?
12. E seu avô paterno? Qual o nome dele? Ele era de Sabará? Ele frequentou o Mundo Velho?
13. Como se chamava sua avó materna? Ela tinha algum apelido? Você conheceu ela?
14. Quando sua avó materna faleceu você tinha quantos anos?
15. Como se chamava seu avô paterno? Ele tinha algum apelido?
16. Quando seu avô paterno faleceu? Você tinha quantos anos?
17. Você lembra do seu avô? Ele frequentava o Mundo Velho?
18. Seu avô era natural de Sabará?
19. Quais outros familiares participavam do Mundo Velho? Quais os nomes deles?
20. Eles estão vivos? Se sim, poderia conversar com eles?
21. Você saberia me dizer quando faleceram? Quantos anos eles tinham?

B. Questionário integrantes do Clube Mundo Velho

Sobre o integrante:

1. Primeiro gostaria de saber seu nome completo, data de nascimento, local e o nome dos seus pais e também avós.
2. Há quanto tempo participa/ participou do Clube Mundo Velho?
3. Sua família sempre participou do Mundo Velho? Quem da sua família participou e/ou participa?
4. O senhor(a) exerceu alguma função no clube?
5. Quais eventos o Mundo Velho realizava? Quais eventos você frequentava?
6. Quais famílias participavam?

Sobre o clube:

7. Quando o clube começou? Qual era a proposta do clube?
8. Quem podia participar do clube? Quem podia se tornar sócio? O que era necessário fazer? Quais modalidades de sócios existia? Sempre foi assim a organização do clube?
9. Existe algum cargo/função no clube que foi extinta ao longo do tempo?
10. E porque o clube era conhecido como clube de negros? Os brancos podiam participar?
11. Para a realização dos eventos/festejos vocês tinham que pedir autorização a alguma autoridade?
12. Como que os moradores da cidade recebiam as festas/eventos do Mundo Velho?
13. Em que locais aconteciam os desfiles do Mundo Velho? Quem podia participar?
14. Além do carnaval, quais eventos tinham no Mundo Velho? Quem organizava esses eventos? Todos podiam participar?

15. O senhor(a) poderia me falar um pouco das festas/ desfiles do Mundo Velho? Quando e onde eles aconteciam? Qual a importância dela para os frequentadores do clube? Tinha música? Quais roupas eram usadas? Quem tocava? Quem fazia as roupas?
16. Será que você poderia me dizer como é a organização das festas? Quem participava? Quais famílias? Quem tocava na banda? Havia alguma roupa específica? Havia diferença entre sócio e não sócios?
17. Quando que começavam a preparação dos desfiles e festas do clube?
18. O clube teve também um grupo de teatro, você lembra ou já te contaram dessas peças?
19. Há registros que o Mundo Velho abrigou uma escola, você sabe de alguma informação?

20. Quais os problemas que o clube passou?
Relação do clube com outros grupos na cidade:
21. Como era a relação do Mundo Velho com os outros clubes da cidade? Quais clubes existiam?
22. Havia diferenças entre as festas/ desfiles do Mundo Velho de outros clubes da cidade?
23. O clube já teve algum conflito com outros clubes? Se houve, quais?
24. Os integrantes participavam de outras atividades na cidade? Alguém participava do congado? Algum clube de futebol? Folia de reis? Clube de música?
25. Em Minas existem outros clubes e blocos carnavalescos? Vocês têm alguma ligação, se visitam? Em que épocas isso acontece?
26. Qual a relação do Mundo Velho com a Belgo-Mineira?
27. Que espaços da cidade os integrantes do Mundo velho frequentavam?
28. Em relação a discriminação racial já houve alguma no clube? Ou com seus integrantes?